



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**  
Centro de Educação e Humanidades  
Faculdade de Educação

Caroline Lima Souza de Lucena

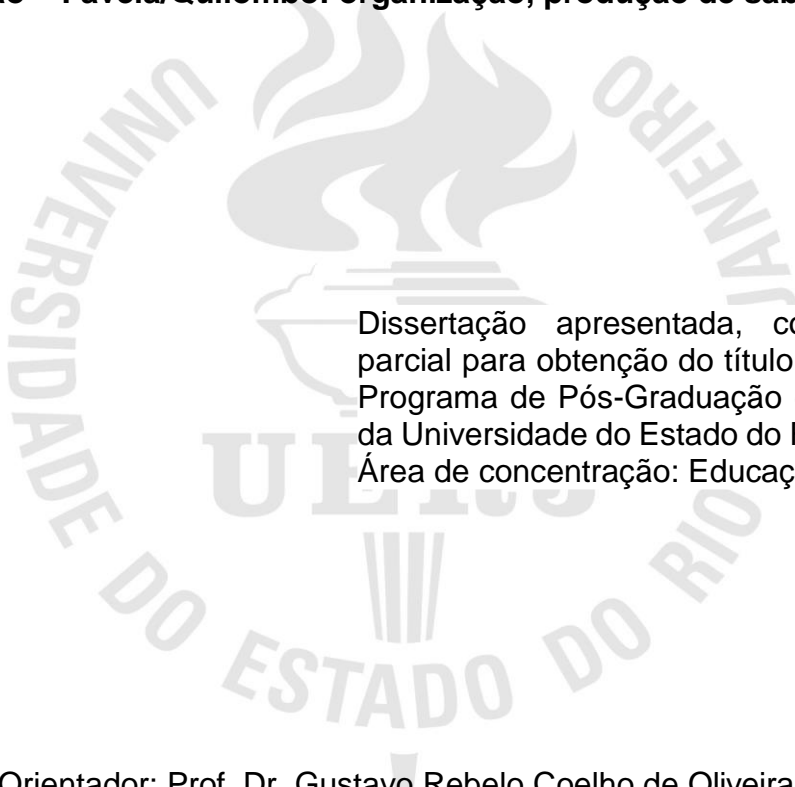
**Ocupa Alemão - Favela/Quilombo: organização comunitária,  
produção de saberes e morte**

Rio de Janeiro

2021

Caroline Lima Souza de Lucena

**Ocupa Alemão – Favela/Quilombo: organização, produção de saberes e morte**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Educação.

Orientador: Prof. Dr. Gustavo Rebelo Coelho de Oliveira

Rio de Janeiro

2021

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

L935 Lucena, Caroline Lima Souza de.  
Ocupa Alemão – Favela/Quilombo: organização, produção de saberes e morte/ Caroline  
Lima Souza de Lucena. – 2021.  
201f.

Orientador: Gustavo Rebelo Coelho de Oliveira.  
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de  
Educação.

1. Educação – Teses. 2. Favelas – Rio de Janeiro (RJ) – Teses. 3. Associações  
comunitárias – Rio de Janeiro (RJ) – Teses. I. Oliveira, Gustavo Rebelo Coelho de. II.  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação. III. Título.

bs

CDU 37

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou  
parcial desta dissertação.



---

Assinatura

28 / 06 / 2021

Data

Caroline Lima Souza de Lucena

**Ocupa Alemão – Favela/Quilombo: organização, produção de saberes e morte**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Educação.

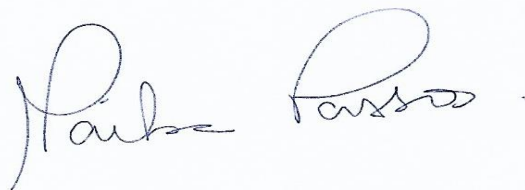
Aprovada em 28 de maio de 2021.

Banca Examinadora:



Prof. Dr. Gustavo Rebelo Coelho de Oliveira (Orientador)

Faculdade de Educação - UERJ



Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Mailsa Carla Pinto Santos

Faculdade de Educação - UERJ



Prof. Dr. Wallace dos Santos de Moraes

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Rio de Janeiro

2021

Caroline Lima Souza de Lucena

## DEDICATÓRIA

Aos mortos que 2020/2021 levaram, aos quais desejo honrar pelo duro processo cotidiano coletivo de organização comunitária: meu avô José Severino, o vovô José; seu Zé Amaral, o biso, um homem comunitário de fé que o Morro do Alemão teve a honra de acolher em vida. Quanta saudade de seus repentes e suas bananas! Obrigada por me ensinar como reagir à Besta Fera. E minha vó Inácia: muita saudade, gratidão pelo cuidado e amor. Queria uma última pipoca doce e que brincasse com meus filhos de “Varre, varre vassourinha!”. Aos inúmeros mortos nessa maafa e suas famílias, principalmente suas mães, meu máximo respeito e o desejo que nos organizemos o suficiente para lutar e não para sermos massacrados cotidianamente nessa guerra colonial. Descansem em poder!

## AGRADECIMENTOS

Essa dissertação é sentida e concebida no meu útero, com muita força de criação da minha maternidade. Desejada e planejada, é mais uma filha para compartilhar e se criar com a minha comunidade. Sou grata primeiramente à minha ancestralidade e tudo aquilo que me forma espiritualmente, que me protege e sopra no ouvido o caminho e as escolhas. Este é o início.

Por isso, à minha vó Maria Ester de Lima, agradeço por ser e estar viva para ser a Bisa Ester dos meus filhos e a minha Vovó Ester. Gratidão por me ensinar como desejar parir, como desejar ser tratada por homens e patrões, e como aproveitar as oportunidades para aprender e ensinar. Obrigada pelos bolinhos de feijão com farinha que até hoje me aguam a boca.

À minha mãe Elizabeth de Lima, hoje a Vovó Beth, o útero ao qual pertenço neste mundo, agradeço por nunca, jamais, ter duvidado das minhas capacidades ou me impedido de buscar a satisfação dos meus desejos. Mesmo sem compreender, aceitar ou concordar, se manteve sendo a minha base mais forte. Obrigada mãe por todas as suas orações e principalmente pelos seus silêncios.

Ao meu pai Cosme Lucena, hoje o vovô Cosme, o nordestino mais favelado que eu conheço, gratidão por me ensinar a ser comunitária, habilidosa e malandra. Lucas, meu irmão, obrigada por junto com meu pai e minha mãe serem meu apoio fundamental.

Ao Ocupa Alemão: Favela/Quilombo, gratidão por ser início, por tantos anos de aprendizado coletivo, responsabilidade comunitária, amizade e amor familiar. À Escola Quilombista Dandara de Palmares, em especial à Deisi Souza por ser a energia vital feminina condutora e mantenedora desta casa, minha gratidão. Somos meio também nessa ciclicidade.

À Zilda, minha "mais velha", gratidão por ser incubadora, útero acolhedor mas perdão por ter que escrever tantos "Dona Zilda" nesta dissertação. Sei que você odeia! Mas sou muito grata pela sua vitalidade, sua sabedoria, seu acolhimento, seu cuidado, comando e amor. Obrigada pela sua gentileza e presença por todos estes anos. À sua família: Anna Clara Pereira, Saulo Augusto Pereira, Anna Letícia Pereira, Anna Lívia Pereira e Brunna Clara Pereira, gratidão por serem a base da base, a força em forma de amor que impulsiona nossa "Mais Velha" (perdão de novo) e a sua Casa.



Ao Léo, Leonardo Souza, Nia, meu melhor amigo e hoje compadre, sou grata por tantos e tantos anos de companhia, irmandade e amizade. Sua existência não me deixa esquecer, nem por um minuto, quem eu sou.

À Caroline Amanda, Juliana Freire, Lucas Assis (Sukita), André Fiapo, Dudu Faticatti, Marcelle Rocha e Rafael Balbo, meus mais sinceros agradecimentos. Obrigada pelos ensinamentos, diálogos, pelas trocas e principalmente por estarmos conectados nos nutrindo e nos fortalecendo até hoje. Agradeço por confiarem a mim suas palavras.

À minha sogra, Regina Coeli Macedo, a Vovó Regina, gratidão profunda por ser útero mantenedor (de tantas formas) de uma partezinha da história aqui narrada. Seu compromisso com nosso povo é um exemplo. Obrigada por ser a rede de apoio da nossa família e parte fundamental para que essa dissertação existisse.

Ao Gustavo Coelho, orientador e parceiro nessa gestação, obrigada por se propor a inventar um cotidiano contra hegemônico de pesquisa, sensível, aberto e vibrante. Gratidão pelo apoio, partilha e pela coragem.

Ao Grupo de Pesquisa SER EM VIBRAÇÃO, obrigada pela partilha, pelas risadas e pelas cervejas. É uma honra ser contemporânea de vocês.

Ao Nego Bispo, é inexplicável poder te ouvir, te atender por telefone, beber nossa cachaça e estar viva enquanto você está vivo. Agradeço por ter topado fazer parte desta banca e pelas trocas à distância. Minha gratidão, admiração, máximo respeito e reverência, meu mais velho. É emoção que não consigo descrever ter a sua presença entre nós hoje.

Ao Hamilton Borges, meu mais velho, toda gratidão, admiração, respeito, reverência e o meu amor. Uma honra!

E por último, e exatamente por ser o início, sou eternamente grata pela minha família, hoje Pedrinho, Manu e Niara. Cris, bebê que perdemos nessa caminhada, gratidão pela função que sua vida e sua morte tiveram nessa história aqui narrada. Obrigada por ter nos ensinado tanto, meu filho.

A você Pedrinho, toda minha gratidão e amor, principalmente pelo seu apoio quase incansável. Seu compromisso comunitário, cuidado e amor são o meu fôlego. É uma honra ser sua companheira e mãe dos seus filhos nesta vida. Ô sorte!

Ao Manu e à Niara, meus queridos filhos, agradeço por me ensinarem todos os dias como amar e ser amada.

Aos mestres e mestras citadas nas linhas que seguem, meu respeito, gratidão e admiração.

LUCENA, Caroline. *Ocupa Alemão - Favela/Quilombo: organização comunitária, produção de saberes e morte*. 2021. 211f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

A presente pesquisa propõe a reflexão sobre a produção ética estética do movimento comunitário Ocupa Alemão - Favela/Quilombo, que atua no Complexo do Alemão, bairro da zona norte do Rio de Janeiro. Atravessado por uma rotina de violência e violações de direitos por parte do Estado, o movimento surgiu em 2012, com o objetivo de resistir a tais arbitrariedades impostas aos moradores do território. Porém, entre os anos de 2014 e 2015, a matricentralidade de uma Casa começa a desempenhar papel cosmológico fundamental com o Ocupa Alemão. A partir da recuperação de sentidos de “família africana”, tal Casa se reinventa como lugar comunitário, como centro de desenvolvimento e resgate de autonomia, autoimagem e autodeterminação de um povo negro, principalmente os confluente no Complexo do Alemão. No fluxo das elaborações para um cotidiano harmonioso, onde cabem vivências que caminham na construção de meios de autodefesa comunitária, se produzem e retroalimentam energias necessárias para se desejar ser africano e livre. Esta busca por África e a experiência da vida em coletividade a partir de um pensar/ser/fazer “quilombo”, relacionam sentidos do que significa ser humano. Ali, se potencializam pulsões, mais precisamente a “pulsão palmarina” (NOBLES, 2009), produzindo o movimento de *sankofa*<sup>1</sup> no cotidiano: ligando o passado ao futuro e o futuro ao passado, criando éticas, estéticas e linguagens individuais/coletivas próprias. Desmonta-se o paradoxo da formação da auto-imagem e da autoconsciência imposto pela colonização, a partir do olhar do outro - de fora para dentro - para um reagenciamento deste cotidiano a partir da imagem de si - de dentro para fora. Diante do descarrilamento ontológico (NOBLES, 2009), onde os sentidos de humanidade são colonialmente sequestrados a partir de quebras identitárias, o Ocupa Alemão é fuga na morte, produzindo arte e vida de forma contínua, reinventando cotidianos, apesar do estado de maafa (ANI, 1992). O objetivo da presente pesquisa é tentar traduzir experiências potentes de luta territorial a partir de um olhar de dentro, participante e protagonista, compreendendo tal Casa como ponto de convergência de valores como comunitarismo, circularidade, ancestralidade, espiritualidade, corporeidade, musicalidade, memória, ludicidade, energia vital e oralidade (TRINDADE, 2008).

Palavras-chave: Complexo do Alemão. Produção de saberes. Organização comunitária.

---

<sup>1</sup>O *sankofa* integra o conjunto de ideogramas chamado *adinkra* e é representado por um pássaro que caminha para frente sempre olhando para trás. O símbolo é traduzido por: “retornar ao passado para ressignificar o presente e construir o futuro”.

## RESUMO

LUCENA, Caroline. *Ocupa Alemão - Favela/Quilombo: community organization, production of knowledge and death*. 2021. 211f. Dissertation (Master's in Education) - Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

The following text proposes to think about the aesthetic ethical production of the community movement called Ocupa Alemão: Favela/Quilombo, which acts on the daily basis of the Complexo do Alemão neighborhood, in Rio de Janeiro, going through the neighborhood's routine, within the violence and violation of human rights by the State. This movement is resisting, since 2012, to the violent situations that the citizens from this territory are constantly dealing with. However, is between the years 2014 and 2015 when the matrifocality of a Home plays a fundamental cosmological role with the Ocupa Alemão, as a place of recovering the senses of an "African family"; the community place of this Home reinvents itself to be a center for the development and rescue of autonomy, self-image and self-determination of black people, mainly the ones from Complexo do Alemão. In the elaboration, within the flow of desires, the routine offers a living room, where the experiences walk to construct community self-defence, in a way that self-feeding produces the energy that is necessary to wish to be african and free. The search for Africa and the life experience from a perspective of thinking/being/making the "quilombo", are related to the sense of meaning on what is to be a human being, creating pulse, more precisely the "pulsão palmarina" (NOBLES, 2009), which produces the daily basis sankofa movement: that wants to link the past to the future, and the future with the past, creating ethics, aesthetics and individual/collective languages that dismantle the formation paradox of self-image and self-awareness - on the sense of imposed by colonization, through someone's eyes - from outside to the inside - to a different daily routine which is beginning from the their self-image - from the inside to the outside. In ontological derailment (NOBLES, 2009), where the senses of humanity are colonially kidnapped from identity breaks, Ocupa Alemão is a home where the death scapes, continuous production of art and life, and the reinvention of everyday life in a state of maafa (ANI, 1992). Through communitarianism, circularity, ancestry, spirituality, corporeality, musicality, memory, playfulness, vital energy and orality (TRINDADE, 2008). The intent here was trying to translate powerful experiences of territorial struggle, sometimes intuitive, from an inside look, participant and protagonist in most of the time determined for this analysis in the form of a dissertation.

Keywords: Complexo do Alemão. Production of knowledge. Community organization.



## SUMÁRIO

|     |   |     |
|-----|---|-----|
|     | <b>APRESENTAÇÃO – DESEJO</b>  | 10  |
|     | <b>INTRODUÇÃO - CPX</b>   | 13  |
| 1   | <b>O CORAÇÃO DO MAL</b>   | 15  |
| 2   | <b>“MAS CÊS SÃO O QUÊ? ESSE NEGÓCIO DE ONG?”</b>                      | 23  |
| 3   | <b>OCUPAR COMO DEVIR: NO INÍCIO O VERBO</b>                           | 27  |
| 4   | <b>GRAMÁTICA DA IRA</b>   | 33  |
| 4.1 | <b>O favelês e o pretoguês</b>  | 54  |
| 5   | <b>SUJEIRA E FARELO NA SALA DE CASA</b>                               | 58  |
| 5.1 | <b>Danoninho</b>  | 59  |
| 5.2 | <b>Radical</b>  | 68  |
| 5.3 | <b>Afrocentrada</b>   | 84  |
| 6   | <b>A CASA DA DONA ZILDA</b>   | 113 |
| 6.1 | <b>“Mas o que acontece na Casa de Zilda? É macumba, minha filha?”</b> | 132 |
| 6.2 | <b>“Eu nunca li nada disso, mas eu sei”</b>                           | 139 |
| 6.3 | <b>Escola</b>   | 147 |
| 6.4 | <b>Gratidão aos mais velhos</b>                                       | 157 |
| 6.5 | <b>Comida</b>   | 165 |
| 7   | <b>MAAFA</b>  | 168 |
|     | <b>CONCLUSÃO: INÍCIO</b>  | 192 |
|     | <b>REFERÊNCIAS</b>  | 195 |

## APRESENTAÇÃO - DESEJO

Eu sempre inicio as minhas leituras pelos agradecimentos. É por eles que eu geralmente começo a entender o contexto dos textos que escolho ler. Os agradecimentos são para mim uma espécie de subterrâneo do texto, a base forte do trabalho, a parte suja de toda limpeza apresentada, o descontrole, a vida do texto. É assim que sinto que estou conhecendo melhor a escrita, os sujeitos ali expostos, as personalidades emaranhadas, as comunidades envolvidas. Aquela coisa da gratidão à bolsa que deu suporte para a pesquisa, à quem não pode deixar de agradecer, à quem seria impossível deixar de citar. Tudo isso é o texto, ou o subterrâneo dele. É a sujeira. E eu percebi esse meu tesão pela leitura dos agradecimentos de textos quando me peguei rindo, sorrindo mesmo, emocionada com a forma como uma autora escreveu o seu. Achei aquilo lindo: aquelas palavras, aquela mulher. Senti como se eu tivesse a desnudado. Nossa, como eu sou escorpiana! - automaticamente pensei. Ou a tese de um amigo na qual ele agradece em duas linhas apenas ao Orixá por ter dado suporte epistemológico e saúde mental à sua escrita. Foi assim que eu li e entendi melhor minhas referências bibliográficas, o meu orientador de mestrado e até os meus companheiros de grupo de pesquisa. Mas também dou bastante atenção aos grifos. Os grifos são lindos! A fuga da norma. Eles formam desenhos (MONDZAIN, 2012) na minha cabeça. É quase um jogo de "liga-pontos" no meio de um monte de palavras. Uma cascata de hipertextos, links. É como ler um livro cheio de anotações. Grifos e agradecimentos são como entrar na casa de estranhos, ver a louça suja na pia e os rastros de crianças pelo chão. E assim, fui guiada a escrever esta dissertação pelo desejo de registrar os rastros da sujeira da nossa casa, as escolhas dos nossos corações (NOGUERA, 2015). Sou eu também, mãe, artista, arte educadora, professora, criança, cria, deixando nossos rastros de comida, massinha e farelo pelo chão do nosso quarto (MARIA DE JESUS, 1977). E por falar nelas, eu consegui a proeza de gerar e parir 2 crianças em 2 anos propondo essa pesquisa de mestrado. Portanto, ao todo, foram 3 gestações e 3 partos: dos meus 2 bebês e desta dissertação que segue. Porque se tem algo que tenho certeza sobre ela é que a escrevo com meu útero (e meus peitos pingando leite). Sem dúvida, escrevo a respeito desse chão sujo de massinha e farelo de cria, sobre paredes rabiscadas (COELHO, 2009) e música (MENDONÇA, 2018), sobre um processo de busca por autonomia (GARVEY, 2017; MOREL, 2018) e agência (ASANTE, 2009; ANI, 2015), sobre corpos

(FANON, 2008, 2015; ANI, 2015) em movimento (NASCIMENTO, 2002; GARVEY, 2017) e mentes pulsantes (NOBLES, 2009), juventude (SOUZA, 2017) e maternagem (OYĒWÙMÍ, 2004). Sobre um "como" cuidar, "como" gestar, amar (TURE, hooks, 2006), brincar (COELHO, 2009), "como" compor família (SOMÉ, 2017; CLARKE, 1991; hooks, 2010) e construir **comunidade** (NASCIMENTO, 2002; PAREDES, 2004, 2010; GYEKYE, 2002; NKRUMAH, 1964; SOMÉ, 1993; SOMÉ, 2017). Sobre vários tombos, joelho ralado e um "como não" fazer um monte de coisas também, inclusive morrer (ou matar). E até aqui, máximo respeito pelos grifos em negrito apresentados nesta introdução: são palavras grifadas cheias de significações para nós crias, e que compõem um imaginário cheio de encantamentos (RUFINO, 2020) e traumas (FANON, 2008,2015; SILVA, 2020; KILOMBA, 2018; MOMBAÇA, 2017) que mais pra frente discorro melhor. Sou uma cria do Complexo do Alemão (RJ), mais especificamente do Morro do Alemão, chamado por nós também de Central. Aquele "nascida e criada" inscrito em negrito com certo tom de orgulho na voz como nós adora dizer, sabe? O tom negro do grifo em negrito que contrasta com o tom embranquecido da minha pele, expõe dado importante para toda essa escrita. E já sobre este tom - o branco (ANI, 2015), o branquito - quando se nasce e cresce sendo a minoria fenotípica do lugar, nenhuma crise. Mentira, a "crise" está dada. É exatamente sobre ela, mas mais sobre modificar o fluxo do nosso embranquecimento (MUNANGA, 1999; NOBLES, 2009), seja ele no nível e circunstância que for, de que se trata o cotidiano (CERTEAU, 1994; MILTON SANTOS, 2006) em questão. O processo de compreender as tramas intergeracionais que nos fizeram nascer cada vez mais claros, mas não esclarecidos. Com isso, coloco-me neste texto que segue entre o grifo e o prazer do subterrâneo dos agradecimentos; na dinâmica do jogo intransigente insurgente de conjugar um verbo no singular usando "nós". Essa pluralidade nem tão plural assim. Portanto, peço licença para nesta cardiografia (NOGUERA, 2015) usar o **nós** na minha língua mãe, com tudo o que ele significa na subjetividade (NOGUEIRA, 1998; FANON, 2008, 2015; NOBLES, 2005; BICUDO, 1945) de uma cria favelada.

Minha mãe sempre disse que **as palavras têm poder**. Mulher negra, filha de mulher preta, neta, bisneta, tataraneta, sobrinha, prima, irmã de mulheres afropindorâmicas (SANTOS, 2015, 2017), e se eu tivesse mais informações dessa matrilinearidade diria um "e por aí vai" para todos esses úteros diferentes do meu. Sobre as palavras (e os úteros) sim, têm poder.



Cresci acreditando tanto nas palavras (MONDZAIN, 2012) e nos nomes (SANTOS, 2015) que lá em 2013 gerei um pseudônimo para assinar meus textos em redes sociais: "RAPARIGA FAVELADA". Com ele, eu buscava uma identidade, algum nome que me revelasse sem me revelar. Assumi então o avatar de "paraíba" que já era meu desde pequena mesmo. Para ocupar a favela, assim como grande parte da população do Complexo do Alemão, minhas famílias paterna/materna vieram num fluxo migratório e sobrevivente. Afropindorâmicas (SANTOS, 2015, 2017), remanescentes e clareadas (MUNANGA, 1999) construíram na unha a minha casa, atual casa dos meus pais - "imóvel de **ocupação**" conforme consta nas escrituras das casas de morro (DE JESUS, 1977). Ah, quanta escritura já se tem até aqui nos submundos destes grifos de introdução! Para além dos agradecimentos contidos nesta dissertação, o subterrâneo do nosso cotidiano pretende ser exposto neste corpo de texto, junto com a sujeira dos nossos corpos e o barulho que sai da nossa roda (TRINDADE, 2013), pela circularidade e ciclicidade de quem **nós** somos: início, meio e início.

## INTRODUÇÃO - CPX<sup>2</sup>

Uma das dúvidas que eu tinha antes de escrever essa dissertação era sobre a necessidade de discorrer sobre a **história** do Complexo do Alemão na introdução do meu texto. Com o que eu sabia das histórias do meu território, resolvi escrever e entender se caberia ou não. Nas minhas primeiras linhas e buscas, grifei uma série de fatos que complementam meu **objeto de pesquisa**. Portanto, a escolha de desenvolver o texto que segue a partir de um histórico bastante simplificado não é à toa. Pois para começar, o Complexo do Alemão é constituído das favelas Nova Brasília, Reservatório, Alvorada, Morro das Palmeiras, Casinhas, Fazendinha, Canitá, Pedra do Sapo, Mineiros, Morro do Adeus, Morro da Baiana, Matinha, Grotta e Morro do Alemão.

Antes da **colonização** portuguesa, o seu entorno era **ocupado** pelo **povo Tamoios**, que vivia às margens do Rio Timbó – nome dado em função do cipó “timbó”, utilizado para **envenenar** a água e facilitar a pesca.<sup>3</sup> No século XVIII, após o **extermínio** dos Tamoios, os **jesuítas** se estabeleceram na região dando origem à Fazenda de Inhaúma e seus engenhos. Expulsos os jesuítas, em 1760, suas terras foram desmembradas em várias fazendas que deram origem aos atuais bairros de Ramos, Bonsucesso e Inhaúma. A **ocupação** da Serra da Misericórdia ocorreu no início do século XIX e dividida em vários lotes, foi comprada por Leonard Kacsmarkiewicz, polonês refugiado da Primeira **Guerra** Mundial, chamado pelos moradores de "**alemão**" e sua **propriedade** como Morro **DO** Alemão.

Os primeiros registros de ocupação datam do fim da década de 1920. No decorrer das décadas, muitas famílias de operários se instalaram nas imediações, principalmente após a abertura da Avenida Brasil: em 1940 houve a ocupação das áreas da Nova Brasília e Itararé e, em 1950, a ocupação que deu surgimento ao Morro do Alemão (de onde sou), da Esperança, dos Mineiros e a Relicário. Mas foi nos anos 1960 que houve um crescimento populacional expressivo, incentivado pelas indústrias na região e pela chegada dos nordestinos ao Rio de Janeiro. Em 1961, foi ocupado o Morro da Baiana e, a partir dos anos de 1970, surgiram a Fazendinha, o Reservatório de Ramos e o Parque Alvorada - Cruzeiro (1982). No final da década de 1980, o

---

<sup>2</sup>Abreviação local (popular) para “Complexo”.

<sup>3</sup>História do Rio - História dos Bairros - Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro / Armazenzinho, disponível em: <http://apps.data.rio/armazenzinho/historia-dos-bairros/>. Acesso em 25 fev. 2021.

conjunto de favelas que ocupa o leste da Serra da Misericórdia e suas adjacências viria a formar a XXIX Região Administrativa Complexo do Alemão. Nos anos 1990, contudo, houve um intenso processo de desindustrialização e a perda de 20 mil postos de trabalho. A história do Complexo do Alemão, assim como da maioria das favelas, é fundamentada na **premissa básica de ocupação de terras**. Conforme o trecho que segue, do jornal Voz da Comunidade<sup>4</sup> :

Com o passar do tempo e com a ausência de uma política habitacional que respondesse às necessidades de moradia da população, o próprio IAPC passou a permitir, por meio de cartas informais, que seus funcionários e comerciários construíssem casas nas terras da antiga Fazenda Camarinha. Mas o grande adensamento populacional do Complexo aconteceu nas décadas de 1960 e 1970, quando várias indústrias – como a Nova América, a Marialva Têxtil, a Cica, o Café Capital, a Castrol e muitas outras se estabeleceram nos arredores. Nesse período, passaram a ocorrer as invasões organizadas e coletivas. Com as invasões, surgiram também as primeiras associações de moradores do Complexo.

---

<sup>4</sup>Periódico criado por Rene Silva (2005), então aluno da rede municipal, morador do morro do Adeus. Importante mídia desde 2011, quando Rene narrou a ocupação militar via twitter. Disponível em: <http://rensilvasantos.blogspot.com.br/2011/11/linha-do-tempo-o-crescimento-do-voz-da.html>. Acesso em 24 fev. 2021.

## 1 O CORAÇÃO DO MAL<sup>5</sup>

“**Ocupado**” pelo exército brasileiro<sup>6</sup>, em 2010<sup>7</sup>, e, posteriormente, em 2012<sup>8</sup>, pela unidade de polícia pacificadora<sup>9</sup> (UPP), o Complexo do Alemão existe sob um cotidiano de **guerra racial de alta intensidade** (FERREIRA, 2020), de **racismo institucional** (TURE, 1967), de **genocídio** (NASCIMENTO, 1978) praticado violentamente pelas estruturas sistêmicas do **colonialismo** (FANON, 2015) e sob demandas subjetivas impostas pela **necropolítica** (MBEMBE, 2018), que embaçam substancialmente o sentido de **humanidade**. Além dos grandes veículos de imprensa, que inclusive ganharam prêmios pela cobertura da chacina chamada de **ocupação**, mídias sociais locais engajadas na transmissão de informação aos moradores em tempo real<sup>10</sup> (SOUZA, 2017 cap.4) foram fundamentais para a visibilidade mundial do fato. É impossível esquecer de todo aquele cenário. A chacina alcançou o número aproximado de 160 vítimas<sup>11</sup> entre mortos, feridos e desaparecidos.

Após a ocupação, eventos foram criados para reivindicar as **mortes** e injustiças cometidas pela polícia militar<sup>12</sup> do Rio de Janeiro. O movimento para a organização

---

<sup>5</sup>Frase de Beltrame “O CPX É O CORAÇÃO DO MAL”. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/rio-contra-o-crime/noticia/2010/11/o-alemao-era-o-coracao-do-mal-afirma-beltrame.html>. Acesso em 25 fev. 2021.

<sup>6</sup>Assim como Assata Shakur, em muitas partes do texto, inicio com letras minúsculas nomes que rejeitamos e desprezamos sua supremacia.

<sup>7</sup>A Rede Globo cobriu o desenrolar dessas operações em todos os seus telejornais. A cobertura do Jornal Nacional trouxe imagens exclusivas e ganhou o primeiro Prêmio Emmy Internacional concedido a um telejornal brasileiro. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/jornal-nacional/reportagens-e-entrevistas/ocupacao-do-complexo-do-alemao/>. Acesso em 25 fev. 2021.

<sup>8</sup>Quase um ano e cinco meses depois, em 18 de abril de 2012, foi inaugurada no Morro do Alemão a primeira Unidade de Polícia Pacificadora provisória, com 600 policiais, homens e mulheres.

<sup>9</sup>Assim como Assata Shakur, em muitas partes do texto, inicio com letras minúsculas nomes que rejeitamos e desprezamos sua supremacia.

<sup>10</sup>Indicado em 2018 como um dos negros mais influentes do mundo, Rene Silva, morador do Morro do Adeus, publicizou em tempo real via twiteer a ocupação militar na favela. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/rene-silva-do-complexo-do-alemao-esta-na-lista-dos-negros-mais-influentes-do-mundo-22901588>. Acesso em 25 fev. 2021.

<sup>11</sup>Os números oficiais falam em 42 mortos e 80 feridos desde que a polícia ocupou o Complexo do Alemão, no dia 2 de maio. Entretanto, levantamento feito pelo jornal A Nova Democracia revela que número de vítimas pode chegar a 160, entre mortos, feridos e desaparecidos. Reportagem realizada nas favelas da Grota e Morro do Alemão constata o repúdio do povo à ação policial, enquanto estudiosos afirmam que a gerência estadual de Sérgio Cabral adquire contornos fascistas e atende aos interesses do USA. Disponível em: <https://anovademocracia.com.br/no-36/256-a-chacina-do-complexo-do-alemao>. Acesso em 25 fev. 2021.

<sup>12</sup>Assim como Assata Shakur, em muitas partes do texto, inicio com letras minúsculas nomes que rejeitamos e desprezamos sua supremacia.

destes eventos gerou o “**Ocupa Alemão**”<sup>13</sup>, em 2012, tornando-se posteriormente um coletivo, que intitulou-se **#OcupaAlemão**, (obrigatoriamente, com *hashtag*). O **jovem** grupo também atuava via redes sociais e “**ocupava**” presencialmente a favela fomentando uma produção cultural **comunitária**. A promoção de eventos de mobilização para as questões políticas que envolviam a comunidade chamavam a atenção principalmente sobre o extermínio organizado e ativo por parte do Estado, que por sua vez, recorre ao discurso de **guerra contra as drogas** para se justificar.

A **morte** e a **comunicação**, o **espaço**, a **comunidade** e a **reumanização**, o **contracolonialismo** (SANTOS, 2015) e a **existência**, a **arte** e o **golpe** são dobras conceituais grifadas num cotidiano percebido em primeira pessoa, no "nós" pluralsingular, e praticado numa intimidade brutal de **convivência** ética estética comunitária, os quais de certo modo me proponho a desenvolver no decorrer desta escritura.

Em 2013, permitimos que a amiga e doutora em antropologia Patrícia Lânes nos acompanhasse durante aquele processo. Sua tese "Entre becos e ONGs: etnografia sobre engajamento militante, favela e juventude", defendida em 2017, analisou as relações envolvidas na produção de projetos sociais e ações coletivas locais, com foco em jovens no Complexo do Alemão, observando a produção de repertório militante a partir de mobilizações sociais variadas, incluindo o uso de plataformas da Internet.

Até esse momento, o **#OcupaAlemão** que era composto por mim e mais alguns jovens moradores, ainda não tinha argumentos estruturados sobre a questão racial.

Outros pesquisadores nos acompanharam como Ana Paula da Silva, com a dissertação publicada "Facebook e participação política: um estudo de caso Ocupa Alemão" (2014), e Timo Barthol, com a tese de doutorado "Territórios de resistência e movimentos sociais de base: uma investigação militante em favelas cariocas" (2015)<sup>14</sup>. Ana Paula, Patrícia e Timo acompanharam diferentes fases do Ocupa Alemão, tanto no que diz respeito aos seus integrantes compondo formações distintas, quanto às propostas de ação comunitária e fundamentos éticos estéticos. Falarei mais adiante sobre tais formações, suas fases, a relação do Ocupa Alemão com os

---

<sup>13</sup>Ocupa Alemão: Coletivo de Jovens Luta Contra a Criminalização do Espaço Público nas Favelas. Disponível em: <https://rioonwatch.org.br/?p=7282>. Acesso em 25 fev. 2021.

<sup>14</sup>Disponível em: <https://territoriosresistencia.files.wordpress.com/2016/03/tese-territorios-de-resistencia-tbartholl-6mb.pdf>. Acesso em 25 fev. 2021.

pesquisadores citados acima e suas análises, assim como problematizarei conceituações e pareceres trazidos por tais pesquisas.

Em 2014/2015 o coletivo #OcupaAlemão é marcado substancialmente por um cotidiano mais orgânico e comunitário, que passa pelo conforto e cuidado de **Dona Zilda**, nossa "**Matriarca**". Ela nos foi apresentada em 2013, por seu filho Saulo Augusto, após uma sessão de Gato Mídia<sup>15</sup> - como designamos a série de encontros onde debatíamos noções de direitos. Dona Zilda é acolhida e nos acolhe sem saber dos **grifos** e **agradecimentos** que ela produziria no futuro, em aproximadamente 15 jovens, a partir de sua casa. 15 jovens e as redes que se abriram a partir de cada um.

Em 2016, o coletivo se transformou em um movimento comunitário jovem e de maioria preta, o "**Ocupa Alemão - Favela/Quilombo**" (sem a hashtag e acrescido por "favela" e "quilombo"). Início, meio e início. A vivência, a troca e as relações intergeracionais e interseccionais são elementos-chave para se compreender o desenvolvimento desta pesquisa, o vetor de análise entre o início do Ocupa Alemão e o agora. O ponto é a **casa** dela. O ponto é **ela**. A partir do estabelecimento orgânico de que ali é o local onde nos encontramos, onde fazemos sujeira, onde "o silêncio da nega véia, o sorriso, o macarrão, o caldo, a resenha, o sofá, a piscadela de olhos era tudo o que tínhamos e precisávamos"<sup>16</sup>.

Através de entrevistas por vídeo, usando o aplicativo Zoom (método possível em 2020 e 2021, devido a pandemia de Coronavírus), em formato de conversa e sem questionário pré estabelecido, iniciei uma investigação com alguns amigos e irmãos que compuseram e ainda compõem essa grande **família da Dona Zilda**. Contei com as falas de Leonardo Nia (Léo Souza), Juliana Freire (Ju Freire) e Zilda Chaves (Dona Zilda), escolhidos a priori. Léo Souza foi o primeiro a compor o Ocupa Alemão (2013) quando decidiu doar uns livros para a Biblioteca Comunitária que o Ocupa montava no Morro dos Mineiros - uma das primeiras ações culturais comunitárias do recém formado coletivo. Eu e Léo namorávamos desde 2001 e, por perceber que se tratava de um coletivo de ações culturais, ele logo me convidou a fazer parte. "Tu vai gostar. Tem mais a tua cara até do que a minha, mas é um bagulho social maneiro."<sup>17</sup> Aceitei.

---

<sup>15</sup>Designação das oficinas de formação realizadas pelo Ocupa Alemão, em 2013. Em 2015, virou uma oficina de cobertura colaborativa. Público-alvo: jovens. Projeto financiado por edital da Secretaria de Cultura do Estado (Programa Favela Criativa) (LÂNES, 2017).

<sup>16</sup>Em conversa informal, fala de Caroline Amanda sobre Zilda, em 25/01/2021.

<sup>17</sup>Fala lembrada por Leonardo em gravação datada em 03 de setembro de 2020.

Na ordem de composições do coletivo, Rafael Balbo posteriormente se juntou a nós e depois Zilda. Nessa dinâmica, há saídas e despedidas dos integrantes fundadores e Ju Freire passa a somar rapidamente o coletivo - apresentando a nova configuração que é a base da fase que está justamente entre a analisada por Patrícia Lânes em sua tese e a escolhida por Timo Bartholl, dois anos depois. Optei, “a princípio”, por conversar com os três, já que estavam nessa e nas seguintes fases de transições do Ocupa - transições de conceitos e objetivos - e por viverem intensamente a *Casa da Dona Zilda*.

No capítulo cinco, esmiuço os processos resultantes das dinâmicas de formação das novas e antigas composições do coletivo até chegar ao que hoje entendo por fase "**comunitária**", passando pelas fases "**danoninho**"<sup>18</sup>, "**radical**" e "**afrocentrada**": nomeações que não existem no cotidiano em questão mas que **me** valem para melhor marcar o tempo e os sujeitos participantes. Todavia, não são títulos que pretendem cristalizar estas fases, pelo contrário, busco através deles afirmar "movimento", um cotidiano em gerúndio perpétuo onde "comunitário", "radical" e "afrocentrado" sejam parte um do outro, e por vezes troquem de lugar no tempo, em movimentos cíclicos e espirais, andando para frente e evoluindo. Parecem termos complementares e até contraditórios se vistos descontextualizados: não tiremos de vista a nossa **ciclicidade**: início, meio, início é fundamento, conforme sustenta Antonio Bispo dos Santos.

O nosso pensamento, o pensamento quilombola, o pensamento que me formou, é um pensamento circular, um pensamento de começo, meio e começo. Então é um pensamento que não tem fim. E nós fomos entendendo que o pensamento colonialista, e aí leia-se o pensamento antropológico - que a Antropologia é uma ciência colonialista, profundamente colonialista - é um pensamento linear, vertical, retilíneo, que não circula por mais que vocês se esforcem. Nós não estamos dizendo que isso não é bom nem ruim, nós estamos dizendo como é que funciona. É um pensamento colonialista, linear, retilíneo, tal. E o nosso pensamento é circular (SANTOS, 2019. p. 76).

Para isso, realizei as entrevistas de forma bem fluida: sem perguntas prévias, sem questionário. Tratou-se de conversas que em primeira instância começa por videochamada e que depois, no fluxo das dúvidas e de novas questões, há troca de

---

<sup>18</sup>"Danoninho" é um apelido dado internamente por integrantes do Ocupa Alemão às práticas culturais parecidas com os projetos sociais de ongs, instituições privadas, partidos políticos ou movimentos sociais de orientação colonialista e populista. Nas entrevistas a expressão foi resgatada por participantes diferentes, garantindo seu lugar no texto como um "termo tempo-espacial", marcador de sentidos.

áudios e textos curtos via mensagem de WhatsApp<sup>19</sup>. Com algumas pessoas conversei pessoalmente, na minha casa. Ao fim de cada entrevista, sem nenhuma expectativa, eu perguntava quem achavam que poderia participar dessas conversas de análise sobre o Ocupa e por quê. Foi assim que Zilda indicou Caroline Amanda<sup>20</sup>, Leonardo Nia indicou Eduardo Faticati e Cíntia Donato, e Ju Freire indicou André Fiapo (Andrezinho) e Lucas Assis<sup>21</sup> (Sukita). Depois destas conversas percebi a necessidade de conversar com Marcelle Rocha, estudante de filosofia e moradora de Vila Isabel que, assim como Carol Amanda, mestranda em filosofia, paulistana, residente hoje em Salvador - nunca morou no Complexo. Também percebi a necessidade de, por último, ter uma conversa por Whatsapp com Rafael Balbo que é cria e residente do Morro do Adeus. Como já dito, todos espalharam bastante farelo e sujeira pela Casa da Dona Zilda.

Ponto central da dificuldade de identificar as fronteiras metodológicas desta pesquisa, as sensações compreendidas por uma prática de ação de convivência cotidiana, onde eu também deva “**ocupar**” o lugar de pesquisada, atravessam toda essa investigação. Nos meandros do **desenrolar** desta **escritura** apresento em seu processo criativo a compreensão no/do/com<sup>22</sup> o cotidiano (ALVES, 2003), a partir da metodologia de pesquisa proposta por Aldo Victório Filho (2017), tal qual um fluxo de relações de corpos os quais suas subjetividades são inexoravelmente inseparáveis. Tão preponderante quanto a significação do "nós". Portanto, conto com a memória de cada entrevistado, inclusive a minha, e suas percepções considerando suas subjetividades e corpos na composição de epistemologias que não venham cristalizar tal cotidiano e nem sistematizá-lo. Pelo contrário, incorporo conceitualizações diversas

---

<sup>19</sup>O WhatsApp Messenger é um app de mensagens GRATUITO para Android e outras plataformas.

<sup>20</sup>Mestranda em Filosofia pelo Programa de Pós Graduação em Filosofia (PPGF-UFRJ) e pesquisadora de Práticas Integrativas e Complementares de Saúde (PICS), Mídias, Família, Cultura e Consumo Afrodiaspórico; terapeuta menstrual, facilitadora de Ginástica Íntima e Pompoarismo, Cristaloterapeuta, Thetahealer, Colch em Ciclicidade Criativa (para mulheres e homens); e idealizadora do 1º Portal Afro Referenciado para Mulheres e Menstruantes: YONI DAS PRETAS, um portal de informação, trocas, cursos e mentorias com base em tecnologias ANCESTRAIS & TERAPIA. Em 2020, lançou o 1º Lunário Brasileiro de Ciclicidade Menstrual, Criativa e Produtiva.

<sup>21</sup>Graduando em Licenciatura em Música pela UNIRIO, é pesquisador do Grupo de Pesquisa em Etnomusicologia Dona Ivone Lara (GPEDIL) publicando desde 2018 uma série de artigos sobre etnomusicologia e metaetnografias afroperspectivistas, assim como a importante experiência de pesquisa-ação participativa resultante da tese coletiva de doutorado Funk Carioca, Política, Gênero E Ancestralidade No Sarau Divergente: Uma Pesquisa-ação Participativa (2018).

<sup>22</sup>Nilda Alves tem-se valido da aglutinação de palavras consideradas antagônicas para transpor as dicotomias e os binarismos, conferindo outro sentido às expressões. As junções, ao longo do texto, têm a mesma intenção.



a fim de reconhecer a fluidez e organicidade (SANTOS, 2015) da produção estética do cotidiano da Casa da Dona Zilda, que ora aplicáveis ora não, se transmutam em experiências re-humanizadoras.

Os movimentos elaborados por Nilda Alves (2001, 2003, 3008) para pensarmos como devemos nos deslocar na complexidade da pesquisa *nosdosc* com os cotidianos estão presentes no decorrer desta pesquisa tal qual inseridos no submundo do texto, ora como "âncoras" conceituais do texto, ora infiltrados nas contradições da relação entre o eu pesquisadora e o eu participante ativa do meio. Para trazer à memória algumas ações daquele cotidiano, busquei anotações em velhos caderninhos meus onde tive a surpresa de encontrar o seguinte escrito aqui copiado: "Projeto de Mestrado como projeto de Artes como projeto político de educação. O educador é político e artista. (...) Contar como está o processo de educação pela identidade racial contra o genocídio do povo negro. Porém, como processo orgânico, pela necessidade da luta. Abdias Nascimento ">" (seta) prática do quilombismo como método em arteeducação." Foi preciso mergulhar com todos os sentidos no que eu já desejava investigar: aquele cotidiano.

Era "o caderninho de 2015" (geralmente, uso um por ano) e ali nascia o desejo desta escritura. Ainda que eu tenha reelaborado a pesquisa, centralizando a "educação" em outra dimensão epistemológica, conseguir praticar hoje um desejo daquele cotidiano é afirmar a ciclicidade desta pesquisa e o seu objetivo fundamentado no chão de Casa. É emocionante escrever estas palavras ao mesmo tempo que olho os caderninhos e leio cada ata de reunião, cada anotação, cada grifo. São grifos do cotidiano, e não somente do texto. Devemos "sentir o mundo e não só olhá-lo, soberbamente, do alto ou de longe" (ALVES, 2001, p. 16) e, exatamente por isso, devemos assumir e correr todos os riscos que esse mergulho possa significar. Pois, recorrer a este passado também nos traz lembranças e emoções significantes, alguns traumas de relações e reposicionamentos afetivos e políticos. Das pessoas que convidei para em entrevista participar desta escritura, uma não aceitou, justamente por "mexer em coisas que se tem que deixar quieto".<sup>23</sup>

Assim, ao contrário da formação aprendida e desenvolvida na maioria das pesquisas do campo educacional, inclusive em muitas sobre o cotidiano escolar, que, de maneira muito frequente, têm assumido uma forma de

---

<sup>23</sup>Frase dita em primeira pessoa por integrante do Ocupa Alemão que prefiro não nominar, editada apenas conforme as concordâncias gramaticais da frase.

pensar que vem negando o cotidiano como espaço/tempo de saber e criação, vou reafirmá-lo como sendo de prazer, inteligência, imaginação, memória, solidariedade, precisando ser entendido, também e sobretudo, como espaço/tempo de grande diversidade (ALVES, 2001, p.16)

(...) Trabalhar com o cotidiano e se preocupar como aí se tecem em redes os conhecimentos significa, ao contrário, escolher entre várias teorias à disposição e muitas vezes usar várias, bem como entendê-las, não como apoio e verdade, mas como limites, pois permitem ir só até um ponto, que não foi atingido, até aqui pelo menos, afirmando a criatividade do cotidiano. Isso exige um processo de negação delas mesmas e dos próprios limites anunciados, assumindo-os, no início mesmo do processo, e não ao final, quando “outra verdade as substituir”. Ou seja, essas teorias precisam ser percebidas, desde o começo do trabalho, como meras hipóteses a serem, necessariamente, negadas e jamais confirmadas, para meu/nosso desespero, com a “bagagem” sobre teorias e as práticas de pesquisa que antes acumulei (ALVES, 2001, p. 22).

(...) Quando, no entanto, se entende que, para além de mero reflexo ou redução de uma outra realidade, o cotidiano, mantendo múltiplas e complexas relações com o mais amplo, é tecido por caminhos próprios trançados com outros caminhos, começa-se a entender que as fontes usadas para “ver” a totalidade do social não são nem suficientes, nem apropriadas. Ao lidar com o cotidiano, preciso, portanto, ir além dos modos de produzir conhecimento do pensamento herdado, me dedicando a buscar outras fontes, todas as fontes, na tessitura de novos saberes necessários (ALVES, 2001, p. 27).

(...) É preciso, pois, que eu incorpore a ideia de que, ao narrar uma história, eu a faço e sou um narrador praticante ao traçar/trançar as redes dos múltiplos relatos que chegaram/chegam até mim, neles inserindo, sempre, o fio do meu modo de contar. Exerço, assim, a arte de contar histórias, tão importante para quem vive o cotidiano do aprender/ensinar (ALVES, 2001, p. 32)

Conformam-se então sentidos que produziram e produzem ação política cultural e saberes locais, impulsionados por uma juventude favelada e majoritariamente preta. Nesse cenário, também são (re)criadas relações entre as pessoas e o lugar, estabelecidas com o tempo e o espaço (SANTOS, 1996), em formatos intergeracionais de convivência. Diante este dado, pretendo construir, através e com esta vivência, saberes possíveis que se ocupem do significado de “re-existência” comunitária no Complexo do Alemão e que centralize nas dimensões do cotidiano o espaço da casa, mais precisamente a Casa da Dona Zilda, como local encantado de saberes.

O marco temporal para esta dissertação é o período compreendido entre 2014 e 2020 - a fim de provocar a reflexão sobre "o como" - e “aqui não cabe “método”, mas “filosofia”” (NOGUERA, 2015, p. 117-127) - criar um cotidiano entre jovens que gere condições materiais de vida, autocuidado e produção de (auto)conhecimentos num espaço necropolítico (MBEMBE, 2018) como a favela em estado de maafa<sup>24</sup> (UCPA,

---

<sup>24</sup>Maafa, na terminologia Swahili, significa “desastre, grande tragédia, matança”. Na década de 90 do século XX, o termo tornou-se um popular neologismo utilizado por organizações nacionalistas negras

2019). E um "como" resgatar neste processo de quilombamento (NASCIMENTO, 2002; NASCIMENTO, 2018) os saberes possíveis para o alcance de um equilíbrio revolucionário, produção de desejos que englobem demandas comunitárias, afetividades e formação de famílias (CLARKE, 1991).

No último capítulo, afirmo que esta pesquisa acadêmica em educação é um caso de "retorno" escrito para a minha comunidade. Proponho pensarmos a centralidade na concepção de **família africana** como objeto mantenedor de vida, assim também como **estética contra colonizadora** - golpe físico e espiritual às muitas formas de **morte** impostas aos novos condenados da terra (MBEMBE, 2018). É justamente a dinâmica das relações encontradas na/com/através da **Casa da Dona Zilda**, uma casa africana na favela, liderada por uma matriarca, e tudo o que implica subjetivamente tais relações confluentes de maternagem, que constituiu a fundamentação de uma **organização comunitária quilombista na favela**. Ali há dedicação em responder com "vida" à morte imposta. No entanto, no curso dessa história, esta dissertação serve apenas para pontuar esse jogo de **tentativa e erro** que é o cotidiano dentro de outros cotidianos no Complexo do Alemão. Ela não salva nenhum de nós da vala ou da doença mental. Tampouco assume-se performance de receita de um bem viver.

---

em África e diáspora, para descrever o processo de genocídio durante a escravidão racial ocidental moderna (UCPA, 2019). Foi dentro desse contexto político-intelectual, que a professora historiadora-antropóloga Marimba Ani cunhou em sua obra "Yuguru: uma crítica africana centrada do pensamento e comportamento cultural europeu" (1992), o conceito de Maafa, para descrever o Genocídio de pessoas não brancas, no período colonial e contemporaneamente no contexto de Estado Ocidental Neoliberal (UCPA, 2019).

## 2 “MAS CÊS SÃO O QUÊ? ESSE NEGÓCIO DE ONG?”<sup>25</sup>

No dia 26 de novembro de 2012, Mário Lucas, de 18 anos de idade, foi brutalmente assassinado<sup>26</sup> por policiais militares, dentro de sua casa, enquanto dormia, na Favela das Casinhas, no Complexo do Alemão. Dois dias depois, veio o toque de recolher<sup>27</sup>, na favela do Borel. Os dois episódios foram fundamentais para que moradores do Complexo do Alemão se reunissem com Diego Francisco<sup>28</sup> e amigos, moradores do Borel. Então, dois eventos de repúdio à violência policial cometida por parte das upps<sup>29</sup> foram promovidos. O objetivo era protestar contra o “toque de recolher às 21h”, arbitrário e ilegal, imposto desde o dia 28/11 à comunidade do Borel, pelos policiais da unidade de polícia pacificadora<sup>30</sup> (upp). Além disso, exigir justiça pela morte de Mário Lucas e posicionar-se contra a violência policial, no Complexo do Alemão.

Com os #OcupaAlemão e #OcupaBorel, as primeiras iniciativas organizadas por grupos de jovens favelados e faveladas, surgia então o #OcupaÀsNove. Os dois eventos ocorreram em ambas as comunidades, simultaneamente: no Borel e na favela da Nova Brasília, no Complexo do Alemão, no dia 5 de dezembro de 2012, às 21h.

---

<sup>25</sup>Imagem do evento disponível em: <https://www.facebook.com/OcupaAlemao/photos/a.563138107049300/884885364874571/?type=3>. Acesso em 25 fev. 2021

<sup>26</sup>“O assassino é um policial militar lotado no 4º BPM (São Cristóvão). O cabo Rodrigo Araújo Costa foi preso em flagrante, depois de ser reconhecido pela avó da vítima, a única testemunha da execução, que aconteceu na localidade conhecida como Casinhas. A mulher contou que um homem invadiu a casa dela perguntando pelo neto, Mário Lucas Souza Vianna Pereira, de 18 anos, que tinha deficiências neurológica e física. Disponível em <https://extra.globo.com/casos-de-policia/pm-executa-jovem-dentro-de-casa-no-complexo-do-alemao-6840517.html>. Acesso em 25 fev. 2021

<sup>27</sup>“O movimento Ocupa Borel, inspirado nas mobilizações internacionais de ocupação de lugares públicos para protestar contra os poderes que agredem os direitos das pessoas, foi convocado via redes sociais e, principalmente, no “boca-a-boca”. O objetivo era protestar contra e, na prática, derrubar o “toque de recolher” arbitrário e ilegal imposto desde o dia 28/11 à comunidade pelos policiais da Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) local. Disponível em: <<https://pcb.org.br/portal2/4032/ocupa-borel-desafia-toque-de-recolher-da-upp/>>

<sup>28</sup>Diego Francisco, cientista social e político, na época com 25 anos, é filho de Mônica Francisco, cientista social e pastora evangélica antifundamentalista. Atualmente (2021) eleita Deputada Estadual pelo PSOL RJ.

<sup>29</sup>Assim como Assata Shakur, em muitas partes do texto, inicio com letras minúsculas nomes que rejeitamos e desprezamos sua supremacia.

<sup>30</sup>Assim como Assata Shakur, em muitas partes do texto, inicio com letras minúsculas nomes que rejeitamos e desprezamos sua supremacia.

Uma carta aberta ao **comando da unidade de polícia pacificadora**<sup>31</sup> (upp) foi redigida, enquanto atividades culturais eram promovidas, com microfone aberto e a escrita coletiva de um **manifesto**. O Ocupa Alemão não sabia, mas dava início a uma longa **ocupação afetiva, política e cultural** dos espaços públicos do seu território. Realizado na parte externa da Praça do Conhecimento (área conhecida também como Praça do Terço), o evento reuniu entre 50 e 100 pessoas, boa parte delas jovens e crianças do Alemão. Após esta primeira realização, o Ocupa Alemão constituiu-se então como um coletivo de jovens moradores com a proposta de ocupar as ruas da favela com atividades político culturais. O Ocupa Borel parou por ali, apresentando-se apenas como um evento pontual.

Durante décadas o Estado não reconheceu a favela como parte integrante da cidade, negando aos seus moradores direitos básicos. Hoje depois de 3 anos de ocupação da segurança pública no Complexo do Alemão, percebemos que ainda temos um longo caminho a seguir na garantia de direitos básicos como:

- direito a exercer e produzir práticas culturais em seu território, direito a produzir representação social, direito à liberdade de expressão, direito à liberdade de ir e vir, inviolabilidade do domicílio, esclarecimento de mortes, entre outros.

O #OcupaALEMÃO é um ato pacífico que tem como objetivo estreitar o diálogo entre a juventude e o poder de segurança pública no território, com o intuito de minimizar os impactos de confronto, desrespeito, desacato e abuso de poder.

Como juventude favelada, do Complexo do Alemão, propomos a criação de um comitê, formado pela sociedade civil organizada e moradores, com o intuito de mediar conflitos entre a polícia e a juventude. Esse comitê será responsável por receber possíveis denúncias de desrespeito ao morador, violação do lar, abuso de poder, ameaças, entre outros. E repassar as denúncias para a Unidade de Polícia Pacificadora - UPP, por meio de um diálogo para melhorias.

Tendo em vista que violação de direitos acontecem todos os dias nas favelas do Rio de Janeiro e o morador, em sua maioria, não tem para quem denunciar. E quando existe uma instância de poder no território ele se sente intimidado. Como denunciar a polícia para a própria polícia? Portanto, esse comitê formado pela sociedade civil organizada e moradores, será uma ferramenta de mediação de conflito dentro da comunidade".

Carta na íntegra, Rio de Janeiro 05 de dezembro de 2012<sup>32</sup>

Composto desde seu início por moradores e moradoras do Complexo do Alemão e das ruas do entorno, o Ocupa Alemão propunha **táticas** de discussão de

<sup>31</sup>Assim como Assata Shakur, em muitas partes do texto, inicio com letras minúsculas nomes que rejeitamos e desprezamos sua supremacia.

<sup>32</sup>Carta de repúdio/Manifesto. Disponível em: <https://www.facebook.com/OcupaAlemao/photos/a.563138107049300/683695821660194>. Acesso em 25 fev. 202.

questões comunitárias através da produção e desenvolvimento de atividades culturais autônomas com **música, poesia, dança, artes visuais, cursos e promoção de debates sobre as questões de raça/gênero, família, cidade, moradia, trabalho e economia coletiva/autônoma.**

A página do Facebook, desde 2012, é uma ferramenta essencial na construção cotidiana do coletivo. Divulga suas atividades e denuncia injustiças e ocorrências no interior das favelas, às vezes em tempo real, confrontando a invisibilização imposta pelos veículos de imprensa dominantes.

A mídia social foi fundamental em todo o nosso processo político – do surgimento do Ocupa Alemão, que era inscrito precedido de uma hashtag “**#OcupaAlemão** – à comunicação interna diária e intensa, assim como os planejamentos de atividades e encontros. Conforme nossos depoimentos, disponíveis na tese de Timo Bartholl:

O próprio Ocupa Alemão, a página, o nosso símbolo é uma hashtag, né, então a gente se propôs muito à rede social. Desde o começo para fazer esse ato, esse dia no Alemão, usaram para mobilizar as pessoas. Não usaram faixa, nem [outra] coisa, foi facebook, então já começou muito nessa pegada de usar rede social para mobilização. E continua sendo até hoje também. O face pra gente é uma ferramenta, um meio da gente se comunicar e divulgar as coisas, também de disputar opinião pública. Mas a gente é de favela, então estar junto e fazer as coisas junto na casa de alguém, na rua, com vizinhos, amigos, não pode faltar. E o nosso objetivo continua ocupar a nossa favela nós mesmos, resistir nesse sentido de não deixar eles tomarem o que é nosso, a favela, os becos, as pracinhas.”<sup>33</sup> (BARTHOLL, 2015. p. 355)

E a partir disso, foi se construindo um cotidiano de fortes trocas e experiências de amizade, **irmandade e partilha**. Discordâncias, rachas e reformulações de quem vive a agenda e a estética da violência, convocando para dentro de nosso espaço quem queremos e quando achamos necessário e para as ruas quando a revolta e o sentido de justiça exige presença. A verdade é que para os becos convidamos poucos. Foi em 2014 que eu, ao gerenciar a página do Ocupa Alemão, percebi que faltava uma breve descrição histórica do grupo, na aba dedicada para tal. Era a primeira vez que afirmávamos que **nascemos da morte**. “O Ocupa Alemão nasceu pela morte, pela dor, causada pelo racismo institucional, pela violência do Estado ao negro e ao

---

<sup>33</sup>A citação é de integrantes do Ocupa Alemão durante oficina de autorreflexão realizada em 07/06/2015 a Timo Bartholl, a qual também participei.

favelado”<sup>34</sup>.

Apesar de já assumirmos que estávamos ali para lidar com o caos social no qual nascemos, ou para lidar com os problemas impostos à favela, foi a primeira vez que usamos a palavra **morte** para nos definir. Lembro que isso me marcou como uma ficha que acabara de cair. Estávamos rodeados de morte e respondíamos com sorrisos, arte, festa?! Apesar de ter sempre como objetivo a discussão das necessidades comunitárias, a metodologia tinha peso diferente do sentido da morte que sofremos há **gerações**. Portanto, destaco aqui que o surgimento do Ocupa Alemão é indissociável de duas frentes: da comunicação, portanto as redes sociais em questão, e da morte.

Essas pessoas, moradoras e/ou militantes de temas relacionados à favela fazem dele e de outros a eles relacionados um modo de se apresentarem no espaço das redes sociais: é (também) por seu vínculo de pertencimento a estes espaços que querem ser vistas e reconhecidas. Colocar-se para o outro, postando imagens, fotos, textos nas redes sociais virtuais pode revelar uma maneira pela qual espera-se ser visto: há um trabalho de identificação e diferenciação que contribui para criar identidades individuais e coletivas através das redes sociais virtuais em profunda relação com a produção de identidades e pertencimentos para além da Internet. (LANES, 2013, p.14)

---

<sup>34</sup>Descrição do Ocupa Alemão na página do facebook.  
[https://www.facebook.com/OcupaAlemao/about/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/OcupaAlemao/about/?ref=page_internal)

### 3 OCUPAR COMO DEVIR: no início o verbo

A recuperação do sentido "colonial" da palavra "ocupação" me leva a refletir criticamente sobre algumas conceituações. Dentre elas, o uso desta palavra como **meio de recuperação de direitos**, presente no nome do coletivo. Em 2011, dezenas de milhares de manifestantes, ativistas de movimentos, ocupavam ruas de diversas cidades no mundo. Com início no norte da África, na derrubada de ditaduras na Tunísia, o movimento batizado de *Occupy Wall Street* tinha como principais bandeiras a crítica à desigualdade econômica e social. Espalhou-se então pelo mundo quase que um mesmo padrão de atuação na luta por direitos: ocupações em praças, utilização de redes de comunicação alternativa independentes, a recusa dos espaços institucionais tradicionais como os sindicatos, os partidos e etc, como núcleos de representação política.

A partir de 2011, devido a indignação popular, os indivíduos voltaram a ocupar o espaço público, gerando a onda dos ocupas, mundialmente. Diferente dos ocupantes de uma maneira geral por sua singularidade, mas inspirada sobremaneira no *Occupy Wall Street*, o Ocupa Alemão e também o Ocupa Borel tornaram-se as primeiras iniciativas do gênero organizadas por jovens de favelas cariocas. Patrícia Lânes, também aplica um novo sentido ao "ocupa" que usamos por definição:

O termo Ocupa, utilizado para dar nome aos eventos e certa unidade a eles, pode ser pensado a partir do contexto de sua utilização. Além de estabelecer relação com o movimento Occupy Wall Street que havia ocorrido no ano anterior, o termo também se conecta com outros movimentos de base local, por assim dizer, como o de moradia ou de luta por terra/reforma agrária que têm na ocupação uma importante prática de seu repertório de ação. Parece, portanto, estabelecer conexão entre algo muito atual e relacionado às mobilizações que incorporam as tecnologias de comunicação nos termos que as pessoas que organizam o Ocupa Borel e Alemão buscam fazê-lo, mas também se aproximar de um repertório de reivindicações mais amplo em termos de movimentos sociais no Brasil (ainda que apenas de modo enunciativo, já que não há de fato uma ocupação permanente dos territórios em geral caracterizado por acampamentos etc) (LANES, 2013, p.14).

Embora tal reflexão não seja determinante para caracterizar o grupo em questão, a palavra empregada como um verbo imperativo também reverbera através dos sentidos poéticos de ocupações possíveis ao movimento. Sob o dito, através de



Marie-Jose Mondzain, proponho repensar a expressão OCUPAR, considerando as ações empreendidas por liberdade, conforme:

O que faz avançar, o que libera a nossa língua das palavras é um verbo: ele propulsiona, libera, suscita, derruba, age. Libertador, ele traz para o pensamento uma respiração. Ele cruza, dá passagem, levanta, antagoniza – e leva ao mundo contradição. Ele leva o tempo na matéria, a respira e a queima. Ouve-se no verbo, na ação do verbo, que tudo é não para ser mas para ser libertado. (MONDZAIN, 2007.p.17)

Durante os escritos desta pesquisa pude compreender muito mais sobre a **importância da palavra, do nome**, do que nestes últimos anos de sujeira e farelo com Ocupa Alemão.

No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez. Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens. E a luz resplandece nas trevas, e as trevas não a compreenderam. (João 1.1-5 Bíblia Sagrada)

Em Mondzain e João Batista, encontro a **pulsão extravagante** da palavra, sua **violência essencial**, que liberta e cria. Que inicia, origina, faz brotar vida. A palavra é deus, ato nominal, criador. **“OCUPAI!”** Uma ordem, um chamado, uma chacoalhada, um soco. Ou melhor, um chute. O soco tem potência paralisadora, o chute te alavanca. Penso: confia e toma o que é teu: invade, gera, **aja!**

Um dos objetivos desta pesquisa era compreender como a vivência coletiva que busca autonomia, comunitária e individual, performa um cotidiano de produção de conhecimentos, conhecimento político, comunitário e científico. Que pulsa para saber mais, movimenta conteúdos, pulveriza autoestima positiva, vetoriza os afetos negativos, estabelece focos e planejamentos pessoais, produz artes, forma famílias, e etc. Num sistema genocida, **existir é drible**, onde à existência, à humanidade, é implicada a colonialidade, o antropoceno<sup>35</sup> e a necropolítica (MBEMBE, 2018). Ailton Krenak (2019, p.55), em Ideias para Adiar o Fim do Mundo, comenta sobre a noção de humanidade que pensamos ser/ter “num tempo especialista por criar ausências” e que vive no desastre socioambiental que é o Antropoceno. Diante disso, a negação indígena parte do pressuposto de que para além do fato de não sermos todos iguais, existe uma diversidade legítima que deve ser reconhecida e respeitada pois não existe superioridade do humano aos demais seres.

---

<sup>35</sup>Também conhecida como Época dos Humanos, é o período geológico mais recente da história.

Como justificar que somos uma humanidade se mais de 70% estão totalmente alienados do mínimo exercício de ser? A modernização jogou essa gente do campo e da floresta para viver em favelas e em periferias, para virar mão de obra em centros urbanos. Essas pessoas foram arrancadas de seus coletivos, de seus lugares de origem, e jogadas nesse liquidificador chamado humanidade. Se as pessoas não tiverem vínculos profundos com sua memória ancestral, com as referências que dão sustentação a uma identidade, vão ficar loucas neste mundo maluco que compartilhamos. (KRENAK, 2019, p.14)

(...) Existe muita coisa que se aproxima mais daquilo que pretendemos ver do que se podia constatar se juntássemos as duas imagens: a que você pensa e a que você tem. Se já houve outras configurações da Terra, inclusive sem a gente aqui, por que é que nos apegamos tanto a esse retrato com a gente aqui? O Antropoceno tem um sentido incisivo sobre a nossa existência, a nossa experiência comum, a ideia de humanos. O nosso apego a uma ideia fixa de paisagem da Terra e de humanidade é a marca mais profunda do Antropoceno. Essa configuração mental, é mais do que uma ideologia, é um imaginário coletivo – várias gerações se sucedendo, camadas de desejos, projeções, visões, períodos inteiros de ciclos de vida dos nossos ancestrais que herdamos e fomos burilando, retocando, até chegar à imagem com a qual nos sentimos identificados. (KRENAK, 2019. p.58-59)

Diante de tudo até aqui escrito, sustento que **ocupar é existir**. É afirmar-se humano no lugar e no espaço. É comprometer-se com um cotidiano em cosmopercepção (OYĚWÙMÍ, 2004) com o território. A cosmopercepção ou cosmosensação (*cosmossensation*) difere da noção de "cosmovisão", na qual ocidentalmente estamos imersos. Trata-se de um esforço conceitual para questionar a visão como sentido superior na interpretação de mundo. Propõe repensar a hierarquia do nosso sistema sensorial na percepção substancial da vida. Compreende que audição, olfato, paladar, tato, intuição, senso vestibular<sup>36</sup>, nocicepção<sup>37</sup>, propriocepção<sup>38</sup>, interocepção<sup>39</sup> e tantos outros sentidos que compõem antenas e dispositivos corporais, viscerais e neurológicos, foram suprimidos e/ou inferiorizados, incluindo ainda a subjetividade intuitiva. Tudo isso nos possibilita viver o espaço e o tempo, nos autoprotegendo da dor e da morte.

---

<sup>36</sup>É mais comumente conhecido como "senso de equilíbrio". É regulado pelo seu ouvido interno, que é a parte do sistema envolvido na audição, e considerado uma sensação completamente separada.

<sup>37</sup>A nocicepção é o fenômeno pelo qual ocorre a codificação e o processamento dos estímulos ambientais físicos e químicos ou patológicos que resultam na dor, através de uma cascata complexa de eventos da periferia até as estruturas superiores do sistema nervoso central.

<sup>38</sup>A propriocepção é resumidamente o sentido de localização corporal, de saber onde seus braços e pernas estão em relação ao resto do seu corpo, a percepção dos estímulos a nível muscular, tendões e ligamentos.

<sup>39</sup>A interocepção é a sensação do funcionamento dos principais sistemas de órgãos do corpo e de seu estado interno. A interocepção também poderia corresponder a uma saber sobre os próprios processos neuro-psíquicos, como desejos, sentimentos, emoções e sensações. E não se pode descartar que a mesma teria dimensões consciente e/ou inconsciente.

Ocupar é também devir. Tentando definir de forma breve o conceito de devir, que cunhou com Deleuze, Guattari escreveu que o devir é um

(...) termo relativo à economia do desejo. Os fluxos de desejo procedem por afetos e devires, independentemente do fato que possam ou não ser rebatidos sobre pessoas, imagens, identificações. Assim, um indivíduo antropológicamente etiquetado masculino pode ser atravessado por devires múltiplos e, em aparência, contraditórios: devir feminino coexistindo com um devir criança, um devir animal, um devir invisível, etc (GUATTARI, 1986, p. 288).

Compreendo portanto que devir não é semelhança, imitação ou identificação; não tem nada a ver com relações formais ou com transformações substanciais: o devir “não é nem uma analogia, nem uma imaginação, mas uma composição” (Deleuze & Guattari, 1980, p. 315). O devir, na verdade, é o movimento através do qual um sujeito sai de sua própria condição por meio de uma relação de afetos que consegue estabelecer com uma **condição outra**. Ocupar como um devir é substancialmente compreender-se em retorno à **uma** das condições do favelado. É encontrar-se performando a linguagem, o significado do nome, de ocupar como verbo (MONDZAIN, 2007). Apenas um dos verbos cotidianos. É portanto existir no tempo para a liberdade, libertar, agir para o desejo. Ultrapassar os limites temporais do gerúndio, descarrilhar (NOBLES, 2009) e responder com verbo os adjetivos atribuídos tais como vagabundagem, o favelado, o sujeito vagabundo, o desocupado.

Para o Ocupa Alemão, esta reflexão nunca esteve presente a ponto de transformar-se em ação, ou melhor, utilizar-se de uma linguagem deleuziana em nossas atividades cotidianas nunca foi uma realidade. Nenhum de nós sequer falou a palavra "devir" numa conversa informal ou tampouco no corre cotidiano. Esse corre cotidiano é **cardiográfico** (NOGUERA, 2015), intuitivo, proprioceptivo, nociceptivo. Possui requintes de malemolência, deboche, ginga (ROSA, 2013) e malandragens.

Segundo o relato de um morador da comunidade de Nova Brasília, na época da invasão, parecia até uma guerra. De noite ninguém dormia porque só se escutava o barulho do martelo batendo. O pessoal construía seus barracos de noite, pois quando a polícia chegava no outro dia ficava mais difícil de derrubar, porque tinha família dentro, todos se ajudavam, porque ninguém tinha dinheiro. Elas tanto passaram a organizar as ocupações, a fim de deixar áreas livres para os arruamentos, por exemplo, como gerenciar questões relacionadas à infraestrutura.<sup>40</sup>

---

<sup>40</sup>Postagem de 30/05/2017, na página de facebook do Voz das Comunidades. Disponível em: [https://www.facebook.com/vozdascidades/posts/-curiosidades-das-favelas-hoje-vamos-falar-da-nossa-querida-favela-o-complexo-do/1564407790297196/?\\_rdc=2&\\_rdr](https://www.facebook.com/vozdascidades/posts/-curiosidades-das-favelas-hoje-vamos-falar-da-nossa-querida-favela-o-complexo-do/1564407790297196/?_rdc=2&_rdr). Acesso em 21 fev. 2021.

O trecho acima é o relato de um morador em uma postagem do Voz das Comunidades, ONG atuante no Complexo do Alemão, sobre a ocupação do território pelos primeiros moradores. Meus avós também foram um dos primeiros moradores do Morro do Alemão. Migraram de Itabaiana (Paraíba) e ocuparam um lote com uma casinha lá no alto do "Largo". Removida, a casa abriu espaço para a construção de uma das torres do teleférico e a upp Alemão. Ao todo, meus avós, Seu Zé e Dona Ester, tiveram duas casas removidas: esta para dar lugar a upp e uma outra logo abaixo na Central, em frente a ONG Raízes em Movimento, para um alargamento da via como reforma urbanística do local, conhecido por nós como "obras do PAC"<sup>41</sup>, iniciadas em 2008. Com o abandono do projeto, os próprios moradores foram retomando esses espaços, reocupando-os, já que as obras foram esquecidas, deixando escombros e terrenos à mostra sem qualquer pavimentação ou construção de algo específico.

Apesar de PAC e upp serem formatos de "ocupação" (colonial) do nosso território pelo Estado, além das invasões recorrentes também conhecidas como guerra às drogas, não uso tais imagens para relacionar a noção de um devir ocupante como um princípio identitário do favelado. O devir ocupante é em relação a. Ou melhor, em função de. O devir ocupante do favelado está para o desejo produzido pela inacessibilidade de seus direitos prioritários, e por causa dele o Estado usa de seu eterno modelo colonial de ocupação em resposta a. Próximo ao que Frantz Fanon (2008, p.86) chama de práxis absoluta. Me arrisco a dizer que uma práxis absoluta na verdade, que estaria na relação-reação entre o ato de ocupar e o Estado, seria a invasão, com toda a violência e imoralidade que o termo carrega. Para tal "imoralidade", Achille Mbembe (2014) incorpora "humanidade" ao referir-se ao que Frantz Fanon propõe das violências sobre o colonizado:

O povo em questão vê-se de algum modo obrigado a exercer a sua liberdade, a responsabilizar-se, a definir-se a desfrutar a vida ou, pelo contrário, assumir a sua má fé. É obrigado a fazer uma escolha, arriscar a sua vida. A expôr-se, a investir em bloco as suas energias e seus recursos ocultos - condição para chegar à liberdade. Este arriscar, por todo lado, sustentado por uma fé inabalável no poder das massas e por uma filosofia da vontade - a de se tornar homem entre outros homens" (MBEMBE, 2014, p.281).

---

<sup>41</sup>Programa de Aceleração do Crescimento. Das dez maiores obras do PAC só duas foram concluídas. Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/Economia/noticia/2016/01/das-dez-maiores-obras-do-pac-so-2-foram-concluidas.html>. Acesso em 21 fev. 2021.

A luta do ocupante é fundamentalmente pelos seus direitos ao território e o Estado cumpre sua agenda genocida com seus artifícios arcaicos de colonização. O Complexo do Alemão também recebeu o Teleférico do Alemão no combo do PAC 2008 como proposta de melhoria à circulação dos moradores. No entanto, está fechado desde 2015. Para que suas torres fossem instaladas, milhares de casas foram removidas. Na postagem citada anteriormente, da página do Voz da Comunidade, destaco o comentário de uma moradora sobre seu pai, que foi morador da Praça do Terço.

O meu pai se chama Oscar, ele foi um dos responsáveis pela chegada da água até a praça do Terço, a água só chegava a noite, descíamos com as vasilhas, entrávamos numa fila, assim passávamos a noite subindo e descendo até enchermos o máximo de vasilhame em casa, era cansativo mais tbm muito divertido, nos juntávamos com os vizinhos e fazíamos aquela festa!!!!!!<sup>42</sup>

O devir em ocupar é essencialmente um devir coletivo, familiar, comunitário, territorial, malandro, minucioso, silencioso. Embora os movimentos históricos latifundiários de ocupação do Complexo do Alemão tenham sido marcada por grileiros, posseiros, instituições públicas e privadas, associações de moradores, em suas fases de expansão<sup>43</sup>, exigiu-se a atuação de uma mínima estrutura comunitária em unidade para que se estabelecesse os princípios daquelas ações políticas.

---

<sup>42</sup>Comentário da moradora Carla Tenchini - há 3 anos, data provável. Acesso em 22 fev. 2021.

<sup>43</sup>Rute Imanishi Rodrigues (Doutora em economia e pesquisadora do Ipea) em Histórico fundiário do Complexo do Alemão. Disponível em: [https://wikifavelas.com.br/index.php?title=Histórico fundiário do Complexo do Alemão](https://wikifavelas.com.br/index.php?title=Histórico_fundiário_do_Complexo_do_Alemão). Acesso em 21 fev. 2021.

#### 4 GRAMÁTICA DA IRA<sup>44</sup>

"Marcos é favelado no Rio de Janeiro !"

- Zapatista favelado.<sup>45</sup>

"Marcos é gay em São Francisco, negro na África do Sul, asiático na Europa, hispânico em San Isidro, anarquista na Espanha, palestino em Israel, indígena nas ruas de San Cristóbal, roqueiro na cidade universitária, judeu na Alemanha, feminista nos partidos políticos, comunista no pós-guerra fria, pacifista na Bósnia, artista sem galeria e sem portfólio, dona de casa num sábado à tarde, jornalista nas páginas anteriores do jornal, mulher no metropolitano depois das 22h, camponês sem terra, editor marginal, operário sem trabalho, médico sem consultório, escritor sem livros e sem leitores e, sobretudo, zapatista no Sudoeste do México. Enfim, Marcos é um ser humano qualquer neste mundo. Marcos é todas as minorias intoleradas, oprimidas, resistindo, exploradas, dizendo ¡Ya basta! Todas as minorias na hora de falar e majorias na hora de se calar e aguentar. Todos os intolerados buscando uma palavra, sua palavra. Tudo que incomoda o poder e as boas consciências, este é Marcos." - Subcomandante Marco <sup>46</sup>

Na linguagem, no nome, o termo **ocupa** era repleto por um significado monstro para nós. Monstro porque ele vinha de tempos em tempos nas nossas conversas afirmando e desafirmando nosso posicionamento. Porque a cada ano nos afastávamos mais da fase "danoninho"<sup>47</sup>, fase onde a relação com a ideia classe média de *Occupy*<sup>48</sup> era mais visível, entre 2012 e 2013. Uma fase de um *modus operandi* bastante institucional, não no sentido burocrático mas se assemelhando com as estratégias de projetos sociais e ONGs. As atividades de rua, as ocupações culturais, aos poucos e sucessivamente tornaram-se mais literais e diretas. Mais

<sup>44</sup>Nome da obra do poeta e professor Nelson Maca. Lançada em 2015, traz 56 poemas divididos em 9 partes. Conta com prefácio de Carlos Moore e apresentação de Maria das Graças Gonçalves.

<sup>45</sup> Postagem da página do Ocupa Alemão em 26 de maio de 2014. Disponível em: <https://docs.google.com/document/d/1RKbzM5Lt0TOZU4l1q0iQsXN3UYxLZbg-PQKsZATcFsE/edit>. Acesso em 29 mar. 21.

<sup>46</sup>Subcomandante Marcos (Tampico, Tamaulipas, 19 de junho de 1957<sup>[1]</sup>) é pseudônimo de Rafael Sebastián Guillén Vicente - o porta-voz do movimento zapatista no sudeste mexicano. Segundo ele, "Marcos é o nome de um colega que morreu, e sempre usamos os nomes daqueles que morreram nesta idéia de que um não morre, se a luta continuar." Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Subcomandante\\_Marcos#cite\\_note-2](https://pt.wikipedia.org/wiki/Subcomandante_Marcos#cite_note-2). Acesso em 29 mar. 21.

<sup>47</sup>"Danoninho" é um apelido dado internamente por integrantes do Ocupa Alemão às práticas culturais parecidas com os projetos sociais de ongs, instituições privadas, partidos políticos ou movimentos sociais de orientação colonialista e populista. Nas entrevistas o termo foi resgatado por participantes diferentes, garantindo seu lugar no texto como um "termo tempo-espacial", marcador de sentidos.

<sup>48</sup>*Occupy Wall Street*. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Occupy\\_Wall\\_Street](https://pt.wikipedia.org/wiki/Occupy_Wall_Street) Acesso em 29 mar. 21.

próximas à ações diretas cotidianas, educativas, com proposições locais mais dialógicas. Menos mídia, menos fotos, mais agrupamentos e autorrepresentações.

De tempos em tempos, a questão do **nome do Ocupa Alemão** era dada como algo que importava resolver. Porém, com tantas entradas e saídas de integrantes, o *timing* acabou se perdendo e o nome continuava sem alterações, sem redefinições. Como até aquele momento o que nos era apresentado enquanto um modelo de militância na favela era um modelo de ong ou de projeto social, nós aprendíamos e reproduzíamos aquilo que achávamos que surtia efeitos positivos e práticos. Com a saída de integrantes nesta fase, que eram constituídos subjetivamente por este modelo, acabamos por convencionar um outro padrão da militância em favelas: o modelo padrão de atuação política de movimento social. Com isso

(...) ou éramos um ou outro. O que a gente tinha era aquilo: movimento social ou ONG. Não tínhamos outras referências. Mas veja bem, ambas são perspectivas colonizadoras. As duas brancas: a ongueira proveniente do liberalismo e a de movimento social e autônomo, proveniente de uma visão não liberal, de esquerda, mais socialista. E é claro que nos identificamos mais com esta. Não tem como não ser colonizadora. <sup>49</sup>

Um das preocupações que o Ocupa Alemão tinha era sobre sua autodenominação. Tanto Timo Bartholl quanto Patrícia Lânes em suas teses denominam o Ocupa como um "coletivo". Por muitos anos nos autodenominamos coletivo: por vezes "coletivo de favela", ou "coletivo de maioria negra"; depois "movimento", "movimento de favela", "movimento de maioria negra" e hoje "movimento comunitário", mas a verdade é que nenhum de nós concorda com apenas uma forma de definição. Mudando apenas em 2015 para Ocupa Alemão: Favela/Quilombo.

Léo diz: Inclusive eu até hoje acho que deveríamos ter mudado de nome pra marcar bem a mudança de perspectiva que a gente teve em cada fase. Quando a gente entrou, Carol, as coisas mudaram completamente. Tu lembra?

Eu: Tanto que começamos a fazer atividades em paralelo, né?

Léo: Até hoje eu fico pensando nisso... E olha que eu sou diagnosticado por vocês de que não sei fechar ciclos.. (risos) Porque Ocupa já é (o nome) que a gente é conhecido, também por remeter ao território, mas sendo sincero, teve a primeira proposta lá, depois uma segunda proposta, então teve tipo que uma terceira formação ou proposta que aí mudou tudo mesmo. Apesar de o link ser a coisa de morte e tal, ficou muito diferente. Porque os movimentos de classe média que na época se apropriaram desse termo do *Occupy* e acho que a galera foi na onda. Depois a gente repensou, e

<sup>49</sup> Frase de Leonardo Nia, em entrevista gravada no dia 04 de setembro de 2020.

decidimos acrescentar algo que remetesse à favela e ao quilombo. Mas hoje em dia cada vez menos me preocupo com isso.<sup>50</sup>

A alteração de #Ocupa Alemão para Ocupa Alemão: Favela/Quilombo não marca somente uma fase que se seguia, mas um momento muito reflexivo sobre nossas práticas que já havia começado um ano antes. Era entre 2014 e 2015 que conformamos um movimento quilombista. Não dito, nem autodeterminado em uníssono. A partir de leituras de Abdias do Nascimento<sup>51</sup>, nos encontramos nesse lugar de resgate de um método. Era uma busca por um modo de fazer com uma base conceitual que considerasse nossos corpos pretos (neste caso não me incluo) e nosso território. Indicar que acreditávamos na favela enquanto um **quilombo vivo e louco** era afirmar que estávamos buscando nos distanciar materialmente de uma ideia de quarto de despejo, de senzala. Conforme Abdias do Nascimento sugere

(...) precisamos e devemos codificar nossa experiência por nós mesmos, sistematizá-la, interpretá-la e tirar desse ato todas as lições teóricas e práticas conforme a perspectiva exclusiva dos interesses da população negra e de sua respectiva visão de futuro (NASCIMENTO, 2002, p. 272).

Escolher as palavras **favela** e **quilombo** para que o nome acessasse as condições territoriais/raciais das nossas escolhas pro cotidiano implicava somar outros significados ao que estávamos construindo, **sem a intenção de anular** as práticas aprendidas com os integrantes das fases anteriores. Especificamente, as palavras favela e quilombo delimitam-se dentro da nossa análise à perspectiva de nossa **agência** (ASANTE, 2009). Por favela, de acordo com Milton Santos (2006), denota-se a nossa **identidade territorial**, nosso modo de nos inserirmos no mundo, fundamentalmente porque todos somos favelados ou filho e/ou neto de favelados e por nossa territorialização passar exclusivamente pela nossa **agência e compreensão de vida cotidiana na favela**. A construção de nossa territorialidade é realizada através de práticas comuns que constituem transindividualidade. A dimensão do cotidiano acaba sendo por nós encarada como uma quinta dimensão

---

<sup>50</sup> Leonardo Nia (Léo Souza), em conversa gravada no dia 04/09/2020.

<sup>51</sup> Abdias do Nascimento (1914-2011) foi escritor, ator, pintor, entre outras coisas. Foi fundador do grupo de Teatro Experimental do Negro, principal grupo negro de artes cênicas da metade do século XX. Também foi deputado federal pelo PDT. É considerado um dos maiores ativistas contra o racismo no Brasil do século passado.



que conformaria a espacialidade, onde produz-se saberes indissociáveis dos nossos corpos, subjetividades e devires. E nesse caso, território e raça são indissociáveis.

O saber local, que é nutrido pelo cotidiano, é a ponte para a produção de uma política – é resultado de sábios locais. [...] Essa produção do saber local é o que vai permitir que os estudos sejam menos dirigido aos colegas, já que o que hoje produzimos não é para mais ninguém senão para nós mesmos (SANTOS, 1999, p.22).

Para tanto, é necessário afirmar que o sentimento de "orgulho" de ser favelado não corrobora com um desejo ou vontade de morar, ser, pertencer ao lugar. Pelo contrário, "favela" pressupõe desumanidade, indignidade, criminalidade, insalubridade, ingovernabilidade, descontrole, imoralidade, ignorância. Todavia, afirmar-se favelado, cria da favela, é compreender-se formado, constituído subjetivamente por um lugar autônomo, de produção de conhecimentos interseccionais, intergeracionais e ancestrais.

É muito interessante compreender essa perspectiva de Milton Santos sobre o saber local ser ponte na produção de uma política para materializar as imagens poéticas da “**sujeira**” e do “**farelo**” que trago para a apresentação desta dissertação. Quando a perspectiva cosmológica dos integrantes do Ocupa Alemão se transforma em 2014/2015 - e com isso muitos atravessamentos, confusões conceituais e crises (os quais desdobro no decorrer deste texto), e a referência territorial passou também a ser África e os povos originários - para além de cultural, espiritual, etc. A dinâmica política também teve sua **mudança dramática**. Para além da autodenominação, a autodeterminação africana (e indígena) e suas significações também foram marcadores nesta fase (2014/2015) do Ocupa Alemão, e nas posteriores.

Antonio Bispo dos Santos (2015) afirma que existe uma **guerra de denominações**. Em “*Quilombos, Modos e Significados*”, seu primeiro livro, lançado em 2007 (reeditado em 2015 sob o novo título “*Colonização, Quilombos. Modos e Significações*”, para justamente ampliar esse debate), ele traduz aquilo que seu povo lhe ensinou, performado em diferentes linguagens, para moldes acadêmicos. A mudança cirúrgica de “significados” para “significações” no título apresenta parte da proposta da edição. Diante disso, ressignifica conceitos e ideias já consagradas nesse meio sob a ótica do pensamento quilombola, tais como: desenvolvimento sustentável (biointeração), saber acadêmico e empírico (saber sintético e saber orgânico). E o conceito de colonização e contra-colonização, compreendendo-o enquanto “todos os

processos de resistência e de luta em defesa dos territórios dos povos contra colonizadores, os símbolos, as significações e os modos de vida praticados nesses territórios” (SANTOS, 2015. p. 48).

Em 2015, ano de lançamento da obra editada, o Ocupa Alemão desconhecia Nego Bispo, mas identificava que as escolhas para **nomeações** de tudo aquilo que nos envolvia passavam pelas nossas subjetividades pessoais e coletivas. A dinâmica de **escrita de textos** para a página de facebook do Ocupa, na maioria das vezes comentando casos ocorridos na favela e outros explicitando nosso posicionamento coletivo sobre determinados assuntos políticos, suscitava por muitas vezes certa obliteração e despojamento de nossos nomes individuais. Seja por autodefesa midiática ou por compreender que a leitura a partir do reconhecimento dos nossos nomes individuais surtia interpretações controversas e preconceituosas.

Na página do facebook pode ainda hoje se encontrar facilmente em "álbuns>integrantes" fotos dos participantes do Ocupa Alemão com pequenos textos sobre cada um. Postado em agosto de 2013, o álbum mostra 7 jovens com idades entre 24 e 26 anos que integravam o coletivo até então: Raull Santiago, Thamyra Thamara, Pamella Souza, João Lima, Leonardo Souza, Thainã de Medeiros e Carol Lucena (eu). Assumíamos, até então, nossos nomes e sobrenomes inclusive em textos da página. Com a mudança de perspectivas sobre a atuação do coletivo e distanciamento de posições políticas comuns, alguns integrantes foram deixando o coletivo aos poucos e compondo outros. Como foi o caso de Thainã e Raull que formaram o Coletivo Papo Reto, em 2014, um pouco antes de saírem do Ocupa.

João Lima (posteriormente, João Araió) também se ausentou pela distância (o único que morava longe do Complexo, na Baixada Fluminense). Nós, os integrantes que restaram, continuávamos compondo textos e expondo nossas críticas sociais na página do facebook. Mas as divergências começaram a ficar nítidas através da página gerando certa "esquizofrenia ideológica". Como indivíduos tão diferentes poderiam expor suas ideias através de uma mesma plataforma sob aquele formato sem soar contradição? Um acreditava na política representativa, outro nem votava, outro era assumidamente de um partido específico, outro votava nulo há anos. Nossas percepções de mundo eram muito distintas. Foi então que surgiu a ideia de assinarmos com pseudônimos. Nomes que revelavam sem revelar.

Em 2014, "Petista De Leve", "Quadrado de Oito", "Anarquista Favelado", "Adeus às Armas" e "Rapariga Favelada" eram nossos pseudônimos.

Não se assuste com a variedade de opiniões dessa página. As vezes bem parecidas, às vezes bem diversas e divergentes. Essa página é plural. Administrada por pessoas bem diferentes, que têm em comum suas ações coletivas dentro do território. Aqui tem anarquista, petista de leve, apartidário, artista e até quadrado de 8 ! Aprendemos a nos amar. tá foda. Mas tamu tentando.<sup>52</sup>

Nossas ações práticas, comunitárias, eram realizadas por nós mesmos. Não existia uma performance relacionada ao pseudônimo. “Botávamos a cara”, todos nos conhecem, moramos ali. Os pseudônimos só faziam sentido em meio virtual. Mas a questão aparece quando a afirmação da postagem descrita acima, assim como as diferentes e individuais postagens, trouxeram problemas internos. Talvez um dia acreditássemos que estar sob a tutela do anonimato nos protegeria individualmente, e que a nomeação nos salvaria. Eram opiniões sobre a polícia, sobre a academia, sobre racistas, sobre a classe média, sobre pesquisadores, sobre eleições, sobre drogas e armas. Diversas. Mas a verdade é que tal liberdade individual violentava os demais, os de posição oposta, assim como a muitas pessoas de nossa rede que sequer pensávamos incomodar. Hoje, pensando melhor, estávamos mais próximos de uma interpretação liberal de liberdade do que de uma construção de unidade. Na realidade, é exatamente assim que se dá a democracia e a violência colonial proveniente dela, pois como bem diz Nego Bispo: "essa tão propalada democracia que tem como maior efeito a camuflagem da colonialidade não resiste a essas novas confluências".<sup>53</sup>

Durante este processo de 2014, Léo Souza assume o pseudônimo de "Anarquista Favelado", em uma postagem no facebook sobre os presos políticos dos atos de 2013. Nela, Léo afirmava que, apesar dos jovens presos políticos dos atos de 2013, que compunham grupos políticos de maioria branca e classe média, estarem condenados e privados de liberdade (fato que repercutiu internacionalmente), "**Todo favelado é um preso político...**". A disputa era pela narrativa. Léo foi o primeiro de nós a assumir um pseudônimo para estas e outras afirmações, que de pessoais passaram a afirmar a postura política de todo o coletivo. Ele, para além de se denominar um anarquista na época (assim como a maioria dos presos políticos aos

---

<sup>52</sup>Disponível em: <https://www.facebook.com/OcupaAlemao/posts/843120065717768>. Acesso em 29 mar. 2021.

<sup>53</sup> Antônio Bispo dos Santos, 2019 em Usina de Valores - 7 de junho de 2019. Disponível em: <https://usinadevalores.org.br/aquilombe-se/>. Acesso em 29 mar. 2021.

quais se referia nas entrelinhas também se denominava), também afirmava-se um favelado.

A partir dessa postagem viralizada, outros complementos à frase foram adicionados por ele e postados. E assim reverberavam a diferenciação do Ocupa Alemão a outros coletivos locais no que tange principalmente à postura política aos fatos que nos envolviam a atos e manifestações de rua em 2013, principalmente protagonizados pela esquerda ou por grupos libertários, e no ano seguinte, até então. "Todo favelado é um preso político em regime domiciliar."<sup>54</sup> "Todo favelado é um preso político em seu próprio território."<sup>55</sup> "Todo favelado é um preso político em seu quintal."<sup>56</sup>

O uso de pseudônimos passou a fazer parte de um conjunto de características do Ocupa pelos próximos anos e a marcar cada vez mais coesão entre os integrantes.

Pensando na ostentação do armamento, especificamente do fuzil, por policiais da UPP em favelas "pacificadas", lembro-me imediatamente do filme 'Nascidos para Matar' de Kubrick. O filme conta o processo de formação de jovens para a entrada no exército americano e que posteriormente participam da guerra do Vietnã. Durante a formação eles aprendem que o fuzil é extensão de seus corpos, nos dias de treinamento no quartel precisam dormir com o fuzil, dar nome a ele (diga-se de passagem nomes femininos), aprendem a limpar, destravar, cuidar dele como um bem precioso.

(...) Sem contar a dimensão de ostentação que perpassa todo esse mecanismo de controle. O que pensar das vezes que vi policiais, ou não, ostentando o fuzil como se fosse um prêmio? Ou melhor, como se fosse um símbolo de sua masculinidade.

Afinal, pau pequeno = fuzil grande.

- quadradinho de oito<sup>57</sup>

Alternância de poder em que quem troca de poder é a mesma classe social? Antes os ricos governavam, agora os ricos governarão? Antes os bancos governavam, agora os bancos governarão? Antes a favela vivia sob uma ditadura militar, agora a favela viverá sob uma ditadura militar? Isso é mudança? Pra qualquer um dos dois lados?

- Adeus às Armas<sup>58</sup>

---

<sup>54</sup>Disponível em: <https://www.facebook.com/OcupaAlemao/photos/a.563138107049300/876591872370587>. Acesso em 09 abr. 2021.

<sup>55</sup>Disponível em: <https://www.facebook.com/OcupaAlemao/photos/a.563138107049300/868149893214785>. Acesso em 09 abr. 2021.

<sup>56</sup>Disponível em: <https://www.facebook.com/OcupaAlemao/photos/a.563138107049300/875651715797936>. Acesso em 09 abr. 2021.

<sup>57</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/OcupaAlemao/posts/889210611108713> . Acesso em 09 abr. 2021.

<sup>58</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/OcupaAlemao/posts/919348591428248> . Acesso em 09 abr. 2021.

Rafael Balbo, ou melhor, "Adeus às Armas", importava-se em seus textos muito mais com a questão da **guerra** bélica local. E foi o primeiro de nós a assumir na escrita os gêneros em questão, cuidando para não classificar apenas no **masculino**. Definido por Léo Souza em entrevista como um dos mais radicais entre nós, Rafael Balbo não só assumia seu ódio às ocupações bélicas no Complexo pelo estado genocida a partir da polícia militar<sup>59</sup> do RJ ou do bope<sup>60</sup>, como também afirmava em 2014 que "favela é um quilombo urbano", e por isso o modus operandi da polícia e da classe média perante a presença e a história da favela eram os mesmos desde a colonização. Foi a **primeira vez** que a página do Ocupa Alemão afirmava a relação entre **favela e quilombo**, relação bastante discutida no nosso cotidiano de aprendizado coletivo, mostrando um pouco do fluxo dos caminhos que viriam a seguir, as fases "afrocentrada" e "comunitária".

(...) E se a gente não se organizar e bater de frente, vamos ser soterrados, mais ainda. Favela é luta, favela é resistência! Quilombo urbano!  
-Adeus às Armas<sup>61</sup>

Foi assim que, só em março de 2015<sup>62</sup>, assumi o pseudônimo de "Rapariga Favelada". Num texto sobre o dia internacional da mulher, que, na nossa concepção, não cabe nas significações sobre ser mulher favelada, afropindorâmica ou preta. O texto foi compartilhado 184 vezes e traduzia parte do discurso feminino que esboçávamos na época. Estávamos muito próximos das mães de vítimas de violências do estado, como as citadas na postagem, e compreendíamos coletivamente que as noções que os feminismos traziam para pensar a mulher na sociedade desumanizavam por vezes a maioria de nós<sup>63</sup>. Pois por certa crítica africanocentrada, as epistemologias feministas difundiram conceitos, ideias e emoções de maneira hegemônica, transpondo significados mal traduzidos. É por estar afastada da complexidade analítica do projeto descolonial que o feminismo ocidental ecoa como

<sup>59</sup> Assim como Assata Shakur, em muitas partes do texto, inicio com letras minúsculas nomes que rejeitamos e desprezamos sua supremacia.

<sup>60</sup> Assim como Assata Shakur, em muitas partes do texto, inicio com letras minúsculas nomes que rejeitamos e desprezamos sua supremacia.

<sup>61</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/OcupaAlemao/posts/958652640831176>. Acesso em 15 jan. 2021.

<sup>62</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/OcupaAlemao/photos/a.563138107049300/1004848222878284>. Acesso em 15 jan. 2021.

<sup>63</sup> Desenvolvo melhor a respeito da nossa relação com o feminismo no capítulo 6, intitulado "A Casa de Dona Zilda".

um porta voz moderno de mulheres oprimidas. O racismo era o centro de nossos questionamentos. Ao falar de empoderamento feminino precisávamos falar sobre hierarquia de gênero também. Quanto de sucesso de mulheres brancas têm de exploração de outras mulheres, em sua maioria negras, e homens negros? Como conforma Carla Akotirene (2018) relacionando feminismos e mulherismo:

Rejeitando o rótulo “feminista” e contrapondo ao pensamento feminista negro, matriz da interseccionalidade, o pensamento mulherista não equipara estruturas interdependentes cruzadas por eixos do racismo, patriarcalismo, sexismo para explicar a vulnerabilidade das mulheres negras, nem articula estruturas e posicionalidades interacionais para enxergar outros setores, o trânsito é único, neste caso, promovido pelo padrão branco judaico-cristão, mentor do colonialismo e imperialismo, um bloco monolítico na sua concepção. (...) O racismo do negro não é igual a gordofobia da mulher branca, menos ainda, homens negros não são menos oprimidos que mulheres negras. Precisariamos prestar atenção à matriz da colonização antes de impormos às mulheres negras a condição de mais oprimidas na diáspora, pois homens negros não são algozes das mulheres negras, nem protegidos pela concepção mulherista, existe sim, a compreensão do racismo ser a ideologia central na subalternidade humana, sendo o credor de práticas coloniais que nem cabem ser chamadas de “discriminação”. (AKOTIRENE, 2018. p. 55)

Neste momento, Dona Zilda em sua escrita ácida ainda não assumia um pseudônimo, tampouco assinava seus textos. Eram textos fortes e com muitos compartilhamentos, mas ninguém sabia quem os escrevia. Até que em maio de 2015, Zilda passa a assinar como "Bahati", e seus textos, cada vez mais fortes, demonstravam uma de suas maiores angústias e preocupações em vida: a **morte de crianças pretas** como o mais cruel dos crimes do colonialismo. Como mãe e avó, diferente de nós, podia **sentir** de outra forma essa **dor**. Bahati demonstrava com muito ódio (apesar de inúmeras vezes nos repreender a não usar essa palavra) através de seus textos, a “desgraça” (outra palavra proibida por ela) que condena o povo preto de todo o planeta.

Em 2015, Léo Souza muda seu pseudônimo de "Anarquista Favelado" para "Quilombista Favelado", reafirmando o fluxo de nosso aquilombamento<sup>64</sup> cotidiano. E por falar em cotidiano, em 2015 outros integrantes se somaram a nós e o facebook já não cabia como apenas uma ferramenta de comunicação mas como a melhor plataforma intergeracional de educação que tínhamos: era o dispositivo perfeito para a exposição de ideias e papos retos daquela juventude. Era o melhor suporte para

---

<sup>64</sup> Referência ao Quilombismo, de Abdias Nascimento, 2008.

nosso processo de escrita, de autoconhecimento e autodeterminação. Juliana Freire, que assumia o pseudônimo de "Potiguara Favelada", foi uma das integrantes que mais produziu textos fortes e polêmicos. Sua escrita rendia centenas de compartilhamentos. "Potiguara Favelada" e Ju Freire, criadora e criatura, viceversa a meu ver, viraram ambas ícones do Ocupa Alemão nas redes sociais. Quem melhor conseguia traduzir em textos e participações em debates a **confusão de conceitos** nos quais estávamos mergulhados cotidianamente. Diferente de nós, Juliana não se preocupava tanto em esconder que era a Potiguara Favelada, e por vezes era apresentada para outras pessoas da nossa rede como tal (fato pelo qual hoje ela guarda algumas críticas<sup>65</sup>). Nesse momento, sem Rafael Balbo conosco, que saíra por desacordo com o rumo "ideológico" que o Ocupa vinha tomando, outros integrantes começam a assumir funções.

Era pois uma nova fase em 2016, assumidamente quilombista (NASCIMENTO, 2002), que buscava uma afroperspectiva (NOGUERA, 2015) para o cotidiano, onde a Casa da Dona Zilda era um útero, e ela o centro.

Afroperspectividade defino uma linha ou abordagem filosófica pluralista que reconhece a existência de várias perspectivas, sua base é demarcada por repertórios africanos, afrodiaspóricos, indígenas e ameríndios. O que denominamos de Filosofia afroperspectivista é uma maneira de abordar as questões que passa por três referências: 1ª) Afrocentricidade; 2ª) Perspectivismo ameríndio; 3ª) Quilombismo. Alguns aspectos da formulação intelectual feita por Molefi Asante articuladas com certas questões suscitadas pela etnologia amazônica de Eduardo Viveiros de Castro com a formulação política do quilombismo de Abdias do Nascimento são as fontes para a Filosofia afroperspectivista. Vou repetir o que escrevi no capítulo Sambando para não sambar: afroperspectivas filosóficas sobre a musicidade do samba e a origem da Filosofia. A Filosofia afroperspectivista reúne alguns dos seguintes elementos:

Afroperspectividade define a Filosofia como uma coreografia do pensamento. A Filosofia afroperspectivista define o pensamento como movimento de ideias corporificadas, porque só é possível pensar através do corpo. Este, por sua vez, usa drible e coreografia como elementos que produzem conceitos e argumentam.

Os conceitos afroperspectivistas são construídos a partir de movimentos de coreografia de personagens conceituais melanodérmicos. Neste sentido, os conceitos são escritos com os pés, com as mãos e com cabeça ao mesmo tempo.

A Filosofia afroperspectivista define a comunidade/sociedade nos termos da cosmopolítica bantu: comunidade é formada pelas pessoas que estão presentes (vivas), pelas que estão para nascer (gerações futuras/futuridade) e pelas que já morreram (ancestrais/ancestralidade).

A Filosofia afroperspectivista é policêntrica, percebe, identifica e defende a existência de várias centricidades e de muitas perspectivas.

---

<sup>65</sup> Em entrevista por Zoom, não gravada, no dia 26/06/2019.

A Filosofia afroperspectivista não toma o prefixo “afro” somente como uma qualidade continental; estamos diante de um quesito existencial, político, estético e que nada tem de essencialista ou metafísico.

A Filosofia afroperspectivista usa a roda como método, um modelo de inspiração das rodas de samba, candomblé, jongo e capoeira que serve para colocar as mais variadas perspectivas na roda antes de uma alternativa ser alcançada. A roda é uma metodologia afroperspectivista.

Afroperspectividade é devedora da Filosofia ubuntu de Mogobe Ramose.

Afroperspectividade define competição como cooperação, isto é, competir [significa petere (esforçar-se, buscar) cum (juntos)], localizar alternativas que são as melhores num dado contexto, mas, não são únicas, tampouco permanentes e devem atender toda a comunidade.

Afroperspectividade é devedora do Nguzo Saba formulado por Maulana Karenga, isto é, se baseia nos sete princípios éticos que ajudam a organizar e orientar a vida. A saber: Umoja (unidade): empenhar-se pela comunidade; Kujichagulia (autodeterminação): definir a nós mesmos e falar por nós; Ujima (trabalho e responsabilidade coletivos): construir e unir a comunidade, perceber como nossos os problemas dos outros e resolvê-los em conjunto; Ujamaa (economia cooperativa): interdependência financeira, recursos compartilhados; Nia (propósito): transformar em vocação coletiva a construção e o desenvolvimento da comunidade de modo harmônico; Kuumba (criatividade): trabalhar para que a comunidade se torne mais bela do que quando foi herdada; Irani (fé): acreditar em nossas(os) mestres.

Afroperspectividade é devedora das reflexões e inflexões filosóficas de Sobonfu Somé, definindo o amor como um projeto espiritual e comunitário que serve para manter a sanidade individual e deve contar com o apoio de uma comunidade para ser preservado.

Afroperspectividade define o tempo dentro do itan [verso]iorubá que diz: “Bara matou um pássaro ontem com a pedra que arremessou hoje”. O tempo não é evolutivo, tampouco se contrai ou pode ser tomado como um círculo ou uma linha reta; mas, de modo simples, diz que o passado é definido pelo presente e o futuro é um conjunto de encruzilhadas, isto é, destinos (odu).

Afroperspectividade permanece em aberto, sempre apta a incluir perspectivas que usem o conceito de odara como crivo de validade de um argumento, entendendo odara como bom, na língua ioruba, uma espécie de bálsamo de revitalização existencial.<sup>66</sup>

Outros integrantes assumem pseudônimos para desenvolverem suas (auto)reflexões. Luiz Fernando é "L2X", Lorena Queiroz é “Sará X”; Andreia Araujo é "Aqaltune"; Lucas Assis, já conhecido por Sukita ou Guigue, assume-se "Palanca Negra Urbana".

Em agosto de 2016, lançamos o Zine Aquilombando<sup>67</sup> em nossa página, que contava exclusivamente com essas produções em textos e com fotografias de Marcello Santos (Marcelinho), o mais jovem de nós. A maioria desses textos era assinada por pseudônimos, e os demais ainda estavam em processo de escolha, o que posteriormente foi resolvido.

<sup>66</sup> Trecho de resposta de Renato Noguera em entrevista ao Geledés. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/afroperspectividade-por-uma-filosofia-que-descoloniza/> . Acesso em 23 mar. 2021

<sup>67</sup> Zine Aquilombando, fanzine coletivo, impresso e virtual, disponível em: <https://www.facebook.com/media/set/?vanity=OcupaAlemao&set=a.1351880304841739>. Acesso em 29 mar. 21



Naquele momento, já não nos definíamos como um coletivo de favela, mas um movimento comunitário de jovens de maioria preta. Passamos de 4 integrantes em 2013, para 5 em 2015, chegando a 21 em 2016/2017. Eram 21 pessoas circulando a Casa da Dona Zilda, escrevendo textos, produzindo eventos e estéticas. Fazem parte desse processo, além dos já citados acima, as presenças singulares e afrontosas de jovens como Lincoln Felipe, Lawrence Evangelista, Romario Gomes, Lucas Hermínio (Lucão), Pedro Botelho (que posteriormente assumiu-se "Punk da Favela"), André Luiz (Andrezin, "Dead" ou "Fiapo" pela capoeira), Andressa Moreira, Leticia Botticelli e Nayhan Mota.

os movimentos comunitários formam um cinturão comunitário k , ao fim e ao cabo eh a última linha d defesa do nosso povo , n uma defesa externa e salvadora e sim a ação direta dos próprios moradores na direção do autocuidado comunitário fazendo por e para si mesmos ... mesmo n tendo domínio da teoria são esses k entendem a máxima do Biko , d k estamos por nossa própria conta e se a comunidade (essa entidade abstrata muito citada e poko vivida pela maioria dos k fazem pesquisas , textos , tccs , editais q , em última instância tem servido p nos usar, palmiar . cooptar . pacificar e x9viar ...) n fizer por ela mema , ninguém fará k us "estudados "e sabedores de teoria simulam n entender ...<sup>68</sup>

Fiz questão de dar **o nome seguido do seu respectivo sobrenome**, para todos nós, espalhadores de farelo e sujeira, no decorrer desta dissertação. Dos vários **"agradecimentos"** de teses e dissertações que pude espontaneamente ler por mania pré texto (conforme já disse aqui na introdução), especialmente um não dava os sobrenomes dos entrevistados. E tratava-se justamente de nós, no caso "noix" mesmo, pois era **uma pesquisa no Complexo do Alemão** que considerou minha entrevista e de muitos dos que nesta dissertação que escrevo hoje foi citado e também entrevistado. Grifei abaixo as pessoas citadas nesta dissertação para mostrar que não foram poucas. E não somente isso. Tais pessoas foram essenciais para a elaboração daquela tese tanto quanto desta dissertação, e muito mais na atuação militante real.

Por que não identificar nossos sobrenomes? Por que só noix em duas páginas de agradecimentos não temos sobrenomes? Questiono-me se seria antiético nomear a autoria da tese e portanto do agradecimento ou se a ética se faz justamente na exposição do nome. Ou também se a não nomeação protege o autor - mesmo sendo facilmente detectável, uma vez que é só "jogar no Google" o trecho em destaque - ou

---

<sup>68</sup> Leonardo Nia em postagem no facebook, no dia 2 de fevereiro de 2021.

se me protege de uma antiética "direta". Me pergunto: deveria eu comunicar o autor que o cito aqui, expondo a problemática ou encaro o constrangimento dialógico do falar não dizendo? Não é justamente sobre constrangimento à transfluência? Não consigo encontrar respostas para tal questão. No entanto, prefiro expor neste momento do texto tal desconforto, tristeza e até uma ponta de arrependimento pela colaboração à tese sem ter pedido tal revisão do autor. Mas é com essas que se fundam aprendizados significativos que dão suporte para melhores produções futuras.

A todas e todos que me acolheram cedendo seu tempo para convivência, conversas e entrevistas ao longo do trabalho de campo: **Alan, Thamyra, Thainã**, Lana, Renata, Ananda, **Thiago**, Geisa, **Tia Bete**, Lúcia, Renato, Marcos, Fabienne, Alice, Charli, **Calazans, Pamela**, Nathalia, Helcimar, Daiene, **Maycom**, Rene, Carol, Eddu, David, **Rene**, Adelita, Hector, **Udson**, Alex, **Raul**, Coutinho, Adriana, Tati, Marize, Gustavo, Gabriel, Djénifer, Eddu, Carol, Maria Elena, Vivian, Diogo, **Diego**, Anny, Beatriz, Nailton, Thiago, Thiago, Betinho, Jessica, Jonas, Leo, Junior, **Mari, Kleber**, Luciano Daniel, Maria, Sidney, Paulo, Priscila Cristina, Rogerio, Marcelo, Luciano, **Leo, Carol, João, Zilda**, Valrei, Luciana, Veríssimo, Bidu, Silvana, o convívio com vocês e os sentidos que atribuem aos seus trabalhos e às suas lutas me ajudaram a realizar essa pesquisa. Obrigada!<sup>69</sup>

É característica do colonialismo nominar para dominar. Os colonialistas dão um nome, mas não dão um sobrenome porque o sobrenome expressa poder. “O nome coisifica, o sobrenome empodera” (SANTOS, 2018. p.44-51). Nego Bispo ao falar da expropriação de terras quilombolas, implica relação interessante sobre o papel social dos antropólogos - que grifo então para fazer juízo deste papel desempenhado no trecho de agradecimentos à pessoas com nomes sem sobrenomes:

A maioria das terras das comunidades tradicionais no Brasil são consideradas espólios, pois ninguém fez escritura. Mas se hoje em dia nós fazemos, porque nos é imposto, tem algo mais grave implicado. Para fazer o título é preciso ter um laudo antropológico – mesmo com a lei dizendo que ser quilombola é autodeclaratório – e um laudo agrônomo. É a mais sofisticada utilização da inteligência do Estado para identificar o perfil da resistência. Por que precisaríamos de um antropólogo para nos diagnosticar, ler os costumes, as tradições, a nossa cultura? (SANTOS, 2018, p.44-51)

Portanto, a quem serve uma etnografia que dá nome ao território sem dizer a quem pertence? Por que os nomes de líderes de instituições, ongs, departamentos, amigos e familiares têm sobrenomes e os moradores protagonistas dos movimentos sociais aos quais a pesquisa se dedica analisar não têm? Não têm, mesmo?!

---

<sup>69</sup> Trecho da pesquisa referente à não descrição de sobrenomes.

Paralelamente ao crescimento do grupo e das redes que formávamos com outros grupos e movimentos, o nosso perfil "coletivo" foi organicamente se modificando, chegando à uma fase que identifico como "afrocentrada". No que compete ao fluxo da análise sobre as autodefinições, identifico que foi a partir do grande trajeto processual de autoconhecimento para todos, que entrávamos numa zona complexa de crises e traumas expostos. Era dada a largada para debatermos com o máximo de calor de nossos hormônios jovens o que compreendia nossos corpos em relação uns com os outros. Quem era negro, quem era preto, quem era indígena, quem era branco, quem não sabia como se definir, mergulhava num submundo de determinações estereotípicas e cavava cada vez mais fundo para tentar chegar à **raízes sobreviventes** de suas ancestralidades, cuidando de seu **Orí**, se reORientando. Tensionando afetos possíveis naquele cotidiano, caminhávamos por um **caminho violento** (FANON, 2008) nessa guerra de denominações (SANTOS, 2015), sem saber para onde, mas convictos de que aquele processo estava por nossa **própria agência** (ASANTE, 2009). Molefi Asante (2009, p.94) denomina agência "a capacidade de dispor dos recursos psicológicos e culturais necessários para o avanço da liberdade humana". Logo, agenciar coletivamente o cotidiano numa perspectiva africana é viver na violência libertadora (FANON, 2002) dos princípios que até então nos foi ensinado; é tomar as rédeas de nossa própria **deseducação**. As inúmeras leituras somadas às loucuras de uma militância facebookiana bem **ausente nas ruas** e principalmente nos becos, por vezes demonstrava que andávamos em círculos. Mas como já disse aqui, **andar em círculos** nada tem de negativo quando se compreende que existimos a partir de nossa ciclicidade: **início, meio e início**.

Portanto, a partir de 2017, novos nomes nasceram neste caminhar. Tanto no surgimento de pessoas de fora do CPX para somar-se ao Ocupa Alemão formando novos grupos políticos de atuação local quanto no surgimento de novos nomes próprios. Eu, que estava passando por processo pessoal delicado, ausente do cotidiano da Casa da Dona Zilda, pude presenciar de um novo lugar esta nova fase. **Ocupa Alemão: Favela/Quilombo** era o novo nome completo do movimento que enunciava finalmente que para além da luta pela favela, o foco era a organização comunitária espelhada num *modus operandi* de quilombo. O quilombo é a meta epistemológica, a agência é outra e o centro está em África. A importância de incorporar as palavras "favela" e "quilombo" **quase como um sobrenome** corroboram onde estávamos e estamos nesse longo processo: a afirmação convicta e

fundamental de que favela é quilombo, e o ato de assumir todo o **devir criminoso** (SANTOS, 2015) ao se autodenominar quilombo e favela ao mesmo tempo - partindo do fato histórico de que no período colonial os agrupamentos humanos foram considerados **organizações criminosas** pela legislação vigente, e todos os símbolos e significações dos nossos modos de vida também foram criminalizados. Apesar de os colonizadores mudarem as denominações de suas organizações político administrativas, experimentamos um cotidiano de "terrorismo colonial" na favela. Como bem afirma Nego Bispo:

As estruturas não sofriam modificações, já que as mesmas práticas de violência, de subjugação, de invasão, de expropriação e de etnocídio se repetiram em todas as gestões, independentemente dos conceitos por eles apresentados (SANTOS, 2015. p.38).

Com isso, temos pela relação “favela-quilombo” grande respeito. Por todo histórico de resistência que carregam no nome. Por vezes, vê-se a favela enquanto identidade fixa, revelando afastamento dessa caracterização como **periferia**, território esvaziado de sentidos e significações, sem fazer o devido recorte de raça que constitui fundamentalmente seu significado. Além de em "periferia" afirmar que existe um centro que não é nois e nem em nós. Quando na verdade, o centro é exatamente nós. Todavia, é pois a favela território onde reside em sua maioria pessoas negras e que por contingências históricas, políticas e sociais, sem possibilidade de escolha, ocuparam territórios distantes do centro (da cidade). E que desta, ampla porcentagem de nordestinos claros e escuros, potencialmente autodenominados como pardos, descendem de indígenas.

Em 2017, Leonardo Souza modificou seu sobrenome para *Nia*, quando teve contato com o significado desta palavra durante os estudos do *Kwanzaa*<sup>70</sup>. *Nia*, o quinto princípio do *Kwanzaa*, significa **propósito** em suaíli.

Leonardo Souza > Anarquista Favelado > Quilombista Favelado > Quilombixta Faveladu > Leonardo *Nia*.

---

<sup>70</sup> O *Kwanzaa* é uma celebração afro-americana que tem início no dia 26 de Dezembro e fim em 1 de Janeiro de cada ano. É comemorada principalmente nos Estados Unidos e envolve a reflexão sobre sete princípios básicos para a valorização da comunidade, das crianças e da vida. Esta palavra significa "o primeiro, no início" ou, ainda, "os primeiros frutos", e pertence a tradições muito antigas das celebrações das colheitas na África. E foi ela a escolhida para representar esta celebração, criada por Maulana Karenga, entre 1966 e 1967. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Kwanzaa> . Acesso em 20 de fevereiro de 2021.

Mas o Hamilton<sup>71</sup> me deu logo o papo assim que viu o *Nia* mudado lá no *facebook*. Já veio me perguntando se eu agora era afrocentrado (risos). Aí eu disse que tava nessa meta da mudança do meu nome e ele já mandou logo a visão brabíssima dizendo que se eu quisesse mudar meu nome, que eu mudasse um sobrenome ou escolhesse um nome africano pros meus filhos porque o meu nome foi escolhido por meu pai e mãe a quem eu devia muito respeito pela história dessa escolha. E é isso mesmo, né?!<sup>72</sup>

Em entrevista, Leonardo *Nia* contou que Hamilton Borges<sup>73</sup>, ao ver a sua mudança de sobrenome nas redes sociais, fez o que todo mais velho faz conosco: nos tira ou coloca no lugar. A escolha do nome, do sobrenome, é performática: ela assenta, afirma, empodera, reumaniza. Aquele que decide trazer para si um nome sob a escolha de seu significado, reconstrói a humanidade presente no direito a nomear-se, negado ao longo de todo o período escravocrata. Negação aplicada como método de animalização e desvalorização da pessoa africana na colônia. Nomear simboliza o resgate do direito ao nome e significado africanos, e a negação do nome do colonizador como marca de posse.

Os africanos valorizam muito o nome. O nome pra gente aqui na diáspora, quando a gente veio pra cá, foi uma coisa negada. Então, o nome virou um segredo. Algumas culturas não falam o nome de iniciação. O nome que seria um nome civil virou um nome de iniciação pra gente. Algumas culturas não falam o nome, como os Angolas, eles criam um nome. Na minha, se nem fala nem esconde, você fica na sua. O que eu falei pra Léo foi o seguinte: é importante a gente redefinir essa perspectiva desse vácuo colonial da nossa identidade. Mas a gente não pode esquecer o valor que os pais da gente botaram nisso. O nome Borges na minha família, Antonio Borges, a família Borges, a família da Baixa dos Curuzus, os filhos de Dedi, foi um nome muito importante aqui na diáspora, entende? Eu tenho o meu nome africano que é um nome segredo, os nomes dos meus filhos são todos africanos, mas eu não vou tirar o meu nome. Meu pai e minha mãe quando eles colocam esse nome eles dão um valor e um peso. Um peso espiritual a esse nome. Então foi isso que eu falei. É uma coisa completamente incompreensível, por exemplo, pra uma turma que tá fazendo essa troca de nome e nem entendem o que tão dizendo, não sabem o que tão falando, um acúmulo de palavras, palavras às vezes vazias. Porque um nome também tem a ver com quem você é, o que vai ser. Colocar um nome significa também você fazer um processo iniciático, você tem que saber conversar com o vento, tem que saber conversar com a terra, tem que saber falar com seus ancestrais. Se você não sabe disso, apenas coloca o nome porque viu num dicionário de nomes africanos você não tá fazendo nada demais. O nome dos meus filhos tem a ver com o que eles são (...) eu sabia o fundamento daquilo. Eu falei com os

<sup>71</sup> Fala de Hamilton Borges em áudio enviado a mim - via whatsapp, em 09/02/2021.

<sup>72</sup> Fala de Leonardo *Nia*, por entrevista gravada no dia 04 de setembro de 2020.

<sup>73</sup> Hamilton Borges dos Santos (*Walé*), nosso mais velho de Salvador BA. É bacharel em Direito e idealizador do projeto panafricanista Reaja ou será morto, Reaja ou será morta, que tem como objetivo lutar contra a violência policial, pela causa antiprisional e pela reparação de familiares de vítimas do Estado (execuções sumárias e extrajudiciais) e dos esquadrões da morte, milícias e grupos de extermínio. Disponível em: <http://www.reajaouseramortx.com>. Acesso em 21 de fevereiro de 2021.

mais velhos, eu falei com os ancestrais. Eu sabia aquele fundamento. Mas também a gente coloca fundamento no nosso próprio nome. O meu nome, meu pai colocou meu nome porque ele se inspirou numa máquina de escrever (da marca) Hamilton. E eu escrevo hoje, sou escritor. Então o nome, ele tem peso, ele vai definir você. Dói é você colocar o nome do seu filho de Enzo, *Viking*...isso é foda né. O nome é muito importante, ele impregna as coisas. Se você colocar o nome de uma organização com um nome de Reaja ou Será Morto significa que você não vai se dobrar, humilhar, se entregar. Significa que você vai até as últimas consequências, que você vai lutar pelo seu povo, significa que você vai ter respeito por você mesmo. Você não pode fazer o contrário disso. A gente agora colocou o nome da nossa livraria de *Eleyé*. Que é uma das representações do poder feminino, poder vital, do poder ancestral, o poder primeiro, o poder fundamental. A gente quer que a nossa livraria seja impregnada de feminilidade, desse poder, que ela tenha isso. Então o nome cumpre esse papel.<sup>74</sup>

Ainda que eu tenha afirmado que foi a partir de Leonardo *Nia* que nascera a experiência da escolha de um sobrenome africano em 2017, saliento pois que Zilda já usava seu nome africano como seu único pseudônimo, desde 2015 - *Bahati*, que significa "Minha sorte é boa", em suaíli, língua banto. Mas segundo Zilda, que acredita muito no poder das palavras conforme já dito aqui, "temperamental e volátil" também são significados possíveis para *Bahati*, e, segundo ela, para que não reforçasse essas características já reconhecidamente pessoais, passou a usar *Natula* em suas escritas individuais.

#### UM DESTINO IMPERATIVO

Se todo canto fosse de alegria

Toda poesia fosse só de amor

Se todas as lágrimas fossem de agradecimento...

A VIDA SERIA UM VERBO PERFEITO....

Natula<sup>75</sup>

Considerando o ato ocidental de nominar como um dispositivo de poder (FOUCAULT, 1979, p.244) nas formas de categorizar, hierarquizar/dividir, subalternizar e dominar (FANON, 2008, p.33-51.), o re-nominar tenciona as relações de alteridade entre o que nomina e o que é nominado, colonizador x colonizado. Essa relação de poder, ao longo de milênios, tem organizado as bases referenciais da construção e do acúmulo de conhecimento. E aqui, para nós, está dado que são nossos mais velhos - Zilda, Hamilton Borges e Nego Bispo - que nos ensinam o fundamento da importância da palavra, do nome, como ferramentas poderosas,

<sup>74</sup> Hamilton Borges em conversa gravada comigo, em 09/02/2021.

<sup>75</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/zilda.chaves.16/posts/3838156589540763>. Acesso em 09 abr. 21

admoestando sobre o uso em detrimento da liberdade do nosso povo, ainda que comecemos por pseudônimos em escritas virtuais, mas que sejam conscientes de sua ação libertadora.

Aproveito então esse momento da escrita para fazer justiça ao desejo declarado de Zilda: não chamá-la "Dona" Zilda, somente "Zilda". Ela não economiza em advertir absolutamente qualquer pessoa que a chame por "Dona". A partir de agora, "dona" surgirá no texto apenas para tratar de sua casa, a Casa da Dona Zilda, conforme dito durante as entrevistas.

Lucas Assis, conhecido por Sukita e Guigue, como dito anteriormente, escolheu, em meados de 2017, o pseudônimo "Palanca Negra Urbana". Ele usava o nome "KUNG" no seu piXo<sup>76</sup>, como homenagem ao irmão mais velho Kung, que foi assassinado brutalmente na subida do Morro da Baiana. Kung, também do xarpi, foi um dos primeiros artistas do grafitti no morro. A escolha de usar Palanca se deu durante a pesquisa que fazia na época sobre Angola e algumas revoluções específicas. Ele descobriu que a palanca negra gigante é um animal que só se encontra em duas partes de Angola e é o símbolo nacional, inclusive da seleção de futebol de Angola, da moeda, bandeira de grupos políticos, etc. Apesar de serem animais completamente diferentes, lembra a imagem de "pantera negra" e as significações a partir disso, simbologia e poesia de ser um animal preto, gigante, forte e imponente. Mas nem chegou a usar na rua.

No Brasil País do Índio, criado por mãos negras ,em prol do homem branco, eu Não acreditava no *Facebook* como ferramenta, mas muitos tem utilizado com ideias pré fabricadas e alusivas sobre a Cdd, Cda dentre outras comunidades açougues do estado. Por que eles falam se não estavam aqui? Aqui não existem fábricas de armas, nem plantação de drogas e nos culpabilizam enquanto contabilizamos corpos e todos sabem quem lucra com sangue, quem nunca vai ser pego, quem é criminoso e se esconde atrás de leis. como aconteceu nos EUA com os panteras negras, tentam adoecer nossos irmãos entorpecendo fazendo nós nos matarmos e nos odiarmos. Os luso brasileiros têm um racismo bem peculiar exclusivo, mascarado, difuso, camuflado e assimétrico porém tão implacável que extermina homens e mulheres de descendência africana e indígena Apoiando políticas onde policiais vendem armas para outras facções, que tem legitimidade pra matar, tomam controle do comércio de drogas, de internet, gás, tudo que gera capital. Uma corporação RACISTA , que existe em prol do patrimônio privado. Quando as instituições de ensino nos ensinaram que fomos "presenteados" com a alforria, não mencionam que os poucos que sobreviveram às condições sub humanas tornando-se mercadoria, trabalhavam na construção da colonização juntamente aos índios sob regime escravista, nossas

---

<sup>76</sup>Em referência a Gustavo Coelho (2009; 2016), a palavra piXação e suas derivações virão com X maiúsculo.

mulheres estupradas e toda propaganda de miscigenação como se fosse favor, lutamos e resistimos 100 anos em palmares, lutamos e resistimos hoje, mas eles nunca contaram isso aos por que os quilombistas que se escondiam nas matas, podem se tornar os que se escondem nos becos.

- Palanca Negra Urbana<sup>77</sup>

André Luiz, também chamado de Andrezinho, usava o *Dead* como seu nome no Xarpi. *Dead* foi sua primeira forma de “ocupar” com o nome, já fazendo do verbo delituoso a sua estética. Um nome em inglês, que traduzido para o português significa “morto”. E aqui, apesar da minha vibração, não vou eu tentar criar *links* conceituais sobre a poesia desse nome por Andrezinho. Segundo ele, foi uma homenagem de fã ao vocalista da banda *Mayhen* (banda norueguesa de *black metal*). Andrezinho nunca escreveu texto nenhum com o Ocupa Alemão. Ele era mais do “desenho”, das artes gráficas, organizando comigo o evento de Vandal do Ocupa, em 2015. Chegamos a iniciar o projeto do Zine Aquilombando número 2, com os seus desenhos de orixás e poesias da galera. Com o tempo, Andrezinho passou a não usar mais o *Dead* e sim “Fiapo”, que é seu nome de batismo na capoeira. Conhecido hoje muito mais por Fiapo do que André - Professor Fiapo, Graduado Fiapo.

Em 2017, dois integrantes novos somam-se ao Ocupa Alemão: Favela/Quilombo. Cíntia Donato e Eduardo Faticatti, que gosta muito de ser chamado de Dudu, um óbvio apelido de infância. Curiosamente, ele afirma que seu nome apresenta um caminho interessante nessa transição que acredita ser no tempo que deve ser, sem pressa<sup>78</sup>: *Dudu*, em yorubá, significa **preto**.

Assata Shakur<sup>79</sup> foi uma grande referência para o Ocupa Alemão desde a primeira vez que tivemos contato com sua história e seus textos. Para além de sua disposição na luta antirracista e contra o **capitalismo**, Assata aponta na estética da linguagem escrita táticas contra colonizadoras que são referências para nós. Ela adotou o nome *Assata Olugbala Shakur* que significa “aquela que luta (*Assata*) para

---

<sup>77</sup>Disponível

em: <https://www.facebook.com/OcupaAlemao/photos/a.563138107049300/1441643629198739>. Acesso em 29 mar. 2021.

<sup>78</sup>Em entrevista gravada por *whatsapp*, em 08/02/2021.

<sup>79</sup>Assata Shakur, natural de *Nova York*, além de madrinha do rapper Tupac Shakur, militou nos Panteras Negras, no Exército de Libertação Negra, foi alvo do programa de contrainteligência do governo norte-americano contra os movimentos radicais negros, foi presa, fugiu da prisão, entrou na lista de “terroristas mais procurados” do FBI, e hoje vive em Cuba - acolhida como exilada política há cerca de quatro décadas. Sua história de vida e seus poemas - com frequência declamados nas recentes manifestações organizadas por militantes do *Black Lives Matter* - inspiram uma nova geração na luta contra o racismo e o capitalismo. Em 2013, tornou-se a primeira mulher a ser incluída na lista dos dez “terroristas” mais procurados pelo FBI.



o povo (*Olugbala*), aquela que é grata (*Shakur*)". E aponta o seu nome de registro como "nome de escrava" (joanne chesimard). Dentre as características estéticas dos textos de Assata Shakur, está o uso de letras maiúsculas a fim de marcar a importância de determinadas palavras/conceitos. Na escrita formal da língua inglesa, o pronome I (eu) é escrito em maiúsculo, mesmo no meio das frases. Assata sempre utiliza a letra minúscula para marcar, dentre outros, que sua luta não é individual, rejeitando a supremacia do indivíduo em detrimento dos valores comuns. O uso do minúsculo na escrita de seu nome de registro indica o desprezo e o não reconhecimento dele, um nome americano. Ao escrever a palavra "América" (português), escolhe por "amerika": a letra minúscula marca o não reconhecimento do Estado norte-americano. Tanto em amerika quanto em amerikkkanos, a escrita com k é uma referência à Ku Klux Klan (KKK), organização racista e protestante norte americana que prega ódio aos negros e a supremacia branca, especialmente no sul dos Estados Unidos (EUA).

Considerando a "Guerra das Denominações" uma das guerras da colonização, Nego Bispo a caracteriza como a mecânica institucional racista que faz manutenção do genocídio, do etnocídio, e que permanece atuante por gerações e gerações. Ele explana o processo de imposição e arbitrariedades, através do qual essa estrutura estatal atua, provocando por séculos as mesmas atrocidades em comunidades contra colonizadoras independente de suas autodenominações, classificando-as e utilizando suas classificações como método de controle e dominação (SANTOS, 2015).

Nego Bispo traça um panorama sobre quem são os povos colonizadores e os contra colonizadores, evidenciando que a formação das comunidades contra colonizadoras reconstituiu modos de viver elementares a partir da ocupação de territórios e do desenvolvimento de culturas auto organizadas em parceria com outros povos. Trata-se dos Mocambos, Quilombos, Retiros, etc, conforme denominação dos colonizadores e por eles consideradas organizações criminosas (SANTOS, 2015, p.36). Tal criminalização perpetua até hoje tendo como alvo os modos de vida, expressões culturais e território, que são basicamente formas de resistência e auto organização comunitária contra colonial.

Bispo salienta o crime constitucional da capoeiragem e a posse de qualquer objeto considerado arma como ilustração do tipo de guerra imposta desde a colonização. Assim como o processo da negação do direito ao voto, uma vez que analfabetos nem votavam nem eram eleitos, do direito a falar a língua nativa, à prática

de cultos, de festejamentos, etc. criminalizando e/ou dificultando a manutenção das simbologias e significações dos modos de vida contra coloniais. Durante o Estado Novo, as forças armadas brasileiras enviam soldados para a Europa para combater o holocausto do povo judeu e, concomitantemente, aqui no Brasil, a sua força promovia a expropriação territorial e o genocídio das populações tradicionais (SANTOS, 2015).

Nego Bispo afirma que, ainda que ocorra conflitos no interior da organização político-social dos colonizadores, a disputa é sempre feita no campo da gestão e não no campo ideológico. Tanto é que os colonizadores mudam a denominação de suas organizações político-administrativas, mas a estrutura não sofre modificações, já que as mesmas práticas de violência, de subjugação, de invasão, de expropriação e de etnocídio se repetem em todas as gestões, independentemente dos conceitos por eles apresentados. Na Ditadura Militar, Bispo afirma que houve um confronto sutil porém bem mais sofisticado que foi a tentativa de desmantelamento e de substituição compulsória dos saberes tradicionais, transmitidos oralmente há gerações, por meio da imposição dos saberes acadêmicos transferidos através da linguagem escrita (alfabetização) - oferecidos naquele momento como oportunidade de melhoria de vida para as comunidades contra colonizadoras.

Tanto é que a escolarização que lhes foi ofertada veio totalmente descontextualizada dos modos de vida dessas populações, tendo por finalidade promover um amplo e acelerado processo de êxodo rural e, assim, atender à necessidade de absorção de lixo tecnológico da Segunda Guerra Mundial. Ao mesmo tempo em que o êxodo rural também atendia a grande demanda por mão de obra nos grandes centros urbanos (SANTOS, 2015, p.38).

As mesmas pessoas que compunham comunidades rurais em seus territórios, com o êxodo rural passaram a ser denominadas “urbanas”, desconsiderando assim suas cosmovivências e suas diversas autodenominações (individuais e coletivas) para assumirem impositivamente e arbitrariamente uma denominação exógena e generalizada, a de população urbana (SANTOS, 2015).

Quando os colonizadores chegaram ao Brasil e em outros territórios que colonizaram, eles se denominavam portugueses, fidalgos, senhores de engenho, entre outras denominações, e chamavam sua organização social de Império Ultramarino Português. Essa denominação foi por eles utilizada durante todo o período da escravização. Nesse mesmo período, a organização dos contra colonizadores era por eles denominada de Quilombos. Com o fim da escravidão e queda do Império Português, os colonizadores passaram a se denominar brasileiros, coronéis, fazendeiros, etc., e a chamar sua organização social de República, e posteriormente, de

Estado Novo. Paralelamente, nesse mesmo período, os colonizadores também passaram a denominar diversas organizações das comunidades contra colonizadoras de agrupamentos messiânicos (SANTOS, 2015. p.41).

Portanto, tendo por referência as reflexões de Nego Bispo sobre a formação subjetiva e objetiva das comunidades contra colonizadoras, temos por concluir que a favela é também fruto desse longo processo de **expropriação, desterritorialização, reterritorialização, criminalização, ressignificação e retomada de direitos e denominações**. Denominações como **favela, comunidade, gueto, periferia**, cumprem papéis simbólicos aproximados. No entanto, é do termo “favela” que nasce uma denominação completamente carregada de significações desumanizadoras nutridas pelo racismo da supremacia branca: o “favelado”. O termo favelado, impregnado de sentidos territoriais e sociais, é constituído substancialmente e subjetivamente por uma construção estética baseada sobretudo no racismo. Não existe estética, cultura, identidade favelada sem a estética, cultura e identidade preta. Por isso, nesse caminho, o Ocupa Alemão assume-se como um movimento territorial, comunitário, de agência e agenda pretas. Compreendendo que na favela, vive-se uma guerra racial de alta intensidade (FERREIRA, 2020) - condenada aos pretos (e) pobres, aos afro-pindorâmicos (SANTOS, 2015), tal qual se deu/dá nos quilombos, retiros, mocambos e aldeias.

#### 4.1 O favelês e o pretoguês

Foram inúmeras as vezes que o Ocupa Alemão recebeu críticas por incoerência no que diz respeito à sua linguagem escrita nas redes sociais. Nossos textos contém expressões que performam nosso dialeto local enquanto favelados do Rio de Janeiro: "Noix" no lugar do "nós", "CPX" ao invés de "Complexo do Alemão", entre outras características comuns como, por exemplo, não flexionar ou conjugar os verbos no singular e plural conforme a norma culta da língua portuguesa.

01/10/2016.

"Hj a polícia esculachou aqui noix e os moradores da Skol DUAS vezes. De manhã e de tarde. Quebrou os banheiros comunitários, desmontou e queimou as barracas q eles fizeram . Espancaram os homens, atiraram bombas e balas de borracha contra as mulheres e as crianças e os mais velhos. Uma

ação completamente arbitrária e brutal, reafirmando o golpe e a ditadura q vivemos nessas terras há 500 anos, diferente da lógica branca de 1964. Nossos ilustres candidatos do circo Eleitoral das mais variadas colorações ideológicas, desde os q dizem q bandido bom é bandido morto até os q se dizem amiguinhos dos pretos e favelados, estiveram rodando pela cidade nos seus compromissos de campanha e não vieram aqui no Alemão nos dar um alozinho sequer, repito, de um esculacho q durou dia inteiro. Isso já encerra a questão e diz tudo. Então me faz aí favor já é, vai se fude p lá c a sua desgraça de menos pior, de branquinho amigo amigo das favelas, de preto q vai ajudar por dentro do sistema ou de feminista preta favelada emponderada com turbante amarelo q já discutiui comigo memu p defender seu senhor branco. Como diz meu irmão Aganju sem crise de destino, sem afetação acadêmica ou distinção intelectual. A meta é Palmares, eu, meus irmãos e minhas irmãs não temos compromisso nenhum c manutenção da Babilônia. Hj foi só ódio, caos, esculacho mas a esperança n morre nem o amor pelos nossos. Mas nosso é quem é noix memu, quem fecha , quem tá aqui no corre, no esculacho. A todos os candidatos e candidatas, a turminha das teoria e das avaliação de face, dos favelólogos e negrólogos, q se dizem por noix vão pro inferno todos junto c essa babilônia desgraça, seus vampiros mentirosos e seus pretos da casa . Estamos por nossa própria conta Nenhum de vcs tava aqui hj isso já mostra qual é a de vcs. Odiamos tudo isso e o q vcs representam. Obrigado por nada. Não vote, Reaja!"  
-Quilombixta Faveladu<sup>80</sup>

Os dados apresentados no artigo A influência de línguas africanas no Português brasileiro<sup>81</sup>, da pesquisadora baiana Yeda Pessoa de Castro, etnolinguista e especialista em línguas africanas, nos ajudam a compreender parte da construção das nossas linguagens e essencialmente nosso dialeto na favela. Esta dissertação não se propõe como parte dos estudos da "favelologia" (mas não deixa de assumir também o seu caráter contraditório), porém o trecho acima, ironicamente, aponta características linguísticas da performance de dialeto usado nos textos do Ocupa. Conforme o artigo de Yeda, no que diz respeito à morfologia, sintaxe, fonologia e pronúncia da língua portuguesa, tais usos assumem uma postura política. É o tal pretoguês (Gonzales, 2018) que tanto falamos.

É engraçado como eles gozam a gente quando a gente diz que é Framengo. Chamam a gente de ignorante dizendo que a gente fala errado. E de repente ignoram que a presença desse *r* no lugar do *l* nada mais é que a marca linguística de um idioma africano, no qual o *l* inexistente. Afinal, quem que é o ignorante? Ao mesmo tempo, acham o maior barato a fala dita brasileira, que corta os *erres* dos infinitivos verbais, que condensa você em *cê*, o *está* em *tá* e por aí afora. Não sacam que tão falando pretuguês. E por falar em pretuguês, é importante ressaltar que o objeto parcial por excelência da cultura brasileira é a bunda (esse termo provém do quimbundo que, por sua vez, e juntamente com o *ambundo*, provém do tronco linguístico

<sup>80</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/OcupaAlemao/posts/1383828164980286>. Acesso em 21 de fevereiro de 2021.

<sup>81</sup> Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/3667/1/12121212.pdf>. Acesso em 29 mar. 2021.

bantu que “casualmente” se chama bunda). E dizem que significante não marca... Marca bobeira quem pensa assim. De repente bunda é língua, é linguagem, é sentido, é coisa. De repente é desbundante perceber que o discurso da consciência, o discurso do poder dominante, quer fazer a gente acreditar que a gente é tudo brasileiro, e de ascendência europeia, muito civilizado etc. e tal.

(...) Contraditório, né? Na verdade, para além de outras razões, reagem dessa forma justamente porque a gente pôs o dedo na ferida deles, a gente diz que o rei tá pelado. E o corpo do rei é preto e o rei é Escravo.

E logo pinta a pergunta. Como é que pode? Que inversão é essa? Que subversão é essa? A dialética do Senhor e do Escravo dá prá explicar o barato. (GONZALES, Lélia. 1984, p.238)

Leonardo *Nia*, o “Quilombista Favelado”, foi o mais criticado por isso, tanto por estar em “vantagens sociais” em relação a todos nós quanto por ser o “mais leitor”. Ele aposta nesta linguagem estética como uma resposta e assume que em posição de liderança é comum que se tenha essa característica do “leitor” mesmo. Por muitas vezes essa foi uma questão de debate internamente. Porque o Léo finge que fala errado? Uma das perguntas que eu mesma ouvi de um morador amigo. A escolha de usar o X em “quilombixta” e o U em “faveladu” no trecho acima, é um exemplo que indica esteticamente uma escolha política pelo uso de X e o uso do U tal como em línguas africanas (truncos linguísticos banto, principalmente) assumindo a influência.

Eu sempre demonstrei gostar mais de ler que todos, mas muitos de nós são amantes da leitura: de RPG, de gibis, de literatura. Dona Zilda por exemplo (...) Quando você faz de forma consciente essas trocas de palavras, você assume uma postura política também. Eu tenho algumas teorias sobre isso.. Sobre as lideranças. Quando você fala de modernidade, e contemporaneidade, não tem como pessoas que eram líderes de movimentos políticos eram quem tinha mais acesso a leitura. Você pensa na revolução do Haiti, os líderes...os 3 principais... Ou Zumbi educado por um padre católico... Garvey, Malcom X... isso é uma característica sobre a ideia de liderança... acesso a leitura, conhecimento. Ou o Ho Chi Minh trabalhando como cozinheiro de navio em 1920... foi pro Harlem, assistiu aos discursos do Garvey... aí tem essa coisa de lugar de fala... tom de pele, gênero, classe. Tínhamos mais crise com isso, aliás. (...) O contato do Fela Kuti fora do país com as ideias do Malcom, ou os presidentes das nações africanas nos anos 60, o Nkruhna, foi nos EUA e voltou pro país dele. Ou aqui os próprios pastores das igrejas evangélicas, os seminaristas, diáconos. Ou no terreiro mesmo, vejo as mulheres lá sempre lendo, estudando... Porque se você não sai do seu mundo você também não tem noção do seu inimigo, né? Você não consegue nem se defender. É a luta colonial. A questão do conhecimento, o olhar de fora, quando se faz isso, vai lá num mundo que não é teu e volta, você entende melhor a guerra colonial que você está. O Cacique Babau nos disse isso aqui né? Sobre o recado dos encantados a ele para sair e voltar.<sup>82</sup>

---

<sup>82</sup> Fala de Leonardo em conversa gravada no dia 04 de setembro de 2020.

A performance do "escrever errado" era de fato só dele. Só ele talvez tenha o nível de autoestima para tal. "CPX" é uma grafia da favela. É uma abreviação para "complexo": CPX da Maré, CPX do Alemão. Os muros são piXados<sup>83</sup> com esse "cepexis". Tem banca de rap com esse nome, tem nome de projeto artístico com o cepexis, não inventamos nada, faz parte de nós, da nossa estética territorial. Porém, o "noix" é uma variação diferente: usa-se o **nós** como identificador territorial - "Nós" está para área de Comando Vermelho e "a gente" para Terceiro Comando. Em textos, o uso do "noix" era algo que todos compartilhavam, uma característica de todo o grupo nas produções textuais. Acabava pois por assumir certa inovação linguística ante a desumanização e estratificação a partir da linguagem, transformados em orgulho, pertencimento e política. Certa vez, sentada em roda na Casa da Dona Zilda, tive a oportunidade de compartilhar sobre o dia que eu descobri na universidade que eu falava favelês: "Você fala igualzinho a mulher que trabalha lá em casa!", me disseram no meio do corredor do 11º andar da UERJ. Entendi.

Ainda assim, ou exatamente por isso, assumir o favelês ou o pretoguês como éticaestética é também estar se propondo a este debate a qualquer momento. Ora positivamente por acharem que assim fica mais fácil a compreensão do conteúdo ou que a comunicação fica mais direta, ora negativamente pela discordância do seu uso como se a escrita bestializasse o favelado. Ou até mesmo por discordarem de quem escolhe falar - fulano não pode, ele é menos favelado que ciclano, mora no início da rua, terminou os estudos, fala assim de zoação.

Sem o objetivo de aprofundar na questão do dialeto do Ocupa, é interessante afirmar que tal escolha política - principalmente do uso do NOIX - gerou uma série de adeptos ao uso do termo nas redes sociais. Porque o que importava era o fundamento da noção do Nós ali empregada, que "chia" conforme o sotaque carioca, que se repete em "Noix por Noix" e que visualmente traz o X, uma incógnita, para dentro de uma expressão com tanta significação. Assim como para Frantz Fanon (2008, p.33), "falar é existir absolutamente para o outro", o fato de Leonardo e alguns de nós optarmos por vezes pela escrita de nossa língua falada, que no início desta dissertação chamo de língua mãe - com o perdão da poesia - reivindicamos a nossa existência, parimo-nos a nós através da grafia da língua enquanto intransigência poética.

---

<sup>83</sup>Em referência a Gustavo Coelho (2009; 2016), a palavra piXação e suas derivações virão com X maiúsculo.

## 5 SUJEIRA E FARELO NA SALA DE CASA

Ora, se tomamos a cardiografia – medir, mensurar, pesquisar as palavras e reescrever o cerne do coração em função da verdade – como o caminho que deve ser trilhado para uma vida serena, o silêncio autêntico que caracteriza o bem viver, não é equívoco mencionar que o objetivo é que o “coração derrote a si mesmo”. Em outros termos, o coração deve derrotar o desejo de controlar o que escapa ao controle, derrubando as diferenças entre os elementos que o constituem, fazendo com que pensar e desejar sejam dois nomes para a mesma coisa. Pois bem, com essa unidade aquilo que for dito pela língua estará de acordo com a verdade do coração. O que nos traz de volta à cardiografia, isto é, desenhar e redesenhar o coração reconhecendo que o pensamento e o desejo habitam a mesma casa. (NOGUERA, 2015. p. 123)

Na introdução desta dissertação afirmo que toda esta escritura é um texto cardiográfico. Toda a sujeira e farelo que espalhamos nos últimos anos que me vier à memória, explorarei aqui, em palavras e grifos. Renato Noguera (2015) ao trazer o conceito de cardiografia (NOGUERA, 2015) para atender as demandas da filosofia de Amenemope e o papel do coração no seu pensamento, propõe pensar “coração” como pensamento e desejo, tenta utilizar-se das palavras para traduzir os desejos do coração como verdades. Incorporando tudo aquilo que foge do controle do coração ao pensamento, sem distinção de valores. Sendo assim, a filosofia não deve ser um discurso separado da vida, é pois escolha e elaboração de uma maneira de viver no mundo ao mesmo tempo que o transforma e se transforma, na prática da atividade filosófica. Esta cardiografia, logo, fala de filosofias de pessoas e comunidade, que optaram por viver na busca diária e constante por autoconhecimento, autonomia, autodeterminação, autogestão e autodefesa. Na tentativa cíclica de recorrer ao passado para organizar o futuro, lembramos do ideograma Sankofa, uma espécie de símbolo em formato de “coração” muito visto nas grades de ferro de nossas casas.

Novamente repetimos, falamos de noix mesmo, temos memória e honra, em nossa curta trajetória política já tivemos experiências com esses partidos e personagens q estão brigando pelo poder na parte de cima, seja bispo político, professor de história "socialista", feminista preta "empoderada", seja partido de "preto e favelado". Todas as experiências q tivemos de forma direta c essas organizações/personalidades foram extremamente violentas, brutais, atentando sempre contra nossa independência, contra nossa liberdade, contra nossa auto organização. Somos apenas um pequeno movimento comunitário/familiar de maioria preta e favelada, nos organizamos de acordo c nossos valores ancestrais, a partir dos princípios de **autoconhecimento, autonomia, autogestão, autodefesa e autodeterminação** exatamente nessa ordem. Não aceitamos q nos coloquem rótulos, q digam q estamos reforçando A ou B nessa sujeira toda, nossa perspectiva é quilombista,

estamos fazendo nossas coisas em nossa comunidade falando por noix, de noix, pra noix.<sup>84</sup>

As experiências que cardiografo nas próximas linhas - que chamo por toda essa escritura de “farelo” e “sujeira” - são traduzidas por palavras que obviamente não significam a totalidade de seus recheios. Por isso apenas o farelo e não a comida toda. O alimento fica na experiência vivida, sem o discurso. Por isso, de antemão, afirmo que tento fazer desta uma cardiografia para tentar trazer os **sabores** e os **perfumes** do que se fez farelo. O escritor burquinês Malidoma Somé (2020) elabora que talvez a intensidade da experiência não seja atingida pelas palavras, ao menos que sejam designadas poeticamente ou com provérbios.

Eu tenho a sensação de que, no Ocidente, a discussão e o debate são muito importantes [...]. O povo aldeão prefere preservar em sua forma nua o material encontrado em uma experiência. A experiência, para o povo aldeão, se parece com outra espécie de discurso, que corre em paralelo, mas que não entrecruza o verbal. O quão mais intensa uma experiência, mais provável que o aldeão a deixe na linguagem em que ela surgiu em vez de discuti-la e dissecá-la com palavras. É como se a discussão atenuasse a força do que está sendo discutido. Os aldeões têm a impressão de que as palavras conquistam a experiência, deslocando-a de seu legítimo lugar de poder. Então, a menos que experiências poderosas sejam designadas poeticamente, ou com provérbios, as pessoas não querem correr o risco de perder em uma névoa de palavras aquilo que lutaram tanto para adquirir (SOMÉ, 1999, p. 107, tradução nossa, grifo nosso in ALMEIDA, 2020 p.150)

Neste caso, a presente etnografia busca a todo momento comunicar com grifos e citações, em diálogo com autores, referências e falas de entrevistados para esta pesquisa, assim como em imagens registradas e publicadas pelas redes sociais, anotações em caderninhos e atas de reuniões, na tentativa de compensar o que se perde pela tradução das linguagens da experiência do cotidiano, dos fatos e da narrativa da memória.

## 5.1 Danoninho

Pois bem. Na primeira fase, em 2012, o Ocupa Alemão criava atividades chamadas de Rolés Literários e Rolés Afetivos, que consistiam em um percurso aberto

---

<sup>84</sup>Disponível em: <https://www.facebook.com/OcupaAlemao/photos/a.563138107049300/1415596758470093> . Acesso em 29 mar. 2021.



pela favela com escritores e artistas não moradores, assim como recolhimentos de livros para uma biblioteca que estávamos montando com moradores do Morro dos Mineiros: a Biblioteca Livre do Morro dos Mineiros. Foi a partir deste momento que Leonardo Souza (*Nia*) e eu entramos para o Ocupa Alemão. Sob uma perspectiva de ações culturais comunitárias, bem parecidas com as que eu já havia feito inúmeras vezes por tantos anos quando éramos membros da Igreja Batista Morro do Alemão (que posteriormente mudou seu nome para Igreja Batista Central de Ramos). Portanto, para mim, especificamente, andar pelas ruas e becos do morro e promover eventos com crianças e adolescentes era bastante fácil.

O Ocupa Alemão era formado até então por 7 integrantes: Thamyra Thamara, Thainã Medeiros, Pamella Souza, Raul Santhiago, João Lima, Leonardo Souza e eu - Carol Lucena. Promovemos em 2013 Plenárias Populares – eventos para chamar a comunidade para audiências públicas sobre segurança e direitos, num momento em que o país vivia grandes manifestações nos centros de suas capitais. Foi este talvez o momento que eu entendi que fui parar ali para aprender. Thamyra, Raul, Thainã, Pamela e João tinham experiência adquirida em cursos de comunicação de projetos sociais e ongs. Eram o que conhecemos por “jovens de projetos”. Leonardo e eu tínhamos apenas a experiência da organização política e de ação de rua a partir da perspectiva prática da igreja comunitária. Eu não tinha formação política (ideológica), nunca havia feito parte de organização política em nenhum nível, nem instituições não governamentais, me declarava apartidária e não compreendia termos e conceitos como feminismo e luta de classes. Leonardo, ótimo leitor e curioso, naquele momento estava se interessando pelo anarquismo e por conceitos que eclodiam com as manifestações, em 2013.

Outro evento bastante emblemático foi a performance coletiva intitulada de #farofaço<sup>85</sup>, que em 2013 juntava pessoas convidadas por um evento que marcamos através do Facebook e que ocupava a praia de Ipanema, no Rio de Janeiro, como exigência do direito à livre circulação na cidade.<sup>86</sup> (Em 2015, o evento teve sua versão

---

<sup>85</sup>Disponível em: <https://www.facebook.com/events/243455425813322/?ref=22>. Acesso em 29 mar. 2021.

<sup>86</sup>Disponível em: <https://www.facebook.com/OcupaAlemao/photos/a.733005720062537/733006220062487>. Acesso em 29 mar. 2021.

2.0<sup>87</sup>, dessa vez com Raul e Thainã já compondo o Coletivo Papo Reto).

Na semana do dia internacional da mulher, em 2013, fizemos um evento com as mulheres no largo do Morro dos Mineiros, em parceria com moradoras amigas e feministas brancas de classe média, propondo uma conversa sobre direitos, corpo e feminismo. Chamou-se “Café com NÃO”<sup>88</sup> e foi definido como um evento feminista na rede social. Eu, que nunca tinha ouvido falar sobre o feminismo, não me reconhecia feminista tampouco poderia contribuir com qualquer crítica àquelas presenças e conceitos usados com um público de maioria expressiva de mulheres negras. Eu não conseguia sentir ainda as violências coloniais expressas naquele evento, em variados níveis, eu estava apenas aberta para aprender.

GatoMídia, em 2013 foi um curso de comunicação aberto à comunidade e tinha como subtítulo “Favelado Sagaz Lutando Por Direitos”. Se propunha a todos os sábados durante 2 meses “debater, criar e produzir em cima do conceito de **direito à cidade** pensando como princípio básico o direito à comunicação”<sup>89</sup>. Durante esse período aconteciam oficinas de fotografia, redação, cobertura colaborativa e artes, além da presença de debatedores convidados. Nos dividíamos para que a cada sábado pudéssemos “dirigir” o encontro. Nesta mesma época eu era arte educadora em um centro cultural importante do Rio de Janeiro, e trazia minhas experiências pedagógicas como metodologia para o coletivo. Cada um trazia suas experiências e formações como parte do objetivo, que era a ocupação cultural para uma formação política local.

Foi em um dos encontros do GatoMídia que Lincoln Felipe e Saulo Augusto conheceram o Ocupa Alemão, juntamente com um grupo de cinco amigos, como eles sempre disseram: “rockeiro favelado anda em bando, onde tá um tem cinco”... Mas nenhum de nós desconfiava que, três anos depois, Lincoln se tornaria uma das lideranças do Ocupa e que Saulo traria Zilda, sua mãe - que posteriormente se tornaria

---

<sup>87</sup>Segunda versão do #farofaço. Disponível em: <https://www.facebook.com/events/1628582030745311>. Acesso em 29 mar. 2021.

<sup>88</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/OcupaAlemao/photos/a.783964931633282/784883528208089>. Acesso em 29 mar. 2021.

<sup>89</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/media/set/?vanity=OcupaAlemao&set=a.682869398409503>. Acesso em 29 mar. 2021.

A nossa matriarca. (Em 2015, Thamyra transformou o GatoMídia em um projeto<sup>90</sup> no qual o público-alvo era jovem e o financiamento foi obtido pelo edital da Secretaria de Estado de Cultura - Programa Favela Criativa. Hoje denomina-se uma rede e uma metodologia de aprendizado em mídia e tecnologia para jovens negros e moradores de espaços populares.<sup>91</sup>)

O caso Amarildo foi um marco determinante para o Ocupa Alemão. Foi basicamente a partir das reuniões<sup>92</sup> de luta pelo caso, que o Ocupa Alemão fez laços políticos importantes para sua história. Junto à família de Amarildo estavam, além de nós, o Movimento de Redes Contra a Violência, a TV Tagarela, o DDH, e outros movimentos sociais, e acompanhamos bastante de perto o desenrolar e a inoperação do caso. Usávamos nossa vasta rede social para dar visibilidade ao ocorrido e transmitíamos *on-line* as reuniões abertas, com a permissão da família. Era mais um entre os inúmeros crimes praticados pelas upps.

Em 2013, nasce o Juntos pelo Complexo, com o qual até hoje compomos um grupo.

Na madrugada de 11 de dezembro de 2013, uma intensa chuva<sup>93</sup> caiu sobre a cidade do Rio de Janeiro, causando um maior impacto na zona norte. Ela alcançou o Complexo do Alemão, deixando mais de uma centena de famílias desabrigadas, e outras tantas em situação de risco. No fim da tarde do dia 11, o quadro no Complexo era dramático. Várias famílias deixavam suas moradias, indo para casas de parentes, ou para abrigos improvisados. Em diversas localidades havia ameaças de desabamentos e deslizamentos. Muitos moradores recorriam à ativistas e instituições locais, informando sobre os riscos de suas moradias. A defesa civil demorava a atender aos chamados. E a chuva continuava a cair, com menos intensidade, mas de forma contínua, constituindo uma ameaça para muitas famílias, que temiam permanecer em suas casas, mas também não tinham para onde ir, ou tinham medo de deixar suas moradias e não poder voltar.<sup>94</sup>

---

<sup>90</sup>Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/Comportamento/noticia/2020/04/o-gatomidia-esta-mexendo-na-forma-como-os-jovens-moradores-da-favela-veem-favela.html> . Acesso em 29 mar. 2021.

<sup>91</sup> Disponível em: <https://gatomidia.com/>. Acesso em 29 mar. 2021.

<sup>92</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/OcupaAlemao/photos/a.563138107049300/654633011233142>. Acesso em 29 mar. 2021.

<sup>93</sup>Disponível em: <https://rioonwatch.org.br/?p=32089> . Último acesso em 29/03/2021.

<sup>94</sup> Marize Bastos da Cunha e Alan Brum Pinheiro, disponível em: [https://wikifavelas.com.br/index.php?title=Juntos\\_pelo\\_Complexo\\_do\\_Alem%C3%A3o\\_\(coletivo\)](https://wikifavelas.com.br/index.php?title=Juntos_pelo_Complexo_do_Alem%C3%A3o_(coletivo)). Acesso em 29 mar. 2021.

O Juntos pelo Complexo foi autonomamente formado por moradores e coletivos já atuantes politicamente no CPX para o enfrentamento dos impactos do temporal: Coletivo Papo Reto, Voz das Comunidades, MEAA - Mulheres em Ação do Alemão, Educap, Solta a voz morador, Ocupa Alemão e o Instituto Raízes em Movimento.

Um grupo formado por moradores, que atuam informal ou institucionalmente no Complexo, tomou a frente das ações que socorreram as famílias: identificaram moradias em risco, improvisaram abrigos e criaram uma grande mobilização para doações aos desabrigados. Constituiu-se daí o grupo Juntos pelo Complexo do Alemão, que dialogou com entidades e atores da sociedade civil e órgãos públicos, e operou especialmente através de canais informais de trocas e da rede social, em particular do facebook. O grupo Juntos pelo Complexo do Alemão foi uma dentre outras ações desenvolvidas no enfrentamento dos impactos do temporal, tendo-se convertido no movimento de maior dimensão, e que tomou a frente das negociações com várias instâncias governamentais e não governamentais.<sup>95</sup>

O Juntos pelo CPX uniu-se novamente em 2020, durante a pandemia de COVID-19<sup>96</sup>, para o suporte e amparo autônomo comunitário, criando também uma Carta Aberta<sup>97</sup> sobre a situação da pandemia nas favelas, além de arrecadação *online* para o custeamento de *kits* de higiene e cestas básicas.

Na Segunda Plenária Popular<sup>98</sup>, realizada no dia 12 de março de 2014, discutíamos as questões que envolviam a segurança do morador do Complexo do Alemão juntamente com outros grupos políticos locais e criamos, em coletivo, o manifesto “Queremos Ser Felizes e Andar Tranquilamente na Favela Onde Nascemos”<sup>99</sup>, assinado por Ocupa Alemão

1. Instituto Raízes em Movimento
2. Alemão de Notícias
3. Complexo do Alemão

<sup>95</sup>Disponível em: [https://wikifavelas.com.br/index.php?title=Juntos\\_pelo\\_Complexo\\_do\\_Alem%C3%A3o\\_\(coletivo\)](https://wikifavelas.com.br/index.php?title=Juntos_pelo_Complexo_do_Alem%C3%A3o_(coletivo)). Acesso em 29 mar. 2021.

<sup>96</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/juntospelocomplexodoalemao/>. Acesso em 29 mar. 2021.

<sup>97</sup>Disponível em: [https://docs.google.com/document/d/1GNBBigO2ewVxRuLNJM17Wkxodh0\\_BsFRB4398bufbgE/edit?fbclid=IwAR0KaIKczTPA29g-kUunlyhuiNoMHs6FTK0zrbTqp4ntYIZ932OAXEII5U](https://docs.google.com/document/d/1GNBBigO2ewVxRuLNJM17Wkxodh0_BsFRB4398bufbgE/edit?fbclid=IwAR0KaIKczTPA29g-kUunlyhuiNoMHs6FTK0zrbTqp4ntYIZ932OAXEII5U). Acesso em 29 mar. 2021.

<sup>98</sup>Disponível em: <https://www.facebook.com/OcupaAlemao/photos/a.790089101020865/790100307686411>. Acesso em 29 mar. 2021.

<sup>99</sup>Disponível em: <http://www.global.org.br/blog/manifesto-queremos-ser-felizes-e-andar-tranquilamente-na-favela-em-que-nascemos/>. Acesso em 29 mar. 2021.

4. Educap
5. Jornal Voz das Comunidades
6. Pré vestibular comunitário Nova Brasília
7. Mulheres de Atitude -AMA
8. Verdejar Socioambiental
9. Descolando Ideias
10. O Coletivo PACAL- Protetores dos animais do Complexo do Alemão e Adjacências Grupo Pensar
11. Fase
12. Família de José Carlos Lopes Júnior
13. APAFUNK
14. Porque eu quis
15. Favela não se Cala
16. IDDH
17. Mães de Maio
18. Rede Universidade Nômade
19. O Cidadão
20. Fórum Social de Manguinhos
21. Fórum Rede da Juventude
22. Coletivo Mariachi
23. Favela em Foco
24. Norte Comum
25. Observatório de Favelas
26. Observatório de Conflitos Urbanos
27. Agência de Redes para Juventude
28. Ibase
29. O Instituto de Formação Humana e Educação Popular/ Cpo Gde
30. Fala Roça
31. Marcha Mundial das Mulheres -MMM
32. Núcleo MMM
33. Coletivo Rosa dos Ventos
34. Comissão de Direitos Humanos da OAB
35. Rede de Comunidades e Movimentos contra a Violência
36. Biblioteca Chico Mendes
37. Coletivo Vô Pixá Pelada
38. Coletivo Vinhetando
39. Rio Na Rua
40. Grupo Teatro da Laje
41. Núcleo de Estudos da Cidadania, Conflito e Violência Urbana da UFRJ
42. Surbanitas
43. Coletivo Projetação
44. Rede Mapping the Commons
45. Projeto Green Go
46. Rede Contra Violência
47. Pontão Eco UFRJ
48. MediaLab.UFRJ
49. Justiça Global
50. Mídia Ninja
51. Núcleo Socialista da Tijuca
52. Linhas de Fuga
53. Cinemão
54. Coletivo PaguFunk
55. Centro de Mídia Independente do Rio de Janeiro -CMI-Rio
56. Comitê Contra o Genocídio da Juventude Preta Pobre da Periferia da Grande São Paulo
57. Tribunal Popular: o Estado Brasileiro no Banco dos Réus
58. Movimento Paraisópolis Exige Respeito
59. Fórum Popular de Apoio Mútuo
60. Mandato Marcelo Freixo
61. Centro de Assessoria popular Mariana Criola

62. Centro de Defesa da Criança e do Adolescente CEDECA-RJ
63. Grupo Tortura nunca mais - GTNM-RJ
64. Instituto de Políticas Alternativas para Cone Sul -PACS
65. Movimento Direito pra quem -DPQ -
66. Rede de Apoio a egressas e egressos do Sistema Prisional -RAESP
67. Coletivo Margaridas Ambulantes
68. Centro de Estudos de Segurança e Cidadania da Universidade Candido Mendes
69. Arteiras
70. Rede de Instituições do Borel
71. Ocupa Borel
72. Comunidade Apostólica Cristã Gileade Tijuca
73. Advogados ativistas de SP
74. Fora do Eixo
75. Coletivo SUBURBAGEM
76. Fórum Comunitário do Porto
77. Coletivo do Mov. Negro Antirracista e Anticapitalista Círculo Palmarino
78. Mídia Independente Coletiva, MIC
79. Tem Morador
80. Coletivo Das Lutas
81. Coletivo Desentorpecendo a Razão
82. Núcleo de Comunicação do Rap da Saúde
83. Rede Fale
84. Os Confrades
85. Pele Negra
86. Projeto Visão Urbana
87. Rede VIVA
88. Comunidade Cristã S8
89. Uneafro
90. Sindicato dos trabalhadores da USP
91. Grupo de teatro Fabuloso quintal de histórias
92. Fórum de Alunos do Instituto de Estudos Sociais e Políticos - Iesp/Uerj

Reverberou-se por muito tempo ainda os debates sobre militarização, upp e desapropriações de favelas. Naquele momento, Raul Santiago estava presente na maioria dos debates promovidos por ONGs sobre os temas que envolviam violência na favela. Eram praticamente duas frentes de atuação em debates acadêmicos e institucionais: mídia e violência. Respectivamente, Thamyra e Raul eram presenças importantes para os temas em questão. Raul, nesse momento já assumia cargo em uma das empresas Globo e Thamyra mestranda em comunicação pela UFF. Ambos foram jovens que passaram por formações em comunicação e atuações em instituições como Agência de Redes para Juventude, Agência Diálogos, CUFA, Circo Crescer e Viver, Laboratório e Participação da Prefeitura do Rio de Janeiro (Lab.Rio), Redes da Maré - Somos Todos Maré, Perestroika, Anistia Internacional, IBASE, etc. São citados em matérias em revistas e sites, ou produzem artigos para mídias sobre produção cultural na favela e ocupações militares, nacionais e internacionais, participam de editais, festivais e programas de TV - ambos foram ao programa Conversa com Bial na Globo.

Em contrapartida, o Ocupa Alemão também era ativo até então, através principalmente de Leonardo Souza e Rafael Balbo, em reuniões que tinham como principal objetivo a luta contra as remoções das favelas atingidas pelos grandes eventos da cidade. Nesta época, principalmente os moradores da Vila Autódromo, Indiana, Providência e Estradinha estavam sofrendo inúmeras remoções arbitrárias que faziam parte do projeto do prefeito Eduardo Paes e do governador Pezão. Com a presença do Comitê Popular da Copa e Olimpíadas do RJ, Rede de Comunidades e Movimentos Contra a Violência, Movimento Unido dos Camelôs (MUCA), a Rede Fale, o Das Lutas, Núcleo de Terras, Direitos Humanos da ALERJ, Universidade Nômade, Fórum de Apoio Mútuo, Favela não se cala, entre outros coletivos e organizações. É neste momento que o Ocupa Alemão se expande, formando redes com movimentos autônomos e conhecendo sua forma de atuação.

Naquele momento, eu, arte educadora atuante em centros culturais e coletivos artísticos, além do meu próprio trabalho autoral, pensava composições estéticas no meio daquele turbilhão de fatos e mudanças de ação. Em 2014, o evento “A gente não quer só polícia” convidava artistas de dentro e fora da favela para comentar através de suas linguagens artísticas a ocupação militar que acontecia em algumas favelas do Rio de Janeiro. Neste evento o manifesto “Queremos Ser Felizes e Andar Tranquilamente na Favela Onde Nasecemos” podia ser recebido pela comunidade e assinado livremente. Performances, fotografias, murais e ações artísticas marcaram o evento que aconteceu em pontos específicos das favelas do Complexo. Foi uma construção coletiva, mas já naquele momento eu criticava e propunha que criticássemos coletivamente aquelas presenças nos nossos territórios. Artistas brancos e brancas, da classe média, subindo o morro e propondo ações que em muitos níveis nem dialogavam com o morador. Tampouco, o inseria na fruição daquelas experiências estéticas. No mesmo ano também aconteceu o Copa Pr’Alemão Ver, durante a Copa do Mundo na Alemanha: evento que mobilizava o pé do Morro do Alemão, em construção com parceiros de outros grupos políticos locais e a Universidade Nômade. Consistiu numa intervenção de reoperação dos tradicionais enfeites de rua em épocas de Copa do Mundo dando lugar a bandeirinhas pretas simbolizando o luto pelas infrações de direitos dentro da favela, o legado da Copa, os megaeventos que alteraram drasticamente a configuração geográfica do Complexo do Alemão. Nesse momento o Teleférico do Alemão era implantado sob o argumento de melhorar a circulação e o turismo local. Nós moradores sentíamos o extremo

oposto: as obras inacabadas deixavam esgotos expostos comprometendo a saúde da favela, a falta de hospitais e escolas que atendessem a demanda real da comunidade em contraponto ao teleférico e o alto preço da sua passagem; as remoções forçadas que desabrigaram famílias, desmembrou becos, desconfigurou as ruas da favela e as relações afetivas do lugar, como aconteceu com a minha família. Copa P'ra Alemão Ver culminou num documentário homônimo realizado pelo Raízes em Movimento<sup>100</sup> com o CEPEDOCA<sup>101</sup>.

Naquela altura, não éramos mais um coletivo tão coeso. Nossas dimensões pessoais sobre ética discordavam. Tínhamos um racha fundamental no Ocupa Alemão: a presença das ONGs, instituições e coletivos que trabalham na/com a favela. Não importava o pseudônimo que se assumisse na produção de textos, nem atuação em outros grupos em paralelo. Era impossível compor um coletivo que se propunha a reivindicar direitos do morador e lutar contra a opressão do Estado, da polícia<sup>102</sup>, dos partidos, dos pesquisadores, sem que houvesse postura política pessoal mínima contra esses vetores de violência. Como trabalhar numa ong que é a favor da upp na favela? Ou numa rede de tv que apoia intervenção militar? Ou como estar/ser orientada de professores pesquisadores universitários racistas? Como permitir a entrada e saída acríicas de estrangeiros na favela, para festas, bailes ou até eventos militantes? Como lidar com os fetiches estéticos que envolvem a favela e o favelado? Como se silenciar diante dessas questões?

O que esperar de mim, do meu corpo, minha reação, ao saber da fala de Jaílson de Sousa e Silva, coordenador geral da ong Observatório de Favelas (com menos de um ano de experiências com as upps<sup>103</sup>)?

A UPP é a expressão da ordem do poder estatal, do poder policial, o sentimento de que a paz se faz presente, tendo em vista a eliminação da

---

<sup>100</sup>Documentário Copa Pr'a Alemão Ver. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7CWG0XfbSNw>.

<sup>101</sup>O Centro de Estudos, Pesquisa, Documentação e Memória do Complexo do Alemão (CEPEDOCA) é uma iniciativa do Instituto Raízes em Movimento. Está inserido na visão estratégica do instituto em produzir saberes como ferramenta de legitimação da luta e das reivindicações populares. Para além dessa relação com a trajetória do Raízes em Movimento, crucial para o surgimento da ideia do CEPEDOCA, dois outros elementos foram importantes para o seu amadurecimento: primeiro, as alterações no contexto local a partir do fim da década de 2000 e o estreitamento da relação institucional com a UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro.

<sup>102</sup>Assim como Assata Shakur, em muitas partes do texto, inicio com letras minúsculas nomes que rejeitamos e desprezamos sua supremacia.

<sup>103</sup>Assim como Assata Shakur, em muitas partes do texto, inicio com letras minúsculas nomes que rejeitamos e desprezamos sua supremacia.



lógica do confronto que a própria polícia alimentava e a disputa territorial por grupo inimigos. (...) Logo, a UPP é fundamental por ser a principal política, em toda a história da cidade, de garantia do direito fundamental à vida, à liberdade e do direito de ir e vir dos moradores. O que vem depois dela, todavia, tem que ser amplamente debatido. (SOUZA E SILVA, 2010. p.12-14).<sup>104</sup>

Não só tínhamos indisposição política com ongs e grandes empresas como também com instituições de dentro do Complexo do Alemão. Criticávamos justamente a saúde da relação que a ong tinha com o morador, ou a universidade ou a empresa. A quem serviam tantas pesquisas? Quem lucra com o dispositivo elaborado pela grande empresa? A quem a instituição ouve quando se trata de violência? Quem ela protege e quem ela expõe? De onde sai o dinheiro para tal edital? Quem está à frente do projeto? Eram questionamentos que fazíamos dentro e fora do coletivo, onde quer que estivéssemos. Portanto, tornava-se insustentável dividir modos de atuação coletiva e em unidade com morador ou cria que não conseguia/poderia/queria se posicionar contra falas como estas. O Ocupa Alemão começava então a assumir postura ética estética fundamental diante das emergentes situações que nos cercavam. Dentro e fora do CPX, viramos *personas non grata*, presença nada leve. Éramos, até então, o único grupo político com interesse em assumir tal “radicalidade” e dizer abertamente os reais motivos para não nos envolvermos com determinadas situações. Não nos denominávamos grupo de esquerda, nem anarquista, nem libertários, nem grupo de movimentos negros. Apenas caminhávamos, dentro de uma ética, tentando ser coerentes contra os dispositivos sistemáticos e organizados dessa guerra racial, aprendendo como lidar com tantos formatos de violências.

## 5.2 Radical

Em 23 de maio de 2014, a Frente Independente Popular - FIP organizou um ato em repúdio à Copa do Mundo cujo lema foi “Não Vai Ter Copa”. Apesar de ter sido dialogado com alguns moradores do CPX, o ato foi completamente protagonizado pela FIP e, portanto, por pessoas de fora da favela que se sentiram bastante à vontade

---

<sup>104</sup>Fala de Jailson Souza e Silva, professor da Universidade Federal Fluminense, Fundador e membro do Observatório de Favelas do Rio de Janeiro; Subsecretário executivo da Secretaria Estadual de Assistência Social e Direitos Humanos. artigo publicado em 2010 que pode ser acessado através de: <https://observatoriodefavelas.org.br/wp-content/uploads/2013/06/Aspectos-humanos-das-favelas-cariocas.pdf> Último acesso: 21 de março de 2020.

para ocupar nossas ruas de forma completamente desrespeitosa com os moradores, que nem sabiam para quê acontecia aquele ato. Nós, o Ocupa Alemão, fomos até o território da FIP (que é, irônico e basicamente, a universidade), em uma assembléia para dialogar sobre aquele evento. Sem muito sucesso no diálogo, publicamos uma nota<sup>105</sup> com o Fórum Popular de Apoio Mútuo que basicamente explicava nossas posições

O ato foi, em sua maioria, feito por pessoas de fora da comunidade, muitas que desconhecem a realidade do Alemão e que incluíram de maneira pouco responsável, crianças do próprio Alemão, que levaram cartazes contra a polícia, sem ter ciência do que se tratava. Isso para nós é inaceitável e põe em risco não só elas, como seus pais/moradores. Muitos movimentos e organizações de base, que fazem trabalho no alemão, não foram consultados pela FIP, antes do ato ser feito. Algumas delas, é verdade, podem não ter afinidades políticas com a FIP e nem com nosso Fórum, outras por outro lado, se consultadas, estariam abertas a construir o ato coletivamente e até abraçariam suas bandeiras, mas isso não foi feito em nenhum momento.

Diante de uma série de questões que estávamos vivendo naquele momento, uma ocupação importante de moradores acontecia no Complexo do Alemão, na antiga fábrica da Tuffy. E o ato colocou em evidência as famílias ocupantes da Tuffy, confundindo a polícia militar e expondo a ocupação.

Para atestar o que estamos dizendo, cabe dizer que o ato passou em frente a uma ocupação do Alemão sem o diálogo prévio com seus moradores e que alguns dos mesmos se desentenderam com os militantes da FIP e o ato terminou por si mesmo de maneira tensa. Mostrando que sem construção coletiva, um ato vira apenas propaganda pela propaganda. E para piorar, alguns militantes da FIP, passaram a atacar e desqualificar os críticos desse método equivocado nas redes sociais, acusando algumas organizações de base do alemão de serem coniventes com o governo do Estado, com a UPP ou com o ONGuismo. Nós não nos consideramos donos desse território, mas achamos precipitado e arriscado, principalmente a segurança de quem vive aqui, fazer um ato, sem ter ampla participação de seus moradores e que não esteja articulado com esses movimentos de base. Qualquer ato combativo, deve ser radical em todos os seus métodos. Deve ser radical na construção coletiva. Radical no diálogo com a comunidade. Radical no nível de empoderamento que constrói na luta popular. E por fim, radical no que consideramos mais precioso nas fileiras da classe trabalhadora: a fraternidade de classe, o respeito e o apoio mútuo.

---

<sup>105</sup>Nota esclarecedora sobre apoio ao ato da FIP no Alemão em 23 de maio de 2014, disponível em: <https://forumapoiomutuo.wordpress.com/notas/nota-do-forum-popular-de-apoio-mutuo-referente-ao-ato-organizado-pela-fip-no-alemao-no-dia-23-de-maio/>. Acesso em 17 mar. 2021.

E a cada mês novos acontecimentos nas favelas, remoções, mortes de jovens<sup>106</sup>, prisões arbitrárias<sup>107</sup>. Quando não era no Alemão, era em Manguinhos, ou na Maré, ou na Penha. Ou em Acari, Rocinha, Borel. Crianças e adolescentes quando não tinham aula por causa de tiroteios em horário escolar, ficavam reféns, agachados pelos corredores e salas de aula<sup>108</sup>. Pressionávamos por vários lados junto com moradores e grupos de outras favelas que também estavam sofrendo na guerra militarizada que aquele governo de esquerda brasileira assinara.

Em 2014 acontece a II Marcha Contra o Genocídio do Povo Negro, com nosso protagonismo em sua construção. Muito próximos de Caroline Amanda, que também atuava no Rio de Janeiro pela Campanha Reaja, construímos juntos esta marcha propondo que fosse diferente da primeira ocorrida em 2013, construída sob um formato característico das organizações de esquerda, talvez até tutelado por ela.

Muito atuante numa disputa semântica contra o genocídio, Carol Amanda foi sem dúvida figura essencial para aquela construção, seguindo princípios éticos que também acreditamos e concordamos para um ato no nosso território: microfones apenas nas mãos de mulheres pretas, vozes femininas no comando do percurso, coletividade e protagonismo negro na organização, sem tutela institucional ou partidária.

Lembro-me que os motoboys acompanham a gente na Marcha de 2014, no Alemão, como uma homenagem ao Caio (motoboy filho de Dona Denize, que morreu naquele ano) e o Léo emocionado vira pra mim, sem me conhecer direito e fala: “Nunca achei que isso fosse acontecer aqui no CPX.” Aí alguém tenta pegar o microfone pra começar a falar algo e eu puxo o microfone da mão do cara e dou o microfone na mão da Denize (Denize Moraes, mãe do Caio) e ela fala - não me esqueço: “Todo mundo só quer que eu chore mas ninguém me dá esse microfone pra falar!”. Aí ela mesma conduziu a marcha por uns 10 minutos, chamando a comunidade, foi muito emocionante aquilo.<sup>109</sup>

---

<sup>106</sup>Disponível em: <https://www.facebook.com/OcupaAlemao/photos/a.563138107049300/911973968832377>. Acesso em 29 mar. 2021.

<sup>107</sup>Disponível em: <https://www.facebook.com/OcupaAlemao/photos/a.563138107049300/923774034319037>. Acesso em 29 mar. 2021.

<sup>108</sup>Disponível em: <https://www.facebook.com/OcupaAlemao/photos/a.563138107049300/914455971917510>. Acesso em 29 mar. 2021.

<sup>109</sup>Carol Amanda em entrevista por videochamada, em 04/09/2020.

Essa marcha foi muito expressiva no que tange o protagonismo dos movimentos sociais em relação aos grupos de esquerda e na disputa semântica, de linguagem, no que diz respeito ao genocídio.

No fórum (de enfrentamento ao extermínio) tinham debates semânticos que ocuparam muito o lugar: se era preto ou se era negra, se era genocídio ou se era extermínio. E essas palavras importavam muito porque eu entendia que ali tinha uma disputa de linguagem que, se passasse do jeito que estava, a gente não ia ressignificar o sentido da coisa. Então eu batalhei muito disputando a linguagem porque entendia na linguagem o poder de manutenção das coisas como estavam, sobretudo a tutela de uma esquerda sobre os movimentos de favela que pra mim pouco importava se tinha membros brancos - que era o caso do Ocupa Alemão. Eu nunca me importei com o Ocupa Alemão ter membros brancos. Mas sempre me importei do Ocupa Alemão estar num território de maioria negra e ter uma realidade de maioria negra. Essa era a minha maior relação de identidade com o Ocupa. “Ah, mas tem branco no Ocupa Alemão!” Isso pra mim nunca foi uma questão. (...) A minha relação com o Ocupa Alemão é com a realidade de vida de maioria negra que essas pessoas vivem, e estas pessoas estão submetidas. E esse foi sempre o meu debate. E aí até o \*\*\* hoje é considerado negro. Enfim, talvez seja um erro. Mas é sobre isso né. É sobre ter acertado e ao mesmo tempo ter aberto precedente pra algumas apropriações, alguns sequestros de linguagem também.<sup>110</sup>

Aquele ano também mostrou-se marcante para o Ocupa Alemão na mudança de perspectiva perante a “**morte**”, numa dimensão de atuação nova, uma dimensão **espiritual**. Chamar o nome de um morto seguido de “**presente!**” sem ter a real dimensão do que significa aquela convocação é eurorreferenciar uma atitude espiritual por essência. E nisso também inscreve-se o subterrâneo das ações do movimento que se tornara o Ocupa Alemão: condução de uma dinâmica - numa dimensão - político espiritual. “Se você acha importante chamar ‘presente!’ você trabalha com espírito!”<sup>111</sup>

Em 2014, compomos a Campanha pela Liberdade de Rafael Braga<sup>112</sup>, para divulgar, pressionar, organizar e apoiar principalmente a família de Dona Adriana, sua mãe. Por serem moradores da Cascatinha, éramos o grupo local mais próximo da família e continuamos assim como o seu apoio cotidiano, familiar. O amparo à Dona Adriana e família foram, sem dúvida, nossa maior responsabilidade naquele momento, ainda que fôssemos um coletivo ou movimento de juventude negra e favelada.

<sup>110</sup>Carol Amanda em entrevista por videochamada, em 04/09/2020.

<sup>111</sup>Carol Amanda em entrevista por videochamada, em 04/09/2020.

<sup>112</sup>Site da Campanha, disponível em: <https://libertemrafaelbraga.wordpress.com/about/>. Acesso em 29 mar. 2021.

Tínhamos como meta dar os suportes básicos para aquela família e compor com o movimento organizado chamado Campanha pela Liberdade de Rafael Braga - um grupo autônomo de elaboração de ações diretas àquele caso, difusão, arrecadação de verbas e amparo jurídico e material à família e ao Rafael.

O Ocupa Alemão também passou a utilizar o caso internacionalmente conhecido do Rafael Braga para debater sobre racismo nos espaços culturais do território, como as Rodas de Rimas, locais e eventos que propúnhamos. Levávamos faixas, camisetas e folhetos para, além de divulgar o caso, compreendê-lo como um crime de racismo acima de tudo. É importante afirmar que Rafael Braga é um preso racial<sup>113</sup>. Apesar de ter sido preso durante os atos de 2013, ele não era um manifestante como os 23 presos políticos<sup>114</sup> que ali estavam e como muitos afirmaram. Rafael Braga era catador de recicláveis e foi preso como incendiário portando desinfetante. Foi julgado, condenado, forjado, preso e condenado mais uma vez. Passou dez dias na solitária por ter sido fotografado posando numa parede onde estava escrito: "Você só olha da esquerda para a direita, o Estado te esmaga de cima p/baixo"<sup>115</sup>. Rafael estava trabalhando como faxineiro no escritório de advocacia que fazia sua defesa, um recurso recém conquistado. Em depoimento, Rafael alegou que a publicação compartilhada em redes sociais sequer foi produzida por ele - a imagem foi divulgada pelo Instituto de Defensores de Direitos Humanos. E assim, mesmo sem compreender a dimensão conceitual da frase e da fotografia, foi para a solitária. Em 2021, completa-se oito anos que Rafael Braga perdeu sua liberdade. Hoje ele trata sua tuberculose em casa, usando uma tornozeleira eletrônica.

A partir de 2013, nas favelas militarizadas só crescia o número de vítimas: desde invasões a domicílios, desrespeito ao patrimônio de famílias, prisões arbitrárias até sequestros, assassinatos, autos de resistência por armas de fogo e armas brancas. Notícias que chegam até nós ainda hoje. Durante muito tempo as operações eram semanais, terças e quintas. Às vezes às quartas e quintas, em horários de saídas e entradas das escolas - tanto o turno da manhã quanto a tarde.

---

<sup>113</sup>Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/521825-comissao-de-direitos-humanos-denuncia-racismo-contra-jovem-negro-presos-no-rio-de-janeiro/>. Acesso em 29 mar. 2021.

<sup>114</sup> Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2014/07/20/politica/1405810378\\_758119.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2014/07/20/politica/1405810378_758119.html). Acesso em 29 mar. 2021.

<sup>115</sup>Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/11/preso-em-ato-no-rio-vai-para-solitaria-por-foto-que-critica-sistema-prisional.html>. Acesso em 29 mar. 2021.

Uma nova fase então era inaugurada no Ocupa Alemão, de 2014 a 2015: nossos laços políticos com os movimentos sociais estavam a cada dia mais estreitos e afetivos com o Favela Não Se Cala, o Sarau Divergente, a Noite Faveleira, o Movimento de Mães de Manguinhos, o Fórum Social de Apoio Mútuo, a AGA (Articulação de Grupos Autônomos<sup>116</sup>), assim como com as campanhas Reparação Já, da OLPN (Organização pela Libertação do Povo Negro), Campanha Reaja ou Será Morto, Reaja ou Será Morta<sup>117</sup> e Campanha pela Liberdade de Rafael Braga. E também com grupos não autônomos como o Fórum de Juventudes RJ e Rede de Comunidades Contra a Violência, além do estabelecimento de parcerias importantes com o SINDSCOPE (Sindicato dos Servidores do Colégio Pedro II) e Sindipetro RJ (Sindicato dos Petroleiros do RJ). Paralelo a esse movimento de confluências e transfluências (SANTOS, 2015) com os grupos políticos citados acima, cresce também as relações afetivas negativas com alguns grupos e personalidades que para nós eram antiéticos ou contraditórios à luta a qual se propuseram.

Nego Bispo (2015, p. 68), no quarto capítulo de seu livro, inaugura os conceitos “confluência” e “transfluência”. Sendo pois por confluência a “lei que rege a relação de convivência entre os elementos da natureza e nos ensina que nem tudo que se ajunta se mistura, ou seja, nada é igual” (SANTOS, 2015, p. 68). Demonstra o autor que essa perspectiva rege os processos de mobilização provenientes do pensamento “plurista” dos povos politeístas. Por outro lado, a transfluência é a “lei que rege as relações de transformação dos elementos da natureza e nos ensina que nem tudo que se mistura se ajunta”. Essa última se vincula aos processos de mobilização provenientes do pensamento monista do povo monoteísta vinculados a um pensamento eurocêntrico. Ambas as categorias são resumidas por Bispo como pensamento orgânico e pensamento sintético respectivamente (SANTOS, 2015, p. 89).

A relação que o Ocupa Alemão construiu com alguns pesquisadores acadêmicos deu-se na transfluência e não na confluência, seguindo a lógica de Nego

---

<sup>116</sup>A Articulação de Grupos Autônomos reúne uma diversidade de coletivos e movimentos sociais que desenvolvem e/ou apoiam iniciativas de resistência autônoma e com foco em economias coletivas que buscam seu auto sustento em relações de trabalho sem patrão, exploração ou hierarquias.

<sup>117</sup>“A campanha reaja ou será mort@ não é uma ONG, não tem nenhuma vinculação partidária, nosso único compromisso é com a vida.” Do texto “Quem somos” da campanha, disponível em: <http://reajanaruas.blogspot.com.br/p/quem-somos.html>. Último acesso em 17/02/2021.

Bispo. Era um momento no qual a academia através das ongs tinha total abertura para sua atuação e não se sentia constrangida em suas políticas de atuação.

- O Ocupa Alemão tinha essa característica de constranger, né? Noix constrangia mesmo. Era pelo facebook, era pessoalmente. A gente encontrava a pessoa por acaso, aproveitava e constrangia. Tu lembra do carinha<sup>118</sup> lá que fez um filme sobre as mães? Será que ele pagou a parte delas do ganho dele? E a (Adriana) Facina<sup>119</sup>, será que ela sobe o morro hoje?

- Em Acari ela também não entra.

Era cansativo estabelecer essas relações no **limite da ética** com pesquisadores, ao mesmo tempo que desempenhar o papel de constranger por sentir-se constrangido, expor por sentir-se exposto. O Ocupa por muito tempo estava numa região **“entre”** lugares de tensão: academia e coletivos acadêmicos, ongs e empresas, movimentos sociais e partidos. Por exemplo, os coletivos negros tensionavam dentro da academia, mas nas favelas os movimentos de favela ainda eram tutelados pela esquerda e mantinham muitos **brancos como aliados**, inclusive pesquisadores. Nenhum problema em ser aliado, mas ser **tutelado** jamais. Portanto, era importante nos posicionar e desenvolver nossas metodologias. Para dentro e para fora, ou seja, a **tensão** era tanto nas críticas aos de fora da nossa favela quanto aos de dentro, de outros coletivos e organizações, em vários níveis de **agressividade** ou **deboche**.

O Ocupa foi buscar tudo o que tinha de formação, de elaboração, e aprendia muito bem. Mas a dimensão do deboche, da ironia, era muito do "Alemão", muito de vocês. O Ocupa para mim sempre foi um grupo irônico, debochado... tinha aquela página, a Sinhá Rad ..(risos) Eu nunca fiz uma militância debochada. Sempre fiz uma militância na verdade muito ríspida, às vezes violenta, agressiva, na linguagem. (...) Mas eu vim aprender a ser debochada, na linguagem, na militância, com vocês. O deboche da Dona Zilda na internet, por exemplo, Juliana, Balbo,... O que o Ocupa Alemão causou na subjetividade

<sup>118</sup> Juliana referiu-se ao cineasta branco Patrick Granja - episódio em que no dia do lançamento de seu filme Cada Luto Uma Luta, no Circo Voador, o convidamos para uma conversa sobre a quem o documentário servirá. A conversa não foi bem recebida pelo diretor Patrick Granja e houve discussão. O documentário é sobre Ana Paula Oliveira, mãe de Johnathan, morto em Manguinhos pela upp em maio de 2014.

<sup>119</sup> Adriana Facina, historiadora branca e doutora em Antropologia Social, pesquisadora de "experiência urbana e criação artística, literatura e letramento, teorias da cultura, indústria cultural e mediações, música popular, criminalização da pobreza, criação e fruição cultural em favelas." Bastante criticada pelo Ocupa Alemão (fato que a fez nos bloquear nas redes sociais e responder com exposição e hostilidade) por sua "ética" em sua pesquisa e exposição (e protagonismo) de sua figura em relação às abordagens que pesquisa, como é o caso do funk e da categoria "sobrevivência" criada por ela mas rechaçada intelectualmente em nosso meio, por não condizer com a verdade estética de nossa "vivência".

dos movimentos sociais. Essa produção de conhecimento a partir de uma linguagem debochada, favelada, portanto preta. O deboche é muito nosso, né? Essa linguagem política debochada desestabilizou muita gente. Muita gente passou nervoso, levou isso pra terapia,... E isso não era meu. Isso era de vocês. Acabava que a gente se sustentava: eu fazia discussões agressivas e vocês me defendiam. Vocês debochavam e eu segurava a de vocês. E era isso. Foi uma coisa bastante explosiva, é?<sup>120</sup>

E o que era apreendido no campo da tensão levávamos pra dentro do território tensionando aquilo que empregamos como **violento, expropriador, sanguessuga**. Assim, o Ocupa Alemão foi um dos primeiros movimentos a fazer a devida crítica sobre o papel do pesquisador e da ong com a comunidade. Não se resolvia criando com a ong uma roda de conversa para apresentar seu trabalho, como fora feito por vezes no nosso território. Qual perfil de morador vai a um encontro desse? Morador quer que se resolvam problemas de **ordem prática**. Então, neste momento percebemos que nossas energias deveriam ser voltadas em primeira instância para expor "**favelólogos**" que condizem com o perfil "sanguessuga" e como **fundamento primordial**, construir possibilidades reais para disputarmos lugares na universidade que favoreçam não apenas o indivíduo, mas sobretudo a comunidade e seus saberes. Noix falar de nós, para noix.

Após a morte de Eduardo<sup>121</sup>, era esta a cena a qual nos encontrávamos: **muito ódio, muita raiva**, e um sentimento de **impotência** que não nos deixava (talvez nunca tenha nos deixado). E neste contexto, o Ocupa Alemão através de sua página continuava a denunciar os vários tipos de "**esculachos**" da polícia dentro do território, além de outros tipos de violência como a que sofre a família de Eduardo quando o líder e presidente da ong afroreggae<sup>122</sup> acusa Eduardo de ser uma criança traficante e veicula em sua página de facebook seu corpo assassinado no chão.

Esse menino segundo informações era bandido. Provavelmente se fosse bandido poderia ter matado um policial se tivesse oportunidade. A questão é quem está ganhando com essa guerra? Famílias inteiras sendo dilaceradas. Parte do efetivo do Complexo do Alemão e de outras favelas tem como mao de obra meninos e meninas.

<sup>120</sup> Carol Amanda em entrevista por videochamada, em 04/09/2020.

<sup>121</sup>Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2015/04/03/politica/1428077169\\_424197.html?fbclid=IwAR2TZ0QsLkhsIn5rFhLCYZTwmEAf9nTxqi08hJ5NhWqg7SkCdUPGNTcZOnA](https://brasil.elpais.com/brasil/2015/04/03/politica/1428077169_424197.html?fbclid=IwAR2TZ0QsLkhsIn5rFhLCYZTwmEAf9nTxqi08hJ5NhWqg7SkCdUPGNTcZOnA). Acesso em 29 mar. 2021.

<sup>122</sup>Assim como Assata Shakur, em muitas partes do texto, inicio com letras minúsculas nomes que rejeitamos e desprezamos sua supremacia.



Chefes de famílias, policiais, turistas, trabalhadores, estudantes sendo abatidos como caça. De quem é a culpa? Qual alternativa? O que tem que ser feito?

Seria bom pensarmos que em algum momento essa violência pode bater na porta da sua casa ou no vidro do seu carro e quem sabe entrar dentro do ônibus que você pega diariamente.

Acredito muito que se existir uma solução será de um pensamento e ação coletiva.

\*soube agora que ele tinha 10 anos de idade. Inaceitável essa e qualquer morte. Que a indignação atinja a todas as pessoas de bem.<sup>123</sup>

A postagem não poderia ser mais violenta: trazia o **corpo de Eduardo morto**, exposto, como nenhuma mãe deseja ver seu filho. Antes que a página editasse o texto, nós printamos e a postamos com a crítica. Organicamente, a postagem viralizou e uma série de relatos de más experiências com a ong veio à público, assim como críticas abertas.

Papo 10 , se eu falasse q foi o Bolsonaro<sup>124</sup> q disse isso, tu ia acreditar . mas não , quem disse isso foi o líder do Afroreagge , q tá mais p Afroreaça , já q apoiou candidato a presidencia q defendia redução da maioria penal . Isso mostra bem o q são esses ongueiros vampiros de favela q tão por ai falando em nosso nome , dizendo q nos representam , dando entrevistas no Jô , conseguindo milhões as custas de sangue sagrado . Não , senhor junior , não é turista nem chefe de familia q estão sendo abatidos como caça e sim jovens negros , q nem pais de familia chegam a ser .

Né à toa q esses abutres ai estão tbm no Haiti , fazendo o mesmo . E ai se tu se recusar a tirar fotinha com esse cara , apertar a mão dele , estar no mesmo lugar e ele , dialogar com ele , construir algo com ele , te chamam de sectário e ressentido . Engraçado , de onde eu venho chamam isso de ética . Princípios . Coerência . Uma hora a cobrança chega ...<sup>125</sup>

**Acusações e enfrentamentos** fizeram parte da história do Ocupa Alemão desde o seu início, em 2012. Perseguições, chantagens, recados, aconteciam com a maioria de nós. Policiais da upp rondavam nossas casas, sabiam onde estávamos no fim de semana. Eu, que pouco me expunha, fui chamada pelo meu nome, num evento longe do CPX, pelos policiais que tinham a frente da minha casa como posto. Outros de nós receberam **recados e chantagens**, foram filmados na rua. O policial investigado pelo caso do menino Eduardo voltou a trabalhar na frente da casa de Dona

<sup>123</sup>Disponível

<https://www.facebook.com/OcupaAlemao/photos/a.563138107049300/1024275167602256>.

em 29 mar. 2021.

em:  
Acesso

<sup>124</sup> A postagem data de 9 de abril de 2015

<sup>125</sup>Disponível

[https://www.facebook.com/OcupaAlemao/photos/a.563138107049300/1024275167602256/?](https://www.facebook.com/OcupaAlemao/photos/a.563138107049300/1024275167602256/?%2CO*F) tn =

. Acesso em 29 mar. 2021.

em:

Teresinha, mãe da vítima, na favela do Areal. Era ele que ela encontrava ao sair de casa, **fardado, armado**. "Todo favelado é um preso político em seu próprio território."<sup>126</sup> Após o caso, Dona Teresinha disse que processaria José Junior e levou seu depoimento para a Delegacia de Homicídios. O fato foi veiculado pelos jornais apesar de José Junior ter apagado sua postagem e se pronunciado a respeito<sup>127</sup>. Foram dias de terror e muito ódio por muitas partes. Eduardo era a quarta vítima da atuação da polícia militar no Complexo do Alemão em **dois dias**. Especificamente no dia da morte de Eduardo, os moradores do Areal e a família disseram que não houve tiroteio, somente o disparo que o executou.

Em 2014, também foi assassinada Claudia Ferreira, no morro da Congonha, vítima de uma operação da polícia militar. Cláudia foi atingida e então foi socorrida e colocada no porta-malas de uma viatura policial por três policiais que alegaram que a levariam para um hospital. Durante o trajeto, seu corpo caiu para fora do porta-malas e, preso pela roupa, ficou pendurado, sendo arrastado por cerca de 350 metros, na Estrada Intendente Magalhães. A cena do corpo da Cláudia sendo arrastado foi filmada por um cinegrafista anônimo (que seguia no carro atrás da viatura) e o vídeo foi divulgado pela imprensa. Naquele momento, compreendíamos muito melhor o racismo estrutural no qual estamos inseridos e, por isso, conseguíamos mobilizar redes e movimentos que possibilitassem melhor apoio às famílias das vítimas desta guerra racial. Fizemos um ato em Madureira por justiça à sua morte e neste ato nos aproximamos de grupos que propunham o mesmo recorte que nós até ali. Foi assim, neste período também, que conhecemos a OLPN (Organização pela Libertação do Povo Negro), em especial o mais velho Yedo Ferreira, membro fundador do Movimento Negro Unificado, com quem tivemos a honra de fazer um curso sobre a história dos movimentos negros no Brasil.

Em 9 de abril de 2015, o prédio da Viva Rio sedia um importante e marcante encontro: uma audiência pública sobre a situação de segurança das favelas ocupadas pela unidade de polícia pacificadora, principalmente após a morte do menino Eduardo, de 10 anos, assassinado na porta de sua casa pela polícia da upp. Eram 12 representantes em debate: Centro de Estudos de Segurança e Cidadania da

---

<sup>126</sup>Frase de Quilombista Favelado - Leonardo Souza (Nia).

<sup>127</sup>Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/04/jose-junior-diz-que-houve-distorcao-de-postagem-sobre-morte-de-eduardo.html>. Acesso em 29 mar. 2021

Universidade Cândido Mendes (Cesec) e o Instituto de Estudos da Religião (Iser), coronel Róbson Rodrigues, chefe do Estado Maior operacional da PM; Eduardo Alves, do Observatório de Favelas; José Mário Hilário, presidente da Associação de Moradores do Santa Marta e diretor da União Comunitária; Júnior Perim, do Circo Crescer e Viver; Lúcia Cabral, do Centro de Defesa dos Direitos Humanos e presidente da ONG Educap; Daiene Mendes, diretora da ONG Voz da Comunidade; Alan Brum, da ONG Raízes em Movimento; e Ignácio Cano, do Laboratório de Análises da Violência, da Uerj, além de coletivos e moradores do Alemão.

Naquele momento, tínhamos a convicção que não nos sentaríamos numa mesma mesa - numa sala do Viva Rio - com representantes de ongs e muito menos com chefes da polícia militar, mas estávamos ali presentes (Leonardo Souza, Rafael Balbo, Pamella Souza e Zilda Chaves, que a princípio não foram enquanto coletivo, mas enquanto moradores). O CPX estava ali naquela mesa representado por três crias presidentes de ongs (Allan Brum, Lucia Cabral e Daiene Mendes) e justamente por não termos compromisso com o Estado e absolutamente nenhum vínculo empregatício, tínhamos a obrigação moral de deixar claro a nossa posição de repúdio à ocupação da upp e à polícia militar não só enquanto grupo político, mas fundamentalmente enquanto moradores.

Na favela não tem traficante, tem varejista. Os traficantes estão na Presidente Vargas, onde fica a sede da Polícia Militar do Rio de Janeiro.” Essa foi a resposta de **Leonardo Souza**, integrante do coletivo **Ocupa Alemão**, a um representante da **PM**, durante a audiência pública de abril em que a polícia pedia por mais apoio dos moradores à guerra contra o narcotráfico.<sup>128</sup>

A frase acima foi dita naquele dia por Leonardo Souza (Nia), durante a audiência pública, e veiculada através de canais de mídia como redes sociais e sites, gerando artigos e reportagens como essa acima, do Carta Capital. A audiência foi transmitida ao vivo pela ANF (Agência de Notícias da Favela) e compartilhada por inúmeras pessoas para todo o Brasil, por perfis coletivos, empresariais, de ongs, de movimentos ou pessoais. Apesar de alguns representantes de ongs do Alemão que estavam ali presentes serem nossos parceiros e concordarem com a saída da upp da favela, a fala do Léo marcava presença enquanto morador, alguém que não se conteve em dar ordem de retirada a polícia militar, como ele bem disse em entrevista

---

<sup>128</sup>Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/544682-upp-nao-acabou-com-o-traffic-so-trouxe-falsa-sensacao-de-segurancaq>. Acesso em 23 jan. 2021.

“para mim representa apenas um desabafo de ódio puro numa casa colonial de frente para os colonialistas e as forças coloniais”. Talvez tenha sido, por isso, que foi interpretada de maneiras contraditórias passando o Ocupa a ser visto como um grupo de moradores que apoiava o tráfico de drogas.

O papo foi dado, mano...ISSO É UMA PIADA!!!!

\_ "Enquanto vcs não forem pra Presidente Vargas, pra dentro da PM, pra dentro do Estado tirar traficante, porque na favela não tem traficante, na favela tem varejista, eu quero que saia sim de lá! Não tem que ficar lá! Eu quero a polícia fora da favela sim! Porque quem tá pagando sou eu. Quem tá pagando são meus amigos. Quem tá pagando é o Eduardo e quem pagou foi a família dele. Então, enquanto vocês como a sociedade não organizar, eu não vou esperar a polícia se desmilitarizar! Eu não vou esperar que essa polícia que foi criada há mais de um século pra acabar com revolta popular, e continua sendo isso aqui, pra proteger senhores de engenho continua fazendo o que tá fazendo na favela. Eu não vou esperar isso. Vocês arrumem a bagunça de vocês! E quando arrumar a gente volta a conversar mas até lá eu quero sim que a polícia saia da favela. Não tem que ficar lá não! Pq enquanto tiver lá vai continuar morrendo morador, vai continuar morrendo preto. Num passe de mágica essa instituição não vai deixar de ser RACISTA! Não vai deixar de não gostar de pobre. E eu não to aqui só acusando os senhores não. Pq os senhores só apertam o gatilho. Mas todo mundo que tá aqui dentro, você que é branco, você que é de classe média, eles fazem isso com o aval de vocês. De todos vocês aqui! Todos vocês! Eles só apertam o gatilho mas tá fazendo o papel de todo mundo! Da imprensa também...porque tem imprensa também Muito se fala de IDEOLOGIA - "Nossa, seu coletivo é muito ideológico!" - essa imprensa que é ideológica!

\_ Pamela (interrompe): VOCÊS SÃO OMISSOS LAVAM A MÃO PRA GENTE MORRER NA FAVELA!!! VOCÊS SÃO OMISSOS!

\_ Léo: E o fantástico que fez uma reportagem domingo, por exemplo, você acaba de assistir a reportagem você fica com pena mais do policial do que do morador. Pq tem privada suja, pq tem péssimas condições de trabalho. Agora, pro morador não tão nem aí!!! Você fica com pena do policial. Vocês não têm que tá lá. Então, saiam de lá! Fiquem felizes aqui fora porque não vão resolver nada lá!!<sup>129</sup>

Até onde consegui pesquisar, o vídeo veiculado através do perfil da ANF<sup>130</sup> teve 315 mil visualizações e o perfil do Quebrando Tabu<sup>131</sup> também veiculou o vídeo rendendo 4,1 mil visualizações. Recebíamos recados de todos os tipos: pessoas se sentindo representadas, pessoas fazendo autocrítica sobre apoio às ocupações

<sup>129</sup>Transcrição feita por mim da fala de Leonardo Souza, durante audiência pública, do dia 9 de abril de 2015. Disponível em: <https://www.facebook.com/agenciadenoticiasdasfavelas/videos/695773287211507>. Acesso em 29 mar. 2021.

<sup>130</sup>Disponível em: <https://www.facebook.com/agenciadenoticiasdasfavelas/videos/695773287211507>. Acesso em 29 mar. 2021.

<sup>131</sup>Disponível em: <https://www.facebook.com/quebrandoatabu/posts/para-o-que-tiver-fazendo-e-assiste-isso-o-cara-mandou-bem-demais/867451933311195/>. Acesso em 29 mar. 2021.

militares nas favelas e uma gama de outras criticando Leonardo e o Ocupa Alemão por supostamente apoiar o tráfico de drogas, e principalmente estarem mais do lado do traficante do que da polícia, e/ou não compreender o trabalho do estado na contenção às drogas. Além de conferirem a Leonardo também como alguém que recebe apoio do comando vermelho para dizer o que disse.

O ano de 2015 foi intenso para o Ocupa Alemão. A relação com dona Teresinha e outras mães de vítimas da violência policial nas favelas estava se intensificando. Queríamos dar suporte às suas lutas por justiça às mortes de seus filhos, assim como já conseguíamos fazer com Dona Adriana, mãe de Rafael Braga. Estávamos presentes em reuniões, mesas, audiências. Organizávamos cafés da manhã, lanches, encontros. Tentávamos dar o suporte que podíamos sem ter noção do como fazer, já que, enquanto um movimento autônomo de juventude, não conseguíamos dar tanto apoio financeiro ou judicial como elas precisam.

Em 2015, também aconteceram Cinedebates para <sup>132</sup>discutir temas como eleições e transportes públicos. Na laje do Diquinho<sup>133</sup>, onde abrigava-se o Pré Vestibular Comunitário do Conselho Popular, também discutimos os assuntos que envolviam aquele momento político da cidade: aumento de tarifas, reconfigurações das linhas de ônibus e eleições. Em parceria com o MPL/RJ (Movimento Passe Livre), organizamos um cinedebate<sup>134</sup> e um ato de ocupação na entrada da Grota - umas das favelas do CPX - onde discutimos sobre o racismo estrutural, institucional e ambiental que fundamentam as decisões políticas das empresas de ônibus e dos necro poderes executivos, judiciários e legislativos.

---

<sup>132</sup>Caroline Amanda Lopes Borges, CEO do Yoni das Pretas, terapeuta menstrual e atualmente mestranda do PPGF-UFRJ, foi membro fundadora do Coletivo Negro Carolina de Jesus (UFRJ) e foi articuladora da Reaja ou Será Morto, Reaja ou Será Morta, até 2016.

<sup>133</sup>Diquinho, morador e liderança do Complexo do Alemão, foi uma figura histórica do movimento de favelas. Completou 71 anos no último dia 12 de abril de 2020. Faleceu no dia 14 de abril de 2020, apresentando uma síndrome gripal arrastada. Com um SUS sucateado, não foi realizado nenhum exame complementar e muito menos teste específico para o Covid-19. Na laje de sua residência, no Complexo do Alemão, mantinha um curso pré-vestibular para moradores da região, organizado pelo "Conselho Popular", do qual foi fundador. Disponível em: <https://anovademocracia.com.br/noticias/14925-rj-campanha-para-revitalizacao-do-centro-cultural-nilton-gomes-pereira-diquinho>. Acesso em 29 mar. 2021.

<sup>134</sup>Disponível em: <https://www.facebook.com/media/set/?vanity=OcupaAlemao&set=a.1011624235534016>. Acesso em 29 mar. 2021.

Cortes de LINHAS #OcupaAlemão + MPL<sup>135</sup>

E lembramos assim que no dia 27 de Junho de 2015 às 17h00 ocorreu no moto-táxi da Grota, Complexo do Alemão, uma atividade sobre a diminuição e/ou finalização das frotas de ônibus na cidade do Rio de Janeiro.

Nesta atividade contamos com a presença de membros de coletivos, organizações, o MPL (Movimento pelo Passe Livre) e de moradores daqui.

O ponto central da discussão foi relacionado aos cortes das linhas de ônibus. Entretanto, quem se dispôs a falar no microfone relatou diversos casos pertinentes aos transportes públicos, como os preços abusivos das tarifas, superlotações e sucateamentos de ônibus, trens, metrô e barcas, e os gigantescos e constantes engarrafamentos que arrasam a paciência dos passageiros.

Foi discutido também que a prefeitura junto de empresários dos transportes fizeram uma previsão de corte de 70 linhas de ônibus, alegando que este método visa diminuir os gastos com a circulação de ônibus vazios e com ar-condicionado.

Vocês sabem quais linhas são essas e onde circulam? A quem irá prejudicar? Pois é: ao negro, pobre e favelado. Linhas como 484, 474, 473, cujo trajeto liga favelas da Zona Norte com a Zona Sul, passando pelo Centro da Cidade. Num plano maior são 70 linhas que ligam as Zonas Norte e Oeste com a Zona Sul, ou seja, a extinção destas frotas vai dificultar ainda mais a vida de trabalhadores e estudantes para a Zona Sul nos seguintes quesitos:

- 1- Acordar ainda mais cedo e esperar um ônibus num ponto lotado.
- 2- Enfrentar engarrafamentos.
- 3- Maior gasto com passagens, uma vez que a Baldeação é prevista para ônibus que ligam a zona norte à zona sul que passam pelo túnel.
- 4- Qual patrão pagará mais passagens?
- 5- Obrigatoriedade da aquisição do Bilhete Único.
- 6- Uma vez que os transportes alternativos estão sendo aos poucos exterminados (sendo pela perseguição violenta aos mototaxistas seja pela apreensão de kombis e vans)
- 7- o direito à praia, aos locais de lazer localizados neste percurso (como se já não bastasse a Operação Verão como política de caça aos jovens negros e favelados nas praias do Rio)

A atividade teve a intenção de dialogar com os moradores do Complexo do Alemão sobre o andamento deste projeto da prefeitura com empresários dos transportes.

Com isso, a quem servem essas mudanças?

Quais são as pessoas que precisam cruzar a cidade do Rio de Janeiro de ônibus diariamente?

Quem são estas pessoas que sofrem nos ônibus lotados, seja pela manhã, tarde ou noite? Sabemos que somos mais nós, negros e moradores de favela. Por que os únicos ônibus que levam os favelados do Complexo do Alemão ao Centro e Zona Sul não têm ar condicionado se o argumento para o aumento da passagem foi justamente este??

Esta prática tem a finalidade de nos confinar nas nossas favelas (nessa política de segregação) como prática de Genocídio, cuja impossibilidade do preto, pobre, favelado de percorrer a cidade do Rio de Janeiro está encarecida, seja para emergências médicas, lazer, empregos, estudos e outros motivos. E é esta a cidade que comemora á belos sorrisos os 450 anos em cima do sofrimento alheio.

Fecha a cara morador.

Nenhum passo atrás!"

<sup>135</sup>Disponível

<https://www.facebook.com/media/set/?vanity=OcupaAlemao&set=a.1091553460874426>. Acesso em

29 mar. 2021.

No ano anterior, havíamos realizado um cine debate importante durante as eleições de 2014. Ainda não tínhamos afirmado uma posição coletiva sobre o voto, mas tínhamos experiências pessoais individuais com a presença negativa dos representantes de partidos políticos em nosso território assim como relação não tão boa com os candidatos locais e políticos eleitos. Da **direita**, nós sempre soubemos o que esperar. Mas o mais difícil era se posicionar contra os partidos de **esquerda** que foram abertamente **a favor das upps nas favelas**, que apoiaram a militarização, que discursavam sobre direitos humanos e representatividade sem conseguirem dialogar com a favela ou ao menos ter candidatos favelados. Não tinha como prevermos, mas nos anos seguintes, fizemos campanha de não voto (“Campanha Não Vote, Reaja!; Campanha Não Vote, Lute!”) por não acreditarmos que a política representativa nos “representasse”. Destaco abaixo um trecho de entrevista de Nego Bispo, falando, em 2019, exatamente o que pensávamos sobre nós, em 2014:

\_ Bispo, você tem uma trajetória na política. Poderia nos contar um pouco...  
\_ Nego Bispo: Tenho, eu fui candidato. Eu conheço o partido. Eu falo de cadeira, eu conheço. Eu fui sindicalista para traduzir a legislação para o povo trabalhador. Só que chegou um momento em que eu vi que a esquerda, e eu fui da esquerda, protagonizava a trajetória dos outros. Aí que eu saí de cena. Desde 96 que eu não voto para ninguém. Não faço campanha. Não sou do partido. Não sou do sindicato. Sou quilombola. Porque eu vi que era muita gente querendo coordenar as trajetórias dos outros. Inclusive eu também estive nessa cena. Eu não tenho nenhuma dificuldade de ter uma trajetória contraditória, agora eu não tenho uma trajetória inconsequente. Ser contraditório para mim é tranquilo, ser inconsequente me incomoda. Qual era a inconsequência? Eu dizia assim: “tem que ter na estrutura sindical uma instância para discutir a questão quilombola”. E o povo dizia: “não, todo mundo é trabalhador”. Aí nem cabia no sindicato, nem cabia no partido. Não cabia em nenhum lugar da esquerda porque a esquerda faz a luta de classes, mas a esquerda não faz a luta de povos. A esquerda discute ideologia e teoria, mas não discute cosmologia. Agora está querendo discutir. Mas a cosmologia de quem? Dos outros. Hoje a esquerda está querendo discutir a cosmologia dos indígenas, a cosmologia dos quilombolas. Mas ela não discute a sua. Sabe por que a esquerda não discute a sua cosmologia? Porque a cosmologia dela é a mesma da direita: euro-cristã. Aí a esquerda não que discutir a sua cosmologia porque a cosmologia dela é a cosmologia que nos ataca (SANTOS, 2019, p.78).

Para nós, a política representativa e os partidos políticos não tinham possibilidades subjetivas, essenciais, epistemológicas, cosmológicas para nos representar. E assim, conseqüentemente, o círculo de afetos e apoios começava a afunilar cada vez mais.

Estes eventos por terem um caráter dinâmico e educativo, chamavam a atenção da juventude que ali chegava de forma afetiva, e, por sua vez, se sentia com **desejo de fazer parte** daquele movimento e se faziam presentes em tudo aquilo que realizávamos.

Tu quer o quê? Um convite oficial, um memorando, pra você ser membro do Ocupa? Se tiver esperando alguma coisa dessa ordem vai ficar esperando.<sup>136</sup>

Os anos de 2014 e 2015 foram marcantes para o Ocupa Alemão em níveis diversos. A princípio, por inaugurar nova configuração a partir da saída de integrantes que doavam para o coletivo um formato que chamávamos de “feliz”: propostas de ocupações culturais mais festivas, performances artísticas, eventos recreativos, etc. Com a mudança, assumimos as características da formação política de quem estava mais à frente das atividades. Até aquele momento, eu, Leonardo Souza, Rafael Balbo e Pamela Souza. Posteriormente, com a saída de Pamella e a entrada de Zilda, configurou-se ainda um terceiro formato. Não tínhamos uma formação política como as oriundas de ongs ou instituições de projetos com juventude de favela, como os integrantes que saíram possuíam. Nem aquela estética onguista conhecíamos. Então, apesar de termos aprendido muito com eles (principalmente sobre mídia e comunicação), estávamos muito mais próximos dos movimentos sociais autonomistas do que das instituições. Enquanto eles estavam pensando táticas com outros parceiros (empresas e ongs locais) - como dispositivos e aplicativos de smartphone, redes e mídias, coletivos de juventudes, diálogos com partidos políticos e pesquisadores acadêmicos - nós estávamos descobrindo linguagens próprias através da arteeducação, de acordo com as nossas dinâmicas e o que acreditávamos ser ético estético e real. Não participávamos de editais por convicção. Não participávamos de qualquer programa que funcionasse sobre uma lógica colonizadora, seja o nível que fosse. Programas de tv, debates com políticos ou polícia militar, grupos conservadores ou vanguardistas de esquerda, artistas da classe média, etc.

Foi então que a minha formação acadêmica atravessada pela minha experiência em arte educação e minha posição política sem qualquer vínculo teórico como base ideológica pôde construir bases éticas estéticas com o Ocupa Alemão que foi-se transformando numa linguagem ao passar dos anos, uma linguagem que

---

<sup>136</sup>Eduardo Faticati, Dudu, sobre como se entendeu parte do Ocupa Alemão. Em entrevista gravada, no dia 09/09/2020.



permitia a **ira, o ódio, o amor e a felicidade** como ocupação **afetiva** territorial **consciente** de seu propósito nesta **guerra racial** e colonial a qual começávamos a ter consciência de que fomos **condenados**.

### 5.3 Afrocentrada

Mas foi no meio de 2015, especificamente, que constituímos uma nova fase, ainda mais “radical” - tanto por sermos chamados assim por parceiros e coletivos locais, quanto por nos posicionarmos cada vez mais contra a “**raiz**” desta guerra: o **racismo** e buscarmos as **raízes** (possíveis) das nossas identidades. Portanto, naquele momento, marcávamos a enorme diferença de estratégia e posicionamento entre nós, os coletivos e instituições que faziam parte de nossa rede. O **antirracismo** presente nas nossas falas, textos, artes e presenças em qualquer lugar onde estávamos tornava o ambiente inóspito para muitos. Éramos um movimento de aproximadamente 20 pessoas, jovens de idades diferentes e uma matriarca, grande maioria de pessoas pretas afirmando que a guerra territorial nas favelas é uma guerra antinegro - que ora se faz pelas forças dominantes necropolíticas do Estado, ora nos enlouquece enquanto povo pelas mesmas forças, colocando-nos contra **noix** mesmos, famílias negras contra famílias negras, matando-nos de inúmeras formas, inclusive subjetivamente. Diferente de instituições e coletivos locais, o Ocupa Alemão não aceitava diálogo em qualquer nível com policiais. Para nós, não existe diálogo possível com a polícia militar<sup>137</sup>, não sentamos ao lado de polícia em mesa de debate para falar de segurança pública ou sobre nossa morte. Bater papo com quem nos mata é falta de amor próprio.

propus a noção de necropolítica e necropoder para explicar as várias maneiras pelas quais, em nosso mundo contemporâneo, armas de fogo são implantadas no interesse da destruição máxima de pessoas e da criação de “mundos de morte”, formas novas e únicas da existência social, nas quais vastas populações são submetidas a condições de vida que lhes conferem o status de “mortos-vivos” (MBEMBE, 2006, p.146)

---

<sup>137</sup>Assim como Assata Shakur, em muitas partes do texto, inicio com letras minúsculas nomes que rejeitamos e desprezamos sua supremacia.

Rafael Balbo, desconfortável e discordante do rumo que o Ocupa Alemão seguia em seus **métodos e táticas**, sai do coletivo e Juliana Freire, posteriormente, entra no Ocupa Alemão justamente pelas questões raciais serem o foco das nossas ações. Ela, que é cria do Areal, uma das áreas mais violentadas na favela, se entendeu dentro do coletivo quando foi à casa de Dona Teresa, no dia que Eduardo foi assassinado.

Era a primeira vez que vi alguém de grupo político, seja ong, seja coletivo, seja partido, chorar com corpo de um morador do Areal no chão. Quando vi o Léo ali chorando agachado entendi qual era do Ocupa. Só quem chora é nós mesmo.<sup>138</sup>

Não era possível mais traçar uma metodologia militante com sorriso e festa. Não era possível “pedir” por paz ou que “parem de nos matar” ou dizer que “vidas negras importam”. Nada mais era possível pedir, apenas ordenar ou tomar à força, ou insistir que os nossos reajam. Nossos atos e protestos no nosso território não são recebidos pelos policiais com **bala de borracha e spray de pimenta**. Recebemos tiro de pistola, aparece o caveirão, tanques, fuzis. Inclusive em festas de famílias, carnaval de rua, batizado de crianças, baile, festa junina. **Não existe mandado**. Não existe carta, não existe aviso de despejo, avisos prévios. Estávamos entendendo que a comunicação que se faz conosco **não é em mesa de debates**, nem assembléia. Quantas famílias foram desabrigadas de ocupações “irregulares”? Quantas acordaram com suas casas incendiadas pela polícia para proteger prédios privados abandonados, fábricas há décadas inativas?

Uma das maiores fábricas da região, a da Coca Cola, foi tomada pela upp para funcionar como central da policia pacificadora, mesmo o terreno já destinado em projeto assinado para construção de um campus da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. O terreno era perfeito para uma universidade pública: fica ao lado de uma escola municipal EDI e próximo a pelo menos mais quatro escolas, municipais e estaduais. Ou seja, seria um campus educativo ampliado no Alemão. No entanto, hoje temos uma configuração onde um prédio da polícia pacificadora fica no centro dos percursos para estas escolas. Fomos a algumas reuniões na tentativa de conseguirmos novos terrenos mas nenhum cabia no projeto federal para tal. Corremos com o prazo para que o mesmo não expirasse. Eu pessoalmente visitei alguns

---

<sup>138</sup>Fala de Juliana em entrevista gravada.

terrenos na área, que por inúmeros motivos não serviam para o projeto. O Juntos pelo Complexo esteve nesta disputa integralmente, mas até hoje só temos a upp.

Estávamos **mergulhados espiritualmente em muitas histórias de morte e dor**. Sufocamentos, asfixias, *headshots*, facadas, estupros... Todos nós do Ocupa Alemão crescemos vendo miolo no chão, limpando sangue da porta de casa, catando cápsula de bala, tapando com cimento os buracos nas paredes. Todos nós perdemos amigos nessa guerra. **Quando não morto, jogado no presídio**. E esta sensação de ser tomado por puro ódio se intensificou a partir da aproximação com a Campanha Reaja ou Será Morto, Reaja ou será Morta. Mas tentávamos criar nossas metodologias de ações culturais com o nosso território. E alcançar alguma **tecnologia ancestral** que coubesse no nosso cotidiano cheio de dor e vida jovem. Recorrer ao passado, compreender a História, remontar nossas identidades, deseducar a nós mesmos.

Em 2015, o ato em exigência de justiça pelo assassinato brutal de Cláudia da Silva Pereira, em 2014, em Madureira, zona norte do Rio de Janeiro, também foi organizado pelo coletivo. Com outros grupos e organizações gritávamos “Nenhum Passo Atrás”, lema da Campanha Reaja Contra o Genocídio do Povo Negro. Neste momento dava-se o início de uma nova configuração do Ocupa Alemão: discursos mais “racializados”, autodeterminação enquanto um **“movimento comunitário de maioria negra”**, a adesão e construção da Campanha Reaja no RJ e um novo tipo de “pegada” para as ações de “rua”: **cara fechada, ódio estampado no rosto e na voz**, a palavra e o conceito de **“genocídio” toma o lugar de “extermínio”**, e a **reivindicação de uma identidade negra, comunitária e favelada** assumem o texto e as ações de rua.

O coletivo Ocupa Alemão tem abraçado cada vez mais a questão racial e a luta contra a supremacia branca como questão chave para a luta de seu grupo, as favelas nas quais atua e a partir daí também em termos gerais, discutindo a superação do sistema de dominação como uma luta de superação da supremacia branca (BARTHOLL, 2015, p.252).

Experimentamos produções variadas para nossa sustentação econômica autônoma, enquanto ao que determinávamos ser naquele momento, um movimento: venda de comidas, organização de feiras, produção de eventos culturais, venda de

bótons, fanzines, camisetas, etc. Como já fazíamos parte da AGA<sup>139</sup> e do Fórum Popular de Apoio Mútuo (FPAM)<sup>140</sup>, tivemos o apoio das redes que fazíamos parte para a organização destes e dos demais eventos que realizamos.

Aprendemos com a Reaja, através principalmente de Hamilton<sup>141</sup>, que “função é função, ladainha é ladainha”. Assumimos posições e funções comunitárias individuais e coletivas. O Ocupa ia crescendo, mais integrantes, mais jovens, e íamos compreendendo nossas funções de acordo com nossos desejos e aptidões. Cada um levava o tempo que precisava. Em Malidoma Somé, a relação pessoa x função x comunidade se dá de forma bem parecida com aquilo que compreendíamos, o que traduzo hoje nesta escritura. Somé observa que a comunidade existe, em parte, a fim de “salvaguardar o propósito das pessoas que dela participam e de despertar as reminiscências desse propósito reconhecendo as habilidades únicas que cada qual traz ao mundo” (SOMÉ, 1999, p. 34 *apud* ALMEIDA, 2020, p.152). Ainda que diferente de nós, a função neste caso é dada através do reconhecimento do povo, mas revelado por um processo de recordação da própria identidade e, portanto, um percurso curativo, já que tal propósito é delineado em um “mundo de sabedoria ancestral” (SOMÉ, 1999, p. 34 *apud* ALMEIDA, 2020, p.152). Luiza Almeida reitera:

A busca da identidade no âmago da comunidade reconecta-nos com o mundo-além, com a natureza e, por conseguinte, com a morada dos espíritos. Nesse reencontro jaz a cura (SOMÉ, 1999, p. 34 *apud* ALMEIDA, 2020 p.152).

No nosso caso, reconhecemos nossas funções com base nas experiências que adquirimos na nossa jovem vida, em relação às necessidades que o cotidiano nos apresenta. E sim, nisso há cura. A cura neste caso é adquirida a partir de um processo de autoconhecimento que se dá, por vezes sem perceber, na construção e elaboração de uma atividade cultural coletiva ou em um momento livre onde a ocasião necessite de você, suas experiências e desejos.

---

<sup>139</sup>A Articulação de Grupos Autônomos reúne uma diversidade de coletivos e movimentos sociais que desenvolvem e/ou apoiam iniciativas de resistência autônoma e com foco em economias coletivas que buscam seu auto sustento em relações de trabalho sem patrão, exploração ou hierarquias.

<sup>140</sup>FPAM é um grupo formado em 2013 para o fortalecimento de coletivos políticos autônomos de favelas do RJ. <https://apoiomutuo.noblogs.org/quem-somos/>. Acesso em 29 mar. 2021.

<sup>141</sup>Hamilton Borges dos Santos (Walê), nosso mais velho de Salvador/BA, é bacharel em Direito e idealizador do projeto panafricanista Reaja ou será morto, Reaja ou será morta, que tem como objetivo lutar contra a violência policial, pela causa antiprisional e pela reparação de familiares de vítimas do Estado (execuções sumárias e extrajudiciais) e dos esquadrões da morte, milícias e grupos de extermínio. Disponível em: <http://www.reajaouseramortx.com> .

Entre os eventos livres realizados no território, a mesma temática era a chave epistemológica na elaboração de toda a produção, desde a seleção do repertório musical, passando pelo público alvo, o local escolhido, até as parcerias. Assim foram realizados os Ocupas: Rock, Rap e Vandal, três eventos específicos com centralidade temática na descriminalização da produção cultural negra e favelada. Após uma reunião de construção da Marcha Contra o Genocídio do Povo Negro, bebendo cerveja sentados no bar da minha tia num dos becos do Morro do Alemão, montamos um evento de rock dentro da favela que destaco pelo seu caráter inovador e “educativo”: o “Ocupa Rock – É som de preto e favelado”<sup>142</sup>, para fundamentalmente tratar do embranquecimento de sua história e da história da música negra nacional e internacional com a juventude do Alemão e de outras favelas. Tudo foi debatido e construído para ser um evento voltado especificamente para a juventude que curte o rock e que não encontra dentro das suas favelas um bom evento para ir e muito menos para participar, tocar. Pensamos no público local e na venda de bebida e comida baratos, os músicos convidados eram crias do Alemão, Manguinhos, Maré e Baixada.

Estudamos o público que era majoritariamente jovem, negro e masculino, e produzimos discussões entre nós para uma auto formação política. Buscamos usar imagens de rockeiros e rockeiras que são invisibilizados pela supremacia branca e seu domínio da indústria fonográfica e audiovisual para um mural que elegia Chuck Berry como Rei do Rock e marcava um xis na imagem de Elvis Presley, negando seu título mundialmente reconhecido. O debate sobre colonização, sobre racismo nas artes é o ponto central do desenvolvimento do Ocupa Rock. Este é um exemplo de como materialmente um debate pôde ser fomentado e quantas sensações ele pôde provocar enquanto tapete de experiências com arte educação comunitária - eu estava ali compreendendo uma das minhas funções enquanto uma liderança arteeducadora.

O Ocupa Rock aconteceu durante um sábado, dia 1º de agosto de 2015, dentro de um dos morros do Complexo do Alemão e não pediu autorização para a Unidade de Polícia Pacificadora (UPP). Naquela conjuntura, nenhum evento local era permitido sem a autorização formal da polícia. A polícia se fez presente momentaneamente, apenas fotografando o evento e sua organização.

---

<sup>142</sup>Album do evento disponível em: <https://www.facebook.com/media/set/?vanity=OcupaAlemao&set=a.1097074590322313>. Acesso em 18 fev. 2021

Reivindicamos nossa música, nosso som, no dia 1º de agosto no Morro do Alemão, ao REAGIRMOS com o Ocupa Rock - É Som de Preto e de Favelado. Inspirados pelos homens e mulheres que produziram esse som que é nosso, afirmamos que o rei do rock não é branco, que os nossos deuses da música são negros e ponto. Lacramos com a 1ª edição do Ocupa Rock, num evento organizado por jovens e adolescentes de maioria negra moradores do Complexo.

Afirmamos o seu embranquecimento e a tentativa de apropriação da nossa cultura como GENOCÍDIO CULTURAL sofrido pelo povo negro.

A gurizada daqui do Alemão, de Manguinhos, da Maré e da Baixada provou no dia 1º que Rock é som de preto de favelado sim e ninguém toma. E tamojunto contra as muitas formas de genocídio que sofremos.

É pelo nosso irmão, Rafael Braga.

É pelos pretos e pretas do Rock q fizeram a nossa HISTÓRIA.

É pelas mulheres negras e homens negros que só conseguiam ser backing vocals, num sistema cultural que só privilegia brancos e brancas.

Contra o roubo de nossas potentes vozes, nossa dança, nossa guitarrada, nossa roupa, nosso cabelo... A PRÁTICA GENOCIDA QUE SE APROPRIA DO QUE É NOSSO.

É pelo nosso povo.

Reaja ou será morto, reaja ou será morta.

• SHOWS (só bandas de favela e da baixada):

Namaka

Not Dead

Revestreki

Repressão Social

• DEBATE ABERTO:

"É Som de Preto e Favelado!"

Surgimento do Rock, embranquecimento, racismo e preconceitos. O Rock na favela e o funk.

\*\*\*\*\* JAM FINAL \*\*\*\*\*

Pra entrada:

1KL DE ALIMENTO PRA FAMÍLIA DO RAFAEL BRAGA

\*\*\*Grafite\*\*\* PRA MENOZADA TB!!!

• VENDAS:

-Bótons

-Caldo

-Brigadeiro

-Divergente - Cervejaria Livre (cerveja artesanal)

-Outras cervejas e bebidas: bares locais

CONTRA O GENOCÍDIO DO POVO NEGRO, NENHUM PASSO ATRÁS!!!

143

Meses depois, acontece o “Ocupa Vandal - Meu traço é minha resistência!”<sup>144</sup>, evento que consiste num encontro de três dias, em formato de oficinas, com o artista Onesto<sup>145</sup>. Em parceria com o David Amen, artista, comunicador e coordenador do

<sup>143</sup>Texto de apresentação do álbum do evento na página do Ocupa Alemão, disponível em: <https://www.facebook.com/media/set/?vanity=OcupaAlemao&set=a.1097074590322313>. Acesso em 18 fev. 2021

<sup>144</sup>Album do evento, disponível em: <https://www.facebook.com/media/set/?vanity=OcupaAlemao&set=a.1226896430673461>.

<sup>145</sup>Alex Hornest, também conhecido como ONESTO, é um pintor, escultor e artista multimídia. Nasceu em São Paulo/SP, em 1972, e começou a sua trajetória artística na década de 1990, nas ruas fazendo graffiti, vídeos documentais em série como A Invasão e Sujo, em parceria com Marky Borsky. Motivado em atuar e documentar a cena local, criou e ainda cria periódicos (publicações independentes) como

Raízes em Movimento, que abre o espaço do Ateliê de Idéias escritório da Classe D<sup>146</sup>, para que nossos encontros acontecessem ali e fôssemos pros muros no final das atividades. Onesto, artista negro, também grafiteiro, se propôs a estabelecer um diálogo como grupo de crias ali presente, para produzirem um mural coletivo, ao fim das oficinas. As conversas geraram em torno do xarpi, nomes, perigos, desejos, histórias das ruas, etc. A maioria do grupo tinha experiência no xarpi e a minoria no grafite. Todos desenhavam como prática cotidiana. Onesto falou um pouco sobre sua experiência nas ruas e nas galerias enquanto um artista da arte contemporânea de São Paulo. Em como ser um artista negro nesse meio e sobre o racismo no mercado das artes. Segundo Onesto, em mensagens particulares, aprendeu muito mais do que imaginaria e se sentia muito grato por aquela troca. O muro escolhido para o mural coletivo foi uma grande parede externa de uma casa que fica no alto do Morro do Alemão. Uma parede úmida, não tão visível, com chapisco e tijolos aparentes, ou seja, uma péssima parede para manter a tinta por tanto tempo. Escolhemos aquela pelo tamanho principalmente, mas o que todos ali queriam era mesmo “brincar” (COELHO, 2016).

Durante os dias 06, 07 e 08 de Novembro foi realizado aqui no Complexo do Alemão - Rio de Janeiro o workshop "ARTE COM SPRAY" ministrado pelo artista Onesto.

Foram 3 dias intensos de muita ralação.

Agradecemos ao Onesto, esse artista amigo parceiro irmão, q tá junto e topou o desafio de ocupar nosso morro.

Agradecemos ao Amen, Ateliê Idéias, Classe D pelo suporte à oficina no geral.

Naquele momento, em 2015, o Ocupa Alemão era formado por mais de 10 pessoas frequentadoras da Casa da Dona Zilda. Após o Ocupa Vandal, eu escrevi um texto reflexivo sobre aquele evento que foi incorporado ao álbum do evento na página do Ocupa Alemão. E aqui, já não era a Rapariga Favelada quem dizia.

Carol Lucena, cria do Morro do Alemão, integrante do Ocupa Alemão e artista educadora:

O "saber da experiência" teorizado pela academia, é outro bang pra noix.

Lata de jet é uma arma, instrumento de luta e é caro. Pra noix sai caro - entenda como quiser.

Fanzines, blogs e conteúdo para redes-sociais. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Alex\\_Hornest](https://pt.wikipedia.org/wiki/Alex_Hornest). Acesso em 18 fev. 2021

<sup>146</sup>O Coletivo Classe-D é formado por um grupo de amigos que se conheceram pelas ruas do Rio de Janeiro fazendo graffiti, por volta do início dos anos 2000. Mas só em 2012 que parte deste grupo começou a pensar suas habilidades com produções de arte e comunicação visual profissionalmente. Disponível em: <https://www.facebook.com/Classe-D-Ateli%C3%AA-de-Ideias-950892308279847/about/>. Acesso em 18 fev. 2021

O grafitti é uma das linguagens que o povo negro criou para reforçar nossa identidade e nosso território.

Enquanto alguns movimentos artísticos pensam a arte em função da cor, do objeto, do conceito, do corpo, da academia, da cena... noix pensamos a arte para a nossa libertação, em função do nosso autoconhecimento, da nossa ancestralidade, pelos nossos. Saber de onde viemos, quem somos e para onde vamos, e contra o quê e quem nos posicionamos.

As meninas e meninos que participaram do Ocupa Vandal encaram no dia a dia o muro como timeline, pintam o que são: Sonek se pinta como indígena dessa terra, Dead pinta nossos Orixás, Sukita pinta a memória do seu irmão Kung também cria, Vivi faz mulheres lindas, da favela. Nossa arte só tem função, assim como a arte dos nossos ancestrais. E como diz o nosso mas velho, Walê, "Função é Função" e por isso noix Pinta!

A representatividade do Onesto é importante para noix. Um artista negro e independente, na cena cultural em constante movimento, tem muito o que trocar conosco e por isso foi gostosa a troca. Ver-nos juntos, ver-se no outro é fundamental. Nos aquilombamos entendendo nossas possibilidades artísticas: cada um tem uma função cultural aqui dentro, a arte é nossa base. O Ocupa Alemão é um movimento de maioria negra, de crias e ocupamos nosso território e a rua com ações culturais comunitárias. Entendemos que nosso povo vive com arte, com dança, com poesia: faz parte do que noix somos. Só pedimos licença poética pros nossos ancestrais, assim como o direito à "Rua".

Nossa sede é a casa do nosso comando vital, Dona Zilda, nossa mais velha. Não somos ong, não somos financiados, nem mantidos por qualquer instituição. Somos família, cuidamos uns dos outros, nos autoprotegemos e investimos em noix mesmos. Cuidamos da nossa produção coletiva, dos nossos becos, das nossas casas, entendendo nossos lugares individuais de privilégios, de vantagens e desvantagens.

Aqui, ali ou em qualquer lugar onde nem nosso batuque, nem nossa tinta, nem nossas vozes e nem nossos caxixis são bem vindos, o saber da experiência é resistência.<sup>147</sup>

Seguindo a lógica, acontece também o Ocupa Rap - 2016 P JL Rafael Braga. Enquanto acontecia o Ocupa Rock, alguns moradores pediram para que fizéssemos um de Rap. Então, organizamos em 2016, num local onde era o baile funk proibido pela upp, com o apoio do Bar da Torre, na Rua Nova - rua criada para suportar uma das torres do teleférico. De construção coletiva, convidamos bancas de rap local e parceiras e anunciávamos que queríamos paz, justiça e liberdade para Rafael Braga. Fizemos um recolhimento de doações para a família de Dona Adriana, mãe de Rafael Braga, assim como no Ocupa Rock, afirmando que rap é compromisso.

#OCUPA RAP<sup>148</sup> - 2016 P JL Rafael Braga

Ocupa Rap apresenta:

Aika Cortez

Banca CPX

Canastra Suja

Rezapeka

<sup>147</sup>Album do evento na página do Ocupa Alemão <https://www.facebook.com/media/set/?vanity=OcupaAlemão&set=a.1226896430673461>. Acesso em 18 fev. 2021.

<sup>148</sup>Convite do Evento no facebook [https://www.facebook.com/events/422967961246082/?active\\_tab=discussion](https://www.facebook.com/events/422967961246082/?active_tab=discussion) Acesso em 29 mar. 2021



Us Neguin Q Não C Kala  
Mic livre, batalhas, reu de Xarpi e muito mais.

Ano passado, o coletivo Ocupa Alemão organizou um evento de rock aqui dentro do nosso território e foi super bem aceito pelos irmãos da favela. Aí ficamos pensando em fazer outras coisas aqui na nossa área e surgiu essa ideia de criar algo envolvendo o Rap.

O nosso objetivo é fortalecer os laços com nossos irmãos aqui da nossa área. O rap é cultura, resistência, amor e lazer.

Não podemos esquecer do nosso irmão Rafael Braga. Ele foi preso injustamente nas manifestações de 2013. O irmão foi acusado de estar portando algo explosivo, mas na verdade, estava com pinho sol, material de limpeza. Pegou 5 anos de prisão por causa disso aí. E a gente sabe muito bem o motivo né? O cara é preto, pobre e favelado. A família dele têm passado por inúmeras dificuldades. Com isso, pedimos aqui para levarem um 1kg de alimento não perecível no dia do evento. As doações foram encaminhadas para a família dele assim que o evento terminou.

Paz, justiça e liberdade para o nosso irmão Rafael Braga.

Agradecimentos: Bar da Torre

Fotografias e filmagens: Marcello Santos, Felipe Orelha e Adriano Camelo

Os Ocupas Rock, Rap e Vandal foram eventos aglutinadores de pessoas que passaram a integrar o Ocupa ALemão desde então. Tínhamos como um dos principais debates internos a elaboração de táticas para disputar os jovens moradores com as igrejas evangélicas. Falávamos bastante sobre como podemos aprender com as igrejas evangélicas comunitárias tanto no cuidado com a comunidade quanto em “disputa ideológica”. A noção de “ser povo de Deus” e não “povo negro” ou “povo preto” chamava-nos para reflexões. Parte do Ocupa Alemão teve sua vivência na igreja ou tem familiares na igreja. A igreja me ensinou muito sobre como produzir eventos, a andar pelos becos e ruas das favelas do Complexo, a transmitir meus saberes oralmente, a fazer música, arte, a ter compromisso comunitário. Eu já me sentia no Ocupa Alemão colocando em prática saberes adquiridos numa igreja comunitária pequena mas que me faltava maior compreensão identitária. Faltava a todos nós. Então os eventos assumiram esse ideal de ser espaço para criação de vínculos, exposição de talentos, ensinoaprendizagem coletivo, compromisso comunitário e fruição estética.

Nego Bispo em reflexão sobre a relação terra, trabalho e escravidão faz a seguinte abordagem:

ele (Deus) disse que aquele povo tinha que comer com a fadiga do suor do seu rosto, nesse momento ele criou o trabalho como ação de sintetização da natureza. Ao mesmo tempo ele criou também uma doença que eu chamo de cosmofofia. O medo do cosmo, o medo de deus. Esse povo eurocristão monoteísta se sente desesperado. Mas nós tivemos que aprender também a conviver com esse deus. E até o aceitamos. Porque, se é deus, deve ser bom.

Então, além de ter nossas deusas e nossos deuses, nós ainda temos esse deus. E aí foi onde eles começaram a perder. Porque eles só têm um deus e ainda dividiram com a gente. E nós temos vários. Como eles só têm um deus, eles só olham numa direção. Então o olhar deles é vertical, é linear, não faz curva. Assim é o pensar e o fazer deles. Como nós temos várias divindades, conseguimos olhar e ver a nossa divindade em todos os cantos. Vemos de forma circular, pensamos e agimos de forma circular e, para nós, não existe fim, sempre demos um jeito de recomeçar (SANTOS, 2020. p.3)<sup>149</sup>

A partir das considerações de Nego Bispo, hoje consigo mensurar a dinâmica do fazer estético numa concepção de início, este início de um ciclo que não tem fim. Este ato criador que se renova a partir de si mesmo, que conforma linguagens de transformações, exuziáco. Pulsão num estado de morte, se pensarmos a morte como um fim, uma resposta com vida. O verbo do princípio, que liberta agindo, sendo.

Malidoma Somé afirma que, para os dagara, a arte (incluindo aí a música) “é a forma pela qual os espíritos escolheram existir conosco aqui nesse mundo” (SOMÉ, 1994, p.61 *apud* ALMEIDA, 2020 p.145). Mais do que isso, o artista é um sacerdote capaz de estabelecer uma ponte com o domínio dos espíritos (ALMEIDA, 2020 p.145). As manifestações artísticas, portanto, podem ser compreendidas como expressões do sagrado, uma busca por cura coletiva. Mas Malidoma não fazia parte de nossas referências para a produção dos Ocupa Rock, Rap e Vandal. Sabíamos apenas que deveríamos canalizar nossas linguagens e expressões para uma vivência real, com o chão do nosso território. Porque se estávamos na busca pelas nossas identidades, por autoconhecimento, sem o nosso território e nossa arte sabemos em algum nível que não existimos. Pois antes de ter consciência de quem eu sou e para onde vou, eu já canto, danço, faço poesia e rabisco.

Em minha aldeia, existe apenas uma linha tênue entre o artista e o curandeiro. De fato, não há uma palavra na língua dagara para arte. O termo mais próximo para isso seria a mesma palavra empregada para dizer sagrado. É como se houvesse uma sacralidade intrínseca ao simbolismo artístico. [...] Na aldeia, a habilidade de dar à luz a arte é um sinal de aprovação do mundo espiritual. [...] O artista através do qual a entrega é feita é visto com admiração e abordado como o mensageiro de um portal. [...] O artista é o pulso de uma comunidade; sua criatividade diz algo sobre a saúde daquela comunidade (SOMÉ, 1994, p. 61 *apud* ALMEIDA, 2020 p. 146).

---

<sup>149</sup> Nego Bispo para a Revista Piseagrama, texto de título Somos da terra, publicado em 23/02/2020. Disponível em [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5120556/mod\\_resource/content/1/BISPO-DOS-SANTOS\\_Somos%20da%20terra%20-%20Piseagrama.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5120556/mod_resource/content/1/BISPO-DOS-SANTOS_Somos%20da%20terra%20-%20Piseagrama.pdf) Acesso em 05/02/2021.

E soavam mesmo como cura. A cada evento, estávamos mais próximos de nós. Nos conhecíamos mais: nossas habilidades, nossas tecnologias, nossas “manhas”.

Todos os eventos que fizemos contaram com o apoio do Fórum Popular de Apoio Mútuo, Sindiscope e Sindipetro. Entre outros parceiros que emprestavam mesa e caixas de som, cabos, projetores, espaço físico, etc.

Os três eventos citados anteriormente foram uma das primeiras experimentações artísticas da vida da maioria daqueles jovens que já se sentiam parte do Ocupa Alemão, seja compondo, cantando, tocando, desenhando, pintando, organizando eventos, produzindo lambes, botons e posteres. Sukita (Lucas Assis), em entrevista, afirma a tamanha relevância do Ocupa Alemão no âmbito pessoal justamente por ser e produzir espaços seguros para a experimentação artística.

Por que ocupar é mole pô. É só ir lá e lançar o nome. Mas po, o Ocupa foi a primeira vez que eu cantei, cara. Tem noção? Foi onde me descobri na música. Isso é muita coisa. Olha só hoje.

Sukita é aluno de música e pesquisador em Etnomusicologia na UNIRIO, integrante do Grupo de Pesquisa em Etnomusicologia Dona Ivone Lara - GPEDIL, composto pelos autores<sup>150</sup> Matheus Ferreira, Lucas Assis (Sukita), Raphaela Yves, Jhenifer Raul e Pedro Mendonça, com os quais defendeu a tese escrita a várias mãos e a partir de diversos pontos de vista: “Funk carioca, política, gênero e ancestralidade no sarau divergente: uma pesquisa-ação participativa (2018)<sup>151</sup> - tese que reflete sobre violência, conflito e práxis sonora, numa meta-etnografia realizada coletivamente. Sukita atua como músico independente e é professor para crianças da Escola Quilombista Dandara de Palmares, no Complexo do Alemão.

Assim como Sukita, os eventos foram relevantes para André Fiapo, também conhecido como Dead (seu nome no xarpi). Andrezinho, como costumamos chamá-lo desde muito criança, que posteriormente virou Fiapo - na capoeira - é graduado pelo grupo Abadá Capoeira e professor de capoeira para crianças do entorno, em 3 escolas. Sendo uma delas a Escola Quilombista Dandara de Palmares.

---

<sup>150</sup>Em 2021, Mateus Ferreira não faz mais parte do GPEDIL, substituído por Juliana Freire (a Potiguara Favelada), citada por diversas vezes nesta dissertação.

<sup>151</sup>A tese está disponível em: <http://www.repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/handle/unirio/12708?show=full>.

Eu nunca fui “do” Ocupa mas eu sempre tive com vocês, tava junto. Eu ia aprendendo as paradas de ouvir as conversas. Lá que eu aprendi sobre racismo. Sempre fui da capoeira, desde menorzão. Mas com o Ocupa eu fui entendendo a relevância da capoeira e de passar isso pra dentro da favela, ser um atleta, cuidar do corpo, entendendo a resistência que é ter o conhecimento da capoeira. (...) O Ocupa é muito parecido com a capoeira, em termos de organização. É no noix por noix, ali junto pra cumprir uma função...e tem a relação com os quilombos (...) e a história da capoeira que se camufla em dança e berimbau, em ginástica brasileira, pra não ser criminalizada. O drible do Mestre Bimba no código penal...tudo isso tem a ver [com o Ocupa Alemão].(...) Assim que eu voltar a estudar e terminar, quero fazer História ou Educação Física, pra poder pesquisar mais sobre a capoeira.<sup>152</sup>

Participamos da Semana da Soberania Audiovisual, um encontro latinoamericano para troca de experiências e vivências audiovisuais em sedes descentralizadas. Com isso, "ocupamos" a Praça do Conhecimento aqui na favela da Nova Brasília com curtas sobre remoções: "Vila Autódromo Não Se Cala" (Girassol Comunicações, 2013)<sup>153</sup> e "Partir" (Pâmela Peregrino, 2013)<sup>154</sup> onde estiveram presentes, numa troca cheia de aprendizado e referência, famílias da Favela da Skol - favela removida do CPX do Alemão, os frequentadores das rodas culturais e praças em questão. OCUPAMOS também a Roda de Olaria, nas Quadras Gêmeas, onde colocamos em cheque o genocídio do povo preto que acontece através das dinâmicas de encarceramento do povo preto. Uma conversa boa através do curta sobre a prisão do irmão Rafael Braga, "O Homem que Foi Condenado por Porte de Pinho Sol" (Gustavo Dopke e Erika Rocha, 2015) como parte integrante das nossas ocupações constantes a respeito do caso de Rafael Braga, morador de Olaria. E por último, OCUPAMOS a Vila Cruzeiro, na Praça do Mineirinho, com curtas que discutem a questão racial no Brasil: o racismo e suas diferentes faces, o genocídio, através de "Os (In)Cômodos" (Cineclube Atlântico Negro, 2015) e "Intervenha Aqui" (Sidney Dore, 2015) sobre intervenções artísticas urbanas, experiências éticasestéticas, nada mais que desenhos na camada de pele da cidade (COELHO, 2016). As escolhas dos curtas foram feitas a partir de nossa própria linguagem política como parte estruturante dialógica dos espaços previamente escolhidos, numa dimensão de "tática" em arteeducação.

<sup>152</sup>Em entrevista gravada em vídeo, no dia 07/09/2020.

<sup>153</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=RremXStIHGo> . Ultimo acesso: 12/10/2020.

<sup>154</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=guNdzsJ1thI> Ultimo acesso: 12/10/2020.

Ocupamos escolas<sup>155</sup> do entorno (estadual e municipal) com atividades extracurriculares com crianças do ensino fundamental e médio considerando o antirracismo como objetivo conceitual principal. Ocupa Cairu, Ocupa Escolas na Conscientização Negra e os Cinedebates, são alguns exemplos de manifestações culturais que aconteceram sob a mesma lógica: de serem dispositivos com limites éticos estéticos de uma pedagogia artística possível, os quais indicavam que a cada evento realizado uma nova reconfiguração de integrantes era formada, operando dentro de uma mesma coluna vertebral ideológica de ações.

Enquanto tentávamos ocupar as escolas com atividades lúdicas antirracistas, o Complexo do Alemão continuava a viver a ocupação militar no seu cotidiano. E literalmente, escolas da região eram ocupadas pela polícia<sup>156</sup>, como é o caso dramático do Centro de Atenção Integral à Criança (C.A.I.C.) Theophilo de Souza Pinto, na Nova Brasília, que possuía uma torre da <sup>157</sup>upp no pátio. “Quem ocupa escola no CPX é a upp”, diziam as notícias da época. O absurdo deste fato contabilizava mais de 100 buracos de balas de grosso calibre nas paredes do colégio, os quais os professores tapavam com florzinhas e coraçõezinhos de papel, troca de tiros de dentro da escola, funcionários e alunos diariamente assustados e evasão escolar diminuindo pela metade o número de estudantes.

Uma audiência pública com a comissão de direitos humanos foi marcada dentro da escola, solicitada e organizada por nós, moradores, através do Juntos pelo Complexo<sup>158</sup>, que na época somava 17 coletivos e instituições, além de 12 associações de moradores da favela. A audiência aconteceu no dia 4 de maio de 2015, na quadra do C.A.I.C.. Na ocasião, foi lida uma carta escrita pelos alunos. Professores deram testemunhos sobre a convivência incompatível de uma instituição de educação com a polícia. A diretora consegue de dentro da própria sala ver os alunos no pátio através de um buraco aberto por uma bala que atingiu o local. Em

---

<sup>155</sup>Disponível em: [https://www.facebook.com/OcupaAlemao/photos/?tab=album&ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/OcupaAlemao/photos/?tab=album&ref=page_internal). Acesso em 23 mar. 2021.

<sup>156</sup>Assim como Assata Shakur, em muitas partes do texto, inicio com letras minúsculas nomes que rejeitamos e desprezamos sua supremacia.

<sup>157</sup>Assim como Assata Shakur, em muitas partes do texto, inicio com letras minúsculas nomes que rejeitamos e desprezamos sua supremacia.

<sup>158</sup>O Coletivo Juntos pelo Complexo do Alemão é uma união de coletivos e lideranças que já existiam no Complexo do Alemão, efetivada em 2013, para acompanhar, comunicar, pressionar, exigir e denunciar questões relevantes para o desenvolvimento do Complexo. Disponível em: [https://wikifavelas.com.br/index.php?title=Juntos\\_pelo\\_Complexo\\_do\\_Alem%C3%A3o\\_\(coletivo\)](https://wikifavelas.com.br/index.php?title=Juntos_pelo_Complexo_do_Alem%C3%A3o_(coletivo)). Acesso em 22 fev. 2021.

consenso, dizíamos “Queremos a retirada da UPP agora! Queremos data e ação.” O evento durou mais de três horas. Foi permitido um tempo determinado para a fala de cada membro da mesa e a discussão foi moderada pelo Deputado Estadual e dirigente da Comissão de Direitos Humanos, Marcelo Freixo. A mesa foi composta pelos depoentes Denize Moraes, mãe de Caio - mototaxista assassinado com um tiro nas costas por policiais da upp, em 2014; Udson Freitas, jovem que representava o Juntos pelo Complexo; Marquinhos Pepé (Marcos Valério Alves), Presidente da Associação de Moradores das Palmeiras; Flávio Serafini, Deputado Estadual do Rio de Janeiro, e, sentado ao lado deles, o Coronel Íbis Silva Pereira, representando a policia militar; Thiago Matioli, pesquisador do Instituto Raízes em Movimento, ong local; Coronel Laviano; Andréa Sepúlveda, representante da Secretaria de Estado de Assistência Social e Direitos Humanos do Rio de Janeiro; a Profa. Rosana Mendes, representante da Secretaria de Educação do Estado do Rio; o Deputado Reginaldo Lopes, Presidente da CPI e a Deputada Rosângela Gomes, Relatora da CPI. Tiveram falas garantidas os professores Matheus Mendes e Guilherme Moreira, professores do C.A.I.C.. Algumas inscrições para o diálogo também foram abertas: Tia Beth, reconhecida educadora infantil do nosso território; Allan Brum, presidente da ong Raízes em Movimento; Mariluci Mariá, moradora e artista local; André Luiz, morador e mestre de lutas marciais e Leonardo Souza, integrante do Ocupa Alemão. A audiência foi bastante interrompida com falas raivosas do público, composto por familiares de alunos, professores, estudantes e movimentos sociais. Foi uma audiência bastante emblemática para nós, por muito do que foi dito ali, mas principalmente por de dentro do nosso território e mergulhados naquele contexto de assassinatos e ocupações, ouvimos de uma convidada, a ex-delegada Martha Rocha, que “em primeira instância, o policial é o pedagogo, o professor da cidadania”. Conforme trecho da discussão:

Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro<sup>159</sup>

(...)

---

<sup>159</sup>Cpi - Violência Contra Jovens Negros e Pobres evento: Audiência Pública Reunião Nº: 0468/15 Data: 04/05/2015 Local: Complexo Do Alemão - Caic - Rj Início: 10h33min Término: 13h32min Páginas: 64. Disponível em: [https://www.camara.leg.br/internet/sitaqweb/textoHTML.asp?etapa=11&nuSessao=0468/15&nuQuarto=0&nuOrador=0&nuInsercao=0&dtHorarioQuarto=09:30&sgFaseSessao=&Data=4/5/2015&txApelido=CPI%20-%20VIOL%C3%AANCIA%20CONTRA%20JOVENS%20NEGROS%20E%20POBRES&txFaseSessao=Dilig%C3%Aancia&txTipoSessao=&dtHoraQuarto=09:30&txEtapa=.](https://www.camara.leg.br/internet/sitaqweb/textoHTML.asp?etapa=11&nuSessao=0468/15&nuQuarto=0&nuOrador=0&nuInsercao=0&dtHorarioQuarto=09:30&sgFaseSessao=&Data=4/5/2015&txApelido=CPI%20-%20VIOL%C3%AANCIA%20CONTRA%20JOVENS%20NEGROS%20E%20POBRES&txFaseSessao=Dilig%C3%Aancia&txTipoSessao=&dtHoraQuarto=09:30&txEtapa=)

A SRA. MARTHA ROCHA - Bom dia ou boa tarde, já não sei, a todas e todos. Eu quero em especial dizer da minha alegria de estar aqui nesta manhã, não porque eu sou Presidente de uma Comissão ou porque eu sou uma Deputada eleita. Eu me sinto muito à vontade aqui, porque, com muito orgulho, eu sou nascida na Penha. Eu cresci na Penha. Sou fruto da escola pública. Sou aluna da Escola Normal Heitor Lira. Então conheço e tenho uma identidade com essa região.

Quando o Deputado Marcelo Freixo começou a construir esta audiência, a Comissão de Segurança... Eu quero dizer que, além de Presidente da Comissão de Segurança, eu sou também membro da Comissão de Direitos Humanos. Eu sou policial civil de carreira. Tenho mais de 32 anos na Polícia Civil. Mas entendi que eu deveria participar como membro da Comissão de Direitos Humanos porque entendo que não há possibilidade de pensar em segurança pública sem pensar em respeito aos direitos humanos, porque entendo que o policial, seja o policial civil, seja o policial militar, ele é em primeira instância o pedagogo, o professor da cidadania. (Intervenção fora do microfone. Ininteligível.)

A SRA. MARTHA ROCHA - Se o senhor me deixar falar, eu vou agradecer. Tudo bem, você pode sair, sem problema nenhum.

Meu senhor...

(Intervenções simultâneas ininteligíveis.)

A SRA. MARTHA ROCHA - Quem fala essa frase é o Prof. Ricardo Balestreri, que foi Secretário Nacional de Segurança Pública, e o que ele quer dizer com isso é que o erro do policial, seja civil, seja militar, é duplamente sentido pela população, porque ele tem o dever de ser o símbolo do Estado, por isso seu erro nos choca tanto assim, como disse aqui o Comandante Íbis, por aquilo que ele não é treinado para fazer, porque a polícia deve ser uma polícia cidadã, e da mesma forma pelo impacto que ele acarreta na sociedade.

Eu estou terminando a minha fala, porque quero continuar ouvindo a comunidade. Vejo nesta comunidade, nesta reunião, uma presença maciça de mulheres, e quero dizer, dirigindo-me ao nosso Presidente da CPI, que, quando a gente perde um filho, ou um marido, ou um companheiro, a mulher é duplamente vitimizada. Ela é vitimizada porque na verdade ela continua a sua tarefa sozinha.

O SR. LEONARDO SOUZA - Boa tarde, gente! Meu nome é Leonardo, sou morador, nascido e criado no Alemão.

A primeira coisa que eu queria dizer é que eu participei da organização também, com o pessoal do Juntos pelo Complexo do Alemão, faz parte de um coletivo que está nessa organização também... Em nenhum momento eu vou deslegitimar e dizer que não está sendo interessante um diálogo, pelo contrário.

Eu só queria questionar algumas coisas aqui, o seguinte: primeiro, as pessoas que me conhecem já sabem a minha postura e a minha dúvida em relação a este tipo de processo institucional. A base de polícia está no colégio, se não me engano, desde 2012. Eu queria perguntar onde estavam os senhores desde 2012? Não sabiam disso? Isso não tinha chegado até vocês? A segunda coisa que eu queria dizer é o seguinte: eu ouvi várias falas aqui e discordei de várias. Provavelmente algumas pessoas vão discordar do que eu vou dizer. Isso, dentro de uma democracia, é normal. Eu só acho que existe um limite em relação a respeito. Aqui estão várias mães de vítimas, na mesa está uma, D. Denize, e outras estão sentadas aqui. Eu acho que, quando os senhores vêm à favela discutir com a gente sobre o que está havendo aqui, a primeira coisa que tem que haver é respeito, é sentar, escutar. (Palmas.) E se a gente falar um pouquinho mais alto, se aumentar um pouco o tom de voz, eu acho que a gente tem esse direito. E o papel de vocês é ouvir.

Como eu disse, eu ouvi várias coisas aqui que não me contentaram. Mas é isso, eu estou participando de processos coletivos, e processo coletivo é isto mesmo: pererê, parará. Agora, a gente tem que ter mais respeito principalmente não só com quem mora aqui, mas com quem está morrendo, com mãe de vítima.

Tem gente morrendo. Os senhores vão voltar para casa, os senhores vão voltar para o hotel - vão voltar para casa -, e todo mundo vai continuar aqui, vai dormir aqui hoje e a semana toda vai passar aqui.

Então, o evento foi muito bacana, foi muito legal. Mas e aí? Vai sair da escola a base de polícia? (Palmas.) Como eu já disse, e vou repetir, o meu posicionamento político, por exemplo, não é só em relação à base de polícia. Mas e o restante? A polícia vai sair do Complexo? Porque eu ouvi aqui muita gente dizer: Ah, não, mas a polícia é necessária, a polícia é isso e aquilo. O que eu tenho para dizer é o seguinte. A gente teve o relato aqui do irmão que tomou um soco na cara, o irmão da Penha, a gente tem do filho da D. Denize, a gente tem os relatos que Udson deu aqui, a gente tem os relatos que Pepé deu aqui.

Meu irmão, a gente é morador do mesmo Complexo, mas vou discordar do que você disse em relação ao seguinte: para mim, a polícia não está mal preparada. A polícia está fazendo exatamente a função social que ela tem que fazer. (Palmas.) Para mim, isso não é falta de preparo, não. Todo mundo aqui sabe como foi criada essa instituição. Já disse isso uma vez. Eu não vou ficar aqui acusando a instituição, não. Meu papo é o seguinte: a polícia é uma instituição falida não porque só a instituição é falida, mas porque a gente vive numa sociedade falida. A sociedade toda está falida. A gente tem que repensar muita coisa.

Só que é muito fácil pedir calma, é muito fácil pedir paciência, quando você não está passando nem sentindo aquilo na pele; é muito fácil vir falar que a polícia é pedagoga, quando não foi o seu filho que levou tiro na cabeça, foi o da D. Denize, que morreu, foi o da Mônica, foi o da mãe (ininteligível). Isso é muito fácil. (Palmas.)

Aí, eu acho muito fácil dizer que está sendo hostilizado. Ah, mas você está muito nervoso. O papel de vocês é vir aqui e ouvir isso mesmo. Eu não estou hostilizando ninguém. Se quiser voltar todo dia para conversar aqui, um monte de mães vai conversar com você amanhã, depois de amanhã. Mas a gente tem que deixar algumas coisas bem claras. Como é que você vem aqui, numa audiência pública numa favela, sabendo o que está havendo aqui - ou deveria saber -, e vai dizer que a polícia é pedagoga? Isso só pode ser uma piada.

(Não identificado) - É uma piada!

O SR. LEONARDO SOUZA - Isso é uma piada! (Palmas.) A senhora deveria pedir desculpas a todas as mães de vítimas que tem aqui, ao irmão da Penha, que levou um soco na cara, porque está aí a polícia sendo pedagoga para eles também.

Então, eu vou encerrar minha fala aqui. Minha fala é só essa. Eu queria deixar claro que participei desse processo. A gente dialoga, o meu coletivo participou, mas quando os senhores vierem aqui conversar com a gente, têm que repensar algumas posições de fala. Eu ouvi alguns assessores aqui dizerem: Ah, mas você está muito nervoso, Leonardo. Ora, se eu não tiver o direito de estar nervoso, quem vai ter? (Palmas.)

O SR. COORDENADOR (Marcelo Freixo) - Tem todo o direito. Vamos lá, Leonardo. Obrigado pela fala. Teve fala hoje como tem fala sempre com a gente. Sabe disso, não é? (Pausa.)<sup>160</sup>

<sup>160</sup>Trecho retirado da transcrição feita pelo Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação da Violência Contra Jovens Negros e Pobres evento: Audiência Pública reunião Nº: 0468/15 data: 04/05/2015 local: Complexo Do Alemão - Caic - Rj início: 10h33min término: 13h32min páginas: 64. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/internet/sitaqweb/textoHTML.asp?etapa=11&nuSessao=0468/15&nuQuarto=0&nuOrador=0&nuInsercao=0&dtHorarioQuarto=09:30&sgFaseSessao=&Data=4/5/2015&txApelido=>



Infelizmente, uma das vozes inaudíveis deste diálogo transcrito era da assessora da comissão de direitos humanos que entreviu na fala de Leonardo dizendo que ele estava sendo machista com a Martha Rocha. Naquele momento, vivíamos uma piada de fato! Uma assessora, mulher negra e favelada, dizendo para o Leonardo - jovem negro e favelado - se acalmar pois ele já estava sendo machista e desrespeitoso com a Martha Rocha - mulher branca, deputada e ex delegada. Lembro que fora da audiência, eu e outra moradora batíamos boca - em defesa de Leonardo - com a assessora que nos surpreendeu naquela posição, julgando Leonardo como o opressor de Martha Rocha, bloqueando Leonardo do contato visual com Martha Rocha. Aquela cena, aquele episódio serviu para muitos debates em coletivo, dentro e fora da Casa de Dona Zilda. Estavam presentes no público daquela audiência: um grupo de mães de vítimas da polícia formado por Ana Paula Oliveira (mãe de Jonatan de Oliveira - Manguinhos), Maria de Fátima (mãe de Hugo Leonardo - Rocinha), Fátima Menezes (mãe de Paulo Roberto - Manguinhos), Mônica Cunha (mãe de Rafael Cunha - morto no DEGASE) e Dona Irone (moradora da Maré e mãe de Vítor Santiago que ficou parapléjico com a tentativa de assassinato sofrida), além de Dona Denise, mãe de Caio do Complexo do Alemão, que compunha aquela mesa. Dona Teresa tinha acabado de perder Eduardo, de 10 anos, há um mês, ali no CPX. Ela não estava, mas aquela escola estava lotada de mães, mulheres em grande maioria negras, que também escutaram aquela covardia dita por Martha Rocha e não se calaram, reagindo com bastante gritaria. Como era possível naquele contexto os papéis de opressão se confundirem daquela forma? O que sentir quando se é golpeado por aquela mulher negra e favelada daquela forma, naquele contexto? Quantas violências envolvidas naquela análise! Este foi apenas um dos casos em que o debate superficial de gênero nos tonteava. Naquele momento, estávamos bastante próximos das mães citadas acima, apoiando-as em suas lutas e nos compreendendo enquanto jovens, sem filhos, com

tempo para proporcionar visibilidade, renda e autonomia política para aquele grupo que estava se formando.

Em 2016, um Zine coletivo era lançado. Chamado Zine Aquilombando<sup>161</sup>, marcava mais uma leva de manifestações e produções artísticas dos integrantes do coletivo. Vendido por cinco reais em feiras e saraus<sup>162</sup> que participávamos, o Zine contribuía para um projeto bem inicial de economia quilombista. O conteúdo do Zine Aquilombando foi criado pelos integrantes que compunham o Ocupa Alemão naquele ano e eram poesias, colagens, letras de músicas e fotografias compiladas num dispositivo prático e urbano como o zine. Aproveitávamos para nos afirmar enquanto um “movimento quilombista favelado”. Cada jovem que ali imprimia sua expressão artística afirmava-se naquele momento viver um processo de ensinoaprendizagem coletiva, familiar e comunitária. Mc Mano Teko<sup>163</sup> e Nelson Maca<sup>164</sup> foram dois mestres e mais velhos importantes neste processo. Muito próximo de nós e compreendendo o processo com aquela juventude, Mano Teko, que também era grande apoiador da campanha Reaja ou Será Morta ou Morto e protagonista do Sarau Divergente (encontro obrigatório uma vez por mês onde somávamos no que podíamos), propôs uma oficina de funk<sup>165</sup>, no terraço da Zilda. Estiveram presentes alguns dos jovens do Ocupa Alemão, a família de Rafael Braga e alguns amigos de outras favelas.

OFICINA DE FUNK - "A Resposta" Com Mano Teko e Mc Laska e o produto final foi esse e muito mais:

O novinho é o nosso irmão  
E dele não abrimos mão

<sup>161</sup>Álbum com páginas na íntegra do Zine Aquilombando, disponível em: <https://www.facebook.com/media/set/?vanity=OcupaAlemao&set=a.1351880304841739>. Acesso em 29 mar. 2021.

<sup>162</sup>Postagem de lançamento do Zine, no Sarau Divergente, em 21 de março de 2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/OcupaAlemao/posts/1226566570706447>. Acesso em 29 mar. 2021.

<sup>163</sup>Mc Mano Teko é um funkeiro carioca, de Irajá. Fez parte da dupla Teco e Buzunga, conhecido por suas músicas funk nos anos 90, protagonista da organização e mestre de cerimônias do Sarau Divergente. Sua história pode ser melhor conhecida em <http://www.funkderaiz.com.br/2009/05/mano-teko.html>. Acesso em 29 mar. 2021.

<sup>164</sup>Nelson Maca é Poeta, professor e agitador cultural na cidade de Salvador. Em 2015, lançou o livro Gramática da Ira (Blakitude), que traz 56 poemas divididos em 9 partes. A obra conta com prefácio de Carlos Moore e apresentação de Maria das Graças Gonçalves. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/a-literatura-e-um-fuzil-diz-nelson-maca/>. Acesso em 29 mar. 2021.

<sup>165</sup>Oficina de Funk “A Resposta” foi uma provocação de Mano Teko aos jovens do Ocupa Alemão e quem mais quisesse estar. Disponível em: <https://www.facebook.com/media/set/?vanity=OcupaAlemao&set=a.1226932040669900>. Acesso em 29 mar. 2021.

Mão, mão na cara desses vacilão  
Da PM noix não peida não

O novinho é o nosso irmão  
E dele sentimos falta, falta  
Falta é justiça nessa hora, ora  
Ora pelo mano e vem pra roda

O novinho é o nosso irmão  
E a nossa mãe chora, chora  
Chora o povo preto nessa hora, ora  
Ora! Chora o povo preto nessa hora!

(Mc Laninha, Rafa e Carol)

Com as irmãs e os irmãos  
No Complexo do Alemão  
Vamos nos aquilombando  
Contra a colonização

Fortalecendo os laços  
E também a união  
Mano Teko, MC Lasca  
E também o Julião

Muito ódio contra eles  
E muito amor pra noix  
Os momentos são difíceis  
Mas nunca estamos sós

A-aha, não dá pra acreditar  
Instalarem as UPPs  
E noix não para de sangrar

(Mcs Botelhão e Rapha)

Aqui no Alemão  
Noix tamo muito nervoso  
O bonde tá crescendo  
E o bagulho ficando loco  
Enfrentando os mandado  
Noix não vamo cair  
Com a cabeça sempre erguida  
Noix sempre vamo seguir

Aqui não cola casa grande  
Nem de dentro, nem da pista  
Com os mano da auto-defesa  
A muralha tá sinistra

Com a morte dos irmão  
Noix vai criando ódio  
Fechados com a Reaja  
É nesse bonde que eu colo

Noix não vamo descançar  
Enquanto não formos libertos  
É com os mano da cadeia  
e da favela pra quem eu rezo

É pra eles que eu rezo  
É pra eles que eu rezo  
É pros mano da cadeia e da favela que eu rezo

(Mc Potiguara Favelada)

Nelson Maca, grande mestre da poesia, é para nós mais um “mais velho” que nos transmite quando pode suas experiências e reflexões. Apresentados por Mano Teko, no terraço da Zilda, num dia inteiro de trocas e poesias, nossa relação com Maca não poderia dar em nada diferente do que na produção de poesias e na inspiração para artes. Foi a partir destes encontros, na encruzilhada daquele processo de autoconhecimento individual e coletivo, que surge o Zine Aquilombando como dispositivo de expressão sobretudo. Gramática da Ira, nome da obra lançada por Maca, em 2015, traz imagens que dialogavam diretamente conosco, esse jogo de vivo ou morto que parecia nosso cotidiano. Com prefácio de Carlos Moore, que mais parece uma aula de história da arte, o livro foi a inspiração para o início de uma fase de produção intensa do Ocupa Alemão, onde cada um começava a desenvolver suas funções organizacionais dentro do coletivo - o fotógrafo, a tradutora, a promotora de eventos, os artistas, os educadores, os frente, a matriarca, etc. Foi o processo mais intenso daquele cotidiano, onde a Casa da Dona Zilda era o grande útero dos nossos amadurecimentos.

A partir deste momento, em 2015/2016, abraçamos nossas funções na tentativa de uma melhor divisão de tarefas. Lorena, a Sarará X, única fluente em inglês, traduzia textos que denominamos importantes e que não tínhamos acesso em português. Desejamos montar uma biblioteca, um banco de textos traduzidos para disponibilizar para outros interessados. O mais jovem entre nós, gostava de fotografar. Então conseguimos a doação de uma câmera fotográfica para ele se desenvolver tecnicamente e experimentar com liberdade. Desejamos colaborar com um periódico local, o jornal Alemão Notícias, com textos, imagens e divulgação de empreendedores locais. Conseguimos apoio para impressões de algumas tiragens através de um sindicato parceiro. Alguns de nós não tinha terminado o ensino médio. Conseguimos providenciar apoio para matrícula em um supletivo. Organizamos saraus pela liberdade de Rafael Braga na esquina de sua casa, com o protagonismo também de sua família. E tinham como ponto fundamental a discussão sobre o encarceramento da família preta e favelada – morte em vida - como prática estruturalmente genocida, mas metodologicamente, atuava com artes, brincadeiras e poesia. Experimentamos,

em resposta à demanda dos atos genocidas praticados cotidianamente pelo Estado, o acolhimento mínimo de mães vítimas do racismo estrutural imposto pelo Estado dentro das favelas do Rio de Janeiro, garantindo a organização de exigências de justiça manifestadas por moradores e a ajuda mínima à família como no recolhimento de auxílios e mantimentos, contatos com advogados, cuidados fundamentais às crianças, mediação no cuidado psicológico dos envolvidos e a tarefa de incentivar virtualmente a visibilidade dos casos.

Fez parte de nossa história o processo de montagem de duas bibliotecas comunitárias, a primeira construída no Morro dos Mineiros, favela do Complexo do Alemão, e a segunda pensada para ser exclusivamente uma biblioteca de obras literárias e produções acadêmicas produzidas sob o viés da produção de conhecimento negro, indígena e comunitário, buscando o público infantil, juvenil e adulto da favela, num local próximo à casa da Dona Zilda. Por falta de espaço, essa biblioteca existe hoje dentro da Escola Dandara de Palmares, mas ainda não está com seu uso devido.

Buscamos a presença e participação em seminários, grupos de estudos acadêmicos, saraus, congressos e encontro de estudantes universitários a fim de aproximação entre a produção de pesquisa acadêmica e a produção de conhecimento comunitário, promovendo o debate racial e territorial como escopo das atividades.

Tendo por genocídio do povo negro todo o aparato que nos mata inclusive subjetivamente, travamos com afincos disputas políticas territoriais na produção de pesquisas acadêmicas no/do/com (ALVES, 2001) o Complexo do Alemão complexificando ainda mais o trabalho de campo na favela para “os de fora”, compreendendo a relação hierarquizante e colonialista entre favela e academia.

As rodas de rima locais deram-se com o tempo como espaços abertos para a participação ativa do Ocupa Alemão na promoção desses debates raciais, amplificando campanhas por liberdades de presos políticos locais - como é o caso internacionalmente conhecido de Rafael Braga -, e as vítimas da polícia militar<sup>166</sup> do estado - como o caso Amarildo, em 2013, na Rocinha, e o menino Eduardo de Jesus, em 2015, e no mesmo mês Dona Elizabeth, de 41 anos, morta dentro de sua casa, ou Benjamin, de 1 ano, em 2018, morto no carrinho de bebê, na entrada da Nova Brasília,

---

<sup>166</sup>Assim como Assata Shakur, em muitas partes do texto, inicio com letras minúsculas nomes que rejeitamos e desprezamos sua supremacia.

ou como ocorreu em setembro de 2019, quando Agatha Felix, de 8 anos, foi morta por um tiro de fuzil, dentro de uma Kombi, quando chegava em casa. Nosso compromisso comunitário está também em providenciar apoio ao velório caso precise, cestas básicas e itens de higiene, socorro a emergências, entre outros. Está no amparo básico, afetivo, espiritual.

Foi então que, junto à Campanha Reaja, ao Fórum Popular de Apoio Mútuo, ao Sarau Divergente, ao Perifavela e à mães vítimas da violência no Rio de Janeiro, criamos a Feira Pretitude Econômica<sup>167</sup>. Lá, 20%<sup>168</sup> do lucro das barracas foram destinados a um fundo para ajudar mães vítimas do Estado do Rio de Janeiro. A ideia da feira surgiu após a III Marcha internacional Contra o Genocídio do Povo Negro, em agosto de 2015, no Bairro de Cabula, Salvador, Bahia. Depois de diversas reuniões, decidimos criar um fundo para proporcionar mais autonomia a essas mães. A proposta da feira era arrecadar dinheiro para esse fundo que chamamos de fundo de lutas. Foram três feiras realizadas - a primeira no Complexo do Alemão, a segunda no local onde acontecia o Sarau Divergente, no Centro do Rio, e a terceira na UFRJ, em 2016, durante o Encontro Nacional de Estudantes e Coletivos Universitários Negros - ENECUN e sua festa, chamada Noite Pretitude, até que as mães formaram seu grupo.

Foi nesta festa que estreou a banca Canastra Suja, composta por Sukita, alguns amigos do Complexo do Alemão e da Penha. Eles abriram o show de Mano Teko. A experiência na produção do ENECUN foi muito diferente para cada um de nós que participou ativamente do processo: como o Ocupa Alemão é composto por uma minoria universitária, para uns foi a primeira vez dentro de um campus universitário.

Esses relataram que sentiram grande estranhamento ali: olhares atravessados, sensação de não pertencimento, sentimento de inferioridade. Para outros, os universitários, relataram na época que foi uma nova experiência com o meio já que nunca tinham visto tantas pessoas negras juntas dentro da UFRJ. Para outros, o relato é de que sentiu-se falta de uma fala sobre a relação entre a universidade e a favela ali em uma daquelas mesas, principalmente por um de nós, já que estávamos trabalhando há tanto tempo para que aquele evento acontecesse - desde mão de obra, carregamento de cadeiras e mesas, montagem de palco, som, venda nas barracas,

---

<sup>167</sup>Página da Feira Pretitude Econômica, disponível em: <https://www.facebook.com/PretitudeEconomica/>. Acesso em 19 fev. 2021.

<sup>168</sup>Matéria sobre a Feira disponível em: <https://memoria.ebc.com.br/cidadania/2015/10/feira-no-rio-libera-parte-do-lucro-para-maes-vitimas-de-violencia-do-estado?fbclid=IwAR2P5VmwHb8W-FoqtAcZPoCnKW5OHhXLzCqbRAY75UkmixcVV8VptWVxg74>. Acesso em 19 fev. 2021.

etc. Para todo o grupo, o ENECUN foi um marco na história da UFRJ e dos coletivos negros universitários. No mesmo momento, corríamos atrás de um espaço para a construção de um campus da UFRRJ no Complexo do Alemão, como já citado anteriormente.

Ao passar do tempo, fomos encontrando modos de atuação territorial que considerasse o racismo estrutural, o colonialismo, como principal inimigo nessa guerra racial. Por isso, tudo aquilo que pensávamos, conversávamos, desenvolvíamos comunitariamente, mostrava-se pois impactado pelos afetos que compõem nossas subjetividades, compostas também pelos traumas do colonialismo. Ou seja, tudo aquilo que produzíamos ou nos propúnhamos a produzir no sentido de um fim aquilombado, era atravessado pelas crises individuais e coletivas produzidas pelo racismo em nossos corpos. Vivíamos um cotidiano a partir da **Casa** da Dona Zilda, local onde ocupamos para viver o privilégio de conviver.

Em outubro de 2016, policiais da UPP do Alemão chegaram na Favela da Skol e, sem ordem judicial, ordenaram que os moradores deixassem o local. A Polícia Militar também chegou e após resistência dos moradores, os policiais usaram gás lacrimogêneo e balas de borracha para forçadamente liberar a área. Apoiamos as famílias com outras organizações do território, lutamos para que a polícia saísse de lá, vimos moradores sendo presos. Zilda esteve na delegacia e presenciamos uma das maiores ações truculentas da polícia contra nós moradores, à luz do dia, em vias externas à favela.

A área, nomeada por causa da fábrica da Skol que anteriormente empregava moradores do Alemão, foi declarada uma “área de risco” e os moradores foram removidos em 2010. Muitos moradores da Skol aceitaram ofertas de aluguel social do governo enquanto novos apartamentos de habitação pública seriam construídos para eles no mesmo local. Contudo, o governo do estado do Rio de Janeiro repetidamente falhou em entregar esta promessa e a favela foi cotada como um dos potenciais locais para o campus da universidade do Complexo do Alemão, que o prefeito Eduardo Paes prometeu. O espaço permaneceu vago, e no dia 30 de setembro, as famílias retornaram para ocupá-lo, após seis anos de promessa não cumprida. Nem as famílias receberam suas casas de volta e nem a universidade foi construída.

(...)as colônias são o local por excelência em que os controles e as garantias de ordem judicial podem ser suspensos - a zona em que a violência do estado

de exceção supostamente opera a serviço da “civilização” (MBEMBE, 2018, p. 35).

Em meados de 2016, me ausentei do Ocupa Alemão e a Casa de Dona Zilda não fazia mais parte do meu cotidiano. Durante um processo intenso de autoconhecimento e autodeterminação, mergulhados num poço profundo de questionamentos sobre nossos corpos, nossas relações pessoais e nossos tons de pele, as crises “familiares” começaram a surgir e a dividir todo o grupo. Estávamos afetados por militâncias “virtuais” e as várias produções intelectuais dinamizadas nas redes sociais em contraponto a uma política de enfrentamento real comunitário onde encaramos “contradições” conceituais vinculadas ao território e às doenças mentais provocadas pelo colonialismo.

Primeiro a partir da análise sobre nossos próprios corpos e os nossos vínculos pessoais comunitários: os relacionamentos “interraciais”, ser cria e não ser cria, morar dentro ou fora do território, comparações entre vantagens, privilégios e opressões, sexismos, idade e maturidade, etc. Num determinado momento, ouvir o outro sem fazer uma série de análises interseccionais era praticamente impossível. Nossas ações de rua começaram a ser afetadas pelas ausências. A começar pela minha própria escolha de me retirar, desfalcando substancialmente a continuidade dos projetos culturais “de rua” dentro do território.

A minha pele branca sempre foi marcante em qualquer relação que eu construí desde a infância. Meus apelidos tinham marcas do meu fenótipo notável situado num lugar de maioria não branca: “branquela”, “paraibinha”, “cocuda”. Afinal, foi a partir dessa concepção que me nomeei “Rapariga Favelada”, por compreender meu corpo nesse lugar antes mesmo dele ser “pauta política” coletiva. Eu sou branca e tenho experiências da branquitude no lugar onde nasci e cresci, em relação à minha mãe, avó, tias e apesar destes apelidos estarem nesse lugar fenotípico do não-branco e do não-preto, é marcador subjetivo viver branca num lugar de pretos - apesar do Complexo do Alemão ter grande porcentagem de nordestinos claros instalados desde as décadas de 60/70 (os “brancos” crias acabam sendo esses, e não os europeus ou descendentes diretos de europeus como os instalados nas redondezas, na área da Leopoldina, no subúrbio).

Quando eu entro na universidade, eu tenho minha primeira experiência com pessoas brancas e a branquitude: pessoas brancas que conhecem suas ascendências européias, de classes sociais privilegiadas, que cresceram em



territórios privilegiados, que falam diferente de mim, agem diferente de mim, têm experiências cotidianas diferentes, têm preferências estéticas outras, linguagens outras, etc. Foi quando percebi o lugar da minha branquitude e do meu corpo branco, das minhas experiências e de tudo o que eu sabia que não tinha lugar num ambiente acadêmico, como meu modo de falar. Caramba, eu falava “errado” e nunca soube! Eu falo favelês, o “pretuguês” - como diz Lélia Gonzales (1984)<sup>169</sup>. Eu não sabia andar pela cidade, nunca tinha ido a outro lugar da Zona Sul do Rio de Janeiro que não fosse à praia. Me permiti ser “fetichizada”, ser hiperssexualizada, travestir tais violências como “liberdade”, ter experiências relacionais com brancos e brancas nas quais me faziam perguntas “antropológicas” (e eu respondia). E comecei a entender que minha passabilidade branca me autorizava a estar naquele meio, ainda que me fizesse sentir diminuída, subalterna, incapaz, silenciada, violentada - pelas pessoas, pelos locais que elas desejavam a minha companhia, e principalmente pelos meus desejos. Que ora existiam para querer ser “mulher branca” e nesta performance eu me deparava com a minha intimidade subalterna, menor, outra: Eu não sou aquilo, eu sou o outro, em algum nível - pensava. E ora pra me fazer entender que eu não era aquela “mulher branca.” Me “embranquecia” esteticamente, a todo custo, para tentar aproveitar a chance que a vida estava me dando: ser uma mulher branca finalmente. Mudei gostos, desejos, linguagem e percepções. Conheci a esquerda, a classe média, os “intelectuais”, artistas e aprendi a falar “português”. Me deslumbrei.

Em 2013, escolho integrar o Ocupa Alemão já tendo passado por uma série de experiências “antropológicas” com a classe média branca, mas nenhuma delas se comparava com a guerra que vivíamos desde a primeira tentativa de ocupação militar no CPX, em 2010. Pois aquele cotidiano de morte, aquelas sensações, me obrigavam a “falar” o que eu estava vivendo, seja por motivos institucionais, já que a universidade não prevê protocolos de guerra para alunos que vivem nesse caos e não conseguem a mesma performance que outros privilegiados socialmente, seja por motivos afetivos uma vez que não havia tranquilidade aparente no meu corpo. Conheci então minha identidade, forjada no caos de uma branquitude constituída em lugar preto, numa cultura preta e nordestina, alimentada pela subjetividade de uma mãe negra cria da

---

<sup>169</sup> GONZALES, Lélia. In: Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p. 223-244 Disponível em [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7395422/mod\\_resource/content/1/GONZALES%2C%20L%2C%A9lia%20-%20Racismo%20e%20Sexismo%20na%20Cultura%20Brasileira%20%281%29.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7395422/mod_resource/content/1/GONZALES%2C%20L%2C%A9lia%20-%20Racismo%20e%20Sexismo%20na%20Cultura%20Brasileira%20%281%29.pdf) Acesso em 06/05/2020.

favela, de um pai “branco” nordestino sem escolarização, de avós negros nordestinos, de uma família constituída totalmente entre o sertão e a favela. Educada por estes através de suas experiências multissensoriais, de suas cosmopercepções, para exercer funções práticas e não intelectuais, para medir palavras e inclusive saber ficar em silêncio, para não entrar no “movimento”<sup>170</sup> e nem ser “mulher de bandido”, para fugir do alcoolismo e das drogas. O processo de conhecer essa “identidade”, confusa e contraditória, essa branquidade própria, me levaram a reconhecer minhas possibilidades de função fora e dentro do território, encarando-a como particularidade elementar dentro de um movimento político contra colonizador, fagocitando as experiências dos cotidianos em função da comunidade, sob a liderança e o comando eleitos pela mesma.

Contudo, essa é a elaboração da experiência do meu corpo em relação ao plano maior. Passabilidade, além de privilégio, também é trânsito, mobilidade. Ouvindo um dos nossos mais velhos, a comunidade deve usar a minha passabilidade para circular em lugares que corpos pretos não circulariam, para o objetivo da comunidade. Se há conforto de todas as partes do uso da minha passabilidade para a construção dos processos íntimos comunitários, faço da minha presença elemento constituinte desse cotidiano. Quando não há, é violência, provocada pelo meu corpo sobre os outros. E foi o que aconteceu em 2016 no auge de nossas crises identitárias, um “Afrosurto” (NJERI, 2020, p. 191) coletivo e no exercício de nossas funções comunitárias. Me ausentei compreendendo que àquele processo não cabia de forma alguma o meu corpo branco. Acreditando que a comunidade, de acordo com Malidoma Somé (1993), é lugar de ser<sup>171</sup>, o Ocupa a partir dali passava por um momento sem as atividades movimentadas a partir da minha função/pessoa e Eu sem saber quem sou. Sobre o “Afrosurto” e especificamente este momento de crise, trato melhor no capítulo dedicado à “maafa”.

Diante disso, a partir deste momento, esta parte da etnografia convoca cenários que não experimentei *in loco*, mas que se configuram importantes no processo histórico do Ocupa Alemão: Favela/Quilombo.

Em 2017, Eduardo Faticati e Cíntia Donato integram o Ocupa Alemão. Dudu vendia livros como forma de complementação de sua renda pessoal e, durante um

---

<sup>170</sup>Como chamamos o “varejo do tráfico de drogas”.

<sup>171</sup>“Não é um lugar de distração, mas um lugar de ser”. (SOMÉ, 1993, p.51 apud ALMEIDA, 2020, p.153)

evento, vendeu livros da Assata Shakur como um favor para o Ocupa Alemão. A venda de livros começou a fazer parte das ações do grupo enquanto estratégia política de combate ao epistemicídio<sup>172</sup> e acessibilidade a autores traduzidos para a nossa língua. O livro “Assata Shakur - Escritos” é uma elaboração da Quilombo X Ação Cultural Comunitária com a Reaja ou Será Morto/Morta como estratégia de acessibilidade dos manuscritos de Assata, traduzidos para o português. Naquele momento, o Ocupa Alemão era um meio para divulgar o trabalho das organizações nos eventos em que se fazia presente. Em um desses eventos, Dudu vendia outros livros e se propôs a adicionar os livros da Assata em sua banca. Neste encontro, Dudu - morador de Olaria, um dos bairros que comporta o Complexo do Alemão - se identificou com o grupo e passou a integrar o Ocupa Alemão.

O momento da entrada de Dudu no Ocupa coincidiu com um período bastante violento para o CPX - a invasão de casas pela UPP para serem usadas como base policial, um dos vários abusos sofridos pelos moradores. Uma audiência pública foi marcada para que houvesse diálogo entre moradores e representantes da UPP. Marcelo Freixo, na condição de presidente da Comissão de Defesa dos Direitos Humanos e Cidadania da Assembleia Legislativa, ao afirmar: "A gente precisa parar de querer saber de que lado se conta mais corpos. Não tem vencedor.", ouviu da plateia: "Tem lado A e lado B sim". Na sala onde acontecia a audiência, a divisão dos lados era inclusive espacial: de um lado sentados os policiais militares fardados e do outro os moradores.

“Para mim, policial estar presente no espaço onde ele está sendo acusado só serve um propósito: coação. (...) As armas e drogas entram no Alemão com o aval e pela corrupção da polícia”.<sup>173</sup>

Dudu Faticati esteve presente na audiência e relata em entrevista gravada<sup>174</sup> que a partir daquele momento compreendeu o termo “linha auxiliar”, bastante usado

---

<sup>172</sup>Epistemicídio é um termo cunhado por Boaventura de Sousa Santos (1998) sobre a destruição de conhecimentos e saberes de culturas não assimiladas pela cultura branca/ocidental. A filósofa Sueli Carneiro (2005) tece contribuições importantes sobre o termo ao afroperspectivar para a nossa realidade brasileira.

<sup>173</sup> fala de Leonardo Nia durante a audiência.

<sup>174</sup>Entrevista gravada, ocorrida em 6 de fevereiro de 2021.

pelo Ocupa Alemão, mas que foi cunhado por Fred Aganju, articulador da Reaja ou Será Morto/a, e popularizado a partir da mesma.

Diante dessa conjuntura, para os fins organizacionais da presente análise, entendemos por **linhas auxiliares** ou **forças auxiliares**, o conjunto de instâncias estatais, paraestatais e da iniciativa privada, que compõem a intrincada rede política de alianças da supremacia branca no contexto específico de uma guerra racial de alta intensidade. As linhas auxiliares sustentam o projeto civilizacional da supremacia branca em momentos de crise. Além de controlar ideologicamente a opinião pública; seja legitimando o projeto genocida em curso; ou subdimensionando o impacto da guerra racial na comunidade negra.<sup>175</sup>

Enquanto a audiência acontecia, havia a presença de policiais militares e do BOPE no CPX, fechando a rua principal da Alvorada para construírem a tal base policial. O saldo da operação foram dois policiais baleados, um morador morto e pelo menos uma casa invadida. O morador, o jovem Paulo Henrique, de 13 anos, se somou ao Gustavo, de 17, ao Bruno, de 22, mortos na semana anterior, e à Dona Bernadete, 68 anos, que caiu da laje assustada com os barulhos de tiro e também veio a óbito.

Após a entrada de Dudu Faticati, Cintia Donato - moradora do Cpx da Penha - também soma ao coletivo compondo o corpo central do Ocupa Alemão. Na Roda Cultural de Olaria, em março de 2017, enquanto acontecia no local um ato de resistência para o retorno da Roda (impedida de acontecer, até aquele momento, pela polícia), o Ocupa Alemão: Favela/Quilombo puxa uma “troca de idéia” sentados em roda no meio da quadra (conhecida por Quadras Gêmeas) sobre a reforma da previdência e terceirização, dois assuntos pertinentes naquele momento. Além disso, o caso Rafael Braga era atualizado aos frequentadores da Roda, assim como o recolhimento de alimentos doados para a família de Dona Adriana, mãe de Rafael. Leonardo Nia publica em sua página de facebook a seguinte frase, compartilhando a publicação de imagens do encontro na Roda: “nosso lugar é na rua com os nossos, na vida real, ação real, sem ilusão de rede social”<sup>176</sup>. Sem dúvida, era o marco de um ciclo importante no movimento: pessoas jovens que se aproximavam sem passar por aquela grande transformação que ocorrera há um ou dois anos atrás, a partir da Casa da Dona Zilda. Desta vez, Cintia e Dudu, recém chegados, encontraram lideranças mais amadurecidas, conscientes dos espaços reais de atuação e com experiências

<sup>175</sup>Disponível em: <https://daslutas.wordpress.com/2016/01/16/o-papel-das-linhas-auxiliares-na-manutencao-da-supremacia-branca/>. Acesso em 29 mar. 2021

<sup>176</sup>Disponível em: <https://www.facebook.com/leonardocoutinhoedesouza/posts/10212163366103400/>. Acesso em 09 abr. 21.

de “erro e acerto” para compartilhar. Uma Casa com menos pessoas em “afrosurto”, mas com demandas mais comunitárias. De características completamente diferentes, mas complementares, tanto Dudu quanto Cintia são jovens que lideraram frentes importantes no movimento: Dudu até hoje está à frente como educador e coordenador da Escola Quilombista Dandara de Palmares e Cintia Donato liderou uma ocupação importante no Cpx da Penha, que não cabe descrever nesta dissertação, mas que gerou coletivamente um espírito de “ocupação territorial” que por muito tempo não os tomava.

Deste momento em diante, o Ocupa Alemão: Favela/Quilombo se propõe a fortalecer os vínculos que existem internamente. Foram muitas saídas de integrantes marcadas pelos produtos dos surtos identitários, pela não compreensão dos processos individuais e coletivos, pelas confusões de intimidades

## 6 A CASA DA DONA ZILDA<sup>177</sup>

Aliás, é em 2015 que creio eu que a Casa da Dona Zilda passa a ser de fato o grande útero do Ocupa Alemão. Depois de Brasília (votação pela redução da maioridade penal). A Casa dela começa a ficar mais aberta para outras pessoas para além de nós, começa a ficar um centrão: reconhecido e autodeclarado. Reconhecido pelas pessoas de fora e autodeclarado por noix. Porque já não havia mais espaço dentro do território que coubesse tanto "deboche", tanta crítica. Tudo era muito tenso. E a tensão foi pra dentro da Casa da Dona Zilda. Porque do lado de fora não tinha mais espaço. Não só porque não nos acolhiam, e aí eu também me coloco enquanto Ocupa. A gente já não tinha identidade com uma galera: não tinha com o DENEGRIR - extremo de uma onda, nem as ongs que eram o extremo de outra, nem a esquerda que é de outra. O Ocupa vem desenvolvendo a partir do que acolheu nessa encruzilhada aí de 2014 para 2015, e já na virada de 2015 para 2016, faz a colheita da encruzilhada e aí diz: "Olha, a gente vai plantar uma nova árvore, e essa árvore vai ser plantada na Casa da Dona Zilda. E aí, a partir daí, Cacique Babau vem, Hamilton vem, personagens vão vindo e construindo, lança esse livro, faz escola, e tudo o que a gente tem hoje. Mas assim, foi importante pra Dona Zilda ver o estanke lá fora pra entender "Como mais velha eu não suporto isso aqui (rua). O que eu posso dar é isso aqui, minha Casa. Eu não vou mais sair da minha Casa pra ver como é que é o rolê aí fora porque o negócio não é brincadeira. Acho que tem um reposicionamento da própria Dona Zilda.<sup>178</sup>

Este capítulo é dedicado a analisar o período marcado pela **Casa da Dona Zilda que configura** algumas fases de formação do Ocupa Alemão. Ele não se dá automaticamente com a entrada da Zilda no coletivo. Faz-se, porém, no processo das **experiências de relação cotidiana**. Organicamente, no **caos** do dia-a-dia. Lembrome que lá em 2013, nosso local de encontro era a casa da Thamyra, que ficava na mesma rua da Casa da Dona Zilda. Ainda após a sua entrada, mesmo eu e Leonardo frequentando sua casa, ainda não era **A Casa** da Dona Zilda. Apenas o local onde ela morava com sua família. Com a entrada de novos integrantes e saída de outros, precisávamos de um lugar para as nossas reuniões. Por muitas vezes foram na **rua**, no **botequim**, no **carro** do Léo - chamado afetivamente de "**Ocupa Móvel**" - a caminho de alguma reunião no Centro ou evento em outra favela. Mas a casa da Dona Zilda era gostosinha demais pra não ficarmos lá. A medida que fomos estreitando os laços, a Casa foi tomando uma forma mais **familiar**, mais **afetiva**, e Zilda sendo ela mesma: **filha de Oxum**, tem **Sol, Lua, Mercúrio e Vênus em Câncer**, uma **mulher preta, mãe e avó solo**, de **65 anos** (no momento de sua entrada no Ocupa Alemão

<sup>177</sup> Apesar de Zilda preferir que não a chame de "Dona", uso "dona" neste texto apenas quando é referido à Casa, conforme dito durante as entrevistas.

<sup>178</sup> Carol Amanda em entrevista por videochamada, em 04/09/2020.

tinha 56 anos), **politeísta**, adepta do **cigarro** e da **cerveja**, **escritora**, **leitora**, **estudiosa** e que curtia estar com aquela juventude pelas ruas e em sua casa. Angustiada e indisposta com os **partidos de esquerda**, entendia que se não cabia ali, caberia menos na **direita**. Viu no Ocupa Alemão, através primeiramente do convite e companhia do Léo (Leonardo Nia), o que ela precisava para responder às suas inquietações políticas.

Eu acho importante essa sua pesquisa, do Ocupa Alemão, porque fica registrado essa nossa história. A história de um grupo de pessoas totalmente diferentes, de pensamentos, idades, sonhos, e que aí de repente se juntaram. E aí a gente sai desse lado mais físico e vai pro espiritual e eu acho que teve muito isso também, dessa união espiritual, contou bastante. Na época a gente nem entendia e só agora a gente tá entendendo isso. Uma atração! Foi uma atração que aconteceu, foi uma atração espiritual que aconteceu né. E os que se atraíram continuam atraídos até hoje, né? (risos)<sup>179</sup>

Zilda **ampliou** nossa dimensão sobre o cotidiano. **Amplificou** nossas condições de perceber o **racismo**, a partir do seu **próprio corpo**, inclusive, de sua família e de seus afetos/desafetos. A sua presença e o ambiente da sua casa era aquilo que precisávamos. Nos proporcionou desenvolver sentidos outros para aprender a lidar com o que surgia: um **chá**, um **banho**, uma cerveja, um sofá, uma conversa. Ela de fato perspectivou nosso cotidiano para uma condição preta, africana, de capacidade de sentir e afetar. Reumanizou nosso cotidiano tomado pelos enfrentamentos subjetivos e objetivos desta guerra racial. Conforme sua fala no trecho acima, Zilda é atenta para o que está além da nossa dimensão visual, material. À nossa cosmologia, à nossa cosmovisão enquanto **comunidade**; à **atração** e à **aversão**, o **desejo de estar junto**, o espiritual, como principais fatores para o nosso agrupamento.

Conforme Nego Bispo (2015), o processo de escravização do Brasil tentou destituir os povos afro pindorâmicos de suas principais bases de **valores** socioculturais, atacando suas **identidades** individuais e coletivas, a começar pela tentativa de substituir o paganismo politeísta pelo cristianismo euro monoteísta. Neste sentido, não se trata apenas de religiosidade, mas de uma filosofia enquanto **tecnologia de desumanização**. O resgate de uma cosmopercepção (OYĒWÙMÍ, 2004) não branca na resolução de problemas e na elaboração de respostas à questões insurgentes no cotidiano jovem, constrói outras maneiras de viver e sentir a

<sup>179</sup>Fala de Zilda em entrevista gravada em 01/09/2020.

vida. Ensina e aprende na interseccionalidade (AKOTIRENE, 2018), na cosmovisão da matripotência (OYĚWÙMÍ, 2016) e matricomunidade (RIBEIRO, 2020) de Zilda e sua casa.

A “interseccionalidade” acima citada foi aqui referenciada enquanto uma sensibilidade analítica para considerar nossas experiências individuais, e não para propor uma autodenominação do movimento de luta feminina de Zilda ou do que existe em sua Casa. Pois muitos fatores atravessam nossas experiências - sejam elas de raça, de geração, de território, de classe - considerando a inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cis-heteropatriarcado. Considerando os diferentes corpos femininos que compõem o cotidiano da Casa, a denominação de “maioria negra” ou “moradoras” não revela os muitos cruzamentos de opressões que constituem as subjetividades em questão, que se afetam mutuamente - são pessoas de tons de pele que vão do mais claro como o meu até os mais escuros, cabelos dos mais lisos como o de Juliana Freire até os mais crespos, corpos bem magros como os de Andréia ou Marcele aos mais gordos, as que moram dentro da favela e as que não moram, das hetero-cis às não binárias, monogâmicas/poliândricas, monoteístas/políteístas, casadas/solteiras/divorciadas, com deficiência/sem deficiência, jovens/idosas, etc. “É da mulher negra o coração do conceito de interseccionalidade”, trata-se de “teoria, metodologia e instrumento prático” (AKOTIRENE, 2018, p.18-19 grifo nosso).

Acima também cito a socióloga nigeriana Oyèrónkẹ Oyěwùmí, que cunha o termo cosmopercepção - *cosmosensation* (OYĚWÙMÍ, 2004) - por considerar *cosmovisão* limitante para o debate acerca das condições intuitivas de percepção do mundo. Por isso prefiro, então, o uso do termo cosmopercepção para analisar a base cosmológica sentida a partir da Casa da Dona Zilda ao nosso cotidiano porque não está no campo da visão. Não é apenas analisando a diferença dos nossos corpos, nossas cores e gêneros. Mas soma-se também às nossas vivências, **experiências**, limitações, traumas, dores, etc. A concepção de mundo que nos interessa está além do **visocentrismo** - padrão ocidental baseada nos olhos - sobre como somos vistos e sobre como vemos os outros. Considera isto, sim, humanidades. O corpo se relaciona com alteridade, baseado na memória, informação ancestral do espírito, e não pela marcação morfofisiológica, anatômica, **fenotípica apenas**.

Para além disso, a percepção a partir da nossa “interoceptividade” considera os fatores fisiológicos substanciais na elaboração do cotidiano, uma vez que a interocepção refere-se à percepção de um grande conjunto de estados e sinais



corporais, incluindo a frequência cardíaca, distensão da bexiga, estômago ou esófago, respiração, temperatura, toque afetivo, fadiga, fome, sede, saciedade, tônus muscular e dor (MARMELEIGA & VEIGA, 2018, p.33). Afinal, no passado ou no presente, um cotidiano em guerra colonial ao qual somos submetidos enquanto povo atravessa os múltiplos sentidos corporais e estes constroem nossas experiências pessoais e coletivas.

Uma das obras fundamentais da historiadora e poeta Beatriz Nascimento (GERBER, 1989) foi o filme “Ôrí”<sup>180</sup>, pelo qual documenta movimentos negros brasileiros entre os anos 1977 e 1988, justificando a relação Brasil - África, cruzando com a própria história de vida e acadêmica da autora. A narrativa (assim como a trajetória de pesquisa acadêmica de Beatriz) apresenta a noção de “quilombo” como ideia central e projeto de futuro para uma resistência negra no Brasil. Beatriz do Nascimento foi inovadora ao apresentar África como um lugar imaginário e concreto ao mesmo tempo, e foi uma das precursoras ao apresentar uma noção de “perspectiva africana” dentro dos estudos sobre África e diáspora, desenvolvendo o projeto de pós graduação intitulado “Sistemas alternativos organizados pelos negros dos quilombos às favelas”. A noção de “Orí” traduzida esteticamente por Beatriz Nascimento é fundamental para estabelecer um ponto de análise de determinada fase do Ocupa Alemão na Casa da Dona Zilda.

Ôrí significa uma inserção a um novo estágio da vida, a uma nova vida, um novo encontro. Ele se estabelece enquanto rito e só por aqueles que sabem fazer com que uma cabeça se articule consigo mesma e se complete com o seu passado, com o seu presente, com o seu futuro, com a sua origem e com o seu momento...Então toda dinâmica desse nome mítico, oculto, que é o Ôrí, se projeta a partir das diferenças, do rompimento numa outra unidade. Na unidade primordial que é a cabeça, o núcleo. O rito de iniciação é um rito de passagem, de uma idade para outra, de um momento pra outro, de um saber pra outro, de um poder atuar para outro poder atuar (ÔRÍ, 1989, s.p.).

A narração de Beatriz no documentário Orí expõe a terra, tanto no quilombo como na religiosidade de matriz africana, como matéria fundamental. Ela também apresenta a ressignificação do conceito de quilombo: “A terra é o meu quilombo, o meu espaço é o meu quilombo. Onde eu estou, eu estou, quando estou eu sou”

---

<sup>180</sup> Ficha técnica do filme: *Orí*, Brasil, 1989, cor, 91'. Direção: Raquel Gerber, fotografia: Hernando Penna, Jorge Bodanzky, Pedro Farkas, Adrian Cooper, Chico Botelho, Cláudio Kahns, Jorge Bodanzky, Raquel Gerber, Waldemar Tomas; som: Francisco Carneiro, Lia Camargo, Walter Rogério; montagem: Renato Neiva Moreira; produção: Angra Filmes Ltda., Fundação do Cinema Brasileiro. Acessado em 14 de junho de 2020.

(NASCIMENTO, 2018, p. 337). Assim, o “quilombo” passa a designar diferentes espacialidades negras e para nós fixa-se como uma proposta complementar ao “quilombismo” de Abdias Nascimento, sugerindo que faz parte de um plano político de identidade/autodeterminação a investigação do corpo, da memória, o Orí e aproximação com o “espiritual” fazem parte da reconstrução do “quilombo”. Sendo este processo como o esmiuçamento do corpo como “guardião da memória” e o indivíduo como o sujeito e objeto de si, afinal, Beatriz Nascimento não afirma ser Brasil, Sergipe (seu lugar de origem) ou Cordovil (onde morou). Beatriz diz: “Eu sou atlântica” (NASCIMENTO, 2018, p. 337).

É importante ver que, hoje, o quilombo traz pra gente não mais o território geográfico, mas o território a nível duma simbologia. Nós somos homens. Nós temos direitos ao território, à terra. Várias e várias e várias partes da minha história contam que eu tenho o direito ao espaço que ocupo na nação. E é isso que Palmares vem revelando nesse momento. Eu tenho o direito ao espaço que ocupo dentro desse sistema, dentro dessa nação, dentro desse nicho geográfico, dessa serra de Pernambuco. A Terra é o meu quilombo. Meu espaço é meu quilombo. Onde eu estou, eu estou. Quando eu estou, eu sou. O quilombo é memória que não acontece só para os negros, acontece para a nação (NASCIMENTO, 2018, p. 337).

Sendo assim o corpo negro como um próprio território de pertencimento, que carrega consigo o “quilombo” e a “senzala”, apresentando “aprisionamento” ou “fuga”, pulsão de liberdade, eterno caminho de fuga para a transformação do sujeito colonizado em cativo real ou simbólico para a chegada ao seu quilombo interno.

A fuga passa a ser uma instituição decorrente desta fragilidade colonial e integrante da ordem do quilombo. O saque, as razzias, enfim o banditismo social, são a tônica que define a sobrevivência desses aglomerados. (NASCIMENTO, 1985, p. 45)

E é nessa relação entre **corpo, Ori, pulsão, memória**, que também surgem os **problemas, os conflitos e as rupturas**. Nessas “**atrações**”, como bem fala Zilda no trecho que abre esse capítulo, encontram-se as faltas, surgem na superfície os **traumas** herdados da colonização, revelam-se **dores, vícios e carências**. Há semelhança entre o percebido entre nós ali na Casa da Dona Zilda e o que analisa Malidoma Somé sobre as relações intergeracionais de seu povo.

Os outros da comunidade são a razão de alguém se sentir da forma como se sente. Um ancião não pode ser um ancião se não há comunidade para fazer dele um ancião. Um menino não pode se sentir seguro se não há a presença de um ancião cuja postura silente lhe dê esperança na vida. Um adulto não

pode ser quem ele é a menos que haja uma presença forte das pessoas ao seu redor (SOMÉ, 1993, p.51 *apud* ALMEIDA, 2020, p.15).

Em 2014/2015 entrávamos numa fase profunda de autoconhecimento, estávamos compreendendo nossas **funções** dentro daquele movimento. Zilda, apesar de sua idade/maturidade, assim como nós também foi aos poucos descobrindo suas funções e se propondo a encarar suas **responsabilidades** dentro dos nossos objetivos coletivos.

Às vezes, íamos pra Casa da Dona Zilda pra nada. Tava de bobeira em casa e ia lá tomar um chá dela. E em dias de reunião, a gente sentava lá na sala dela em roda, ficava horas falando de um monte de coisas, às vezes construindo algo importante ou debatendo, mas na maioria das vezes a gente só trocava ideia mesmo. Aí entrava um e saía outro da sala, e a gente ficava altas horas lá. Quantas vezes marcamos de ler um texto juntos! Isso nunca aconteceu! (risos)<sup>181</sup>

Em 2015, Zilda estava sendo chamada por nós de **Matriarca**. De forma bem orgânica, bem livre, sem nos remetermos a uma cultura matriarcal específica. A partir das entrevistas que fiz com os integrantes do Ocupa Alemão, não conseguimos lembrar de um momento específico no qual passamos a denominá-la assim. Denominá-la (SANTOS, 2015) enquanto Matriarca confere fundamentalmente ato contra colonizador, sob uma perspectiva africana. Ainda que acreditássemos que era preciso uma reinvenção daquele cotidiano para nos denominarmos africanos ou panafricanistas, ou afrocentrados, ou um movimento comunitário de maioria negra, na verdade, bastava a vivência, a função e o cuidado de Zilda para considerar-se “dentro” de um movimento como o Ocupa Alemão. Compreendendo o que Cheikh Anta Diop ensina sobre o povo negro a partir de berço matriarcal (DIOP, 2014, p.32-50) é possível traçar alguns pontos em paralelo à sua abordagem epistemológica, onde ele desenvolve noções sobre os dois berços da humanidade que ele descreve como Melanodérmico e Setentrional Leucodérmico. De acordo com Diop, seria possível conjecturar em que bases comportamentais estariam suscetíveis os povos provindos de cada berço, tendo como elemento de análise a reconstrução das organizações políticas e sociais, de acordo com acesso aos recursos naturais e o clima de cada região. Diop afirma que

---

<sup>181</sup>Juliana Freire em entrevista gravada em 04/09/2020.

O berço meridional confinado ao continente africano em particular caracteriza-se pela família matriarcal, pela criação do Estado-territorial, por oposição à Cidade-Estado ariana, pela emancipação da mulher na vida doméstica, pela xenofilia, pelo cosmopolitismo, por uma espécie de coletivismo social tendo como corolário a quietude, chegando até à despreocupação em relação ao futuro, por uma solidariedade material de direito para cada indivíduo, e que faz com que a miséria material ou moral seja desconhecida até aos nossos dias; existem pessoas pobres, mas ninguém se sente só, ninguém está angustiado. No domínio moral, um ideal de paz, justiça, bondade, de um otimismo que elimina qualquer noção de culpa ou de pecado original nas criações religiosas ou metafísicas. O gênero literário predileto é o narrativo - o romance, o conto, a fábula e a comédia.

O berço nórdico confinado à Grécia e a Roma caracteriza-se pela família patriarcal, pela Cidade-Estado (entre duas cidades existia, afirma Fustel de Coulanges, algo de mais intransponível do que uma montanha) percebe-se facilmente que é no contato com o mundo meridional que os nórdicos expandiram a sua concepção estatal para se erguer ao nível da ideia de um Estado territorial e de um império. O caráter particular destas Cidades-Estado, no exterior quais se era um fora da lei, desenvolveu o patriotismo no seu interior, bem como a xenofobia. O individualismo, a solidão moral e material, a repugnância pela existência, toda a matéria da literatura moderna que, mesmo sob os seus aspectos filosóficos, não representa outra coisa senão a expressão da tragédia de uma vida, cujo estilo remonta aos antepassados, constituem o apanágio deste berço.

Um ideal de guerra, de violência, de crime, de conquistas, herdado da vida nómada, tendo por corolário um sentimento de culpabilidade ou de pecado original que representa o fundamento dos sistemas religiosos ou metafísicos pessimistas são o apanágio do mesmo. (DIOP, 2014, p. 173.)

A busca por um cotidiano com agenda e agência pretas, já era o processo metodológico intuitivo daquele cotidiano. As tentativas e os erros nas relações interseccionais e intergeracionais que ali apresentavam-se estão muito além de performarem um método de aquilombamento. Mediante este contexto, era reconhecido que caminhávamos juntos num processo “violento” de **autoconhecimento**.

Misturar o que a gente precisava fazer de imediato com relações muito intensas, misturar desejos até os sexuais mesmo, militância, amizades... acho que era o erro (...) Não é simples mexer com ancestralidade também, bagulho de raiz, de passado, é perigoso demais. Óbvio que dá merda.<sup>182</sup>

Aproximadamente 20 jovens, não-brancos, negros, pretos, solteiros, sem filhos, entre 18 e 30 anos, buscando autoconhecimento como princípio, como exercício diário. “**Óbvio que dá merda**”, parafraseando Rafael Balbo, em entrevista. As leituras se davam de forma orgânica, buscavam **respostas** sobre si a princípio. As rodas de conversas por vezes se perdiam no compartilhamento de experiências corriqueiras,

---

<sup>182</sup>Rafael Balbo, em entrevista gravada em 29/02/2021.

de racismos e preconceitos cotidianos, em construções de atividades que buscávamos fazer no morro, em fatos sobre mortes de amigos nesta guerra.

A Casa de Dona Zilda fica localizada no Complexo do Alemão, numa rua de fácil acesso, numa **vilinha** de casas bem pequenas sendo a dela e a dos meus avós maternos - **Vovô José e Vovó Ester** - as duas maiores. Uma casa confortável na favela é sem dúvida uma vantagem social. Não deveria, mas é. Aliás, duas “vantagens” muito importantes para um movimento como o nosso: uma casa familiar e um carro (“ocupa móvel”).

A matricentralidade daquela Casa não gira em torno do fato de sua dona ser mulher negra, mais velha e/ou avó, somente. Mas fundamentalmente a partir do momento que Zilda compreende seu papel insubstituível ali conosco. Que segundo ela, foi conosco que ela aprendeu a ter responsabilidade sobre a sua função dentro do grupo, sobre aquilo que diz, que escreve, que veicula. Até então, Zilda era para a primeira formação do Ocupa Alemão a “Zilda Chaves”, mãe de Saulo e Bruna, avó de Anna Clara, Anna Letícia e Anna Lívia, e integrante do Ocupa Alemão.

Muitos autores concordam que as sociedades africanas majoritariamente foram ou são sociedades fundamentadas no princípio matriarcal (DIOP, 2014; AMADIUME, 1987; OYÈWÙMÍ, 1997). Erica Portilho em sua dissertação *Matriarcado Afreekana: Narrativas Cruzadas do Ventre Negro ao Brasil* (2019) propõe pensar o matriarcado como

a expressão do que é incontrolável, enigmático e impermanente. A essência é a ambivalência, o enigma, a possibilidade e a potência criadora de novos arranjos adaptativos, em que estes não inviabilizam sua essência. E é um grande erro categorizar o pensamento matriarcal como pensamento selvagem, governado por necessidades orgânicas ou econômicas (SODRÉ, 2005, p.80 *apud* PORTILHO, 2019, p. 108).

Uma integração ecológica entre as dimensões materiais e anti-materiais num mesmo lugar. O matriarcado é um sistema social integrado e interdependente do sistema ecológico, sem o qual não haveria possibilidade de existir. Neste sentido, o matriarcado não é uma teoria, muito menos um sistema de poder reverso que coloca mulheres no lugar de dominadoras e homens no lugar de dominados (PORTILHO, 2019, p. 108-109).

“A matricentricidade não gira em torno da mulher, somente, mas sim do “espírito da maternidade”, que é um espírito compartilhado por todos, inclusive pelos homens” (PORTILHO, 2019. 123). É assim que Erica faz um *link* direto com a noção de “mãe” entre os escritos de Ifi Amadiume (2005), David Kopenawa (2015) e Sobonfu Somé (2011), aplicando à palavra a “complementariedade, materializada na

responsabilidade bilateral de nutrição e cuidado” (PORTILHO, 2019, p. 123). De acordo com Sobonfu Somé, a família na África é sempre ampla:

a pessoa nunca se refere a um primo como ‘primo’, porque isso seria um insulto. Então ela chama seus primos de irmãos e irmãs. Seus sobrinhos de filhos. Seus tios, de pais. Suas tias, de mães. O marido da irmã é seu marido, e a mulher de seu irmão é sua esposa (SOMÉ, 2011, p.24).

No exemplo das religiões de matriz africana no Brasil, as famílias se agregam a partir de afinidades ancestrais: num terreiro, todos os iniciados pela mão de uma mesma Iyalorisa ou Babalorisa passam a ser considerados irmãos. Portilho afirma ainda que o entendimento do conceito social de mãe e de família, arraigados na base cultural e filosófica ocidental, não são pertinentes nas averiguações sobre sociedades africanas, ou sociedades descendentes de africanos e pindorâmicos.

Na investigação sobre o matriarcado *afreekana*, o verbo Ser torna-se secundário, dando lugar ao Estar. No presente estudo, repetidas vezes, nos deparamos com categorias sociais que não estão marcadas pelo corpo, mas sim pelo **lugar** (PORTILHO, 2018, p. 125).

Oyèrónkẹ Oyěwùmí (1997) utiliza-se das categorias de gênero e sexualidade para organizar sua análise interdisciplinar sobre a questão da mulher africana. Para ela, o princípio sistematizador da sociedade africana se pauta na “senioridade” - baseada na idade cronológica. Em diálogo com Oyěwùmí, Erica Portilho afirma que

em consequência da compreensão de que as categorias sociais: mãe, mulher, gênero e família, formuladas, derivadas e teorizadas no interior da experiência ocidental não são plausíveis às investigações de sociedades constituídas em outra base de experiência cultural e filosófica, é necessário reavaliar os conceitos que apontam o debate, substituindo-os por conceitos que deem conta da experiência cultural e filosófica afrodiáspórica e pindorâmica brasileira (PORTILHO, 2019. p. 127).

Na cosmologia yorubá, “*Iyá*” é criadora da vida, princípio organizador de todas as dinâmicas relacionais da comunidade. Oyèrónkẹ Oyěwùmí (2016) busca a epistemologia yorubá a partir da categoria de “*Iyá*”, que normalmente é traduzida como a palavra inglesa “mãe”.

Essa tradução é altamente problemática porque distorce o significado original de *Ìyá* no contexto iorubá, deixando de captar o significado central do termo, porque abordagens teóricas dominantes da maternidade feminista e não feminista – representaram a instituição como generificada. Nas sociedades ocidentais, enfocando o dimorfismo sexual do corpo humano, os constructos de gênero são introduzidos como a maneira fundamental pela qual a anatomia humana deve ser entendida no mundo social. Assim, o gênero é socialmente construído como formado por duas categorias hierarquicamente organizadas e binariamente opostas, nas quais o masculino é superior e dominante e o feminino é subordinado e inferior. A partir dessa perspectiva, a maternidade é uma instituição generificada paradigmática. A categoria mãe é encarada como sendo incorporada por mulheres que são esposas subordinadas, fracas, impotentes e relativamente marginalizadas socialmente. **A compreensão iorubá da categoria sócio-espiritual de *Ìyá* é diferente, porque, na origem, não derivou de noções de gênero.**

*Ìyá* está no centro do sistema baseado na senioridade, que simboliza o que descrevo como princípio matripotente. A Matripotência descreve os poderes, espiritual e material, derivados do papel procriador de *Ìyá*. A eficácia de *Ìyá* é mais pronunciada quando considerada sua relação com a prole nascida. O ethos matripotente expressa o sistema de senioridade em que *Ìyá* é sênior venerada em relação a suas crias. Como todos os humanos têm uma *Ìyá*, todos nascemos de uma *Ìyá*, ninguém é maior, mais antigo ou mais velho que *Ìyá*. (OYEWUMÍ, 2016, p. 2-3. grifo nosso)

Trago pois o arquétipo de *Ìyá* a partir de Oyewumí para esta análise por perceber, no cotidiano da Casa de Dona Zilda, que ali confluem relações de senioridade e matripotência a partir de Zilda. Mas também por acreditar que entre nós existiam relações hierárquicas de cuidado, responsabilidade, nutrição e preservação de humanidade que não somente existe a partir de Zilda, mas também a partir dos que compreendiam-se há mais tempo no Ocupa Alemão. E encontravam neste cuidado função comunitária, como é o caso de Leonardo Nia fundamentalmente líder e à frente do movimento até hoje; assim como era percebido a partir de mim na relação com os mais novos e na dinâmica organizativa do coletivo, e em determinada instância Juliana Freire, conforme foi mencionado em entrevistas.

Tais papéis acabam por misturar-se com o cotidiano da Casa, **orientada** por Zilda, distanciando-se essencialmente da noção de "quadro" - termo reconhecido em organizações políticas de epistemes ocidentais. Leonardo Nia, Zilda, Juliana Freire e eu, por alguns anos, compusemos, evidentemente, um núcleo criador de retroalimentação energética que confluía e transfluía (SANTOS, 2015) nas relações - com a comunidade (dentro) e com o externo. Juliana Freire e Zilda têm como fortes características o uso intensivo das redes sociais nas dinâmicas de suas vidas políticas, abrindo as suas e as nossas redes políticas de afeto. Leonardo Nia e eu temos em comum uma maior disponibilidade de ações práticas locais, representativas e organizativas (cada um a seu modo) e a responsabilidade pragmática com os de

dentro, principalmente os mais jovens. Porém, as várias combinações e composições entre nós quatro produziam ações de cuidado coletivo e responsabilidades que a partir da Casa de Dona Zilda - útero curativo primordial - formava uma espécie de incubadora, onde encontrávamos espaço seguro para nosso desenvolvimento e busca de sentidos.

Zilda propõe a partir de sua senioridade e sua casa, a matripotência tal qual Oyewumí fala. A presença de *Iyá* na vida yorubá atravessa a realidade, nutrindo os espaços onde a vida se manifesta. *Iyá* é aquela que não só cria vida mas também permite que a vida se desenvolva em suas dimensões. Portanto, a força criadora de Zilda e sua Casa, ultrapassa o espaço anatômico e se faz presente no processo criativo do cotidiano. Me arrisco a dizer que não existiu processo criativo do Ocupa Alemão que não tenha passado pela elaboração comunitária de um cotidiano fundamentado pela vivência e relação com Zilda, na instância que for. Poderia eu montar autonomamente um evento artístico educativo na minha favela, ou o Leonardo Nia promover uma audiência na comunidade, ou Juliana Freire elaborar textos analíticos de grande importância. Em todos os casos, seriam fatos legítimos e importantes para a comunidade em si. Porém, a dimensão comunitária de tais elaborações, num processo de resgate comunitário de autonomia, autodeterminação e autogestão, criando sentidos contra coloniais de vida, só poderia se dar a partir de uma Casa, um fundamento de centralidade original, que origina, neste caso africana. Zilda, portanto, se faz presente com sua força matricomunitária (RIBEIRO, 2020), viabilizando e dinamizando a gestão do nosso movimento - de maioria jovem - garantindo a vivência e sobrevivência de ações coletivas intergeracionais e interrelacionais.



O poder do feminino nas tradições africanas é milenar – e essas relações de pertencimento estão envoltas por valores ancestrais e sociais, pois os poderes de gestação não são somente para gerar a vida, mas estão também nas forças dinâmicas e propulsoras que movem as relações de todo um processo do comum, que organiza e propõe perspectivas de interrelações grupais. Essas dinâmicas instrumentam a existência comunitária e colocam as mulheres como força para gerir e gerar a vida e gerir e gerar as organizações ancestrais, sociais, econômicas e políticas de um povo, assumindo o papel de matrigeradoras e matrigestoras de uma comunidade.

**Nesse contexto, o poder do feminino, constituído na natureza e no corpo das mulheres, interliga-se com a parte masculina e, nesse encontro, produz a manutenção da vida, sendo revestido por um valor sagrado.**

Esse valor faz parte da roda cíclica da existência, que busca o equilíbrio dinâmico, necessário para pensar o fortalecimento do povo preto na sua matriz germinativa de enfrentamento aos massacres colonialistas e ao epistemicídio (de acordo com a filósofa Sueli Carneiro). Ou seja, a força biomítica (biológica e divina) restabelece dentro da comunidade o segredo, o sagrado social, econômico e político que garantirá a resistência e a sobrevivência do povo preto na dispersão da diáspora. O matriarcado e a matrilinearidade assumem a condição de respeito, vida e autossustentabilidade, retroalimentando o poder sagrado, social e comunitário como instrumento para um Devir negro. (RIBEIRO, 2020 grifo nosso)

Ao buscar epistemologias africanas, percebemos logo que Oxum significa "fonte". "Tratar Osun como sereia das águas doces, narcisista, deusa vênus, portanto europeia, faz parte das cosmovisões etnocêntricas que não refletem a centralidade do pensamento cosmosentido com cinco búzios abertos, orikis e espiritualidade do povo yorubá" (AKOTIRENE, 2019). Carla Akotirene propõe atribuir Osum (Oxum) como fundamento epistemológico,

A este respeito lembremos de Lélia Gonzalez, filha de Osun, espelho iyalódè que lutou pela necessidade antirracista do "lixo falar" e de orientarmos as nossas intelectualidades domésticas no espaço público, afinal, Narciso é autoadorador da Europa. Osun é adorada em África. Osun vive na oralidade e na escrita dispostas a traduzirem a beleza das mulheres negras, a sabedoria, a inteligência, a habilidade na administração das riquezas e dentro das ciências sociais; uma deidade maior que os equívocos linguísticos e conceituais sobre corpo, maternidade e destino biológico, numa perspectiva propagada pelo olhar branco-etnográfico e masculinista de Pierre Verger (AKOTIRENE, 2019).

Zilda, filha de Oxum, é intitulada intuitivamente a nossa "matriarca". Sua matriarcalidade, demarcada pelo átrio de sua Casa, cria um novo arranjo familiar para as relações que se estabelecem através dela. A complementaridade entre Dona Zilda e Leonardo Nia, filho de Oxossi, também configura a potência "material", caracterizada pelo desejo incessante de expansão comunitária do "Léo" e a caça por referências palpáveis para dentro. Grande leitor, Léo é quem sempre nos apresentou às suas

influências teóricas, em sua maioria absorvidas coletivamente. Assim como quando eu me somo à esta estrutura (Zilda e Léo), doo minha disposição de criação e organização, transformando em energia de arte, eventos, estética, aglomeração, nutrida pela força de Iyá. O laço materno de Zilda localiza o poder criador de Iyá, num contexto cotidiano onde nos reconhecíamos irmãs/irmãos uns dos outros, por vezes pais e mães de uns, ou irmãs/irmãos mais velhas, ou filho/filha, ou caçulas imaturos.

Para as mulheres que compunham o Ocupa Alemão, o fato de ser mulher não nos fazia feministas. Pelo contrário. De tudo aquilo que ao longo dos anos fomos entendendo como luta feminista, estávamos cada vez mais longe dentro desse processo de autoconhecimento. O feminismo passou a significar para nós uma luta que não nos cabia - agenda de mulheres brancas - até para mim que tenho pele branca. Zilda em muitos momentos contava sobre seus casos de **amores e desamores, dores e opressões**, sua **maternidade**, e víamos nela ponto central de apoio enquanto mulher preta e favelada. Além de nossas mães sanguíneas, com “quem” eu poderia falar sobre **menstruar de medo** ao viver uma troca de tiros que se faz da porta da minha casa ou de cima do meu terraço? Ou em quais lugares poderíamos ter uma conversa profunda sobre a **experiência de perder um filho** ainda durante a gestação, **por medo**, em meio ao terror de uma **chacina**? A Casa da Dona Zilda era um lugar onde as mulheres do Ocupa Alemão também se sentiam acolhidas para serem ouvidas nestes casos, sobre violência doméstica, machismo dos companheiros, racismo na rua, traumas. Era uma extensão de nossas casas, de nossa família. As experiências compartilhadas a partir também de nossa interoceptividade individual, que a partir da guerra racial de alta intensidade faz com que a nossa fisiologia carregue marcas coloniais. Acerca do feminismo, Lélia Gonzalez, elucida bem nossas inquietações sobre o movimento, sobre o feminismo especificamente não caber em nós e nem nós nele:

E quando nos reportamos às amefricanas da chamada América Latina, e do Brasil em particular, nossa percepção descobre uma grande resistência ao feminismo. É como se ele fosse algo muito estranho para elas. Herdeiras de uma outra cultura ancestral, cuja dinâmica histórica revela a diferença pelo viés das desigualdades raciais, elas, de certa forma, sabem mais de mulheridade do que de feminismo, de mulherismo do que de feminismo. Sem contar que sabem mais de solidariedade do que de competição, de coletivismo do que de individualismo. Nesse contexto, há muito o que aprender (e refletir) com essas mulheres negras que, do abismo do seu anonimato, têm dado provas eloquentes de sabedoria (GONZALEZ, 2018, p.366).

Julieta Paredes (2010) uma das fundadoras do “feminismo comunitário”, que nasce na Bolívia em 2003, nos movimentos de insurreição das mulheres indígenas na luta contra o neoliberalismo, a privatização da água e a guerra do gás, afirma que o sistema de morte onde opera o patriarcado não é somente a opressão das mulheres nas mãos dos homens, isso seria uma visão muito simples. O patriarcado, para as feministas comunitárias, é o sistema de todas as opressões que oprimem a todo ser que vive no planeta e, por isso, a toda a humanidade (homens, mulheres e pessoas intersexuais) e à natureza, historicamente construído sobre o corpo sexuado das mulheres (PAREDES, 2010). Apesar dessa concepção de patriarcado ser indissociável do colonialismo, assim como do neocolonialismo, o feminismo comunitário posiciona-se muito próximo ao que acreditamos enquanto movimento. Pois, busca a partir da luta contra colonialista, contra as violências e condenações às quais fomos submetidas, recuperar os sentidos de comunidade protagonizando ações e filosofias que estejam engendradas nas experiências exteroceptivas, proprioceptivas e interoceptivas locais. Nestes três níveis de percepção do corpo humano, há dimensões de conhecimentos adquiridos, que por via dos sentidos e dos órgãos que os conformam, administram a experiência dos estímulos. A exterocepção, na qual os estímulos são recebidos pelos receptores externos do indivíduo, ou seja, os órgãos dos sentidos possibilitam que as sensações em nível tátil, auditivo, gustativo, olfativo ou visual sejam compreendidas e percebidas. A interocepção, que vai responder aos estímulos em níveis viscerais, sendo manifestadas sensações de dor ou prazer pelo organismo, possibilita que a captação das sensações produzidas aqui sejam elevadas às entranhas, sentidas profundamente pelas vísceras do corpo. E a propriocepção, que diz respeito à percepção dos estímulos em nível de músculos, ligamentos e tendões, se refere à sinestesia em que o corpo vai desenvolver capacidades diferenciadas e hábeis para propósitos expressivos, assim como para objetivos intencionalmente determinados. Desenvolve a memória que permite a automatização de movimentos. Portanto, o corpo - fisiologicamente - carrega violências que por vezes são denominadas como “simbólicas” mas que, materialmente, produzem atividades viscerais, musculares, neurológicas. Que nada tem de “simbólicas”, formulando no nível da subjetividade memórias “viscerais”. A visceralidade constitui uma dimensão corporal que foge de minha compreensão direta (médica) e que é, no entanto, constitutiva da corporeidade.

A partir de 2015, quando nossas descobertas centrais partiam dos estudos sobre a supremacia branca, Zilda foi se estabelecendo como a nossa “mais velha”, numa relação dialógica na qual ela aprendia e ensinava, aprendia ensinava (ALVES; OLIVEIRA, 2012), no fluxo do entra e sai de sua casa, sem sabermos o que significava ter uma “mais velha. Apesar de combinarmos guardar uma noite na semana para os nossos encontros, não tinha dia nem horários certos para bater na porta de sua casa e tomar um chá de alguma folha - que nunca faltava. Como bem diz Lélia Gonzalez (2018, p.366): “por tudo isso, evidencia-se a nossa responsabilidade quanto aos nossos modos de organização e quanto ao destino que queremos dar ao nosso movimento”. Zilda construía aos poucos, relações de cuidado e afeto no aconchego da sua casa, útero criador de vibrações e múltiplos sentidos.

Em contrapartida, também era cobrada responsabilidade de sua matriarcalidade. Ah, a nossa prepotência juvenil! Queríamos que sua postura por muitas vezes fosse de protagonismo ou de radicalidade perante os acontecimentos. Queríamos que ela desse bronca, nos cobrasse, tomasse partido. Em muitos casos talvez de fato resolvesse ali alguns conflitos. Mas hoje, mergulhada em minha própria maternidade, consigo compreender atitudes de Zilda que talvez tenham sido sentidas por nós como “passividade” ou “complacência”, quando na verdade pudessem ser insegurança em alguns momentos, perda do “*time*” momentâneo ou até silêncio estratégico da senioridade. Vai saber. Errando ou acertando, a centralidade de sua matricomunidade estava ali dada, naquele processo de autoconhecimento pelo qual ela também passava. Afinal, eram mais de 50 anos de vida para conhecer, analisar e reposicionar segundo sua própria agência.

Parece-me que o primeiro trabalho a ser feito, no interior da própria comunidade, é despertar uma consciência de beleza da própria imagem - o chamado “*Black’s Pride*” (Orgulho Preto). Acho que teremos que recorrer aos mitos, às histórias, uma literatura infantil em que a criança negra esteja presente (GONZALEZ, 2018. p.377 ).

Zilda mantinha suas netas (com idades entre 7 e 15 anos) sempre junto nas reuniões. Elas participavam de tudo conosco. Desenhando e brincando de força nos nossos caderninhos de atas, cresceram ouvindo falar de Malcom X, Lélia Gonzalez, Os Panteras Negras, Martin Luther King. Já leram hoje mais materiais destas referências que a maioria de nós, quando na idade delas. Pensávamos muito sobre a representatividade e as referências teóricas centradas em África para as nossas

crianças da favela. Construimos eventos com as crianças, com uma vontade de estabelecermos vínculos reais em um cotidiano de “ensinoaprendizagem” (ALVES, 2006), uma escola, um lugar onde eles poderiam ir diariamente para ler, brincar, trocar. Iniciamos então uma arrecadação de livros e materiais didáticos para a construção de uma biblioteca negra e indígena. Desenhamos o espaço, visitamos a locação, montamos uma grade de horários fictícios para ensaiarmos seu funcionamento, planejamos um espaço multidisciplinar com computador, acesso a internet, livros e materiais para as crianças se sentirem livres, para diariamente passarem seu tempo ali. Infelizmente, na época, não encontramos um lugar adequado que coubesse o projeto. E o desejo embrionário se desenvolvia ali, naquele tempo, naquela Casa, para que futuramente nascesse a Escola Quilombista Dandara de Palmares, no terraço de Zilda. Falarei mais adiante da escola.

O **autoconhecimento** era o principal princípio que desenvolvíamos em coletivo. Ainda não conseguíamos usar no nosso vocabulário a noção do termo “**comunitário**” como hoje usamos. Primeiro, por não compreendermos o termo na aplicabilidade do cotidiano. Ora, nossa relação com a comunidade era orgânica. Não precisamos denominar como comunitário aquilo que já era feito na/para/com a comunidade. Mas aos poucos fomos compreendendo que a significação de comunidade está para nós na subjetividade, no sentido de pertencimento ao território, afetos envolvidos e fundamentalmente “finalidade”. Para Malidoma Somé (1993) a busca da identidade se faz no âmago da comunidade, pois “uma comunidade é um lugar de definição de si mesmo.” (SOMÉ, 1993 *apud* ALMEIDA, 2020, p.49)

Sem uma comunidade você não pode ser você mesmo. Em uma comunidade, reunimos as forças necessárias para promover mudanças. Uma comunidade se forma toda vez que mais de uma pessoa se encontra com uma finalidade (SOMÉ, 1993, p. 49 *apud* ALMEIDA, 2020 p.152).

Uma comunidade é vinculada sobretudo a um lugar, um território. Por isso, no contexto da busca de uma identidade relacional, nos vimos num processo de autoconhecimento árduo. Sem orientação, somente disposição para desconstruir coletivamente nossas auto imagens, à procura de casa, um lugar para **ser** em afinidades. Relembrando Malidoma Somé (1993 *Apud* ALMEIDA, 2020. p.153) sobre a comunidade não ser um lugar de "distração", mas um lugar para "ser". É neste sentido, de **comunidade** enquanto um lugar de pertencimento, de **casa**, que busco concentrar minha análise sobre o Ocupa Alemão até aqui, o seu processo de produção

de saberes e as formas de lidar com a morte a partir de um cotidiano na Casa de Dona Zilda. Afinal, Beatriz Nascimento (1985) também propõe que “quilombo” seja um lugar de “ser”, Nego Bispo (2015) também propõe que a produção do nosso saber parta do mesmo princípio, da intimidade, do ser, da cosmologia, do dentro pra fora e não do “ter”.

E, durante muito tempo, viu-se aproximadamente 20 pessoas em estágios diferentes de autoconhecimento, se relacionando diariamente, seja num cotidiano corporal, físico ou virtual. Não acreditávamos que pudesse surgir outro caminho para tomarmos a agência de nosso movimento e combater na guerra onde fomos inseridos.

A Academia diz que o nosso saber é um saber popular, um saber não sei o que, mas o saber da Academia é científico. Não! O saber de vocês é sintético. O nosso saber é do ser e o saber de vocês é do ter. Então todos esses conceitos são conceitos contra-colonialistas. É a arte de botar nome para poder não ser dominado (SANTOS, 2019).

Eu ansiava por debates, por teorias, por criticismo: claramente um legado do mundo branco. [...], Mas ninguém pode estar sempre esculpindo teorias para enquadrar a experiência, ou encobrir experiências com o telhado da teoria (SOMÉ, 1994 *apud* ALMEIDA, 2020, p.149).

Foi em 2014 que começamos a afirmar nosso objetivo de nos desenvolver a partir das concepções de autoconhecimento, autonomia, autogestão, autodefesa e autodeterminação como um método de organização comunitário, no contexto de ser um movimento comunitário/familiar de maioria preta e favelada.

Novamente repetimos , falamos de noix mesmo , temos memória e honra , em nossa curta trajetória política já tivemos experiências com esses partidos e personagens q estão brigando pelo poder na parte de cima , seja bispo político , professor de história "socialista" , feminista preta "empoderada " , seja partido de "preto e favelado " . Todas as experiências que tivemos de forma direta c essas organizações/personalidades foram extremamente violentas , brutais , atentando sempre contra nossa independência , contra nossa liberdade , contra nossa auto organização. Somos apenas um pequeno movimento comunitário / familiar de maioria preta e favelada , nos organizamos de acordo c nossos valores ancestrais , a partir dos princípios de **autoconhecimento** , **autonomia** , **autogestão** , **autodefesa e autodeterminação** exatamente nessa ordem . Não aceitamos q nos coloquem rótulos , q digam q estamos reforçando A ou B nessa sujeira toda , nossa perspectiva é quilombista ,estamos fazendo nossas coisas em nossa comunidade falando por noix , de noix , pra noix.<sup>183</sup>

---

<sup>183</sup>Postagem

<https://www.facebook.com/OcupaAlemao/photos/a.563138107049300/1415596758470093>.

em 20 mar. 2021.

Acesso

Gostaria de aqui voltar rapidamente ao que foi dito no início deste texto, sobre o Ocupa Alemão e o seu surgimento ser indissociável de duas frentes: da comunicação, portanto as redes sociais em questão, e da morte. A prática de saber que o coletivo busca a partir de uma dimensão “virtual” da comunicação (atribuindo a virtualidade da comunicação à propagação das vozes, ao alcance em maior escala) e de suas experiências de morte na comunidade, revela-se como re-existência enquanto um golpe de fresta (RUFINO, 2018). O que nos resta senão reivindicar justiça pelos meios que temos acesso e assim abrir caminhos para sermos ouvidos? É no vazio, na ausência (KRENAK, 2019) surgida pela morte, pelas injustiças, pelas desigualdades escancaradas pela circulação dos nossos corpos que não querem nem desejam parar quietos em seus lugares de origem, mas que buscam para si possibilidades de existências dessas origens.

Assim, o feito é inteiramente Exuziaco, já que diz negando e nega dizendo e faz o acerto virar erro e o erro virar acerto. O pau que deu no couro, marcando atrás que a experiência colonial, é também a baqueta que repercute no couro da caixa da escola de samba (...). **É neste vazio – fresta – que eclodem as táticas de resiliência que jogam com as ambiguidades do poder, dando golpes nos interstícios da própria estrutura ideológica dominante.** (RUFINO e SIMAS, 2018, p.12-14 grifo nosso)

Especificamente, Luiz Rufino reivindica através de Exu e sua divindade as possibilidades de caminhos na produção de experiências e conhecimentos. O cruzo, como o mesmo dispõe, funciona para esta pesquisa como a ideia de espaço onde as várias possibilidades de se fazer existência se dá por meios que geram produção de saberes. Na dificuldade de re-existir, na contramão do caminho que lhe é apresentado pelo colonialismo, como adiar o fim do mundo para contar mais uma história (KRENAK, 2019) e assim responder com vida àqueles que desejam a morte?

É a partir dessa perspectiva que lanço mão do que conceituo como cruzo, noção que compreende os procedimentos teórico-metodológicos que se orientam pelas lógicas assentes no signo Exu e em suas encruzilhadas. Os cruzos operam praticando rasuras e ressignificações conceituais. No que tange as questões acerca da produção de conhecimentos, essa noção versa-se como uma resposta responsável, fiel à noção de que nossas práticas de saber se tecem a partir das relações, e das consequentes alterações e acabamentos que nos é dado pelos outros (RUFINO, 2018, p.78).

Perante a política da morte e do embrutecimento de um cotidiano esvaziado de humanidade, o Ocupa Alemão lança um novo caminho de atuação política a partir da **autodeterminação**, e, conseqüentemente, no decorrer de sua trajetória, com o

avançar de sua maturidade, novos caminhos são traçados, abertos e fechados por várias escolhas de atuação, cruzados a partir de nossos mergulhos cotidianos. Na tentativa de compreender como se dá a produção de conhecimentos sob esta perspectiva, e, fundamentalmente, a partir da Casa de Dona Zilda, não desejo nesta busca textual mergulhar em “rolês epistêmicos” (RUFINO, 2018) e abordagens teóricas sobre Exu e Encruzilhadas mas reconhecer por experiência individual e coletiva a sensação de atuar nesses últimos anos em encruzilhadas de relação, em cruzos (RUFINO; SIMAS, 2018) de saberes, na perspectiva do que pode ser sabido na/com a rua. Mas a figura de Exu e as significações a partir do orixá não se dão de fora para dentro, da conceituação acadêmica para a prática e o saber da prática. Na verdade, só aparecem como epistemologia para nós enquanto “coletivo” lá em 2014, na rua, durante as noites de Sarau Divergente, com o canto ritualístico de encerramento do sarau:

Lá na beira do caminho,  
 Lá na beira do caminho,  
 Esse Sarau tem segurança.  
 Lá na beira do caminho,  
 Lá na beira do caminho,  
 Esse Sarau tem segurança.  
 Na porteira tem vigia,  
 na porteira tem vigia,  
 Meia noite o galo canta  
 Na porteira tem vigia,  
 na porteira tem vigia,  
 Meia noite o galo canta

Puxado por Mano Teko, às vezes à capela, às vezes acompanhado do ijexá ou agueré, o canto acima é um ponto de umbanda popular onde Mano Teko faz a troca certa da palavra “congá” por “sarau”. Certa porque o congá é o lugar sagrado do terreiro, um altar fisicamente composto por imagens de elementos importantes ao lugar e ao ritual. Certo porque nos faz compreender melhor o “além-arte”<sup>184</sup> que Mano Teko atribui à experiência do Sarau. Ao final de cada evento, cantávamos com palmas ritmadas minutos antes de Mano Teko desejar que seguissemos nossos caminhos de volta para nossas casas na segurança de Exu. Lembro-me deste ser um dos primeiros momentos que conversamos coletivamente sobre Exu, sobre esse

---

<sup>184</sup> Termo cunhado por Teko para classificar o evento, dito no microfone em muitos encontros.



ponto cantado, sobre o respeito ao Orixá, e os “exús” (do povo de rua) que constantemente apareciam no meio da roda do sarau

(...) o Sarau frequentemente é visitado por pessoas como esse homem bêbado que entram na roda e interferem nas 67 apresentações, dançam, comentam, batem palma, pedem o microfone etc. Este dia foi apenas mais um dos dias em que ocorrem momentos como esse, que geralmente, entre os participantes e presentes, gera comentários sobre “povo de rua”, manifestações de exús, etc.

E acho que imagetivamente eles estão mais para estes “**Exus**” que nos cruzam do que o **orixá** Exu. Seja “Exu Catiço” ou, como popularmente dito, “povo de rua”, mais trabalhado nas linhas de umbanda, ambos configuram entidades espirituais dos que **nasceram e morreram**. São os **malandros, pombas-giras, ciganos**, e que não nos cabe explicar mais que isso. Todavia, colaboram para imagetivamente pensar a prática e a éticaestética do Ocupa Alemão, a forma como a morte e as dores participam do cotidiano e como se dão os caminhos. Ao que é atribuído a Exu Orixá - comunicação, ato criativo, mobilidade, imprevisibilidade, trocas - se dá no nosso cotidiano sim, incorporados na nossa ética e estética contra colonial. Porém, o que reforço aqui é que a rua, a sujeira, a malandragem, os jogos de sedução, a embriaguez, o vício, a morte, a traição, a rebeldia, o sexo, a loucura, o odor, o ganho, compõem mais os nossos farelos do que a beleza da encruzilhada da filosofia yorubana de Exu no cruzo com a “pedagogia”. Os múltiplos sentidos convocados nos nossos corpos na relação com os “exus” de rua conformam nosso cruzo (RUFINO & SIMAS, 2018) com tantos outros saberes, dos nossos corpos e do nosso território, da nossa bagunça juvenil na Casa da Dona Zilda.

### 6.1 “Mas o que acontece na casa de Zilda? É macumba, minha filha?”<sup>185</sup>

Assim, a prática do cruzo é transgressiva de atravessamento, sucateamento e antidisciplina. O cruzo, o entrosamento ou encruzar emerge como perspectiva teórico-metodológica assentada nos complexos de saber das macumbas brasileiras. As proposições trançadas nas esteiras das epistemologias das macumbas têm os fazeres cotidianos dos terreiros, esquinas, rodas e mercados como tempos espaços geradores de saberes que substanciam as artes do cruzo. Os encruzamentos emergem como

---

<sup>185</sup>Uma das constantes perguntas da minha Vó Ester, cristã evangélica, vizinha da Zilda, na tentativa de decifrar o que ela ouve de sua casa.

princípios éticos e estéticos, poéticos e políticos de ressignificação da vida dos cotidianos forjados na fornalha do racismo colonial. A questão posta é a mesma que é mantenedora de subjetividades inconformistas que canalizam as suas potências rebeldes como práticas emancipatórias. **A questão deflagra-se como uma amarração versada e lançada da boca de um poeta feiticeiro: a cruz de uma banda encruzou-se na outra! A cruz, égide da violência colonial, encruza-se à encruzilhada de Exu, campo de possibilidades.** (RUFINO & SIMAS, 2018, grifo nosso p. 25-28)

A partir das definições sobre **cruzo** sugeridas no trecho acima, este se dá nas disputas semânticas, nas nomeações, nos pseudônimos e codinomes, no cotidiano que se dedica à sua autodeterminação; são indiscutivelmente escolhas poéticas, atos criativos, composições. Luiz Rufino e Luiz Antônio Simas na nota introdutória do livro *Fogo no Mato* atribui à “macumbeiro”

Definição de caráter brincante político, que subverte sentidos preconceituosos atribuídos de todos os lados ao termo repudiado e admite as impurezas, contradições e rasuras como fundantes de uma maneira encantada de se encarar e ler o mundo no alargamento das gramáticas. O macumbeiro reconhece a plenitude da beleza, sofisticação e da alteridade entre as gentes.

A expressão macumba vem muito provavelmente do quicongo kumba: feiticeiro (o prefixo “ma”, no quicongo, forma o plural). Kumba também designa os encantadores das palavras, poetas.

Macumba seria, então, a terra dos poetas do feitiço; os encantadores de corpos de palavras que podem fustigar e atazanar a razão intransigente e propor maneiras plurais de reexistência pela radicalidade do encanto, em meio às doenças geradas pela retidão castradora do mundo como experiência singular de morte (RUFINO & SIMAS, 2018, p.5).

Talvez o trecho acima responda à pergunta da minha avó Ester, atribuída como o título desta parte do texto. Talvez sim, seja macumba. Brincar com pseudônimos é também encantar palavras e performatizar nomeações. Propor imagens, sugerir poesias. É **ser** corajoso para dizer o não dito. É sugerir sem dizer. Debochar, gargalhar, rodar, fugir, constranger, apontar o dedo na cara ou fingir que não entendeu. É por muitas vezes “padilhagens”, “malandragens”, “mulambagens”, “pilintragens”.<sup>186</sup>

Assim não há saber socialmente tecido e compartilhado que não seja também um saber praticado. A complexa trama de **práticas de saber que compõem amálgama macumba é fundamentada nas circulações de experiências que forjam uma espécie de gramática própria.** Nas bases desses conhecimentos a experiência ocupa lugar fundamental para a tessitura de nossas reflexões (RUFINO & SIMAS, 2018, grifo nosso p.26).

<sup>186</sup>Refere-se respectivamente à Maria Padilha, Malandro, Maria Mulambo e Zé Pilintra.

Buscando atribuir às ciências das ruas e das encruzilhadas às nossas experiências cotidianas, considerando nossa cosmopercepção (OYĚWÙMÍ, 2004) individual, familiar, e por fim, comunitária; salientando as contradições nas quais estamos inseridos - nas experiências trágicas das nossas tentativas de manter um cotidiano saudável e produtivo, nas mediações dos nossos sofrimentos pessoais e comunitários, as tantas vezes que nos reinventamos, que nos reformulamos e formamos grupos diferentes com indivíduos e histórias diferentes umas das outras - a encruzilhada na qual atua o Ocupa Alemão é o espaço de transparência (e turbidez) das relações e das subjetividades, dos ciclos que se abrem e que se fecham nitidamente a fim de serem superados, dado por vezes a impossibilidade de tal. O cruzo sobre nós está na tentativa de reumanização e encantamento a partir das relações e das perspectivas individuais de atuação política, na qual constroem-se laços familiares, sentimentos profundos de amor, sob carências de afetos específicos nascidos de um cotidiano necropolítico. Leda Martins (2000) nos convoca a pensar nessa des/re/centralização da encruzilhada, no jogo do cotidiano. O jogo está na criação de um lugar próprio, um lugar onde tanto há brincadeira quanto luta, ora jogo, ora luta, ora dança, no chão, no território, com a família, na comunidade.

(...) Para se pensar o trânsito sistêmico e epistêmico que emerge dos processos inter e transculturais, considerando que, para bantus e nagôs, é este o lugar que é traduzido por um cosmograma que aponta para o movimento circular do cosmos e do espírito humano, que gravitam na circunferência das linhas de intersecção (...) da (na) Encruzilhada se processam e se derivam vias diversas de elaborações expressivas (...) Na Encruzilhada, a própria noção de centro de dissemina, pois se desloca e é deslocada pelo imprevisto" (MARTINS, 2000, p.65).

Nossa função é mostrar que nosso método de serviço comunitário é baseado na ação direta cotidiana (panterismo) nada a ver com ação direta fetichista classemediana *universiotária*. Não somos meros detratores, linchadores morais virtuais, se queremos afrontar algo é o sistema, o que temos que lacrar é o sistema se pretendemos centrados que não seja em livros e teorias criadas in vitro numa sala de aula que representa uma comunidade abstrata e sim uma comunidade palpável (uma favela, um quilombo, na sua rua) em que somos uma espécie de vanguarda medíocre sem nenhum diálogo real com os nossos e periculosidade zero ante os demônios que nos oprimem. Mostramos nossa oposição ao sistema na forma de responsabilidade comunitária com ações variadas que produzem alternativas antissistema."<sup>187</sup>

---

<sup>187</sup>Postagem de Leonardo Nia, em 18 de fevereiro de 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=10221112203538743&set=a.10202286592470232>. Acesso em 27 fev. 2021.

Como pensar a favela, nossos corpos favelados, especificamente o Complexo do Alemão, enquanto espaço sem compreender os corpos que a formam? Corpos de maioria preta, muitos migrantes de origem nordestina, muitos também frutos da miscigenação no nordeste, pobres e com baixo nível de escolaridade. A favela hoje se apresenta com alta concentração de cristãos, sendo sua maioria evangélica. Uma minoria dos moradores define-se como praticantes de religiões de matrizes africanas. É muito difícil ser um cria de favela sem estar imerso na cultura evangélica e no domínio da igreja.

Em conversas informais com Nego Bispo no nosso território, em 2018, e por alguns diálogos coletivos virtuais, ele afirma, assim como em seu livro, que não há exagero em dizer que o Deus da Bíblia nos ensinou a cosmofofia. Claro que ele está falando da igreja enquanto instituição política sobretudo “além de desterritorializar o seu povo, os aterrorizou inventando o terror psicológico que podemos chamar de cosmofofia”. Ele recorre à Bíblia para melhor dialogar com os reais fundamentos da cosmovisão dos colonizadores quando evidencia as Bulas Papais. Nego Bispo apresenta versículos bíblicos que comprovam a tese de que o uso dos textos da Bíblia são fundamentos ideológicos para a tragédia da escravidão (SANTOS, 2019. p.23-25) assim como os argumentos baseados no “cristianismo” presentes na Carta de Pero Vaz de Caminha, que narram a colonização e seu processo de animalização e/ou coisificação dos povos “pindorâmicos”<sup>188</sup>, domesticando-os e desconsiderando suas autodenominações (BISPO, 2019, p. 25-28).

O processo de escravização no Brasil tentou destituir os povos afro-pindorâmicos de suas principais bases de valores socioculturais, atacando suas identidades individuais e coletivas, a começar pela tentativa de substituir o paganismo politeísta pelo cristianismo euro monoteísta. No plano individual, as pessoas afro-pindorâmicas foram e continuam sendo taxadas como inferiores, religiosamente tidas como sem almas, intelectualmente tidas como menos capazes, esteticamente tidas como feias, sexualmente tidas como objeto de prazer, socialmente tidas como sem costumes e culturalmente tidas como selvagens. Se a identidade coletiva se constitui em um diálogo com as identidades individuais e respectivamente pelos seus valores, não é preciso muita genialidade para compreender como as identidades coletivas desses povos foram historicamente atacadas. (...) Faz-se por bem entendermos que as populações desenvolvem sua cosmovisão a partir da sua religiosidade e é a partir dessa cosmovisão que constroem suas várias maneiras de viver, ver e sentir a vida (BISPO, 2019, p.29).

---

<sup>188</sup>Termo usado por Antonio Bispo dos Santos para designar o povo “brasileiro”.

No cotidiano do Ocupa Alemão na Casa da Dona Zilda buscávamos o autoconhecimento e a autodeterminação partindo também de uma reflexão sobre nossos corpos e nossos espíritos. Embora esta escritura apresente a macumba como perspectiva conceitual e material/poética, a religiosidade cristã continuava apresentando-se como um dos caminhos possíveis para alguns. Tínhamos vivências religiosas completamente diferentes, mas todos viveram experiências cristãs em suas vidas, em vários níveis. Muitos de nois foram criados em igrejas evangélicas da favela, e foi lá onde aprendemos a ter compromisso comunitário. A igreja evangélica comunitária contribuiu para que além de conhecermos bastante o nosso território através dos atos de evangelização, também pudéssemos ter experiências com a produção de eventos, a música, o teatro, as artes gráficas como possibilidades de linguagens, o agrupamento de pessoas para determinados fins, o hábito da leitura aprendido através dos estudos da bíblia. Entre outras experiências, não podemos negar o quanto já ter podido experimentar a igreja como um movimento social foi importante para potencializar as ações do Ocupa Alemão. Por outro lado, foi através da igreja que tivemos nossos corpos domesticados, que aprendemos a depositar nossos desejos na “esperança”, nos fazendo esperar pelo milagre divino - agente paralisante. Também foi com a igreja que aprendemos a acima de tudo **ser** “povo de deus” antes **de ser** “povo negro” ou “povo favelado” ou “povo pobre”, tendo inclusive por estas determinações como formas de diferenciações das nossas humanidades uma vez que “somos todos iguais perante deus”. Já outros integrantes do Ocupa Alemão foram educados em terreiros e casas espíritas. Exu e as ciências encantadas para estes não eram novidade. Mas chegara um tempo coletivo de nos revermos políticamente espiritualmente. Nos aproximamos na compreensão da importância política de se rever epistemologicamente, cosmologicamente no que diz respeito à nossa relação com a espiritualidade, já mencionado anteriormente como um momento de buscar e cuidar de nosso Orí (seja ele no nível religioso ou poético). Em descolonizarmos nossa relação com o divino, com a natureza, com o nosso corpo e com a ancestralidade. Passamos por esse intenso processo juntos: vibramos, rodamos, recebemos recados, nos cuidamos, nos protegemos, fomos cobrados. Cada um com sua forma mas na mesma meta. Vimos os nossos “fazerem santo”<sup>189</sup>, vimos outros compreenderem seus vícios e erros, nos revimos e, aos poucos, compreendemos nossas espiritualidades e

---

<sup>189</sup>Diz-se de quem é iniciado no candomblé ou Umbanda.

corpos como tecnologias, ciências. Engana-se quem acha que nesta macumba éramos coesos, harmônicos e felizes. Também vimos irmão com saúde mental/espiritual fragilizada ser internado, outros “rodando” forjados, depressão, aborto, luto, mentira, confusões políticas, terminos de relacionamentos afetivos, desamizadas, desrespeitos. Mas o que fica como aprendizado para nós são esses cruzos do cotidiano, que nos dão suportes para transitar e se adaptar. Puxar a faca quando preciso, fazer o ganho ou gargalhar quando for a hora.

Orí, esse processo de fazer a cabeça, fazer um Bôrí, toda a dinâmica deste nome mítico, religioso, oculto que é o Orí, se projeta a partir das diferenças, dos rompimentos numa outra unidade, da unidade primordial que é a cabeça, que é núcleo, o quilombo é o núcleo (NASCIMENTO, 2018, p. 334).

Foi nesta encruzilhada que as escolhas dos interlocutores para esta dissertação foram nominadas. E exatamente por isso, nem todos a quem propus lembrar nossas sujeiras e farelos aceitaram participar. Como a mensagem que recebi: “tem que deixar quieto o que vem junto dessa história toda. (...) Ainda não rola trocar ideia sobre Ocupa Alemão não. Tem bagulho obscuro aí que não tô afim de rever hoje, minha vida tá andando (...) é só atraso”.<sup>190</sup> A dinâmica de um cotidiano intenso, familiar, que carrega diariamente o peso em lidar com mortes num processo de autoconhecimento coletivo, não é fácil. Principalmente quando se é jovem e existem tantas possibilidades de focar energia em busca de autonomia. Éramos um grupo onde a minoria era universitária, alguns nem o ensino fundamental concluíram, outros que corriam atrás de supletivo para terminar o ensino médio. A maioria desempregada e morando com família. Ou seja, nesta busca por autonomia, um cotidiano mergulhado em ser projeto político de movimento comunitário era quase um fardo. Talvez para uma grande parcela de nós seja mais que um fardo, uma escolha de vida pesada. A sensação constante de estar perdendo tempo com “militância” mostrava-se angustiante, por vezes, sufocante. Isso se apresenta na fala da maioria dos entrevistados e lembro-me dessa luta diária com ênfase na morte, por ódio, ser tema constante de conversa na Casa de Dona Zilda. Esse peso, por muitas vezes, denominados eguns, encostos, seres que nos arrastavam para baixo, moíam nossos corpos, nos deixava fisicamente doentes.

---

<sup>190</sup> Mensagem recebida através de aplicativo de comunicação por ex-integrante do Ocupa Alemão que prefere não se identificar, tampouco, lembrar os fatos. Data da mensagem: 01/09/2020.

Mas ao mesmo tempo, também sentíamos que aprendia-se muito. Diariamente eram construídos laços de irmandade, apoio mútuo, investimento subjetivo e até econômico no outro para que ele se desenvolvesse, suporte familiar, entre outras relações dialógicas. A partir do que Nego Bispo desenvolve sobre as manifestações culturais dos povos afro-pindorâmicos pagãos politeístas, conforme sua descrição do que não é o povo colonizador, uma série de atributos organizacionais são colocados como fundamentais para uma ideia de cosmovisão contra colonizadora. Isso importa para uma análise das funções das nossas atividades àquela altura em comparação ao que era proposto nas primeiras formações do Ocupa Alemão. Nossos motivos e conceitos de “ocupação” foram transformados.

As manifestações culturais dos povos afro-pindorâmicos pagãos politeístas são organizadas geralmente em estruturas circulares com participantes de ambos os sexos, de diversas faixas etárias e número ilimitado de participantes. As atividades são organizadas por fundamentos e princípios filosóficos comunitários que são verdadeiros ensinamentos de vida. É por isso que no lugar dos juízes, temos as mestras e os mestres na condução das atividades. As pessoas que assistem ao invés de torcerem, podem participar das mais diversas maneiras e no final a manifestação é a grande vencedora, porque se desenvolveu de forma integrada, do individual para o coletivo (onde as ações e atividades desenvolvidas por cada pessoa são uma expressão das tradições de vida e de sabedoria da comunidade) (BISPO, 2019, p. 32).

Enquanto nas primeiras formações do Ocupa Alemão os integrantes se propunham a produzir ocupação cultural do território e reivindicação de direitos à cidade, nesta última o Ocupa Alemão refletia sobre a ocupação de si como chave para o destravamento de um processo de formação de quilombo - de dentro para fora, do território íntimo para o território comum, de um ser para o ter. Acessando assim uma proposta de “comunidade” desenvolvida a partir das noções de autoconhecimento, autodenominação, autodeterminação. Não poderíamos dar continuidade à uma ideia de ocupação do território sem passar pela análise de “quem nós somos” - individualmente primeiro, inclusive. Não poderíamos pensar em autodefesa e autonomia sem estes conflitos superados, ou pelo menos em processo legítimo de enfrentamento.

## 6.2 “Eu Nunca Li Nada Disso Mas Eu Sei”<sup>191</sup>

Era na Casa da Dona Zilda que pensávamos ações culturais que ocupassem as ruas e os espaços comunitários. Essas ações de cunho contracolonial agiam como forma de enfrentamento ao comunitaricídio (GOSFROGUEL, 2016) - que geram luta comunitária por justiça social, enfrentamento ao colonialismo, e diretamente aos colonialistas, sejam eles da política partidária, de instituições militares ou representantes de um saber colonial acadêmico. Geram militância local e cibercultural estratégica, geram movimentos de planejamentos pessoais que visam autonomia e ascensão econômica, espelhamento em experiências anteriores de lutas comunitárias e legados para as gerações posteriores, entre tantos outros produtos de um cotidiano voltado contra a hierarquização das relações sociais/raciais e essencialmente produtor de sentidos.

(...) enquanto o saber for mercadoria, não haverá igualdade. O problema não é se o sistema é capitalista, socialista, neoliberal, essa não é a questão. A questão é se o saber é mercadoria. Quem quiser questionar as injustiças sociais não tem que questionar o sistema político, tem que questionar é o saber. Enquanto o saber for mercadoria nem Jesus Cristo conserta o mundo. Porque se você tem que comprar o saber, você está comprando o fazer. E você está comprando o ser. Por exemplo, um engenheiro civil faz o quê? Desenha a obra. Mas ele não faz a obra. Ele desenha a casa. Alguém mora na casa? Mora. Mas alguém mora no desenho? Quem faz a casa? Os pedreiros. E por que o engenheiro ganha mais que o pedreiro? Porque o pedreiro faz a casa sem o engenheiro, mas um engenheiro não faz o prédio sem o pedreiro. Agora por que o engenheiro ganha mais? Isso está errado! Por exemplo eu vivo sem o antropólogo. Os antropólogos não vivem sem nós. Por que os antropólogos ganham mais do que nós? Eu não preciso do antropólogo para nada, a não ser que ele seja bom de papo e queira beber comigo (SANTOS, 2019, p. 5)<sup>192</sup>.

O conhecimento adquirido a partir da convivência na Casa da Dona Zilda era fluido, líquido. Não sabíamos que estávamos aprendendo uns com os outros, com nossas ações, com as nossas escolhas. Nossa formação é respaldada na experiência, em contraposição à solidez da educação formal. Faz melhor sentido em termos relacionais, não é fixo, é um conhecimento aberto. Erramos e acertamos muitas vezes.

<sup>191</sup>Frase de Dudu Faticati em reunião ao falar com propriedade sobre Abdias e o Quilombismo. Data da reunião via aplicativo de chamada de vídeo não gravada: 08/03/2019

<sup>192</sup>Nego Bispo em entrevista para a revista EntreRios – Revista do PPGANT -UFPI -Teresina • Vol. 2, n. 1 (2019) p. 5



Repetimos erros com a **prepotência da juventude** - termo de Carol Amanda dito inúmeras vezes nos muitos encontros que tivemos e lembrado por Juliana Freire em diálogo para esta dissertação.

Uma afirmação em comum dita durante as entrevistas, principalmente nas conversas com Ju Freire, André Fiapo, Sukita e Dudu Faticati, foi de que a produção de saberes a partir da Casa da Dona Zilda e naquele cotidiano era tão fluido que apesar de nunca termos lido um texto juntos, e nem todos gostarem de ler, a maioria de nós sabia definir conceituações levantadas por grandes mestres como Steve Biko, Abdias Nascimento, Lélia Gonzales, Frantz Fanon, Malcom X, Kwane Ture, Assata Shakur, entre outros. Era a nossa oralitura acontecendo na prática, onde a centralidade da oralidade acontecia em moldes contemporâneos, juvenis e orgânicos.

Nego Bispo, sobre a produção de saberes, discorre em sua espécie de “teoria geral da contra colonização” (CARVALHO apud SANTOS, 2015. p.91) sobre a diferença entre limite e fronteira, em relação a cosmovisão dos povos tradicionais que praticam o saber “orgânico” em relação aos povos eurocêntricos (majoritariamente brancos e cristãos no Brasil) que praticam o “saber sintético”.

Eu cheguei junto com vocês, andando com vocês, respeitando a fronteira. Esta é a questão. O saber orgânico anda com o saber sintético respeitando a fronteira. O saber orgânico chega na fronteira, e a fronteira para o saber orgânico é um espaço de diálogo. Então, cada vez que nós encontramos um outro saber a gente dialoga com ele, na boa. Se precisar aprender a gente aprende. Mas aprender aquele outro saber não significa que a gente perdeu o nosso, a gente estendeu o nosso saber. A gente enriqueceu, e agora nossa fronteira é mais à frente um pouco. É até o outro saber que a gente não sabe. O saber sintético é diferente. Quando ele chega na fronteira, ele não tem fronteira ele tem limite, e ele não consegue dialogar com outro saber. Então nosso saber é um saber do diálogo e o saber sintético é um saber do conflito. Quando ele chega no outro saber ele puf!, não reconhece outro saber, não dialoga e chega no limite. Então, como é que eu cheguei nesse lugar junto com todos nós aqui? Vocês viram o que estes conceitos, eles vão se construindo segundo as nossas conversas. Às vezes eu tenho a felicidade de chegar primeiro em um lugar e esperar os outros que ainda não chegaram. Mas também às vezes eu chego e vocês já chegaram e eu respeito quem chegou” (BISPO, 2019, p.91).

O Quilombismo<sup>193</sup> apresentou-se enquanto uma proposta sociopolítica para o Brasil, elaborada desde o ponto de vista da população, que Abdias denominava por “afrodescendente”.

---

<sup>193</sup>O quilombismo é um projeto político oferecido em 1980, por Abdias Nascimento a todo o povo brasileiro.

(...) é necessário reafirmar nossa tradicional integridade presidida pelos valores igualitários, nossa sociedade panafricana; cooperação, criatividade, propriedade e riqueza coletivas. Ao mesmo tempo, torna-se imperativo transformar a tradição em um ativo, viável e oportuno ser social, fazendo passar pelo crivo crítico seus aspectos os valores anacrônicos; em outras palavras, atualizando a tradição, modernizando-a. Tornar contemporâneas as culturas africanas e negras na dinâmica de uma cultura panafricana mundial, progressista e anticapitalista, me parece ser o objetivo primário, a tarefa básica que a história espera de nós todos (NASCIMENTO, 2002, p.55).

(...) precisamos e devemos codificar nossa experiência por nós mesmos, sistematizá-la, interpretá-la e tirar desse ato todas as lições teóricas e práticas conforme a perspectiva exclusiva dos interesses da população negra e de sua respectiva visão de futuro (NASCIMENTO, 2002, p.272).

O Ocupa Alemão enfim denominou-se enquanto um movimento “quilombista” por volta de 2015 ao ter contato com textos de Abdias Nascimento e Beatriz Nascimento, fundamentalmente, e com outros grupos que se afirmavam como tal. A partir de então, toda e qualquer atividade realizada pelo coletivo exigia que fosse uma prática comunitária com a perspectiva de atender as demandas da população negra e, conseqüentemente, que fossem ações antirracistas, contra o genocídio do povo negro, fundamentadas na recuperação das identidades africanas, pretas e, portanto, ancestrais.

O quilombo hoje é uma metáfora, um verbo no imperativo, uma tradição. Uma forma de estar no mundo pautada na junção de saberes do corpo, do intelecto e da alma. O quilombo hoje habita em nós. Não como um território externo a ser alcançado, como no período da escravidão, mas como uma episteme negra, elaborada a partir do acúmulo de experimentação espaçadas que construíram repertório de resistência, tradições, valores sociais, culturais e políticos. Dentro de cada aquilombado está o imperativo de reinterpretar a tradição e segui-la (NASCIMENTO, 2018, p.37-38).

A busca pela humanidade, a reumanização, é um dos pilares do quilombismo. Até mesmo as relações de afetações que acontecem entre os vários integrantes do coletivo e o que as propostas de atividades políticas culturais dentro do espaço e os seus impactos constroem/destroem são sentidas por nós como propostas de re-existência, de afirmação de existência num tempo, numa era na qual o sentido de humano e humanidade é ditado por uma supremacia que escolhe quem vive e quem é morto, quem mata e quem manda matar. A política de gerência da morte sistematizada pelo colonialismo age na subjetividade e na cognicidade de todo ser humano, negativamente sobre grupos sociais que historicamente são subalternizados, criminalizados e portanto desumanizados a ponto de não terem direito à existência. Construir relações para aprender a existir, e portanto a re-existir, é traçar estratégias para ser.

O nosso quilombamento é tão impositivo quanto descolonizar-se. A nossa agenda fecha-se em basicamente nos contra colonizar, fazer com que a partir de nós haja busca individual por humanidade para fins de re-existência comunitária.

Na medida em que o quilombo não for compreendido somente como uma luta, mas como um estabelecimento de homens que querem manter autonomia. E a importância do quilombo hoje para consciência negra está, justamente, nessa busca de autonomia, autonomia cultural, autonomia de vida e não somente autonomia da escravidão dos séculos passados. É uma autonomia como homens que pretendem manter a sua estrutura cultural e a sua estrutura racial. Se o quilombo, como a geografia trata, foi o movimento político que não logrou êxito político totalmente, ele não pode ser entendido só dessa maneira porque o logro da tomada do poder do Quilombo, no meu entender, porque o quilombo não se preocupava especificamente com a tomada do poder, mas sim com a organização em si e a manutenção da sua estrutura original. É hoje em dia muito mais um instrumento ideológico para a luta do negro do que é um instrumento, como foi no passado, de rebelião” (NASCIMENTO, 2018, p.130).

( ) É um instrumento de auto afirmação, um instrumento de compreensão de que você, de que o homem negro, é um homem capaz, como qualquer homem, que ele formou quilombos não somente por causa dos castigos corporais, ele fugiu, ele matou, ele matou senhores, ele se suicidou, as mulheres abortavam, houve várias formas de luta, mas a organização quilombo que tem uma raiz africana no sentido que significa união daqueles que são iguais, então o quilombo ainda existe hoje e é ele quem vai nos dar toda a possibilidade de repensar o nosso papel dentro da história do Brasil como homens capazes de ser livres” (NASCIMENTO, 2018, p.131).

A experiência do produzir juntos, durante estes anos de atuação comunitária do Ocupa Alemão, viver as transformações individuais, as adaptações coletivas, as violências territoriais, as mortes sofridas, os impactos das políticas públicas no nosso território, o racismo estrutural, o amadurecimento político do grupo, o amadurecimento pessoal, e tantas outras experiências pelas quais fomos e somos afetados me permitiu compreender que trata-se de uma vivência comunitária, sobretudo, onde a produção de saberes faz-se num convívio cotidiano que reconhece o necropoder no cerne da subjetividade dos sujeitos, atravessando todo o processo de busca pessoal por autoconhecimento e atuação cultural para formação política comunitária, e que atende às demandas do povo negro, principalmente o local. Um cotidiano atravessado pelo embrutecimento, inclusive das relações pessoais, pela falta de autoestima, pelo ódio e pela violência. Não sugiro que a prática política do Ocupa Alemão seja pedagógica, no sentido de estabelecer-se num dia-a-dia praticado sob orientação da “Pedagogia” enquanto área de conhecimento ou metodologia. Pelo contrário, praticar/saber o que pode envolver os cotidianos faz deles um tapete de áreas de conhecimentos,

produções estéticas, de presenças e sentidos que nos proporciona pensar o nosso espaço conforme propõe Milton Santos – sob uma lógica de reumanização.

Não existe um espaço global, mas, apenas, espaços da globalização. (...) O Mundo, porém, é apenas um conjunto de possibilidades, cuja efetivação depende das oportunidades oferecidas pelos lugares. (...) Mas o território termina por ser a grande mediação entre o Mundo e a sociedade nacional e local, já que, em sua funcionalização, o 'Mundo' necessita da mediação dos lugares, segundo as virtualidades destes para usos específicos. Num dado momento, o 'Mundo' escolhe alguns lugares e rejeita outros e, nesse movimento, modifica o conjunto dos lugares, o espaço como um todo. É o lugar que oferece ao movimento do mundo a possibilidade de sua realização mais eficaz. Para se tornar espaço, o Mundo depende das virtualidades do Lugar (SANTOS, 1996, P. 271).

Portanto a Casa de Dona Zilda é também o território, a comunidade dentro da comunidade, o espaço como produção de conhecimentos no cotidiano, intenso, e sem moldes ou parâmetros curriculares, sem “professor”, mas que é composto por sujeitos que suprem funções para o funcionamento de uma agenda comprometida com as demandas políticas locais, em diálogo com o espaço de fora, com a comunidade maior. Sobre isso, Milton Santos (1978, p.137) afirma que "o espaço é a matéria trabalhada por excelência. Nenhum dos objetos sociais tem tanto domínio sobre o homem, nem está presente de tal forma no cotidiano dos indivíduos". Enquanto condenados desta terra<sup>194</sup>, como saber quem se é se a sua humanidade foi negligenciada? Como eu seria se não fosse eu uma composição de violências, sem a violência que já faz parte de mim à qual fui eu condenada?

É necessário permanecer aterrorizado ou tornar-se terrível, quer dizer: abandonar-se às dissociações de uma vida falsificada ou conquistar a unidade natal. Quando os camponeses tocam nos fuzis, os velhos mitos empalidecem, e caem por terra, uma a uma, as interdições. A arma do combatente é a sua humanidade (SARTRE, 1961 *apud* FANON, p. 14, 2005).

Julgo por impossível entender as questões acerca da violência dos/nos corpos, em tempos infinitos de tantos discursos e crimes políticos de ódio, sem recorrer a Frantz Fanon e possíveis compreensões a respeito do desenvolvimento psíquico/corporal da juventude colonizada, crescidos em atmosferas de ferro e fogo (FANON, 2005, p.75), no exercício de violência no seu projeto de libertação (descolonização). Fanon nos auxilia também no entendimento da violência presente no cotidiano e nas relações entre os corpos. Tendo por base que a descolonização e,

---

<sup>194</sup>Referência a obra de Frantz Fanon, escrita em 1961. O título original do livro, *Les damnés de la terre*, foi inspirado na primeira estrofe de L'INTERNATIONALE, hino do movimento comunista internacional.

portanto, a contra colonização, é sempre um fenômeno violento (FANON, 2005, p.51), é com/sobre/contra as instâncias das violências que esta pesquisa também se propõe. Jean-Paul Sartre em 1961, em prefácio para Fanon, indica o ódio como “único tesouro” do colonizado (FANON, 2005, p.11). Logo, me proponho também a debruçar sobre o ódio e a violência enquanto motores estéticos, frutos de uma necropolítica em curso.

A descolonização se propõe a mudar a ordem do mundo, é, como se vê, um programa de desordem absoluta (...) é um processo histórico: isto é, ela só pode ser compreendida, só tem inteligibilidade, só se torna translúcida para si mesma na exata medida em que discerne o movimento historicizante que lhe dá forma e conteúdo. A descolonização é o encontro de duas forças congenitamente antagônicas, que têm precisamente a sua origem nessa espécie de substancialização que a situação colonial excreta e alimenta. (...) a descolonização é verdadeiramente a criação de homens novos. Mas essa criação não recebe a sua legitimidade de nenhuma potência sobrenatural: a “coisa” colonizada se torna homem no processo mesmo pelo qual ela se liberta (FANON, 2010, p.52-53).

O que estava em jogo naquela Casa era a descoberta de si num mundo relativamente novo, ainda mais racista. Pois a cada dia eram descobertos novos formatos e requintes da crueldade psíquica do colonialismo. Epistemicídio, nutricídio, democracia racial, terrorismo colonial, auto ódio, entre tantos outros formatos que compõem nossas subjetividades mas que estávamos pré dispostos a destruir com violência. Ora, como ser diferente? Como um jovem descobre depois de mais de 20 anos que suas pulsões, desejos, vontades, passam pelo que foi imposto pela supremacia branca há séculos? Como ele a partir daquele momento passa a se comportar na rua, com os amigos, com a namorada, com a família, em frente ao espelho, na escola, no trabalho? O que muda?

A partir destes processos íntimos - individuais e coletivos - de autoconhecimento e autodeterminação, passamos por situações de crises profundas. Tudo passava a ser ainda mais profundamente questionado. Pois se tinha uma característica muito marcante no Ocupa Alemão era uma postura que buscava ser ética, custasse as relações que custasse. E cobrávamos a mesma ética de outros movimentos do nosso território.

A questão da cor, a cor da pele, era fundamental na análise cotidiana de todo o processo, para tudo o que fazíamos. Ainda que uma pessoa de pele clara, que pudesse ser reconhecida como branca, tivesse uma ótima retórica, não seria ético portanto que um movimento de maioria negra se representasse na voz das pessoas mais pretas, sobre racismo e genocídio? Este é apenas um exemplo simples mas que

se desdobrava em muitas discussões, pois bagunçava a estrutura que estava montada há tempos no coletivo. Debatia-se bastante, tudo, e por muitas vezes deixamos de fazer o que era necessário por não compreendermos que o nosso desmantelamento também era causado pelo racismo. A cor da pele não é simplesmente uma cor, mas está atrelada a muitas significações, um enunciado repleto de conotações e interpretações que se relacionam com estruturas subjetivas de poder que definem lugares e falas. Raça/cor nesse contexto, conforme Achille Mbembe (2018) afirma, é tecnologia de governo, dispositivo de segurança que atua na diferenciação dos seres matáveis e não matáveis.

A raça é o que permite identificar e definir grupos populacionais em que função dos riscos diferenciados e mais ou menos aleatórios dos quais cada um deles seria o vetor... A raça, desse ponto de vista, funciona como um dispositivo de segurança fundado naquilo que poderíamos chamar de princípio do enraizamento biológico pela espécie. Raça é ao mesmo tempo ideologia e tecnologia de governo (MBEMBE, 2018, p. 74-75).

Em meio às neuroses oriundas da colonialidade, como um grupo de maioria de jovens negros moradores de favela se comporta para as manifestações estéticas possíveis? Beatriz Nascimento afirma que:

(...) é isso que é fundamental. Fortalecimento psíquico, porque é um dos grandes problemas de negros, justamente isso, o inconsciente, quer dizer o quê você não pode trazer do inconsciente para tua mente, para fora, estabelecer uma comunicação entre os seus iguais, estabelecer essa comunicação para fora da sociedade brasileira, para a sociedade maior, para sociedade que domina (NASCIMENTO, 2018, p.138).

Ao compreender o Ocupa Alemão enquanto uma organização, um movimento, que vive e propõe autoeducação para autodeterminação e autonomia, percebo hoje com essa pesquisa e atuando em/de um outro lugar e com outra função dentro do coletivo, que em qualquer arranjo de integrantes objetivamente do coletivo, desde sua primeira formação em 2012, as respostas ao desejo de morte é o que move esses grupos. Independe da formação porque em todas as possibilidades de arranjos, seus integrantes eram majoritariamente crias daquele espaço, subjugados e condenados pelo colonialismo, tendo em suas corporeidades o revide re-existente para a transgressão dos parâmetros coloniais e do terror das injustiças cognitivas/sociais, falam a língua colonial à qual nos foi imposta: a violência. Nascidos e crescidos na extrema violência e desamparo, expostos aos déficits de saúde, educação, lazer, tempo, autoestima, à pobreza e à criminalidade, acredito que somente a partir da

compreensão do colonialismo necropolítico (MBEMBE, 2018) enquanto formador de nossa subjetividade, e portanto dos nossos afetos, cognição e estética, é que podemos seguir no enfrentamento ao genocídio do antropoceno, à cosmofobia e ao comunitaricídio.

*La modernidad ha construido y privilegiado la “sociedad” sobre la «comunidad» practicando el destructivo «comunitaricidio» para meternos a todos en «sociedades» ficcionalmente llamadas «nacionales». De manera que la unidad de análisis eurocéntrica que se privilegia en las ciencias sociales establece un «adentro» y un «afuera» sólido, con respecto al Estado, para entender y explicar procesos histórico-sociales (GROSFOGUEL, 2016, p.155).*

Segundo Ramon Grosfoguel, para que os processos históricos sociais fossem compreendidos, as noções de Estado, Nação e Sociedade foram privilegiadas alargando-as principalmente em relação às demandas de análise socioeconômicas estruturais, em detrimento dos processos constitutivos da noção de comunidade, em menor escala. E afirma que a modernidade constrói a ideia de sociedade sobre a noção de comunidade, cometendo “comunitaricídio” (GROSFOGUEL, 2016, p.155). Portanto, enquanto seres essencialmente comunitários, mais comunitários que “sociais”, no que diz respeito à noção de sociedade, devemos estabelecer nossas estratégias de autonomia enquanto comunidade. A compreensão da perspectiva de rentabilidade da necropolítica como forma de controle da morte no plano de existência da comunidade é ponto fulcral para o desenvolvimento desta pesquisa, assim como ponto fundamental de compreensão do nosso cotidiano. Portanto, para além dos currículos, que funcionam como discursos que tem direção social hierarquizada e recortada, que seleciona e caracteriza histórias, trajetórias e saberes em fluxo nos ambientes educativos. Que ainda que se proponha ser ambiente dialógico, o cotidiano curricular é colonialista, colonizador e hierarquizador de saberes, garantindo cegueira epistêmica, epistemicídio, autorizados pelo racismo e hierarquizações. Ainda que eu, a partir da minha formação em educação, pudesse garantir a vontade de descolonizar práticas curriculares na construção de um cotidiano com o Ocupa Alemão, mesmo em uma sociedade notadamente hierarquizada, é preciso assumir que os currículos e metodologias euro-referenciadas são invenções que não nos cabem neste processo de contra colonização comunitária.

---

A professora Nilma Lino Gomes refere-se ao termo “Movimento Negro” como

[...] as mais diversas formas de organização e articulação das negras e dos negros politicamente posicionados na luta contra o racismo e que visam a superação desse perverso fenômeno na sociedade (GOMES, 2017, p. 23).

Nas nossas estratégias de luta, nos articulamos comunitariamente porque a sabedoria ancestral está justamente na luta coletiva. Os quilombos não eram lutas solitárias, “eram de coletividade. As lutas nas senzalas não eram construídas por um só. Elas eram construídas por articulações, coletivas e muitas vezes silenciosas” (GOMES, 2018)<sup>195</sup>. Ao longo dos anos, o Ocupa Alemão mudou sua estratégia. Surgido enquanto um “evento” (2012), depois “coletivo” (2013), e, posteriormente, um “movimento”, seja ele jovem, negro e/ou comunitário. A partir de 2015, configurou-se fundamentalmente “quilombista” (NASCIMENTO, 2009). A isso implica que o cotidiano seja elaborado a partir de uma agenda negra de luta, de uma agência epistemologicamente africana em um plano de ação comunitário-territorial - no qual cabem, conforme acordado comunitariamente, moradores e moradoras não negros reconhecidos socialmente como “brancos” (as vezes por falta de nomeação) e que, acima de tudo, compreendam a funcionalidade do movimento. Neste processo, ele se propõe a construir novos enunciados e instrumentos teóricos, ideológicos e analíticos que afirmam que o racismo estrutural antinegro não somente na estrutura genocida do Estado, mas também a partir da vivência cotidiana estruturada psiquicamente por significados elaborados pelo colonialismo, precisa ser combatido através do resgate e reafirmação de conceitos e valores comunitários, africanos e libertários. Segundo Nilma Lino Gomes, os movimentos sociais, ao agir social e politicamente, “reconstroem identidades, trazem indagações, ressignifica e politiza conceitos sobre si mesmo e sobre a realidade social” (GOMES, 2017, p. 28).

### 6.3 Escola

A preocupação em montar na comunidade espaços autônomos de desenvolvimento era inspirado na convivência da Casa da Dona Zilda, que não

---

<sup>195</sup> GOMES, Nilma Lino. (2018, May 21). O Movimento Negro Educador: Saberes construídos na luta por emancipação. Speech presented at Aula Inaugural do Programa de Pós-graduação em Relações Étnico Raciais do CEFET/RJ in Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.



compreendíamos como uma estrutura fundamental disponível ou um espaço vital amplo para a comunidade. Percebíamos a necessidade de um espaço livre, autogerido, e que fosse aberto às crianças, adolescentes e jovens da comunidade. Para a leitura, jogos, dinâmicas mais “acadêmicas” ou lugar de encontros informais. A princípio, em 2014, tínhamos a meta de uma Biblioteca “Afroindígena”, ou seja, um espaço para encontrar obras da literatura, do cinema, da música, das artes visuais, que fossem de autoria negra ou indígena. Anunciamos o recebimento destas obras pela página do facebook e foi um sucesso, mas falhamos na busca por um espaço físico a ser alugado na comunidade: os aluguéis com preços altos para a realidade de um grupo autônomo ou espaços muito pequenos para o objetivo. Guardamos os livros mas não o desejo.

Constantemente constatávamos a partir de nós mesmos e das crianças com as quais fazíamos muitos dos eventos de rua, que deveríamos ter esse espaço para atuar numa lógica mais “pedagógica”, seja na alfabetização ou no reforço escolar. Mas a maioria do Ocupa Alemão não estava na universidade, e muitos nem tinham completado o Ensino Médio (um inclusive não concluiu o Fundamental) - seja por evasão ou por muitas repetências, ainda estavam no processo de conclusão. A laje do Diquinho, já citado anteriormente, abrigava o Pré Vestibular Comunitário do Conselho Popular, onde alguns de nós estudávamos. Tanto a escola quanto a universidade eram desafios altos demais. Em 2012, éramos maioria universitária. Já a partir de 2013, virou a minoria absoluta. A maioria expressiva de jovens do Ocupa Alemão nunca tinha pisado num campus universitário antes de serem parte do movimento, inclusive nossas lideranças. Com o passar do tempo, o desejo de ultrapassar as limitações subjetivas para concluir o Ensino Médio foi se intensificando e comunitariamente fomos criando condições emocionais para estes propósitos: autodefesas, autoconhecimento, autodeterminação e autoestima. Afinal, a colonialidade da escola impõe traumas nos nossos corpos que reverberam por toda nossa existência, impactando diretamente nas nossas escolhas profissionais e acadêmicas. Entrar em concorrências injustas como um vestibular ou um concurso de outra natureza requer um aparato psicológico e uma preparação de conteúdos específicos que sem o devido apoio a sensação é de impossibilidade. (Apesar do quadro, hoje as pessoas que menciono aqui, ainda que não atuem com o Ocupa Alemão, já ingressaram na vida acadêmica ou estão estudando para tal.)

O assunto da “educação” era recorrente entre amigos de outros coletivos e

organizações. O desejo de organizar grupos de leitura, as inúmeras tentativas fracassadas para lermos coletivamente, ou ainda as conversas informais que denotavam a necessidade de nos organizar comunitariamente para dar suporte aos jovens que precisam disputar o mercado de trabalho, mostrava que algo precisava ser feito em relação à “educação”. Por noix e por nossas crianças. Nesse contexto, em 2014, tivemos um convite informal através de Timo Barthol (mencionado no início desta dissertação como um dos pesquisadores que teve o Ocupa Alemão como interlocutor) para conhecer uma base de apoio do Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) em Chiapas, México. Mais especificamente, uma escola zapatista. Confesso que hoje é frustrante, para mim, que não tenhamos nos movido o suficiente para arrecadar apoios financeiros de custeio dessa viagem. Enfim, não fomos. E durante as entrevistas que fiz para esta dissertação, a questão da “escola zapatista” surgiu como um assunto que tanto remetia à memória desse convite de 2014, quanto aos cruzamentos das propostas da educação zapatista com as nossas ideias de educação comunitária.

O movimento zapatista é conhecido mundialmente por construir um modo de existência anticapitalista e autogestionário chamado "autonomia zapatista". Segundo Ana Paula Morel<sup>196</sup>, a educação autônoma zapatista é um dos seus pilares fundamentais.

Em um mundo onde todos os seres que existem têm *ch'ulel* (alma), a educação verdadeira (*chanel*) é um aprendizado com a comunidade e o cosmos baseada na arte do caminhar perguntando ( MOREL, 2018, p. 487).

Para os indígenas zapatistas, a educação está no movimento. Aquele que “educa”, move. Ana Paula Morel traduz sua experiência com os zapatistas a partir da sua relação em ser uma “aluna” de *tzotzil* - língua originária<sup>197</sup>.

---

<sup>196</sup>Professora adjunta da Faculdade de Educação na Universidade Federal Fluminense (UFF). Doutora em Antropologia Social pelo PPGAS/UFRJ, em artigo intitulado “CAMINHAR PERGUNTANDO: A EDUCAÇÃO AUTÔNOMA ZAPATISTA” fruto de tese de doutorado intitulada “Terra, autonomia e *ch'ulel*: aprendizados na educação zapatista”, defendida em 2018 pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS), no Museu Nacional, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

<sup>197</sup>*Tzotzil* é o nome dado pelo colonizador para a língua local. Seu verdadeiro nome é *bats'i k'op*. “*El tzotzil no es pensamiento de los pueblos, fue una invención de los lingüistas, no está relacionado con la vida de los pueblos. El bats'i k'op si está relacionado con cómo estamos viviendo.*” A palavra *bats'i*, significa “originário” e “verdadeiro”. Ao se referir à língua, ela significa mais precisamente que está diretamente relacionada com a vida dos povos, dos homens e mulheres verdadeiros (*bats'i ants vinik*) (MOREL, 2018, p.491-492).

Na educação zapatista, não há professores, enquanto profissionais que se especializaram para dar aulas e trabalhar apenas com isso, mas sim, pessoas das comunidades que, mesmo tendo uma formação contínua em educação autônoma nos espaços do movimento, não perderam sua relação com a terra pois seguem sendo camponeses. Por isso, me explica Maria, os zapatistas não utilizam o termo professores, mas sim promotores de educação. Uma tradução do *tzotzil* que me foi dada para promotores foi *jnikesvany* que significa a pessoa que move. Os *jnikesvany* de educação movem e promovem a relação com o conhecimento a partir das necessidades que surgem por parte dos alunos e da comunidade. O mesmo ocorre com os promotores de outras áreas de atuação zapatista como a saúde, a comunicação, a agroecologia. Não há uma profissionalização no sentido em que estamos acostumados, baseada na especialização e, muitas vezes, em uma formação em separado dos debates da comunidade, mas há promotores, indígenas e camponeses, nomeados em assembleias comunitárias que recebem diversas formações de maneira contínua e são responsáveis por mover determinadas áreas na vida comunitária (MOREL, 2018, p.496).

A pesquisa de Ana Paula apresenta a percepção de um promotor zapatista em sua experiência com a escola estatal, onde ele afirma que a tal escola, diferente da zapatista, não engrandece o "espírito", pelo contrário, você o perde. Espírito (*ch'ulel*) é traduzido como "uma força com diferentes níveis de intensidade", "força do coração" ou "o que é próprio de uma pessoa". Há uma relação intrínseca do *ch'ulel* com o corpo. "Quando nosso *ch'ulel* está bem, o corpo fica menos doente, nossas ações são mais enérgicas. Quando nosso *ch'ulel* está enfraquecido, nosso corpo também está" (MOREL, 2018, p.494).

A escola sempre foi um espaço vazio de sentido, onde se sentiam oprimidos por serem indígenas. Nas palavras de um dos promotores zapatistas: "*Ahí [nas escuelas estatales] ya no somos libres. Nadie se preocupa con nuestros problemas y deseos. Eso es un problema que tenemos que enfrentar. Las escuelas de arriba y las otras instituciones de arriba no están para engrandecer el ch'ulel (espíritu), es una forma de quedar sin ch'ulel*" (MOREL, 2018, p. 500).

É curioso como se dá o cruzo entre os sentidos de uma educação (formal) de cosmologia zapatista, descritos na pesquisa de Ana Paula Morel, e o que foi mencionado há algumas páginas atrás a respeito da escolaridade dos integrantes do Ocupa Alemão e a sua relação com a escola. Ainda que não haja a noção do significado de "perda de espírito" ou "engrandecer o espírito", o dito através da experiência com a escola e com a universidade é justamente a "doença" gerada pela perda do "espírito", o trauma. "*Trauma da escola*" é expressão que ouvimos com certa constância em conversas informais. Assim como, entre noix do Ocupa Alemão, era

comum a todos a afirmação de se ter “trauma” causado pela colonialidade do cotidiano escolar.

*Yo estudié en la escuela del gobierno y cuasi no encuentré el chanel. La educación de los de arriba es pensada desde arriba, nadie pregunta lo que queremos aprender, cuáles son nuestras necesidades, entonces no podemos llamar eso de chanel.” O chanel é a educação verdadeira, a educação de um povo de um lugar, que os promotores definem como conhecer junto, entre humanos, mas também aprender com as formigas, os insetos, a água. Chanel é a dinâmica de aprender com o todo, diz Rosa. O chanel possibilita p’ju’mtasel, que é algo como “preparar-se para viver no mundo”, mas através de um viver real, em comunidade (MOREL, 2018, p.501).*

“Chanel” talvez tenha um significado mais próximo daquilo que acreditamos ser o “saber” apreendido no seio da comunidade, a partir das nossas necessidades, questionamentos, demandas. Construir um espaço onde estes saberes sejam verdadeiramente promovidos talvez seja o nosso maior desafio, enquanto indivíduos e mais ainda enquanto movimento comunitário.

De fato, a educação autônoma, como já mencionamos, é um espaço de revitalização da língua e dos saberes dos povos, assim como um espaço voltado para atender às demandas e questões da comunidade. Mas, poderíamos dizer que o conceito de educação verdadeira está ainda mais entranhado na cosmopolítica dos povos, entrelaçado com a possibilidade de aprender com humanos e não-humanos, com uma educação muito distinta da educação dos *kaxlans* (brancos). Sobre isso, conta Maria, mencionando a separação entre o corpo e a mente típica da educação *kaxlans*: “*Cuando los kaxlans llegaron hablaran que no teníamos educación y empezaran a nos enseñar a aprender sólo con la cabeza, hacen una separación del cuerpo y de la cabeza.*” De maneira distinta, a educação verdadeira não está vinculada só com a cabeça, ela é inseparável do corpo, do resto da vida, está junto da vida (MOREL, 2018, p. 502).

Concluindo, a pesquisa de Ana Paula Morel com os zapatistas apresenta um conceito fundamental para a conclusão da relação que me propus a fazer dentro de uma ideia de educação e comunidade: o “caminhar perguntando”.

Os promotores me explicam que não existe uma palavra para “pedagogia” em *bats’i k’op*. Na verdade, não há uma pedagogia no Centro, senão o próprio caminhar. Rosa certa vez me disse que uma das frases mais importantes entre os povos era: *Kalal chi xanave skan to jaktik*, na tradução para o castelhano, *hay que camiñar preguntando* (MOREL, 2018, p. 504).

“Deve-se caminhar perguntando” é uma máxima presente nas salas de aula ou nas atividades da vida na comunidade. Caminhar perguntando é quase que um método para identificar por onde começar a fazer determinada ação, ou tomar

determinada atitude. Começa de uma ideia pequena, uma pergunta, uma resposta e que vai se expandindo para a configuração de algo maior. Morel afirma que a prática já existia antes do zapatismo, mas que com o zapatismo fica mais clara. Talvez se configure para nós, acostumados a espaços educativos sistematizados compostos por planejamentos, como um improviso - de acordo com a pesquisadora - ao mesmo tempo que é o motor do trabalho.

As noções de educação autônoma zapatista entraram no nosso cotidiano por volta de 2014, sem aprofundamento e pesquisa, somente construindo desejos de aprender a organizar uma comunidade e um povo autônomos. Líamos poucas coisas, e de uma forma bem individualizada, conforme nossos próprios interesses.

O Movimento de Comunidades Populares (MCP) atuante na Comunidade Popular Chico Mendes, no morro do Chapadão, na Pavuna, aqui no Rio de Janeiro, também era nossa principal referência, talvez a mais próxima. Principalmente sobre o que tange a noção de “organização comunitária”. O Movimento das Comunidades Populares (MCP) é atuante a nível nacional, atualmente com trabalhos em dez estados brasileiros (Alagoas, Maranhão, Bahia, Pernambuco, Paraíba, Goiás, Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul). A Comunidade Chico Mendes, assim como as outras comunidades populares, desenvolve os trabalhos aqui no Rio seguindo as orientações do movimento. Estas são elaboradas através de encontros regionais e nacionais. Mas a atuação cotidiana da Comunidade Chico Mendes é que se torna a grande referência para o Ocupa Alemão, não o MCP enquanto organização. Pois, foi através de uma escolinha de futebol no campo da favela, em 1994, onde um dos integrantes desenvolve com os jovens um grande projeto de organização esportiva da comunidade, e através dela (e de atributos pessoais, pois este integrante consertava máquinas e eletrodomésticos) estreitou laços com os moradores e assim conheceu as maiores demandas do território. Como as reuniões do time eram em frente à sua casa, era necessário um local maior para as reuniões e para o que estava se construindo aos poucos, pois o projeto era muito maior que o futebol. A partir disso, em comunhão com outras pessoas do MCP e da comunidade, em 2000 compraram um terreno onde construíram a base da Chico Mendes. Nesta casa, acontece uma escolinha (conhecida como “Escola da Janduí”) de reforço escolar para crianças e adolescentes, todo dia à tarde. Na verdade, as aulas de reforço escolar já aconteciam desde 1997 antes de se estabelecer ali como espaço apropriado. Além do reforço escolar, fazem encontros comunitários e todo

último domingo por mês tem um almoço coletivo do qual participam crianças, jovens e idosos igualmente, com a discussão de algum tema pré escolhido. Também há uma salinha onde funciona o Grupo de Investimento Coletivo (GIC), uma forma coletiva de poupar dinheiro, que também pode ser emprestado para fazer um investimento pelos participantes. Este GIC funciona desde 2003 e hoje em dia um bom número de moradores fazem parte. No espaço eles gerenciam um mercadinho, gerido por um Grupo de Vendas Coletivas (GVC): faz-se as compras à atacado fora da favela e revendem os produtos no mercadinho. O dinheiro que entra é pago aos integrantes do coletivo pela hora trabalhada, onde todos recebem o mesmo valor. Começaram o mercadinho com nada mais de R\$ 170,00, investidos por seis pessoas, e depois devolvidos a elas. Hoje, o mercadinho tira dois salários mínimos por mês e oferece uma renda regular para os integrantes do coletivo. Em frente à casa da Comunidade Popular tem outro espaço onde funciona uma creche comunitária. As primeiras crianças chegam às 5h20 da manhã e as últimas vão embora às 19h30 da noite, de acordo com a demanda de horário da família da comunidade. Atrás da escolinha funcionou durante um tempo um conserto de máquinas de lavar e ofereciam cursos profissionalizantes de hidráulica e de conserto de máquinas. Abriram também uma loja de material de construção, também autogerida por moradores que participam da comunidade popular. Tem também um Grupo de Produtos de Limpeza, um Grupo de Produção Coletiva (GPC), que recebe e recolhe óleo de cozinha usado e com ele faz produtos de limpeza. Quando recebem muito óleo, o vendem para uma empresa que compra este óleo para fazer biodiesel. Conhecemos o MCP e a Comunidade Chico Mendes em 2013, ao integrarmos o Fórum Popular de Apoio Mútuo, a Rede de Economias Coletivas e a AGA - Articulação de Grupos Autônomos.

Em 2016, a Reaja inaugura a Escola de Formação Quilombista e Panafricanista Winnie Mandela e também ensina ao Ocupa Alemão que é possível realizar o desejo de se construir um espaço de educação conforme a nossa demanda comunitária.

Estamos formando um exército preto de mulheres e homens capazes de reconhecer na sua comunidade o espelho necessário para erguer novas estruturas e instituições com nossos métodos de luta real baseado em ação comunitária em todos os lugares onde o nosso povo se encontra.<sup>198</sup>

---

<sup>198</sup>Trecho retirado de artigo de 22 de maio de 2018, no blog Reaja Nas Ruas - WINNIE MANDELA, NOSSO FAROL – UM TRIBUTO DA REAJA. Disponível em: <https://reajanasruas.blogspot.com/2018/05/winnie-mandela-nosso-farol-um-tributo.html>. Acesso em 13 de fevereiro de 2020.

Em novembro de 2016 nasce o evento “Ocupa Mente”, **dentro da Casa da Dona Zilda**. Diferente dos Ocupa Rock, Rap, Vandal, ou outros eventos comunitários, o Ocupa Mente foi o início de uma nova fase no Ocupa Alemão. Em comunhão com pessoas de fora da CPX, mas que por motivos afetivos eram constantes na Casa da Dona Zilda, um novo grupo era formado: o Kilombo Favela Rua. Há quem diga que o Ocupa Alemão acabou a partir da formação do Kilombo Favela Rua. Não há consenso sobre isso. Mas o Ocupa Mente nascia como a primeira atividade do Kilombo Favela Rua, aos moldes “estéticos” do Ocupa Alemão: crianças, atividades artísticas, referências “teóricas” e comida. Porém, a principal diferença se fazia na presença **apenas** de homens e mulheres pretos, destes alguns eram moradores e outros não, na elaboração e condução da atividade com as crianças da comunidade. O Ocupa Mente passou a ser uma atividade que acontecia um sábado por mês, e no ano seguinte, a partir da constância, nasce a Escola Quilombista Dandara de Palmares, com o objetivo de atender as demandas apresentadas pelas crianças conforme o Ocupa Mente acontecia. Organizada inicialmente por um grupo majoritariamente formado por mulheres pretas graduadas (algumas inclusive em Pedagogia), a Escola Quilombista Dandara de Palmares é o produto de um longo processo político comunitário do Ocupa Alemão, a partir da centralidade familiar da Zilda e da atitude organizativa deste grupo feminino - inspiradas também pela existência da Escola de Formação Pan Africanista Winnie Mandela, em Salvador, e a organização comunitária do MCP (Movimento das Comunidades Populares) na Comunidade Popular Chico Mendes, no Chapadão - bairro da Pavuna, no Rio de Janeiro. A princípio, na laje da Zilda, a Escola se manteve com o objetivo de apresentar personalidades e referências teóricas do povo negro através da arte educação para crianças de 5 a 12 anos. Conforme Zilda e as demais pessoas envolvidas com a Escola iam conhecendo as crianças, algumas outras necessidades eram manifestadas como, por exemplo, alfabetização e atividades no contraturno escolar (formal). Em 2018, a Escola realizava na laje da Zilda seu primeiro Kwanzaa, a celebração de valores ancestrais africanos para uma vivência na diáspora. “Cada dia da celebração de sete dias é dedicado a um dos Nguzo Saba, os sete princípios da herança africana: unidade,

autodeterminação, responsabilidade, economia cooperativa, propósito, criatividade e fé.”<sup>199</sup>

*Umoja (unidade): empenhar-se pela comunidade;*  
*Kujichagulia (autodeterminação): definir a nós mesmos e falar por nós;*  
*Ujima (trabalho e responsabilidade coletivos): construir e unir a comunidade, perceber como nossos os problemas dos outros e resolvê-los em conjunto;*  
*Ujamaa (economia cooperativa): interdependência financeira, recursos compartilhados;*  
*Nia (propósito): transformar em vocação coletiva a construção e o desenvolvimento da comunidade de modo harmônico;*  
*Kuumba (criatividade): trabalhar para que a comunidade se torne mais bela do que quando foi herdada;*  
*Irani (fé): acreditar em nossas(os) mestres.*

Em 2019, um novo espaço é alugado para atender à demanda da Escola: maior acessibilidade, espaço mais amplo, biblioteca, cozinha e banheiros independentes.

Conseguimos de forma autogerenciada garantir os aluguéis e a reforma do espaço que era uma casa abandonada há muitos anos. Com mutirões, em alguns meses reformamos o espaço físico da escola o suficiente para ocorrerem apenas alguns poucos encontros com contações de história e brincadeiras.

Em 2020, a Escola Quilombista Dandara de Palmares se reformula para atender à demanda das crianças: alfabetização, capoeira, aula de violão, nutrição e horta, e os sábados que são divididos em “brincantes” - dedicados à contações de histórias, brincadeiras, jongo, visitas à espaços da cidade como parques, cinema e teatro; e Física/Química Experimental - uma tarde de descobertas científicas. O Pré T.H.E. de Música<sup>200</sup>, que acontecia há quatro anos na minha casa como projeto comunitário familiar, passa para o espaço da escola abrindo o turno noturno para os jovens.

No mesmo ano, as atividades são interrompidas pela pandemia de Covid-19, impossibilitando que algumas áreas curriculares da escola fossem sequer estreadas. Contudo, a Escola continuou na assistência às famílias dos alunos dando suporte como cestas básicas e produtos de higiene, assim como a outras famílias da comunidade, num número aproximado de 200 pessoas atendidas mensalmente.

<sup>199</sup>Conforme descrito no álbum do facebook, dedicado ao evento. Disponível em: <https://www.facebook.com/media/set/?vanity=1956425914624411&set=a.2251856205081379>. Acesso em 16 mar. 2021.

<sup>200</sup>Teste de Habilidade Específica (T.H.E.) é uma prova eliminatória do vestibular para os cursos de música em universidades no Rio de Janeiro. Consistem em avaliar conhecimentos teóricos e técnicos da música européia - partitura, solfejo, instrumento, etc - eliminando assim as chances de um músico autodidata, independente de sua experiência na área, disputar uma vaga.



Hoje a principal atividade que o Ocupa Alemão realiza é a idealização e a manutenção estrutural da Escola Quilombista Dandara de Palmares. Assim como o Ocupa Alemão, a Escola Dandara de Palmares não conta com qualquer apoio institucional, tampouco auxílios governamentais de nenhuma ordem. Estrutura-se inclusive como uma escola autônoma, cuidada por muitas mãos que em suas subjetividades e seus conhecimentos de maior domínio, dividem-se em funções para que atendam às demandas das crianças da comunidade e suas famílias. A “comunidade” abrange as favelas do território do Complexo do Alemão, portanto as crianças são crias locais, maioria negra e estudantes de escolas do entorno. Seus educadores compartilham da sua gerência, organizando atividades e encontros voltados para o autoconhecimento daquelas crianças e o reconhecimento das suas propriedades intelectuais, historicamente negados pelo genocídio do povo negro. Além da escola quilombista, o Ocupa Alemão hoje apoia e organiza eventos voltados para formação política quilombista e panafricanista, como cursos de formação e lançamentos de livros voltados para o conhecimento da história e cultura do povo africano no mundo, bem como a diáspora e as táticas antirracistas, a partir da parceria com a UCPA, Reaja e editoras pretas.

A Escola Quilombista Dandara de Palmares atua enquanto um modelo livre de escola comunitária antirracista, que compreende-se fundamental para a formação política das crianças. Um revide em forma de re-existência, ressignificando a emergência de produzir outras formas de sentir/ser, agindo na contramão da colonialidade. Assumimos compromisso de atuar coletivamente com pessoas da comunidade e de sua rede, a fim de gerir as atividades da escola dentro das compreensões dos Valores Civilizatórios Afro-brasileiros de Azoilda Trindade (2006), o Quilombismo de Abdias (2002) e Beatriz Nascimento (2018), conceitos como “Consciência Negra” de Steve Biko (1971), “Autonomia e Orgulho Preto” de Marcus Garvey (2013), o “Panafricanismo dos Últimos dias” de Malcolm X (1992), que foi levado adiante por Kwane Ture (Stokely Carmichael), a “Amefricanidade” de Lélia Gonzales (2020), os escritos de Assata Shakur (1988) e “Contra colonização e Biointeração” de Nego Bispo (2015).

Compreendendo como fundamental a presença dos corpos pretos nos espaços de poder educativos, o contato direto com as crianças da escola faz-se somente com educadores negros e educadoras negras, assumindo a tática na composição e formação de suas subjetividades.

No atual momento, mais precisamente em abril de 2021, o Ocupa Alemão recebeu a 33ª Medalha Chico Mendes de Resistência Emergencial em Tempos de Pandemia e Genocídio, pela atuação com as mais de 200 famílias, dentre elas as famílias dos alunos e alunas da Escola, assistidas com cestas básicas, materiais de higiene e outras condições específicas como funeral, enterro, medicamentos, etc. durante a pandemia de COVID-19.

#### 6.4 Gratidão Aos Mais Velhos

---

Se é necessário considerar na nossa cultura, um a um e integrados os papéis do jogo, do segredo, da ancestralidade, do território, da liberdade, da comunidade, do corpo e da força vital, ainda emergem dúvidas quentes na discussão sobre o poder e a hierarquia em nossas casas, cazuás e terreiros. O que trazem de diferente em relação ao que nos aflige há tempos? Precisamos detalhar como as hierarquias vinculadas ao nosso respeito ao mestre e ao ancestral diferem da hierarquia capitalista. Isso é um vôo necessário às nossas asas para, sem autocomplacência, esmiuçando e vivendo essa questão, continuarmos a criar alternativas de continuidade e de transformação (ROSA, 2019, p.26-27).

A Casa de Dona Zilda foi o grande útero formador nestes últimos anos de atuação política do Ocupa Alemão. Passou por ela muita gente, grandes nomes, referências de lutas, teorias e práticas. Chamamos de “mais velhos” aqueles que nos ensinam com sua presença física, com sua voz, cheiro, temperatura e postura, a partir de suas experiências narradas na primeira pessoa, e com seu exemplo ético estético político. Maiores que professores, honoráveis mais velhos.

A primeira experiência em ouvir um “mais velho” foi em 2014. Tivemos a honra de fazer um curso sobre a história dos movimentos negros no Brasil com “Seu” Yedo Ferreira, membro fundador do Movimento Negro Unificado. O curso infelizmente acontecia no IFCS (Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ) localizado no centro da cidade. A partir desse momento, entendemos que ouvir a história diretamente da boca de uma referência é um ato ancestral de produção de conhecimento, e que a proposição de mais momentos como aquele, amplificado e territorializado, era fundamental e urgente.

O primeiro “mais velho” que tivemos a honra de encontrar, e dessa vez na Casa de Dona Zilda, foi Hamilton Borges Walê, em 2015. Ele é autor dos livros “Teoria Geral do Fracasso” (2017), “O Livro Preto de Ariel” (2019), “Salvador Cidade-Túmulo” (2018)

traduzido para o inglês, com sua 2ª edição lançada em 2020, e “Libido, Dendê e Melanina” (2020), todos publicados pela Editora Reaja. O mais velho foi membro do MNU - Movimento Negro Unificado, criou o “Movimento de Poetas Maloqueiros”, nos anos 1980; fundou o Projeto Intramuros, na Penitenciária Lemos de Brito, e é líder da Reaja ou Será Morto/ Reaja ou Será Morta. Ele também coordenou as Marchas Contra o Genocídio do Povo Negro, coordena a Escola Panafricanista Winnie Mandela, em Salvador, além de integrar a 4ª Internacional Garveista. Denomina-se panafricanista, nacionalista preto e quilombista. Filho de Ogun, Hamilton é ator, escritor, esposo, pai e avô e foi com quem tivemos a primeira conversa sobre quilombismo, construção de movimento comunitário, formação de família, luta antiprisional, produção de arte, ocupação cultural, liderança feminina, entre muitos outros assuntos que surgiam nas várias trocas que tivemos tanto dentro da Casa de Dona Zilda (por três vezes) quanto fora, quando Hamilton viaja pro Rio para algum evento específico ou quando nós estamos em Salvador. Sempre presente e disposto, seu amor e ensinamento são fundamentais na história do Ocupa Alemão, e, particularmente, para muitos de nós hoje. Através de Caroline Amanda, que na época era Comando Vital da Reaja no RJ e SP, Hamilton se tornou nosso mais velho. Alguns termos e conceitos usados pelo Ocupa Alemão são de encontros e aprendizados com Hamilton, como “fechar a cara”, “mostrar os dentes”, “puro ódio”, “nenhum passo atrás” (lema da Campanha Reaja), “teoria geral do fracasso”, “comando vital”, “herança”, entre outros. Compreender o conceito de “teoria geral do fracasso” e “comando vital” foram fundamentais para estabelecer uma organização comunitária. E fundamentalmente, compreender que não inventamos nada novo, “herdamos”.

Em 10 anos a Campanha Reaja escreveu a teoria geral do fracasso por que se sucesso é fazer Promoção da Igualdade se sucesso é sentar com o inimigo diante do sangue do nosso Povo se sucesso é ficar fazendo essa política que se tem feito em nome de negros e negras nesse país Nós preferimos o fracasso de enfrentar o terror nas ruas. <sup>201</sup>

E foi com a metodologia da Reaja e da Quilombo X, que o Ocupa Alemão aprendeu a se estruturar de acordo com as capacidades organizacionais de um grupo composto por uma maioria de jovens, conforme pode ser lido no texto de Fred Aganju:

---

<sup>201</sup>Hamilton Borges Wale em pronunciamento, durante o ato de dez anos da Campanha Reaja. <https://passapalavra.info/2015/05/104318/> Acesso em 20 de maio de 2021.

Em 10 anos de atuação ostensiva de luta organizada Contra o Genocídio do Povo Negro, a Campanha reaja se confirma como uma poderosa articulação comunitária que tem a peculiaridade de ser estruturada fundamentalmente a partir de dois territórios comunitários: a **Associação de Familiares de Amigos(as) de Presos(as) da Bahia ASFAP)** e os **Núcleos de Mães, Familiares e Vítimas do Estado Racista Brasileiro**. Desta forma, com postos avançados em Salvador, região metropolitana e interior da Bahia, estas duas instâncias são os veículos comunitários primários de agitação, comunicação e mobilização da Campanha Reaja nas ruas, favelas, vilas, e penitenciárias. São dessas estruturas comunitárias que estabelecemos nosso **Conselho Subterrâneo Estratégico**, estrutura máxima de nossa organização, responsável inclusive pela formulação e direção de duas Marchas (Inter)Nacionais Contra o Genocídio do Povo Negro (2014 e 2015). De fato, as famílias são as unidades básicas de direção política de nossa organização. Para muitos essa característica é um equívoco, um erro estratégico, ou mesmo personalismo político. Não nos importa, “*gosta de nós? Tanto faz, tanto fez*” (RACIONAIS MCS). Para nós, o fato da articulação comunitária partir da unidade familiar confirma nossa identidade ideológica filiada ao Pan-africanismo Comunitário, Garveista na organização e Panterista na ação. Estamos fora do alcance dos radares organizativos do supremacismo branco de quaisquer colorações ideológicas, ou mesmo dos nossos primos, que se sentem importantes, sabidos e intocáveis por lerem algumas linhas em inglês de Maulana Karenga. Nós não somos um Movimento de quadros, muito menos de uma intelectualidade negra iluminada, que com muita empáfia sentem-se no *direito divino manifesto* de decidir o melhor para os pretos(as). Entendam e nos deixem em paz de uma vez por todas: a Reaja é uma instituição familiar negra com toda delícia e dor do significado. Decidimos enfrentar o terror racial nas ruas transformando becos e vielas no centro de gravidade da nossa organização. É na rua que arregimentamos militantes. Na rua que consolidamos nosso programa de formação comunitária. É na rua que combatemos o racismo e o neocolonialismo. Foi a partir dessa metodologia de combate racial nas ruas que acumulamos condições para construção das duas Marchas, muitos não sabem, mas sua concepção surgiu de um debate em uma cela fria na penitenciária Lemos de Brito, em Salvador-BA.<sup>202</sup>

Dra. Andrea Beatriz Borges, em 2015, foi outra mais velha convidada para estar conosco na Casa de Dona Zilda. Chamamos este encontro de “Círculo de formação panafricanista, quilombista e libertária”, e abrimos para pessoas que se interessaram através da divulgação na página do Ocupa Alemão<sup>203</sup>. Dra. Andrea Beatriz é professora do curso de Medicina da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e médica no complexo penal da Mata Escura, em uma unidade de saúde prisional, na Penitenciária Lemos de Brito, em Salvador, além de ser o Comando Vital da “Reaja ou Será Morto, Reaja ou Será Morta” e liderança da Quilombo X. É autora do livro lançado em 2020 “Olhar por Entre Grades, Vidas em Poemas”. No terraço da

<sup>202</sup>Fred Aganju para o Passa Palavra. Disponível em: <https://passapalavra.info/2015/05/104318/>. Acesso em 20 de maio de 2021.

<sup>203</sup>Disponível

<https://www.facebook.com/OcupaAlemao/photos/a.563138107049300/1138115246218247>.

em 6 abr. 2021.

em:  
Acesso

Zilda, o encontro com a Dra. Andrea teve um caráter bem mais formal que o primeiro com Hamilton, pois caracterizava um momento de formação dentro do Ocupa Alemão, por assumirmos no Rio de Janeiro uma extensão de atuação da Campanha sob o comando vital da Reaja, a partir do comando de Caroline Amanda, em comunhão com Dona Irone - mãe de Vítor Santiago, vítima do exército brasileiro em ocupação na Maré, a Psicopretas/AMAR (Associação de Mulheres de Ação e Reação), Mano Teko e o Sarau Divergente. Todos os aqui citados estavam presentes neste dia, assim como alguns convidados e interessados inscritos previamente.

Em ordem cronológica, Mano Teko foi o terceiro mais velho com quem tivemos a honra de passar uma tarde numa oficina de funk. A oficina foi detalhada anteriormente nesta dissertação. Também tivemos o prazer de receber o poeta Maca na Casa de Dona Zilda, numa tarde de poesia, trocas, relatos de experiências e autoconhecimento.

As Mulheres de Ação e Reação e as Psicopretas fizeram na Casa de Dona Zilda um dia de acolhimento às mulheres negras, com técnicas de terapias e autocuidado, conversas e trocas energéticas que transformaram a Casa de Dona Zilda numa espécie de spa terapêutico. Para as mais velhas, a psicanalista e enfermeira Aline Gomes e a enfermeira Celinha, as Psicopretas e/ou AMAR (Associação de Mulheres de Ação e Reação) eram sem dúvida nossas matriarcas além de Zilda. Com elas aprendemos a respeitar o sagrado, a senioridade e os corpos femininos. Apresentados por Carol Amanda, a entrada das mulheres da "AMAR" no nosso convívio marca um momento importante na fase de autoconhecimento pela qual o Ocupa Alemão atravessava.

Eu acho que a coisa mais importante desse encontro, dessa estrutura, foi a possibilidade de somar a Associação de Mulheres de Ação e Reação com o Ocupa Alemão. Eu acho que entra uma nova característica quando eu apresento Dona Zilda à Aline. E aí vira uma outra coisa. O Ocupa também começa a ter uma outra relação consigo mesmo e com o mais velho, a mais velha. Em um momento que as pessoas mostravam ser uma coisa nas redes sociais e que na real, em certos momentos, elas não sustentam. (...) Crise de pânico em Brasília marcou bem isso e que bom que a Aline estava ali, pra cuidar.<sup>204</sup>

A Aline nos acolhe até hoje, coletivamente e individualmente, através também de tecnologias ancestrais na área da saúde e do autocuidado. Não somente a noix,

---

<sup>204</sup>Carol Amanda em entrevista por videochamada, em 04/09/2020.

mas as famílias que são apoiadas e amparadas até hoje pelo Ocupa Alemão. Recentemente, elas elaboraram um Curso de Formação em Psicanálise para o atendimento prioritariamente comunitário, no qual ocupamos praticamente a metade das vagas da turma em curso, com o objetivo de posteriormente oferecermos atendimento à comunidade.

Em 2015, o Ocupa Alemão conhece a primeira organização a se declarar panafricanista no Brasil, a UCPA - União dos Coletivos Pan Africanistas, de São Paulo. Interessados em conhecer a família de Dona Adriana, mãe do Rafael Braga, e apoiar a campanha pela sua liberdade, entraram em contato com o Ocupa Alemão pelas redes sociais e vieram de São Paulo para uma tarde bastante intensa e acolhedora não deixando de estar, é claro, na Casa da Dona Zilda. A partir deste encontro, a UCPA tem sido grande parceira, principalmente no trabalho sério e intenso de resgate de escritos do povo preto. Assim se inicia uma frente de venda dos materiais da UCPA aqui no Rio de Janeiro através do Ocupa Alemão, como tradução de textos organizados e lançados pela editora Diáspora Africana - UCPA, como “Beatriz Nascimento - possibilidades nos dias de destruição”, “Lélia Gonzalez - Primavera para as Rosas Negras”, “Coleção Pensamento Preto: Epistemologias do Renascimento Africano” (quatro volumes), “Steve Biko: Escrevo o que Eu quero”, entre outros.

Parece que foi ontem, numa reunião de organização para uma de nossas atividades surgiu a ideia de publicarmos um livro, assim, sem conhecimento de causa, sem orientação especializada, sem se apegar as burocracias e limitações de um mercado editorial, queríamos naquele momento proporcionar aos nossos irmãos e irmãs que frequentavam as atividades o acesso àquele conteúdo que por vezes era inviabilizado do ponto de vista financeiro ou por escassez da oferta. Foi o ponto de partida, entendemos que podíamos mais, elaboramos um pilar de leituras imprescindíveis para dialogar com o nosso povo e de certa forma estimular a ruptura com o mundo branco. Desde então conseguimos realizações grandiosas do ponto de vista do resgate de personagens fundamentais na construção de uma história negra neste lado da diáspora, foi na marra, foi na coragem, foi também no receio, foi dificuldade financeira de cada irmão e irmã que colaborou desde o início, mas sobretudo foi com muita entrega e carinho.<sup>205</sup>

O Cacique Babau Tupinambá foi outra grande visita na Casa de Dona Zilda. Conhecido também como Rosivaldo Ferreira da Silva, é um líder indígena brasileiro que representa e atua na defesa dos Tupinambás, principalmente em relação aos violentos conflitos fundiários que atingem seus territórios. Mas o Ocupa Alemão não o

---

<sup>205</sup>Postagem elaborada pela UCPA, em sua página no facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/territorioafrikano/photos/a.1858318467581760/3806296366117284/>. Acesso em 17 mar. 2021.

conhecia e nem sua história, até 2017. Estávamos no Museu Nacional (a convite de um professor da rede estadual que sempre nos convoca para os diálogos que organiza) quando conhecemos a Jéssica, sobrinha do Cacique Babau. Ela nos apresentou um pouco da história dos tupinambás e da luta do seu tio. Naquele dia, Jéssica contava que parte daquilo que falávamos ali, sobre o nosso cotidiano, seria muito bem ouvido por ele, e que poderíamos formalizar um encontro. Antes do encontro com Babau, por conta própria, Jéssica nos honrou com sua presença na Casa de Dona Zilda, e parafraseando Leonardo Nia: foi um encontro “de almas, de santo, o negócio bateu mesmo”.

Em abril do mesmo ano, ao estar no Rio de Janeiro no prédio da OAB para receber a Medalha Chico Mendes de Resistência (e, por coincidência, no mesmo dia também recebe a medalha o grupo local Chacina Nova Brasília 1994-1995<sup>206</sup>), vestindo a camisa da Campanha pela Liberdade de Rafael Braga, Cacique Babau nos encontra e preenche a Casa de Dona Zilda com sua presença. Com força na fala e sorrisos no rosto, inclusive para contar suas inúmeras experiências de violência e luta, Cacique Babau deixa alguns ensinamentos em uma tarde intensa de conversas e trocas sobre morte, encantados e violência colonial. Um dia com quase 50 pessoas de dentro e fora do Complexo do Alemão. Algumas das frases ditas por Cacique Babau neste dia foram publicadas no facebook do Ocupa Alemão: Favela/Quilombo, no dia 4 de abril de 2017<sup>207</sup>, como:

---

<sup>206</sup> Grupo Chacina Nova Brasília foi formado para a averiguação do caso das chacinas na favela da Nova Brasília, uma das favelas do Complexo do Alemão. Na manhã de 18 de outubro de 1994, mais de 40 policiais militares e civis de várias delegacias da cidade do Rio de Janeiro invadem cinco casas, disparam nos ocupantes, retiram e executam outros. Numa das casas, dez policiais agridem e violentam três jovens, duas de 15 e uma de 16 anos de idade. Segundo seus depoimentos, levam chutes, socos nos ouvidos, na barriga e nas pernas, batem nas suas nádegas com ripas de madeira. Uma delas teve que tirar a blusa; outro policial a leva ao banheiro e, forçando a despir-se, fez sexo anal. Outro policial segura uma das jovens pelo cabelo e a obriga a fazer sexo oral, masturbando-se e ejaculando em seu rosto. Resultado: 13 corpos envoltos em cobertores deixados na praça central da comunidade e brutais sequelas subjetivas para feridos e sobreviventes. Quase sete meses depois, dia oito de maio de 1995, a história se repete no mesmo local. Por volta das seis da manhã, 14 policiais civis chegam na Nova Brasília, com o apoio de dois helicópteros, objetivando interromper um carregamento de armas que seria entregue para traficantes de drogas. O confronto resultou em tiroteio com treze mortos e três policiais feridos. Ao todo, as duas chacinas somam 26 pessoas assassinadas pelo estado.

<sup>207</sup> Disponível

<https://www.facebook.com/OcupaAlemao/photos/a.563138107049300/1617152101647890>.

em 12 mai. 2021.

em:  
Acesso

"Não existe prisão maior do que o medo de ser preso; não existe morte pior do que o medo de morrer. Se sentimos medo na luta, somos defuntos andando..." - Cacique Babau

"A felicidade não está no jogo de futebol, na brincadeira, para os Tupinambá a felicidade está na luta. Na hora da luta os Tupinambá sorriem porque não há nada mais verdadeiro do que lutar pela vida. Se estamos lutando é sinal que conseguimos!" -Cacique Babau

"O Estado não quer nosso autogoverno. Eles querem que a gente seja submisso. O inimigo é o Estado." - Cacique Babau

Outra grande experiência com uma mais velha na Casa de Dona Zilda foi com a intelectual, pesquisadora e ativista negra Elizabeth Viana, fundadora do primeiro coletivo de mulheres negras no Brasil, NZINGA- Coletivo de Mulheres Negras - que pesquisou e apresentou uma dissertação de mestrado em História Comparada sobre a vida e a obra de Lélia Gonzalez, de quem foi amiga e companheira de luta. A dissertação tem como título "Relações Raciais, Gênero e movimentos sociais: o pensamento de Lélia Gonzalez 1970-1990." e foi defendida no IFCS/UFRJ, em 2006. Tratou-se de uma tarde de entrevista organizada por Raquel Barreto (pesquisadora da vida e obra de Lélia Gonzalez) com a União dos Coletivos PanAfricanistas (UCPA) e o Ocupa Alemão. A entrevista aconteceu na Casa de Dona Zilda, no mês de junho de 2018, e foi registrada entre as páginas 457-472 do livro "Lélia Gonzalez - Primavera para As Rosas Negras", lançado em 2018, pela Editora Diáspora Africana, como obra coletânea organizada e editada pela UCPA. As perguntas foram elaboradas a priori pela UCPA e Raquel Barreto, entretanto, "Dona" Zilda e integrantes do Ocupa Alemão fizeram questionamentos de acordo com o desenrolar da conversa.

Primeiro, quero agradecer o convite para falar de Lélia Gonzalez, agradeço aqui a acolhida de Dona Zilda, de seus meninos e meninas. Estou muito grata pelo carinho e tal, de ir na minha casa, de me pegar; esse lanche aqui lembrou minhas veias nordestinas, pela batata-doce; muito obrigada mesmo, Dona Zilda (NASCIMENTO, 2018, p.457).

Em 2019, recebemos com honra a visita de Carlos Moore, na Casa da Dona Zilda. Cansado após um dia de curso na UFRJ e um almoço no pé do Morro do Alemão, Carlos Moore aproveitou o aconchego da Casa de Dona Zilda e descansou um pouco antes de abrir uma tarde de conversas intensas e íntimas conosco. Não se sabia o que esperar de uma conversa com ele, mas fomos surpreendidos pelo nível de intimidade da troca e da vontade de estar ali conosco. Falava abertamente sobre



relacionamentos sexuais e afetivos, masculinidades e feminilidades pretas, relacionamentos interracialis, organização comunitária, etc. Uma injeção de ânimo para continuar o que já estava sendo feito até então pelo Ocupa Alemão.

A noção de “*Ubuntu*” compreendida enquanto uma filosofia, a “**filosofia do nós**”<sup>208</sup> a partir de Mogobe Ramose (2002) manifestada nos princípios da partilha, da preocupação e do cuidado mútuos, assim como da solidariedade. Enriquece a produção deste cotidiano, que “consciente” de seu objetivo cíclico - o que vem antes, o que está agora e o que vem depois - em termos coletivos, mesmo diante da afrodíaspóra, compartilham a noção de que a comunidade possui três dimensões: os ancestrais, os que estão vivos e os que ainda não nasceram. A ética **ubuntu** considera essas três dimensões, e portanto a “*comunidade é lógica e historicamente anterior ao indivíduo*” (RAMOSE, 2010) e por isso tem a primazia sobre este. Portanto, é uma honra - em vida - poder compartilhar da sabedoria dos mais velhos e conhecer suas oralidades, dentro do espaço onde compartilhamos o nosso cotidiano. Significa o resgate de nossa humanidade enquanto povo, enquanto comunidade, compreendendo a dinâmica do “**nós**” para além do verbo, da palavra. Se para a compreensão de “**noix**” denota-se a perspectiva “favelada” de “comunidade” que impregna de sentidos a etimologia da palavra “nós”, reconfigurada inclusive em sua fonética (no chiado “carioca” do x), a noção de *ubuntu* atrelada à uma vivência e compartilhamento de experiências cotidianas a partir de uma conscientização do devir favelado e do devir negro, tudo o que está ao nosso redor transforma-se no movimento de *sankofa* das relações: voltar ao passado para construir o presente e futuro. A presença desses mais velhos é portanto ubuntu, parte fundamental de nossa formação e desenvolvimento humano, político e comunitário.

*Ubuntu* é um termo que se encontra em várias línguas banto. Trata-se de duas palavras em uma, a saber: “*ubu*” e “*ntu*” no grupo *nguni* de línguas; *botho*, “*bo*” e “*tho*”, no grupo *sotho* de línguas; e *hunhu*, “*hu*” e “*nhu*” em *xona*. É um conceito filosófico no sentido comum da filosofia como amor à sabedoria. Mas é também um conceito filosófico no sentido estreito da filosofia como disciplina acadêmica. Nesta última acepção, o *ubuntu* tem três sentidos inter-relacionados básicos: como uma 1) ontologia, 2) epistemologia e 3) ética (RAMOSE, 2010. s.p).

---

<sup>208</sup> Em entrevista a Revista do Instituto Unisinos IHU, 2010. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/3688-mogobe-ramose> Acesso 04/05/2020.

Vale destacar que *ubu* está invariavelmente orientado para *ntu*. Ou seja, na acepção de *ubuntu* toda a realidade está integrada. Com efeito, a tradução de *ubuntu* por “humanismo” não nos oferece toda a dimensão da palavra. Em linhas gerais, “*ubu*” indica tudo que está ao nosso redor, tudo que temos em comum. “*Ntu*” significa a parte essencial de tudo que existe, tudo que está sendo e se transformando (NOGUERA, 2011. p.148).

Ancorados por noções diversas de “justiça”, “direito” e “lei”, foi a partir dos encontros com esses mais velhos, apoiados em suas experiências, que tivemos maior compreensão dos significados e responsabilidades sobre tais “nomes”. Não diferente do que Mogobe Ramose sintetiza da filosofia *ubuntu*, aprendemos que a concepção *ubuntu* do direito é parte integrante da filosofia do “Nós”, que define a comunidade como uma entidade dinâmica com três esferas, a saber: a dos vivos, a dos mortos-vivos (“ancestrais”) e a dos ainda “não nascidos.” Buscar a justiça desarmoniosamente com os ancestrais, com comunidade viva hoje e com a responsabilidade sobre os que virão, é não compreender como proceder enquanto jovens em busca de consciência africana. Segundo Ramose, “A justiça é a efetivação e a preservação de relações harmoniosas em todas as três esferas da comunidade, e o direito é o instrumento para alcançar esse fim.” (RAMOSE, 2010, s.p)

Por isso, afirmamos que a Casa da Dona Zilda é útero de elaboração, criação e educação. Ser criativo nessa busca é um princípio. Segundo Renato Nogueira (2011), no idioma *swahili* existe um princípio chamado *kuumba*, a palavra significa, literalmente, “**criatividade**”. O que, em termos de princípio,

(...) remete a capacidade de criar, inventar e usar toda nossa capacidade para deixar tudo que herdamos de nossos ancestrais – a comunidade, os bens, o meio ambiente e toda a cultura – mais belas, belos, confortáveis e funcionando adequadamente para os que virão (NOGUERA, 2011, p. 148-149).

## 6.5 Comida

Definitivamente, não existe estar na Casa de Dona Zilda e não comer ou tomar um chá ou um café. É relevante compreender esse cotidiano a partir das múltiplas sensações corporais produzidas pelo ato de comer o alimento preparado por nossa matriarca. Ao ser questionada sobre o que ela mais ama fazer, Zilda responde como quem já pensou muito sobre isso, que a sua cozinha é o seu lugar. Sorte a nossa poder constatar tamanho amor. A literatura, a escrita, a astrologia, também têm um lugar especial no seu coração. Mas a comida.. Ah! É o gostinho do louro, é o alho a

mais, é o ponto certo, o molhadinho... Cuscuz de milho, café, chá, bolo, macarrão, pão, arroz com feijão, caldo, sopa, até biscoitinho amanteigado... Todos os encontros que tivemos em sua casa, seja os emergenciais ou grandes eventos, a acolhida é marcada pela “comensalidade” - o ato de comer junto.

Mas nem toda comida ali compartilhada foi feita pelas mãos da Zilda. O ato de cozinhar juntos também era comum: uns descascavam, outros picavam, outros lavavam a louça. A dimensão organizacional e espiritual dessas dinâmicas, assim como acontece num terreiro, implica acessar níveis importantes de interação, comunhão, partilha e respeito. Levávamos ingredientes, aquilo que tinha na despensa de casa, para o preparo coletivo sem saber muito bem o que ia dar a combinação do que chegasse lá na cozinha.

Também aconteciam discussões importantes sobre alimentação com base na noção de “nutricídio”. Cunhado pelo Dr. Llaila O. Africa (2012) nutricídio é o “genocídio alimentar”, ou seja, a promoção da morte através do alimento. A partir do contexto capitalista, o nutricídio se dá pela inserção de uma alimentação colonialista, que atinge sobretudo a população favelada, pobre e populações rurais. Com isto, ocorre a degradação da saúde de pessoas negras através da mudança alimentar em suas culturas. O nutricídio opera por meio de produtos ultra processados, *fastfoods*, transgênicos, em detrimento de alimentos *in natura*, além de estabelecer o apagamento de povos e culturas, da autonomia comunitária, trazendo adoecimentos e dependência da indústria farmacêutica. Ainda que haja tal esforço, é necessário compreender que as condições econômicas do povo negro brasileiro não dão acesso ao comércio de produtos orgânicos. Para além destas conformações, está a categoria do “racismo ambiental” que atua justamente contra territórios não brancos via discriminação nas políticas ambientais. O descarte de dejetos tóxicos em locais onde reside uma maioria negra, falta de saneamento básico, coletas ineficientes de lixo, são alguns exemplos dessas tecnologias genocidas. Há inúmeros exemplos de racismo ambiental pelo mundo, conectados pelas discriminações étnico-raciais que definem quem de fato tem acesso aos direitos socioambientais, à uma alimentação saudável e à dignidade/humanidade em seus territórios.

A respeito da comida, Érica Portilho (2019), em sua dissertação "Matriarcado Afreekana - Narrativas Cruzadas do Ventre Negro ao Brasil", convoca em texto o *Babalorisá* Air José, líder do Pilão de Prata, um dos terreiros mais tradicionais do Brasil, localizado em Salvador. Para tratar na mitologia *Yorùbá*, reconfigurada no

Brasil pela linhagem de sua família – os *Bombosè Obitikô*<sup>209</sup>, *Osún* é a dona da cozinha: “Na cozinha é que se aprende o candomblé”<sup>210</sup>. De acordo com as narrativas orais coletadas em sua pesquisa de campo (terreiros etnografados em sua dissertação) “a cozinha é considerada o local mais sagrado de um terreiro. Os mais velhos relatam que nenhum Orisà pode existir sem suas comidas sagradas. Para a comunidade de matriz africana, a cozinha apresenta-se como um lugar de poder” (PORTILHO, 2019, p. 49). A autora desenvolve em seu texto o papel das *Iyás* na elaboração da comida e a organização da cozinha de terreiro. Segundo Portilho, a *Iyabasê* do Terreiro *Ilê Ni Oyo Oba Aganju*, da qual escreve diz: “a cozinha é o lugar de renovação da força vital, pois é nela que são preparados todos alimentos e outras poções que comporão o ritual de renovação de força de asè (força vital)” (PORTILHO, 2019, p. 50). O *itã* (conto) abaixo é descrito em sua dissertação, e narra o poder do ato de cozinhar:

Na época em que Osùn, Oyá e Obá viviam no Reino de Sàngò, havia uma grande guerra em curso. Sàngò, então, convocou as três Iyabás para guerrearem com ele. Mas, Oyá e Obá contestaram Sàngò, alegando que Osùn não sabia guerrear. Sàngò, então, disse: “Osùn, tu deverás aprender a lutar para se proteger, caso o palácio seja invadido pelos nossos inimigos.” Osùn disse: “Pode ir! Eu cuidarei da Casa do meu Obá (rei)!” A Iyabá Obá desdenhou: “Como vai cuidar do reino, se só sabe se embelezar?” Oyá, então, disse: “Os servos cuidarão dela.” E seguiram caminho para a guerra. Osùn, então, ficou sozinha com as servas (...). Até que uma noite foi alertada de que o palácio estava prestes a ser invadido pelos inimigos de Sàngò. Calmamente, mandou que preparassem o mais farto banquete que aquele reino jamais vira. Se banhou e se pôs belíssima, juntamente com suas amas, para aguardar os inimigos adentrarem o Palácio de Sàngò. À mesa, muito bem disposta, guardava o segredo de Osùn: no centro de cada prato de amalá, a comida volitiva de Sàngò, uma porção de veneno letal para o inimigo. E, ao invadirem o palácio, desconfiaram da mansidão do lugar, da fartura de comida e bebida servidos à mesa e da beleza estonteante de Osùn e suas amas. Podia ser uma armadilha (...). O chefe do grupo, então, ordenou que Osùn e suas amas comessem do amalá envenenado. Osùn, antecipando o ato, ordenou previamente que suas amas comessem o amalá pelas bordas, convencendo os inimigos assim, que o banquete era inofensivo. Então, após se fartarem, um a um foram mortos pela culinária de Osùn, sem que ela precisasse levantar a mão ou usar a fúria. Sàngò, sendo avisado da invasão do seu palácio, correu para salvar Osùn. E, para a sua surpresa, Osùn o esperava de pé, com um pé sobre o peito do inimigo.<sup>211</sup>

<sup>209</sup> *Bamboxé Obitikô*, título do africano Rodolfo Manoel Martins de Andrade. “Mais conhecido por seu nome iorubá, *Bamboxé Obitikô*, ele é um dos personagens históricos mais ilustres do candomblé”, afirma Lisa Earl Castillo, pesquisadora do curso de pós-doutorado do Centro de Pesquisa em História Social da Cultura da Unicamp (2010). Ver também a edição especial da revista online Flor de Dendê. Disponível em: <http://flordedende.com.br/revista/familia-forjada-pela-forca-de-xango/>.

<sup>210</sup> Ditado popular reproduzido pelos mais velhos dos terreiros nagôs.

<sup>211</sup> Em nota de rodapé, Erica Portilho escreve: “Os itans são contos da mitologia yorùbá. Esse conto foi uma narrativa da Iyalorisà responsável pelo terreiro de Imbariê e repetido por outras Iyalorisàs e Babalorisàs nas casas que passei. Também é bastante difundido nas redes sociais. Segundo Juliana

## 7 MAAFA

Porque quando se mata ou encarcera o filho de uma mulher preta, essa bala não pega só em um. Na hora, ela mata só um, mas ela acaba com uma família. Acaba com uma comunidade. Deixa seres humanos sem pensar que podem continuar vivendo. Todo dia, eu tenho que acreditar que eu posso. A gente se torna refém de nós mesmas. Porque eu tenho que levantar, me olhar no espelho e dizer que eu posso ir, que hoje não vou morrer, que hoje eu não quero chorar.<sup>212</sup>

Os movimentos comunitários são, verdadeiramente, a última linha de defesa. São quem não pode perder tempo com filosofia, teoria, ideologia, tretas porque estão alheios a tudo isso lidando com a urgência, o caos, a desgraça.<sup>213</sup>

A categoria Maafa<sup>214</sup> (ANI, 1992; UCPA, 2019) se constrói a partir da visão de que existe um contínuo **Holocausto Negro Africano** no mundo. Os fatos que engendram esta conclusão semântica relacionam-se ao caos imperativo relacionado à desigualdade socioeconômica e as disparidades nas taxas de mortalidade entre pessoas negras e brancas. Assim como têm por base as estruturas de poder como o racismo e a escravidão, e políticas como por exemplo, a eugenia, que perpetuam o contínuo Holocausto dos povos melanodérmicos, sobretudo na diáspora africana no Brasil.

Como já nos alertou Aimé Césaire, a perplexidade da Europa com o nazismo veio da percepção de que o assassinato e a tortura como práticas políticas poderiam ser repetidas em território europeu, contra os brancos, e não

---

Elbein dos Santos (Apud Póvoas, 2004, p. 8), a palavra nagô ítán designa não só qualquer tipo de conto, mas também essencialmente os ítáns àtowódówó, histórias de tempos imemoriais, mitos, recitações, transmitidos oralmente de uma geração a outra, particularmente pelos babaláwos, sacerdotes do oráculo Ifá. Os ítán-Ifá estão compreendidos nos duzentos e cinquenta e seis “volumes” ou signos chamados Odùs, divididos em “capítulos” denominados eses”.

<sup>212</sup>Fala de Mônica Cunha, mãe de vítima da violência de agente penitenciário do DEGASE, Suplente na Câmara de Vereadores do Rio/Psol, coordenadora do Movimento Moleque, técnica em educação para evento na sede da Anistia Internacional, na zona sul do Rio de Janeiro, onde a organização realizou, na manhã de quinta-feira (03/08/2017), um café da manhã, para falar sobre a campanha Direitos não se liquidam. Reportagem de Luiz Sansão para o Ponte.org disponível em: <https://ponte.org/cada-vez-que-avancamos-eles-nos-param-matando-mais-diz-mae-de-jovem-assassinado/>. Acesso em 26 fev. 2021.

<sup>213</sup>Frase de Leonardo Nia - publicado no facebook, dia 07/04/2020.

<sup>214</sup>Maafa na terminologia Swahili significa “desastre, grande tragédia, matança”, na década de 90 do século XX, o termo tornou-se um popular neologismo utilizado por organizações nacionalistas negras em África e diáspora, para descrever o processo de genocídio durante a escravidão racial ocidental moderna (UCPA, 2019). Foi dentro desse contexto político-intelectual, que a professora historiadora-antropóloga Marimba Ani, cunha em sua obra “Yuguru: uma crítica africana centrada do pensamento e comportamento cultural europeu” (1992), o conceito de Maafa, para descrever o Genocídio de pessoas não brancas no período colonial e contemporaneamente no contexto de Estado Ocidental Neoliberal (UCPA, 2019). O uso do termo Maafa foi introduzido pela primeira vez no livro de Marimba Ani “Let the Circle Be Unbroken: The Implications of African Spirituality in the Diaspora” (1998).

apenas nos territórios colonizados, contra os povos “não-civilizados”. (...) E o fato é que o nazismo não significou o fim do colonialismo e nem das práticas coloniais pelos Estados europeus. (ALMEIDA, 2020. p.117)

Reafirmo o posicionamento político desta dissertação ao usar a expressão **Maafa**, palavra de origem africana, como proposta para estabelecer diálogo com o tempo/espço no qual espalhamos nossos **farelos**. Objetivo que dialoga com Fanon, quando diz que “só haverá uma autêntica **desalienação** na medida em que as coisas, no sentido o mais materialista, tenham tomado os seus devidos lugares”<sup>215</sup>.

Ailton Krenak (2019) sugere que existe urgência na reflexão sobre a ideia de humanidade: “como é que, ao longo dos últimos 2 mil ou 3 mil anos, nós construímos a ideia de humanidade? Será que ela não está na base de muitas das escolhas erradas que fizemos, justificando o uso da violência?”<sup>216</sup> Assim como em:

Fomos durante muito tempo embalados com a história de que somos a humanidade. Enquanto isso – enquanto seu lobo não vem – vamos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ele é uma coisa e nós outra: a terra e a humanidade. Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza. (KRENAK, 2019, p.16-17)

A ideia de que os brancos europeus podiam sair colonizando o resto do mundo estava sustentada na premissa de que havia uma humanidade esclarecida que precisava ir ao encontro da humanidade obscurecida, trazendo-a para essa luz incrível. Esse chamado para o seio da civilização sempre foi justificado pela noção de que existe um jeito de estar aqui na Terra, uma certa verdade, ou uma concepção da verdade, que guiou muitas das escolhas feitas em diferentes períodos da história. Agora, no começo do século XXI, algumas colaborações entre pensadores com visões distintas originadas em diferentes culturas possibilitam uma crítica dessa ideia. Somos mesmo uma humanidade?” (KRENAK, 2019. p.11-12)

Um cotidiano violento vivido na favela pressupõe uma dura realidade em conviver com **assassinatos, trocas de tiros, autos de resistência, “balas perdidas”, invasões militares violentas às ruas da comunidade e às propriedades das famílias, desrespeitos manifestados fisicamente e verbalmente às mulheres e crianças principalmente aos meninos, interrupção de calendários escolares por causa de operações militares na comunidade ou ações de outros comandos paralelos, impunidades, forjamentos, esquizofrenia, depressão, traumas, cenas sanguinolentas** e tantas outras **dobras** que quando não nos matam fisicamente, matam subjetivamente, a nossa alma (conforme ecoam nos

---

<sup>215</sup>2008. p.29

<sup>216</sup>2019, p.10

autofalantes dos **caveirões** nos momentos de invasões na madrugada), as nossas noções de pertencimento, liberdade e justiça.

A verdade é que a colonização, em sua essência, se apresentava já como uma grande fornecedora dos hospitais psiquiátricos. Em diversos trabalhos científicos temos, desde 1954, chamado a atenção dos psiquiatras franceses e internacionais para a dificuldade que havia de “curar” corretamente um colonizado, isto é, de o tornar homogêneo de parte a parte com um meio social de tipo colonial. Por ser uma negação sistematizada do outro, uma decisão furiosa de recusar ao outro qualquer atributo de humanidade, o colonialismo compele o povo dominado a se interrogar constantemente: “Quem sou eu na realidade?” (FANON, 1968, p. 212)

“Quem **sou** eu na realidade?” Frantz Fanon (1968), na citação acima, destaca justamente a relação entre o autoconhecimento e talvez uma possibilidade de cura. O exercício de responder à questão “quem sou eu?” se torna ainda mais difícil quando seguido de “na realidade”. Na realidade, num cenário real, em instância não fantasiosa, quem sou eu “**de verdade**”? Não à toa que o principal processo de crise pela qual passamos coletivamente no Ocupa Alemão foi o de autoconhecimento, para assim chegar a uma possível **autodeterminação**. Achille Mbembe (2016) propõe questionamentos acerca da morte e do direito com a mesma finalidade que nos questionamos enquanto moradores de favela, crias, pessoas negras, pretas. Incontáveis as vezes em que ouvimos de uma mãe que perdeu seu filho para a guerra racial de alta intensidade “Por que o meu filho?”, “Por que mataram o meu filho?”, “Quem foi que deu o direito de matar meu filho?”

Mas sob quais condições práticas se exerce o direito de matar, deixar viver ou expor à morte? Quem é o sujeito dessa lei? O que a implementação de tal direito nos diz sobre a pessoa que é, portanto, condenada à morte e sobre a relação antagonica que coloca essa pessoa contra seu ou sua assassino/a? Essa noção de biopoder é suficiente para contabilizar as formas contemporâneas em que o político, por meio da guerra, da resistência ou da luta contra o terror, faz do assassinato do inimigo seu objetivo primeiro e absoluto? (MBEMBE, 2016, p.123)

Na formulação de Foucault, o biopoder parece funcionar mediante a divisão entre as pessoas que devem viver e as que devem morrer. Operando com base em uma divisão entre os vivos e os mortos, tal poder se define em relação a um campo biológico. (MBEMBE, 2016, p.128)

[...] em termos foucaultianos, racismo é acima de tudo uma tecnologia destinada a permitir o exercício do biopoder, “aquele velho direito soberano de morte”. Na economia do biopoder, a função do racismo é regular a distribuição de morte e torna possível as funções assassinas do Estado. Segundo Foucault é “a condição para a aceitabilidade de fazer morrer” (MBEMBE, 2016, p.128).

A **dominação** colonialista (e neocolonialista), além de seu caráter bélico, atua sobre nós por meio de instituições que regulam o cotidiano de muitas maneiras. Afinal,

é uma guerra. Por vezes chamada de “guerra às drogas”, prefiro concordar com o Fred Aganju Santiago Ferreira<sup>217</sup> (2020) denominá-la como “*guerra racial de alta intensidade*”.

Mas que guerra é essa? No discurso oficial da Estratégia nacional de Segurança Pública há uma guerra contra as drogas. No entanto, como evidenciamos anteriormente, pesquisadores tem demonstrado que o conflito em curso se caracteriza como uma Guerra civil de novo tipo (MIR, 2004). No entanto, o argumento de Luís Mir (2004) de que existe um fenômeno de guerra civil de novo tipo no Brasil está parcialmente correto, já que fica evidente nos dados disponibilizados pelo próprio Estado, que a guerra civil de novo tipo no Brasil (MIR, 2004) atinge desproporcionalmente um grupo racial e de gênero da população brasileira, jovens homens - negros (IPEA & FBSP, 2019). Dentro desse quadro, a guerra civil de novo tipo no Brasil (MIR, 2004) seria melhor descrita se a definirmos como uma guerra racial de alta intensidade (FERREIRA, 2020, p. 193).

Baseado nos escritos de Achille Mbembe (2018) e Luís Mir (2004), Fred Aganju afirma que a estética das

guerras civis de novo tipo (MIR, 2004) contemporâneas – internas ou externas – são difusas, descentralizadas e no contexto de democracias ocidentais de massa, travestidas de ações policiais de larga escala que “adotam estratégias de guerras convencionais – cerco, assalto com superioridade total, causando o maior número de baixas possível nos inimigos” (MIR, 2004, pag. 135). Como alerta Mbembe (2018), os padrões de policiamento e governança contemporâneos não buscam disciplinar corpos, mas sim, infligir toda sorte de destruição a “cidadãos de segunda categoria”. As técnicas de policiamento e disciplina, além da escolha entre obediência e simulação que caracterizou o potestado colonial e pós-colonial, estão gradualmente sendo substituídas por uma alternativa mais trágica, dado seu extremismo. Tecnologias de destruição tornam-se mais táteis, mais anatômicas e sensoriais, dentro de um contexto no qual a escolha se dá entre a vida e a morte (FERREIRA, 2020, p. 193)

Sobre essa guerra (FERREIRA, 2020), Fanon é cirúrgico na análise da violência como ela é sentida de dentro do território.

O mundo colonizado é um mundo cindido em dois. A linha divisória, a fronteira, é indicada pelos quartéis e delegacias de polícia. Nas colônias o interlocutor legal e institucional do colonizado, o porta-voz do colono e do regime de opressão é o gendarme ou o soldado. Nas sociedades de tipo capitalista, o ensino religioso ou leigo, a formação de reflexos morais transmissíveis de pai a filho, a honestidade exemplar de operários condecorados ao cabo de cinquenta anos de bons e leais serviços, o amor estimulado da harmonia e da prudência, formas estéticas do respeito pela ordem estabelecida, criam em torno do explorado uma atmosfera de submissão e inibição que torna consideravelmente mais leve a tarefa das

---

<sup>217</sup>Fred Aganju é doutor e educador comunitário, articulador da Campanha Reaja ou será morta/o, autor do livro Terra Preta: Raça, racismo e política racial no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (2020).



forças da ordem. Nos países capitalistas, entre o explorado e o poder interpõe-se uma multidão de professores de moral, de conselheiros, de “desorientadores”. Nas regiões coloniais, ao contrário, o gendarme e o soldado, por sua presença imediata, por suas intervenções diretas e frequentes, mantêm contacto com o colonizado e o aconselham, a coronhadas ou com explosões de napalm, a não se mexer. Vê-se que o intermediário do poder utiliza uma linguagem de pura violência. O intermediário não torna mais leve a opressão, não dissimula a dominação. Exibe-as, manifesta-as com a boa consciência das forças da ordem. O intermediário leva a violência à casa e ao cérebro do colonizado. (FANON, 1968, p. 28)

Ao destrinchar a obra de Fanon, Achille Mbembe (2018) propõe que a violência estrutural exercida sobre o colonizado produz **“trauma de guerra”**. Tal trauma configura na capacidade da **linguagem**, notável fragilidade percebida a partir de manifestações subjetivas dos sobreviventes. Conforme Mbembe (2018) resenha da obra de Fanon:

O trauma de guerra, a destruição circundante, a dor e os sofrimentos produzidos de modo geral pela lei bestial do colonialismo fragilizam as capacidades do sujeito ou do paciente para entrarem no mundo da linguagem humana [...] Se a violência propriamente subjetivada durante a guerra de libertação pode se converter em fala, ela é igualmente capaz de chumbar a linguagem e de produzir, para os sobreviventes dessa guerra, mutismos, obsessões alucinatórias e traumas. (MBEMBE, 2018, p. 283)

Portanto, no exercício do desenvolvimento de nossas experiências comunitárias a partir das reflexões sobre as violências constituintes de nossas subjetividades e dinâmicas relacionais coletivas, as linguagens ativadas no cruzo do cotidiano de nossas juventudes corroboram estéticas contra coloniais e acima de tudo, "vida" em função de uma morte dada quase como regra. A violência colonial não é apenas recurso para corrigir comportamentos desviantes como também forma assumida pelo colonizador para organizar a vida social, o cotidiano à imposição de ordem e silêncio. **Se não cala, mata para calar (e mesmo se calando, também se morre)**. É a arrumação da bagunça e a aspiração da sujeira. A experiência político cognitiva da negritude principalmente em território onde essa é maioria, é o estado permanente de guerra (FANON, 2013). E ainda que colonizado e colonizador compartilhem o mesmo território, este mundo é cortado, sedimentado em dois (FANON, 2013, p. 56).

Durante as entrevistas realizadas para esta dissertação, tanto eu quanto os entrevistados narramos **experiências traumáticas** relacionadas a perdas abruptas e extremamente violentas de parentes, amigos ou entes queridos, **violência letal** por arma de fogo, cenas multissensoriais de horror. Em uma das conversas, ativei uma

memória muito antiga da primeira vez que senti dor de cabeça por ver “**miolo**” no chão. Lembrei que a cena aconteceu bem em frente à minha casa, então tive que desviar dos “**miolos**” espirrados na parede para passar e quando voltei o corpo estava coberto por um lençol **ensanguentado**. Minha mãe cobria meus olhos e ainda assim foi o cenário de horror que guardei. Passei o dia inteiro com muita dor de cabeça, era a primeira vez que sentia aquela dor, e reclamei para a minha mãe que logo me respondeu que era “**dor de impressão**”, que eu estava “impressionada”. E a conversa se estendeu em cima desse “diagnóstico” nominado pela minha mãe, como se ela soubesse exatamente o nome, a origem da dor que eu estava sentindo. E então lembramos que na Casa da Dona Zilda conversamos, em certo momento, sobre **menstruar por medo** durante os tiroteios das invasões. Que nós, mulheres que estávamos ali conversando informalmente, já havíamos, todas, passado por aquilo - **sangrar de medo**. Foi quando falamos de **abortos** que ocorrem também por medo, por “dor de impressão”, como minha mãe diagnosticou. Nas entrevistas, recordamos algumas dessas histórias sofridas pelos nossos corpos e os das nossas mães, tias, avós, vizinhas, amigas que também passaram por traumas como esses. O entrevistado, que neste caso prefiro não identificar por tratar-se de um assunto bastante pessoal, relatou que enquanto sua mãe com medo, infelizmente, sofria o aborto de seu irmão em casa durante o tiroteio (e neste caso específico, era a tentativa da primeira ocupação militar no Cpx) ela e seu pai não conseguiam sair da favela para chegarem ao Hospital Geral de Bonsucesso<sup>218</sup>. Lembramos nas entrevistas dos dias que duraram as ocupações de 2010 e 2012, a quantidade de corpos de meninos e homens espalhados pela favela. “Nunca vi tanto corpo como aquele ano”, lembrava Juliana Freire que é cria do Areal. “**As casas do Areal viraram peneira!**” - lembrava ela. Ser criança na favela não é apenas suportar a imagem de se ter a **liberdade de brincar na rua**, como muitos por aí sustentam. É **encarar a rua pela liberdade**, é arriscar-se, é viver em estado de tensão. É ver miolo no chão por muitas vezes, é correr o risco do esculacho, da “**bala achada**”, é se acostumar a **limpar sangue** do pé da porta, **catar cápsula** no quintal, no beco. Enquanto mães e pais, é arriscar seu filho, sua filha, pela liberdade e autonomia de seus corpos, na realidade de seu tempo

---

<sup>218</sup>O **Hospital Geral de Bonsucesso** é um Hospital Público do RJ, integrado ao SUS, que possui vários serviços de alta complexidade e fica localizado em um dos acessos à Avenida Brasil. Recentemente, em outubro de 2020, o HGB sofreu um incêndio deixando sete mortos e em janeiro de 2021, o diretor geral foi exonerado do cargo depois de uma queda de energia comprometer a utilização de 720 doses de vacina Coronavac.

de dedicação ao estar junto. Estar dentro de casa assistindo televisão ou dentro da escola não é garantia de segurança, conforme inúmeros casos de homicídios de crianças e adolescentes dentro de sua casa ou em sua escola. Pelo contrário, é viver cotidianamente sabendo que a qualquer momento acontecem tiroteios. Seja em horários escolares, seja na madrugada. O tiro pode vir tanto de cima, de helicópteros, quanto de baixo, pela rua. Amigos, vizinhos, parentes mortos, todos nós somos **vítimas ocultas**<sup>219</sup> e contabilizamos perdas dessa guerra. Os meninos integrantes do Ocupa Alemão contam tanto suas experiências com a polícia quanto com o movimento varejista. Cada um tem seus traumas ali, constituindo suas subjetividades masculinas, e sobre isso, apesar de ser vítima oculta, eu não tenho a experiência da **consciência** de possuir o **corpo** que mais morre no Brasil.

São vítimas ocultas, invisíveis, as (os) sobreviventes da violência armada que não fazem parte das estatísticas da criminalidade violenta. Considerá-las exemplos indiretos da violência armada tem contribuído para legitimar a sua invisibilização. Estes impactos que decorrem da morte e da perda de entes queridos, que são vividos muitas vezes em silêncio e que são difíceis de nomear, afetam, de forma bem direta, a vida de quem fica e tenta lidar com a perda (MOURA, 2008, p. 250).

Não deveria existir movimento coletivo de autoconhecimento/autodeterminação sem passar pela análise dos medos, traumas, fatos, cenas, odores, sons, que constituem em níveis diferentes os corpos que o forma. Afinal, são alguns dos sentidos e significações que temos em comum com o território. Em uma das conversas gravadas, nós narramos por alguns minutos o cheiro de uma noite ou um dia secular de guerra: **“uma mistura de pólvora com borracha queimada, ferro, suor...”** são algumas das palavras que emergiram.

Em certo momento, no Ocupa Alemão, concordamos que o colonialismo (e o neocolonialismo) - hoje através da guerra racial de alta intensidade, das variantes formas de necropolítica e do genocídio - ataca diretamente a concepção fundamental de **“família africana”**, em muitos níveis. Entendemos, principalmente a partir da relação com: Dona Adriana, mãe de Rafael Braga; Dona Irone, mãe de Vitor Santiago; Dona Teresinha, mãe de Eduardo; Dona Denise, mãe de Caio; as Mães de Manguinhos: Fátima, mãe de Paulo Roberto e Ana Paula, mãe de Jonathan; Fatinha, mãe de Hugo Leonardo e Mônica, mãe de Rafael. Mas foi principalmente em 2018, durante a escrita dessa dissertação, que pude aprender melhor a partir da morte de

---

<sup>219</sup>MOURA, Tatiana. 2008. p.250

Janaína Soares, mãe de Christian de 13 anos. Janaína (que já havia perdido o marido dez anos antes, em um assalto) viu Christian morrer após ser baleado por um policial durante operação em Manguinhos, enquanto ele jogava bola com os amigos. Após três anos sofrendo de depressão, ela passou mal e morreu, sem laudo médico, apenas “causa mortis indeterminada”. Para os familiares e amigos, foi a tristeza que matou Janaína. Tristeza tal qual o “**banzo**”. Segundo Nei Lopes (2003), no Novo Dicionário Banto no Brasil, banzo é uma palavra que tem origem na língua quicongo, *mbanzu*: pensamento, lembrança; e no quimbundo *mbonzo*: saudade, paixão, mágoa. Para ele, “banzo é uma nostalgia mortal que acometia negros africanos escravizados no Brasil.” Mas banzo é sobretudo essa dor insubmissa que só se conhece a partir de sua significação africana, porque não há outra experiência que a constitua a não ser a experiência cosmológica africana sob domínio da supremacia branca, servindo à escravização. Janaína morreu de banzo. Uma família inteira escolhida para que não tivesse o direito de viver e para morrer tal qual morre uma pessoa africana escravizada, sejam adultos ou crianças.

John Henrik Clarke (1991) afirma que uma das maiores contribuições africanas para o mundo é o “conceito de estrutura familiar”.

A guerra contra um povo é, antes de tudo, uma guerra contra a unidade mais delicada e mais importante para a existência de um povo - a família. Isso exige que você reestruture a família toda de um povo. (...) Quando olhamos a Família Africana [povos do continente africano] e a vida africana antes das invasões, a unidade mais importante - é a família. A estrutura familiar, a estrutura de aldeia e, posteriormente, a estrutura da unidade maior, a cidade (CLARKE, 1991, p.27).

John Henrik Clarke (1991) propõe que a família é a base forte para sustentar todo um povo. O ataque à família africana é o dismantelador de toda a estrutura de auto defesa de um povo. Ele, inclusive, baseia seu conceito de Pan-Africanismo na dialética: o ataque e a destruição da estrutura familiar Africana gera a necessidade do panafricanismo e o panafricanismo surge com a união dos povos e nações africanas. “Não cabe o conceito ocidental de família nuclear, mas estendida, ampliada, alargada, enquanto um traço característico de egoísmo essencial para a sobrevivência” (CLARKE, 1991, p. 32).

Em 2007, o então governador do Rio de Janeiro Sérgio Cabral (PMDB) - **pai de 5 filhos** - afirma publicamente que é a favor do aborto legal. Ele defendeu a legalização do aborto como forma de conter a violência no Estado e afirmou que as

taxas de fertilidade de mães faveladas equivalem a **"fábrica de produzir marginal"**, indicando que existem "dois brasis": um de padrão de países nórdicos, como a Suécia, e outro com nível de pobreza comparável a países miseráveis africanos.

Sou favorável ao direito da mulher de interromper uma gravidez indesejada. Sou cristão, católico, mas que visão é essa? Esses atrasos são muito graves. Não vejo a classe política discutir isso. Fico muito aflito. Tem tudo a ver com violência. Você pega o número de filhos por mãe na Lagoa Rodrigo de Freitas, Tijuca, Méier e Copacabana, é padrão sueco. Agora, pega na Rocinha. É padrão Zâmbia, Gabão. **Isso é uma fábrica de produzir marginal.**<sup>220</sup>

A categorização das mortes produzidas em favelas como a Rocinha, como cita Sérgio Cabral, está dada como permitida e legitimada pelo número de filhos que mulheres africanas na diáspora têm, criminalizando não só a família mas o **útero** dessas mulheres. Como se não bastasse o abandono parental, as mulheres negras (filhas, irmãs, mães, avós, tias) continuam sobrecarregadas, assumindo os deveres necessários à sobrevivência da família diante das estruturas do racismo, que matam e/ou condenam à privação de liberdade garotos e homens negros, causando doenças femininas à seus corpos. Não é à toa que a fala de Sérgio Cabral destacada acima é sempre lembrada por algumas das mães já citadas, principalmente por Fatinha, que é da Rocinha, e em forma de **gritos** se manifestam contra o horror que é escutá-la da boca de um governante. O neo/colonialismo causa doenças e as mantém submetidas e dependentes do colonizador para que ele as cure sob sua própria medicina. O debate de gênero não dá conta da agenda de mulheres negras, no que diz respeito principalmente à elaboração de políticas públicas e leis criadas a partir da luta apenas pela equalização do poder entre homens e mulheres. Não vemos o movimento centrado no gênero (feminista, LGBTQIAP+) mobilizar para desenvolver políticas públicas protetivas ao direito à habitação da população negra, por exemplo. Conforme Érica Portilho:

Cabe levantar algumas questões: por que nós não vemos o movimento feminista lutar contra a desapropriação de terras pertencentes aos povos originários? Todavia, as mulheres pindorâmicas estão muitas vezes à frente desta batalha. Igualmente, não vemos o movimento feminista se mobilizar para desenvolver políticas públicas protetivas ao direito à habitação da população negra. Levando em conta que as mulheres negras, que em sua maioria são mães sem cônjuge – por abandono ou por variáveis distintas –, compõem o maior contingente populacional que não tem acesso a habitação. O número de mulheres negras mães sem um companheiro para dividir as responsabilidades da maternidade, segundo dados do IPEA/DISOC, passou

<sup>220</sup>Matéria do jornal O Globo do dia 25 de outubro de 2007. p.29

de 4.360.761 em 1995 para 15.872.953 em 2015 em todo o Brasil. Em vinte anos, um aumento de 11.512.192 milhões de casos.<sup>221</sup> (PORTILHO, 2019, p. 99)

A Casa de Dona Zilda, é por exemplo um lugar onde o feminismo hegemônico sequer tinha condições de ser positivamente citado, quanto mais movimentar ações "universais" anti-machistas. Buscava-se sim configurar pautas sobre sexismo e machismo dentro das nossas realidades corporais e subjetivas que não necessariamente estavam orientadas por apenas uma teoria ou um movimento social. Mas pretendia-se encontrar soluções às histórias de mulheres que por ali passavam ou que surgiam em nossa encruzilhada. São **mães**, mulheres negras, somos nós mulheres jovens de maioria negra, todas moradoras de favela com histórias de traumas causadas por homens à nós, às nossas mulheres (mães, tias, irmãs, filhas, avós, etc) e aos nossos homens (filhos, amigos, pais, irmãos).

A maafa fala das inúmeras estratégias reconfiguradas que são implementadas para tentar apagar os vestígios do patriarcado. Seja por sua origem africana, marcada em um determinado fenótipo, ou pelo determinismo do gênero biológico. Ela enuncia as sombras ainda presentes no imaginário social do Brasil e nas profundas feridas traumáticas herdadas pelos descendentes dos primeiros a viver a jornada atlântica da escravização europeia, como na daqueles que permanecem reféns do seu legado (PORTILHO, 2019, p.66).

Portanto, a busca "inconsciente" pela recuperação da matriarcalidade a partir da pessoa de Zilda em nosso cotidiano, e as significações a partir disso, são bases fundamentais que comprovam a estréia da construção de uma nova agência e agenda do Ocupa Alemão. Onde centralidade e localidade configuram-se a partir da matriarca Zilda, conforme foi intitulada em nosso meio.

A violência colonial não somente num plano geográfico de ocupação mas a atuante no nosso inconsciente colonial é o grande sucesso da colonização. A capacidade de colonizar territórios existenciais, subjetivos, através do racismo, machismo, lgbtfobia - produtos da máquina colonial de produção de subjetividade, dividem o mundo num arranjo que compõe quem exerce violência e quem a sofre. Quem mata e quem morre, neste mundo fundado na violência? Como formar famílias neste contexto? Como formar **vínculos afetivos, superar traumas e produzir autocuidado** considerando as sequelas da maafa?

---

<sup>221</sup>Fonte IBGRA/PNAD, disponível em: [http://www.ipea.gov.br/retrato/indicadores\\_chefia\\_familia.html](http://www.ipea.gov.br/retrato/indicadores_chefia_familia.html). Acesso em 05 mar. 2021.

bell hooks<sup>222</sup> (2010) afirma que essa organização social racista oriunda do **sistema escravocrata** cria entraves para que as pessoas negras nutram seu crescimento espiritual, limitando suas **expressões de amor**. Na expressão de hooks (2010), se desdobram em “ferida emocional” na população negra, que dificulta o desenvolvimento do auto amor (a estima de si) e, da mesma forma, a estima daquele que é o seu espelho. Nesse sentido, em um contexto em que se está submetido às forças de repressão das emoções como garantia de resistência, o **amor** acaba se tornando, por vezes, inacessível. Pois, saber reprimir as emoções foi, e ainda é, um instrumento de sobrevivência à escravidão. Por outro lado, os **significados de amar** e prover confundem-se e/ou fundem-se, fazendo com que os atos e expressões de afetos sejam substituíveis pelos meios materiais de subsistência. Amar o filho, por exemplo, se confunde em suprir o que comer, e isso basta como aprendizado afetivo.

A prática de se reprimir os sentimentos como estratégia de sobrevivência continuou a ser um aspecto da vida dos negros, mesmo depois da escravidão. Como o racismo e a supremacia dos brancos não foram eliminados com a abolição da escravatura, os negros tiveram que manter certas barreiras emocionais. E, de uma maneira geral, muitos negros passaram a acreditar que a capacidade de se conter emoções era uma característica positiva. No decorrer dos anos, a habilidade de esconder e mascarar os sentimentos passou a ser considerada como sinal de uma personalidade forte. Mostrar os sentimentos era uma bobagem. Tradicionalmente, as famílias do Sul do país ensinavam às crianças ainda pequenas que era importante reprimir as emoções. Normalmente as crianças aprendiam a não chorar quando eram espancadas. Expressar os sentimentos poderia significar uma punição ainda maior. Os pais avisavam: "Não quero ver nem uma lágrima". E se a criança chorava, ameaçavam: "Se não parar, vou te dar mais uma razão para chorar." Como é possível diferenciar esse comportamento daquele do senhor de engenho que espancava seu escravo sem permitir que ele experimentasse qualquer forma de consolo, ou mesmo que tivesse um espaço para expressar sua dor? E se tantas crianças negras aprenderam desde cedo que expressar as emoções é sinal de fraqueza, como poderiam estar abertas para amar? Muitos negros têm passado essa idéia de geração a geração: se nos deixarmos levar e render pelas emoções, estaremos comprometendo nossa sobrevivência. Eles acreditam que o amor diminui nossa capacidade de desenvolver uma personalidade sólida (hooks, 2006. p. 189-190).

A política de embranquecimento da população permanece ativa. Inaugurada com a abertura do país para a entrada de imigrantes europeus no fim do século 19, a fim de substituir a mão de obra negra escravizada, ela permanece ativa também através de homicídios. Um jovem negro é assassinado a cada 23 minutos, em sua grande maioria, nas favelas. O racismo é sempre estrutural (ALMEIDA, 2019). Não é

---

<sup>222</sup>Segundo a própria autora, seu nome deve ser escrito em letra minúscula, representando seu desejo de dar destaque ao conteúdo de sua escrita e não à sua pessoa.

um tipo de racismo, o estrutural, mas é ele um elemento formador da organização econômica e política da sociedade.

Em suma, o que queremos explicitar é que o racismo é a manifestação normal de uma sociedade, e não um fenômeno patológico ou que expressa algum tipo de anormalidade. O racismo fornece o sentido, a lógica e a tecnologia para a reprodução das formas de desigualdade e violência que moldam a vida social contemporânea. De tal sorte, todas as outras classificações são apenas modos parciais - e, portanto, incompletos - de conceber o racismo. (...) as expressões do racismo no cotidiano, seja nas relações interpessoais, seja na dinâmica das instituições, são manifestações de algo mais profundo, que se desenvolve nas entranhas políticas e econômicas da sociedade (ALMEIDA, 2019, p. 15).

Viver num país antinegro têm efeitos nocivos sobre todas as subjetividades, primeiramente nas subjetividades negras, no que conforma os modos de saber, fazer, sentir e perceber. Deslocar o auto ódio no sentido de um empoderamento positivo passa por experimentações afetivas que meu aporte teórico e técnico não dão conta de elaborar os resultados, mas que do percebido na teia do cotidiano no qual me debruço nesta escritura posso dizer que as relações criadas a partir destes movimentos de libertação conscientes cria espaços de relações interpessoais e intergeracionais, onde a subjetividade ganha espaço para a construção de novas relações - consigo e com os outros, assim como para modos singulares de produção estética, intelectual, científica, política e existência diaspórica.

Achille Mbembe (2014), a partir dos estudos de Frantz Fanon, considera que além das tensões, instintos, problemas psicossomáticos e mentais de uma vida nervosa em estado de alerta do povo colonizado, existiam

(...) duas lógicas contraditórias que, colocadas em conjunto, anulavam pura e simplesmente a emergência, numa situação colonial, de um sujeito autónomo. A primeira consistia, apesar das aparências, em não aceitar a diferença, e a segunda, em refutar as semelhanças. O potencial colonial era, assim, um potentado narcísico. Ao desejar que o colonizado seja seu semelhante ao mesmo tempo que o interdita de o ser, o potentado faz da colónia a própria figura da «**anticomunidade**», um lugar onde, paradoxalmente, a divisão e a separação (aquilo que Fanon chama de «princípio de exclusão recíproca») constituíam as próprias maneiras de estar com, e onde o principal modo de comunicação entre os sujeitos coloniais e os seus senhores (a saber: a violência e os privilégios) vinha sempre reiterar a relação sacrificial e ratificar a permuta activa da morte, já evocada em breves palavras. Se há um domínio onde todos os paradoxos se dão a ver melhor, será, segundo Fanon, na relação entre medicina (tratar) e colonialismo (ferir). O corpo que está cativo, «nu, algemado, sujeito a trabalhos forçados, golpeado, deportado, condenado à morte», é o mesmo que é «tratado, educado, vestido, alimentado, remunerado». Na colónia, a mesma pessoa que se sujeita aos tratamentos é também vítima de desfiguração. Será enquanto dejetos humano, refugo e resíduo que ele se predispõe à cura, uma vez que, indivíduo despojado e



incessantemente exposto à ferida, terá sido completamente desonrado, do mesmo modo que o foram os escravos no regime da *plantation* (MBEMBE, 2014. p.185).

Trago pois Mbembe, a partir de Fanon, para construir a imagem da pessoa negra, do favelado, do subjugado, em estado de maafa tal qual estamos propondo: a desumanização em estado bruto, desnudada em método conforme elabora a supremacia branca para a escravização e manutenção do controle dos corpos e territórios pretos. A violência como instituição e a tortura enquanto **método** presentes no modelo médico do “tratar” e do modelo colonial do “ferir”, escancarando o poder manifesto nas relações entre colonizado e colonizador.

Na relação entre tratar e magoar aparece então, em toda a sua violência, o paradoxo do «**comando**», força grotesca e brutal que, nos seus termos, reúne os atributos da lógica (razão), da fantasia (arbitrária) e da crueldade. Quer se trate de actividades de destruição (por exemplo, guerras, tortura, morticínios e até genocídios), de raiva contra o indígena ou de manifestações de força para com ele, considerando-o objecto, ou de actividades puramente sexuais, e até sádicas, a vida pulsional do «comando» é inseparável da configuração do potentado colonial enquanto potentado racial, isto é, em guerra contra as «raças inferiores». Abordando a tortura em particular, Fanon diz que ela «não é um acidente, ou uma falta». O colonialismo não se compreende sem a possibilidade de torturar, de violar ou de matar. A tortura é uma modalidade das relações “**ocupante-ocupado**” (MBEMBE, 2014. p.187).

Não por isso, assim como dito acima por Mbembe e paradoxalmente, a organização Reaja ou Será Morto/a denomina “**Comando Vital**” as mulheres à frente de sua organização. É sobre humanidade: em exercícios de nos reumanizar em paralelo ao movimento contínuo que nos desumaniza gerando mortes e sequelas. Conforme, Hamilton Borges escreve em documento para o site da Reaja ou Será Morto/a:

É sobre humanidade que falamos aqui e da insistente ação racista e neocolonial de nos destituir de nossa humanidade gerando mortes e sequelas, campos de concentração nos territórios onde moramos, onde mora a maioria, para nós está instituído um Estado de Direito Penal. Os negros e negras são obrigados a andar com documentos pelas ruas do Brasil, você precisa de um passe Racial para circular pelas ruas de Salvador, pelos becos que são idênticos às zonas destinadas aos negros e às negras da África do Sul do Apartheid. Você cria um ódio, você cria uma carga emocional e vai juntando marcas no corpo por conta das agressões dos policiais nas abordagens violentas, cicatrizes de tiros e o medo, o pânico, o assombro, o alcoolismo, o abuso de drogas, doenças próprias de quem vive em guerra. Sequelas.. Vejamos o que nos explica a Dra. Andreia Beatriz Coordenadora Internacional da Quilombo Xis e da Campanha Reaja. “Sequela significa sequência, continuação. Do latim “sequela” que é o “ato de seguir”. Sequela é um substantivo feminino que indica o resultado, a consequência. Na área médica, sequela é qualquer lesão anatômica ou funcional que permanece

depois de completada a evolução clínica de uma doença, ou de um acidente traumático. São consequências que trarão dificuldades para o indivíduo afetado”.<sup>223</sup>

Wade Nobles (2009) afirma que embora de certo modo seja mais fácil identificar as patologias encontradas em pessoas alvo do racismo, é um pouco mais difícil articular qual seria a natureza do funcionamento normal ou natural desse povo na ausência da dinâmica racista (NOBLES, 2009. p. 290-292). E debruçando-se em analisar o povo negro brasileiro, Nobles supõe que muitos afro-brasileiros tenham negado sua africanidade por várias gerações, aceitando a falsa identidade de serem apenas brasileiros, não percebendo o ataque contra seu valor humano e seu bem-estar em ser africanos, já que são apenas brasileiros. E aí nós podemos inclusive introduzir os conceitos de “favelados” ou “nordestinos” ou “suburbanos”, tão nominativos quanto “brasileiros” ou “cariocas”, invisibilizando as significações a partir do corpo negro, africano.

Simplemente não conhecer, não admitir ou negar ser africano limita nossa capacidade de curar a nós mesmos e compreender nossa conexão humana, assim como limita nossa capacidade de realmente cuidar uns dos outros e curar uns aos outros. Nos termos do *sakhu*, importa notar que a concepção africana do que significa ser uma pessoa humana também dita nossa concepção do eu, e se a conceitualização africana (negra) do eu (pessoa) é de fato um "eu ampliado" (Nobles, 1973, 1976), então o paciente tem de ser a comunidade inteira. Nossa tarefa é curar toda a raça (NOBLES, 2009, p.291).

Segundo Nobles, Sakhu Sheti<sup>224</sup> é um campo da psicologia negra elaborado para a compreensão própria e autêntica do significado e da natureza da condição humana para o povo africano. Não nos cabe desenvolver a aplicabilidade do termo, estando esse para a clínica da psicologia. Mas busco com Wade Nobles compreender como a saúde mental de pessoas negras brasileiras foi afetada pelo formato de colonização que por aqui foi imposto, a partir do projeto de “branqueamento” instaurado como tecnologia e metodologia política do plano eugenista do governo brasileiro.

A dupla estratégia do governo brasileiro de promover a miscigenação racial com o propósito de branquear seus cidadãos ao mesmo tempo que proibia a

<sup>223</sup>Disponível em: <https://reajanasruas.blogspot.com/2015/11/uma-luta-transnacional-contr-o-racismo.html?q=sequela>. Acesso em 30 mar. 2021.

<sup>224</sup>Procuro atestar a necessidade de uma disciplina afrocentrada que nos permita não apenas compreender o significado e a experiência de ser africano, mas também conhecer a utilidade e a realização da fé, da alegria e da beleza em ser, pertencer e tornar-se africano. Defini esse campo de psicologia negra como Sakhu Sheti”. NOBLES, 2009. p. 278

imigração negra e estimulava a imigração branca criou problemas fundamentais para a identidade negra (NOBLES, 2009, p.285).

Nobles indica que o importante da herança religiosa africana encontrada no Brasil “não são as práticas religiosas ou os sincretismos, mas a manutenção de uma conceitualização africana do que significa ser uma pessoa ou um ser humano.”(NOBLES, 2009. p.281)<sup>225</sup> Sendo a maafa o grande desastre e infortúnio de morte e destruição além das convenções e da compreensão humanas, para Nobles, a característica básica da maafa “é a negação da humanidade dos africanos, acompanhada do desprezo e do desrespeito, coletivos e contínuos, ao seu direito de existir.” (NOBLES, 2009. p.281) O maafa autoriza a perpetuação de um processo sistemático de destruição física e espiritual dos africanos, individual e coletivamente. Porém, a experiência da diáspora brasileira propõe recursos revolucionários importantes para a análise psicológica do povo negro brasileiro. Durante um século (1595-1695), os quilombos reunidos na República de Palmares sob o lema "Quem vem por amor à liberdade fica" representaram a ideia de resistência e liberdade. Liberdade de ser africano e ser humano (NOBLES, 2009). Para que isso aconteça hoje, é necessário, segundo Wade Nobles

exigir e desenvolver um pensamento, uma teoria e uma terapia novos, que reflitam e respeitem a "força espiritual" africana como o imperativo intelectual e instintivo para que o africano venha a possuir tanto o impulso revolucionário para atingir a libertação física, mental e social quanto a inspiração e o impulso criativo que permitam alcançar formas superiores e mais significativas de vida humana para o futuro. Na verdade, o sakhu sheti permite uma compreensão mais precisa no contexto do afro-Brasil, dos quilombos, do candomblé e dos orixás como evidências do impulso revolucionário e do impulso inspirativo que revelam e iluminam o espírito africano no Brasil, fonte da saúde mental e do bem-estar dos afro-brasileiros. (NOBLES, 2009. p.293)

É então nesta linha que o psicólogo conceitua o desejo de liberdade de Zumbi - "pulsão palmarina" (NOBLES 2009. p. 296) que, apesar de ter vivenciado uma criação na Igreja Católica, percebia o quilombo como único lugar onde os africanos teriam a liberdade de viver como africanos. O que Nobles está propondo vai totalmente de acordo com os processos do cotidiano que as relações comunitárias interpessoais do Ocupa Alemão passaram, buscando o autoconhecimento e a autodeterminação agenciando “África” como centro epistemológico, rompendo com proposições

---

<sup>225</sup>NOBLES, Wade. Sakhu Sheti: retomando e reapropriando um foco psicológico afrocentrado. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org). *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*/ São Paulo: Selo Negro, 2009. (Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira; vol.4) p. 277-297

denominativas meramente identitárias ou territoriais para compreender a identidade a partir de experiências ontológicas outras.

Em outras palavras, o ato de nos declararmos africanos e nos engajarmos em atividades afrocentradas poderia ativar aspectos de nosso espírito capazes de nos tornar mais poderosos? Será que a negação da africanidade pelo processo do embranquecimento resulta em formas de aflição psicológica ou constrangimento social que deixam os afro-brasileiros com a sensação de impotência e confusão? Poderíamos imaginar, por meio do Sekhu Shetí, uma forma de definir o melhor do ser humano no Brasil, sem sacrificar o africano no altar da brasilidade? Será possível que o Brasil reverta sua longa história de anti-africanidade e se torne um lugar de liberdade, ou seja, uma nação palmarina? (NOBLES, 2009. p. 296).

Se segundo Beatriz Nascimento (NASCIMENTO, 1985), os quilombos foram dispositivos fundamentais para a preservação da identidade, a reconquista da dignidade, a emancipação e manutenção da cultura e, cuidado da saúde mental da população negra<sup>226</sup>, Nobles afirma que o povo opressor “alterou a percepção ou a crença no senso de africanidade intrínseco; e esse senso alterado de consciência é o problema fundamental dos africanos e afro-americanos e diaspóricos” (NOBLES, 2009, p. 277).

Para Fanon, a ruptura que deveria ser provocada pelo colonizado estaria na proclamação de uma unidade cultural que revela uma anterioridade e uma precedência ao corpo negro: africanidade.

O intelectual colonizado que se afastou bastante da cultura ocidental e teima em proclamar a existência de uma cultura não o faz em nome de Angola ou Daomé. A cultura afirmada é a cultura africana” (FANON, 2013, p.245)  
 “devo me lembrar, a todo instante, que o verdadeiro salto consiste em introduzir a invenção na existência” (FANON, 2008, p.189)

Neste contexto, o processo de africanização que o Ocupa Alemão instaura, por volta de 2015, evidencia crises íntimas que expõem fragilidades individuais e coletivas gerando inúmeros debates, brigas, discussões e separações. Produzindo um cotidiano ativo, mas que encara com violência o processo de libertação e cura individual e (micro) comunitária. Não foi fácil. Houve afastamento, inimizades, brigas, frustrações nessa busca pela compreensão de nossas intimidades. As cores e tonalidades de pele, as texturas dos cabelos, os formatos fenotípicos, a linguagem, as relações afetivas, a localização residencial, as vantagens sociais e econômicas, a

---

<sup>226</sup> NASCIMENTO, Beatriz. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. *Revista Afrodiaspora*, n. 6-7, p. 41-49, 1985.

estrutura familiar, idade, gênero, formato de corpo, escolaridade, religiosidade, preferências artísticas, as diferenças, tornavam-se questões analisadas para alcançar raízes africanas possíveis, apontando africanidades e brancuras.

Porque o mais difícil é construir “unidade”. Uma vez que o colonialismo destrói estrategicamente a concepção subjetiva de “unidade” de um povo colonizado, sendo pois, a partir desta dinâmica, uma forma de escravização. Reconstruir “unidade” é um meio de libertação, uma forma, um caminho. Conforme, Amílcar Cabral afirma:

A unidade também é um meio, um meio, não é um fim. Nós podemos ter lutado um bocado pela unidade, mas se nós fazemos unidade, isso não quer dizer que a luta acaba. Há muita gente que nesta luta das colônias contra o colonialismo, até hoje, ainda estão a lutar pela unidade. Porque como não são capazes de fazer a luta, pensam que a unidade é que é a luta. (CABRAL, 1974. p.4)

Neusa Santos (1983, p.17) afirma que “uma das formas de exercer autonomia é possuir um discurso sobre si mesmo”. E falar de si, experimentar nomear-se, autodeterminar sua agenda e agência é reverter a condenação à qual fomos postos pelas metodologias da colonização. Conforme, Mbembe analisa a partir a obra de Fanon:

A vários títulos, a colônia é um lugar onde não é permitido ao colonizado falar de si. Esta negação da palavra relaciona-se com o confinamento do colonizado na esfera da aparição nua: quer como refugo e resíduo, quer como esvaziado de qualquer conteúdo, aquele cuja vida, desprovida de outro significado que não o outorgado pelo senhor, só tem valor directo devido à sua aptidão para o lucro. O corpo do colonizado deve tornar-se o seu túmulo (MBEMBE, 2014, p. 189).

Foi então que a perspectiva da Afrocentricidade (ASANTE, 2009) surgiu como um paradigma acadêmico para o Ocupa Alemão, materializado como uma bússola naquele momento, dialogando com nossos questionamentos individuais e coletivos. Cunhado por Molefi Asante, os estudos da **afrocentricidade** nos auxiliou a descentralizar não somente a perspectiva eurocêntrica de nosso cotidiano, no que diz respeito a táticas, movimentos, ideologias, consciência, agência, como também para compreendermos os **raptos metodológicos e semânticos** das instituições que exploram a produção intelectual e estética da favela denominando-as apenas dentro de um contexto social de classe, sem considerar a raça, ou cosmologia como deveria ser.

Não existe consciência de classe sem consciência do problema racial. Historicamente o racismo foi e ainda é um fator de divisão não apenas entre as classes, mas também no interior das classes (ALMEIDA, 2020, p.189).

A Afrocentricidade é um tipo de pensamento, prática e perspectiva que percebe os africanos como sujeitos e agentes de fenômeno atuando sobre a sua própria imagem cultural e de acordo com seus próprios interesses humanos (ASANTE, 2009, p. 93).

Dois conceitos centrais da Afrocentricidade são as ideias de conscientização e agência, em Asante. A conscientização é basicamente o processo de auto orientação dos seres humanos no conhecimento sobre suas opressões, assim como sobre as vias possíveis de libertação através de sua agência. E agência, como já dito anteriormente, Asante (2009, p.94) define como “a capacidade de dispor dos recursos psicológicos e culturais necessários para o avanço da liberdade humana”. Na lógica africano-centrada, é necessário identificar o lugar da pessoa, o lugar psicológico, histórico, cultural, individual, ocupado e deixar a posição de dependência ou desagência para posicionar-se como agente de transformação, para si e para os povos africanos.

Para tal, o Ocupa Alemão pré dispôs-se involuntariamente a pensar e produzir saberes sobre si, na direção de uma elaboração de intelectualidades. No entanto, o “não domínio” sobre o sabido que antecede o estado de saber no estado de consciência, também gera movimento, vibrações. E a partir destes, o cotidiano em questão experimentava sentidos e sensações que, apesar, no “reino da humanidade esclarecida” (COELHO, 2016. p.75), não conforma-se hegemonicamente em ciência ou tecnologia, apesar de sua complexa capacidade criativa e revolucionária.

Nesse sentido, toda experiência estética comporta uma violência, supõe, para acontecer, um corpo desarmadurado, forte porque frágil e por isso bom condutor de sensações. Tal sabedoria, adubo primordial em tantas e tantas sociedades e que lhes protegia de qualquer desnutrição por falta de fascínio, no entanto, no **reino da humanidade esclarecida moderna**, por excelência pequeno-burguesa, ou melhor, usando palavras da molecada que pesquiso, “mongoloides que nunca brigaram na vida”, encontra uma dificuldade tão dura quanto sua base epistemológica em render-lhe espaço (COELHO, 2016. p. 75).

No âmbito do processo da construção identitária, as inquietações acerca das vantagens e desvantagens sociais implicadas pelas diferenças de nossos corpos e nossos lugares no território geravam questionamentos imprecisos para a nossa atuação política comunitária, mas compreendiam-se parte do movimento ético estético em curso. Em todo o caso, a meu ver, tais questionamentos, ainda que violentos,

fizeram-se necessários para o nosso processo de autoconhecimento e autodeterminação. “Oh, meu corpo, faça sempre de mim um homem que questiona!” (FANON, 2008, p.191). Ainda que o resultado tenha culminado em uma “família onde há parentes que se amam mas que não se falam nem frequentam mais a casa da matriarca”<sup>227</sup>, ainda estamos na ciclicidade de um processo que não tem fim, apenas início, meio e início.

Em parte, o efeito caótico dessa zona frágil, dessa bagunça em movimento, pode ser compreendido como na metáfora do "descarrilhamento" elaborada por Wade Nobles (NOBLES, 2009. p.284) para tratar da experiência do movimento humano do povo africano.

A metáfora do descarrilhamento é importante porque quando isso ocorre o trem continua em movimento fora dos trilhos; o descarrilhamento cultural do povo africano é difícil de detectar porque a vida e a experiência continuam. A experiência do movimento (ou progresso) humano continua, e as pessoas acham difícil perceber que estão fora de sua trajetória de desenvolvimento. A experiência vivida, ou a experiência dos vivos, não permite perceber que estar no caminho, seguindo sua própria trajetória de desenvolvimento, proporcionaria a eles uma experiência de vida mais significativa (NOBLES, 2009. p.284).

O deslocamento de suas centralidades num longo processo desumanizador, produto da experiência da escravização e do colonialismo, desloca para fora dos trilhos o trem que já estava em movimento. Este não para, segue o caminho para o qual foi jogado, desenfreadamente e descarrilhado. A *maafa*, que é a imagem desta continuidade de um caminho caótico e triste fora dos trilhos, na psicologia de Nobles, seria o cárcere físico e mental ao qual as pessoas de heranças africanas foram submetidas. Esta grande tragédia cotidiana que é o genocídio histórico e contemporâneo do povo negro, no âmbito global, provoca traumas intergeracionais, que fazem com que, como um espelho, haja reprodução de violências contra si e contra a comunidade, pois a construção do eu do sujeito está totalmente submetida à imagem de si produzida pelo outro.

Para esta dissertação, compreendemos assim que afro-brasileiros são reconhecidos como africanos em diáspora brasileira, conforme inclusive o documento final do Encontro de África e Diáspora de 2013 publicado pela Comissão de Relações Exteriores e de Defesa Nacional do Brasil.

---

<sup>227</sup>Fala de Juliana, em entrevista, acerca dos afastamentos hoje. Data: 04/09/2020.

[...] 3. Assistimos a um período de maior reconhecimento da "Identidade Africana" e engajamento entre as e os descendentes de africanos, que levaram a União Africana para designar a Diáspora Africana como a sexta região de África. 4. De acordo com a União Africana, a Diáspora Africana é entendida como povos de origem africana que vivem fora do continente, independentemente da sua cidadania e nacionalidade e que estão dispostos a contribuir para o desenvolvimento do continente e a consolidação da União Africana (ITAMARATY, 2013)<sup>228</sup>.

Aza Njeri<sup>229</sup> e Dandara Aziza<sup>230</sup> no artigo "Entre fumaça e as cinzas - estado de maafa pela perspectiva mulherismo africana e a psicologia africana" (NJERI; AZIZA, 2020) discorrem sobre a relação supremacia branca e descarrilhamento afirmando que a supremacia branca - o sistema de dominação branco - atrapalhou

o desenvolvimento pródigo das nações africanas no que se refere à espiritualidade, as formas de socialização, a educação, a organização política e conhecimento filosófico e tecnológico (NOBLES, 2009), os princípios cosmoperceptivos que concebem como praxe da humanidade africana o preceito de que "toda pessoa é dotada da energia vital divina - axé/ntu -, que a conecta como uma partícula do universo que é sagrado" (NJERI; AZIZA, 2020. p.4)<sup>231</sup>

Para Nobles (2009), a Psicologia Africana precisa pensar na força espiritual africana como um:

imperativo intelectual e instintivo para que o africano venha possuir tanto o impulso revolucionário para atingir a libertação física, mental e social quanto a inspiração e o impulso criativo que permitam alcançar formas superiores e mais significativas de vida humana para o futuro (NOBLES, 2009, p. 203).

---

<sup>228</sup> Pode ser acessado em: <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/credn/noticias/documento-final-do-encontro-de-africa-e-a-diaspora> Último acesso em 21 de abril de 2021.

<sup>229</sup> (Viviane M. Moraes) é doutora em Literaturas Africanas/UFRJ; Pós-doutora em Filosofia Africanas/UFRJ; Coordenadora do Núcleo de Estudos Geracionais sobre Raça, Arte, Religião e História do Laboratório de História das Experiências Religiosas/UFRJ e do Núcleo de Filosofia Política do Laboratório Geru Maa/UFRJ. Professora UGB/NI.

<sup>230</sup> (Dandara da Silva Rosa) é psicóloga, mestranda em Psicologia no Programa de Pós-Graduação em Psicologia/UFRJ e membra do Grupo de Psicologia Preta ÌMÁRALE.

<sup>231</sup> Pode ser acessado em <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/problemata/article/view/53729/30944>. Último acesso: 25 de maio de 2021.



A elaboração de um cotidiano a partir da Casa de uma matriarca como Zilda, impulsionada por um ethos africano, cria possibilidades para manifestações culturais afro-diaspóricas e que, a partir delas - diferente da primeira fase do Ocupa Alemão - não ocupa os becos ou a favela como reivindicação do exercício de seus direitos à cidade, à mobilidade (como afirmamos muitas vezes no passado), mas sim ainda mais profundamente: no exercício do direito à uma existência plena. A "*pulsão palmarina*" (NOBLES 2009. p. 296) reconhecida no interior deste cotidiano, opera nos desejos de uma experiência de vida africana em sua totalidade, no reconhecimento de si no mundo a partir da construção de um ser possuidor de auto amor, que tem sede de justiça e liberdade, e que agencia a criação de espaços encantados de aquilombamento.

Para isso, entre os anos de 2014/2015, concordamos que há de se reconhecer o saber do Matriarcado Africano como tecnologia criadora de vida, impulsionadora de energia, na tentativa de reconstruir um legado de uma mulher negra ativa contra séculos de desvalorização e vitimização. A denominação coletiva de Zilda como nossa Matriarca estreou em nós valores fundamentais para o processo de aquilombamento.

É essencial ressaltar que a abordagem materno-centrada não necessariamente está ligada à gestação físico-uterina, mas, sim, a todo um conjunto de valores e comportamentos de gestar potências. Quando partimos de uma realidade de gestar a potência, estamos definindo a luta mulherista como a possibilidade de reintegrar as vidas pretas destroçadas pelo racismo de cunho integral. Isso quer dizer, por exemplo, quando um Babalorixá cuida daquelas potências em formas de abian, yawo e ebomis, ele está exercendo o princípio maternocentrado africano, que em nada se relaciona ao útero físico, mas, sim, ao útero mítico-ancestral, a partir da movimentação de toda uma energia, que é feminina. Inúmeros são os exemplos que podemos elencar, desde parteiras e erveiros, às tias que cuidam dos erês em suas próprias casas, nas comunidades periféricas, para que os pais possam trabalhar, educadores que gestam a potência de seus alunos etc (NJERI; RIBEIRO, 2019, p. 600-601).

Em 2016, passamos por uma crise coletiva gerada por "Afrosurto" (NJERI, 2020), um fenômeno produzido pelo alcance de um estágio de consciência de si, no nosso caso coletivo, a partir do estado de "ódio aos brancos" adquirido com o ganho de consciência racial.

Ao compreender-se não universal e muito distante na escala de humanidade do Senhor do Ocidente, o sujeito negro se fratura, sendo inundado por uma série de memórias que corporificam a sua alienação diante da sua crença em fazer parte dessa humanidade ocidental. Então começa a enxergar com os olhos da consciência racial a dinâmica estrutural e estruturante da sociedade em que está inserido e 'do cabelo alisado', passando pelo 'clareamento da

família' e o 'eu nunca sofri racismo' até chegar no 'negro de pele branca' e 'branco de pele negra', vai se despindo dolorosamente de cada Eu de SI. Despindo-se do Ocidente de forma tão violenta e confusa, que pode ser metaforizada enquanto um surto afro ou um Afrosurto. Nutrindo do conceito de surto - enquanto um sintoma que surge por influência de diferentes fenômenos que afetam as percepções, comprometem o equilíbrio mental e geram mudanças comportamentais (American Psychiatric Association, 2014) - para metaforizar a reação que o processo de consciência racial junto à memória dos racismos vividos causam no sujeito negro contemporâneo aquilombado em míticas democracias raciais como o Brasil. E que, acreditando nos logarítmos, destina toda a potência pedagógica que o ódio e a pulsão palmarina trazem na lucidez racial, à textos, vídeos e áudios que esvaziam o sentido prático da luta, criando uma militância virtual capitalizada pela dinâmica do Ocidente, ao mesmo tempo que imobiliza o fazer ativo da prática antirracista que tem a educação, a arte, a autoproteção e autodeterminação como pilares fundantes. (NJERI, 2020, p. 192 -193)

Aza Njeri (2020) desenvolve o termo Afrosurto para designar “o estado de ódio pelo Ocidente, corporificado pelo ‘morte aos brancos’, oriundo do processo de ganho de consciência racial.” (NJERI, 2020, p. 191). A autora afirma que

trata-se de um fenômeno legítimo de conscientização da dinâmica de opressão racial e do Estado de Maafa que a população negra está inserida e deveria ser canalizado para a construção de ações coletivas que auxiliam efetivamente na luta prática anti-genocida do povo preto (NJERI, 2020. p.67).

Aza Njeri também convoca outro termo que elucidam bem as dinâmicas pela qual passamos enquanto movimento em 2015/2016, a melancolia (NJERI, 2020).

A fratura ontológica que essa consciência de si e do Estado de Maafa causa, faz com que o negro também desenvolva a melancolia (NJERI, 2020): uma melancolia colérica, somatizadora do luto melancólico da morte do seu eu assimilado com a cólera às dinâmicas opressoras do Estado de Maafa. Como consequência, imprime-se uma vontade imediata de mudança, reverberando a Pulsão Palmarina pela nossa Liberdade “Total e Imediata” (NJERI, 2020. p. 67).

Esta dissertação não tem por objetivo diagnosticar os últimos anos do Ocupa Alemão, embora hoje consigamos traçar algumas abordagens “psicológicas” ou “psicanalíticas” na intimidade de nossas conversas. Cabe somente nestas linhas elaborar um percurso analítico do processo de construção deste cotidiano em questão, considerando as jovens subjetividades em cruzos como “fios desencapados emaranhados” constituídos por traumas, surtos, melancolias, tristezas, auto ódio, que ativados pela potência condutora de energia dos nossos fluidos corporais, se desestabilizam na natureza legítima de suas consistências materiais.

Beatriz Nascimento (2018. p.70-74) ao apresentar seu ponto de vista sobre organização de "quilombo" desenvolve imagetivamente uma narrativa sobre a organização de um quilombo, desde a senzala, passando pelas relações interpessoais e subjetivas, e as manifestações individuais e coletivas no desejo de liberdade. Talvez, se tivéssemos lido os escritos de Beatriz Nascimento na época de nossas crises (individuais e coletivas), poderíamos ter compreendido o nosso processo de transição entre as condições psíquicas de jovens seres humanos mantidos em estruturas mentais gradeadas - tal qual uma "senzala" - em busca da "paz quilombola" (NASCIMENTO, 2018. p.75).

Neste momento, o grupo deve passar por uma grave crise. Homens e mulheres comprometidos passariam por uma fase caótica onde as diversas etapas e situações que até então viveu a organização embrionária sejam postas em xeque, requerendo um corpo mais concreto e real. Esta crise deve se dar de uma forma que reflita o grupo psiquicamente. Talvez seja o caos psíquico nessas pessoas que vai citar então, neste momento, uma elaboração ideológica para fortalecer os laços e justificar as atitudes contrárias à ordem social, política e jurídica estabelecida. Atitudes que por outro lado poderiam se reverter o perigo de desagregação para o grupo que se está formando (NASCIMENTO, 2018. p. 71).

O que Beatriz Nascimento propõe, dialoga substancialmente com o cotidiano em crise da Casa da Dona Zilda, onde o Ocupa Alemão se embola em um processo de busca de si e busca de sua liberdade. Mas Beatriz alerta que

a liberdade como ideal é um vício de interpretação dos estudiosos, ou simples relatores que estão sempre em busca de uma correlação histórica entre a realidade brasileira e a europeia. No Quilombo tanto o ideal de liberdade quanto a volta à África só poderiam ser tomados como fatores determinantes se pudesse estabelecer fielmente as problemáticas individuais psicossociais. Caso contrário, o apelo a tais fatores seria mistificante, encobrendo por demais a realidade do quilombo enquanto História do Brasil (NASCIMENTO, 2018. p. 74).

Beatriz Nascimento afirma que a literatura hegemônica sobre os quilombos sonega aquilo que vem antes, durante e depois dos atos de fuga e rebelião, caráter insurreto do quilombo. Ela afirma que não há o desenvolvimento adequado das questões cotidianas do quilombo, como a relação com os vizinhos, o plantio e as roças onde se produzem os materiais que são trocados com a vizinhança, fazendas; criação de animais domésticos, fabrico de ferramentas que também vão se tornar produtos (meio de produção) de relações econômicas, etc. Para Beatriz Nascimento, é a "paz quilombola" - o momento entre um ataque e outro da repressão oficial, o quilombo se

mantém *"ora retroagindo, ora se reproduzindo"* (NASCIMENTO, 2018. p. 76) - o momento de expansão e longa duração dos quilombos brasileiros.

Esta paz está justamente nos interstícios da organização quilombola e sobre ela requer-se um esforço de interpretação maior, pela qual se ultrapassa a visão do quilombo como a história dos ataques da repressão oficial contra uma outra organização, que talvez na "**paz**" ameaçasse muito mais o regime escravocrata do que na guerra. O antes e depois da guerra dos quilombos é que necessita ser conhecido. O reduto de homens livres, se relacionando com os outros homens livres ou não da sociedade brasileira, é que merece o esforço de interpretação que gostaríamos de empreender. (NASCIMENTO, 2018. p. 78)

Ao quilombamento invoca-se lugar de cuidado, afeto, pertença e cura. A função ancestral de Zilda, na relação noix-ela, é sagrada: sua Casa acaba por ser um útero gerador de Vida, matripotente, dotado de senioridade (OYEWÙMÍ, 2019). Mas proponho que pensemos aqui num útero africanoreferenciado, sem que a imagem de útero gerador esteja vinculado ao gênero feminino (OYEWÙMÍ, 2019). A possibilidade de gerar vida dentro de si resgata no ser africano a potencialidade da energia criadora do universo, não somente na afirmação de sua existência como principalmente no ato de gerar e parir Vida, configurar pulsões, desejos, sonhos.

## CONCLUSÃO: INÍCIO

A falta de uma intenção desse desbravar um grandioso sentido subterrâneo às aparências, sentido eleito como representante mor da verdade, alivia e abole a obsessão em se minimizar o corpo e se exaltar a transparência absoluta, a revelação completa no etéreo. Atenuar a voracidade pelo domínio, não intenciona destruir um segredo pela interpretação. Chama a intuição que, em duo com a tradição, organiza a função de um conhecimento orgânico. A imagem não emerge, porém, como duplicação da realidade, ou ainda reflexo de uma infraestrutura a qual pertenceria toda a realidade (e sua “verdade” principal, num paradigma que sente a necessidade de erguer-se em supremacia). Emancipa-se, pois está embaralhada em saberes que sugerem a intuição como porta de acesso. Intuição que participa de um inconsciente coletivo, oriunda de um tipo de sedimentação da experiência ancestral, uma espécie de adaptação instintiva de qualquer conteúdo, e que exprime um saber tão incorporado quanto metafísico, que não se restringe ao indivíduo, mas, inclusive, à ética das emoções partilhadas com o outro. (ROSA, 2019. p.57)

Esta dissertação reconhece a monumentalidade da Casa de Dona Zilda como a arquitetura do Ocupa Alemão, para ser o edifício que abriga a recuperação de sentidos de uma “família africana”; o lugar comunitário desta Casa como centro de desenvolvimento e resgate de autonomia, autoimagem e autodeterminação de um povo negro, principalmente os confluente no Complexo do Alemão. Na elaboração de um cotidiano que ofereça uma sala de estar junto, onde caibam vivências que caminham na construção de meios de autodefesa comunitária, num movimento de retroalimentação que produz energias necessárias para se desejar ser africano e ser livre. *"Quilombo é aquele espaço geográfico, onde o homem tem a sensação do oceano"*. (NASCIMENTO, 2018. p. 336) Esta busca por África e na experiência da vida a partir de um pensar/ser/fazer “quilombo”, relacionam-se sentidos africanos do que significa ser humano, conformando em pulsões que produzem um movimento de sankofa<sup>232</sup> do cotidiano: que deseja ligar o passado ao futuro e o futuro ao passado, criando éticas, estéticas e linguagens individuais/ coletivas que desmontam o paradoxo da formação da auto-imagem e da autoconsciência - do sentido imposto pela colonização, a partir do olhar do outro - de fora para dentro - para um reagenciamento deste cotidiano a partir da imagem de si - de dentro para fora.

---

<sup>232</sup>O sankofa, parte de um conjunto de ideogramas chamados adinkra, representado por um pássaro que caminha para frente sempre olhando para trás. O símbolo é traduzido por: “retornar ao passado para ressignificar o presente e construir o futuro”.

Com isso, esta escritura buscou traçar um panorama do que foram os últimos 8 anos do Ocupa Alemão, passando rapidamente por um início onde eu não estive presente e por um longo processo posterior onde estive presente e ativa, na elaboração comunitária deste cotidiano, a partir das vivências na Casa da Dona Zilda, concluindo rapidamente com o que foi gerado nos últimos anos nos quais me situo em novo lugar: às vezes fora, às vezes dentro, consciente da minha função pessoal comunitária - assim como a função desta dissertação, e absolutamente ausente quando devo estar.

Abaixo do subterrâneo do texto, está a parte do cotidiano que não compete nesta exploração acadêmica: os fluidos corporais das relações humanas, a elasticidade dos limites éticoestéticos, a obscenidade dos juízos morais em disputa, os jogos de azar sobre as cabeças das lideranças e as paixões des/controladas.

Ainda que este "P.F."<sup>233</sup> textual apresente certa "mistura" nutritiva de estudos da psicanálise com fenomenologia, neurofisiologia com teorias comportamentais, teorias sociais libertárias e/ou autonomistas com cotidianistas da educação, bíblia com umbanda e candomblé, correndo o risco de ser encarado como contraditório, este texto não se compromete a seguir uma única linha analítica. Nem sobre ele, nem sobre o objeto de pesquisa. Esse "p.f.", do qual falo, deixa transbordar comida das bordas do prato fundo, mesmo.

Concluo compreendendo que num cotidiano em descarrilhamento ontológico (NOBLES, 2009), onde os sentidos de humanidade são colonialmente sequestrados a partir de quebras identitárias, o Ocupa Alemão a partir da Casa de Dona Zilda é fuga na morte, produção contínua de arte e vida, e reinvenção de cotidianos em estado de maafa. Afirmando em ações e citando Bantu Steve Biko continuamente: "*estamos por nossa própria conta*". Conformando *comunitarismo, circularidade, ancestralidade, espiritualidade, corporeidade, musicalidade, memória, ludicidade, energia vital e oralidade*, valores (TRINDADE, 2008) africanobrasileiros caros em um cotidiano para ser

"vibrante, como lugar de desafios, inquietações, movimento, encontros e desencontros, alegrias, emoções, prazeres, desprazeres, produção de saberes, de conhecimentos e de múltiplos fazeres. Espaço de pessoas buscentes, pesquisadoras da sua própria prática (TRINDADE, 2008).

---

<sup>233</sup>Abreviação popular para "prato feito".

Complemento que esta dissertação atende seu objetivo comunitário prioritário material, que é sistematizar e registrar fatos que correm o risco de se perderem no tempo, no falho e seletivo fluxo da memória humana, para ser “material de formação interno” dentro da Escola Quilombista Dandara de Palmares, a priori. Assim como no campo subjetivo, que é tentar traduzir experiências potentes de luta territorial, por vezes intuitivas, a partir de um olhar de dentro, participante e protagonista na maior parte do tempo determinado para análise. Já no poético, os grifos e agradecimentos desta análise são emaranhados políticos e estéticos da construção/destruição de um cotidiano de sujeira, farelo e miolo no chão de Casa. Muitas das referências aqui utilizadas já faziam parte do corpo do cotidiano coletivo em questão, como fontes mantenedoras de energia vital, proteínas placentárias. O escopo uterino da Casa de Dona Zilda revela movimentos de vida e resgate do senso de amor próprio e pulsão palmarina nos reposicionando diante da economia dos nossos desejos. *“A Oxum perguntei: como encontrar o amor verdadeiro? Oxum respondeu: olhando sempre para o espelho”.*<sup>234</sup>

\* \* \*

---

<sup>234</sup>Dito popular sobre o itan de Oxum, orixá mãe de Zilda.

## REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro). São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

AKOTIRENE, Carla. 2019. *Osun e Fundamento Epistemológico*: um diálogo com Oyeronké Oyewumí. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/opiniao/osun-e-fundamento-epistemologico-um-dialogo-com-oyeronke-oyewumi/>. Acesso em 6 abr. 2021.

ALMEIDA, Luiza Nascimento. (2020). Natureza, Comunidade e Ritual: Música e Ancestralidade em Malidoma Somé. *Ítaca* [Online], n. 36, 136 - 163. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ltaca/article/view/31884>. Acesso em 21 de abril de 2020.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. Racismo estrutural / Silvio Luiz de Almeida. -- São Paulo : Sueli Carneiro ; Pólen, 2019. 264 p. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro) ISBN: 978-85-98349-74-9

ALVES, Nilda. Decifrando O pergaminho: o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In OLIVEIRA, I. B. E Alves, N. (Orgs.). *Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes*. Rio De Janeiro: Dp&A, 2001.

ALVES, Nilda. Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos das escolas. In E OLIVEIRA, I. B. (Orgs.). *Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes*. Rio De Janeiro: Dp&A, 2008.

ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. In: NASCIMENTO, Elisa (Org.). *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo: Selo Negro. 2009. p. 93-110.

BARTHOLL, Timo. Territórios de resistência e movimentos sociais de base: uma investigação militante em favelas cariocas / Timo Bartholl. – Niterói. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal Fluminense, 2015.

BENEVENUTO, Aparecida de Fátima Bosco. A Árvore Das Palavras, Romance De Consciência Identitária. *Revista Crioula*, [S. l.], n. 2, 2007. DOI: 10.11606/issn.1981-7169.crioula.2007.53569. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/53569>. Acesso em 1 jan. 2019

BÍBLIA SAGRADA. Disponível em <https://www.bibliaon.com/> Acesso em 7 fev. 2019.

BICUDO, Virginia Leone. Contribuição para a história do desenvolvimento da psicanálise em São Paulo. *Arquivos de Neuro-psiquiatria*, São Paulo, n.6, n. 1, p. 69-72, 1948.



BIKO, Steve. *Escrevo o que eu quero*. São Paulo: Ática, 1990

CARNEIRO, Sueli. *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CLARKE, 1991. Epistemologias do Renascimento Africano, *In Coleção Pensamento Preto*. vol 1. p. 27

COELHO, Gustavo. *Deixa os Garotos Brincar*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2016.

DIOP, C. Anta. *A unidade cultural da África negra: esferas do patriarcado e do matriarcado na antiguidade clássica*. Angola: Pedagogo, 2014.

Estes são os estados onde a polícia mais mata no Brasil. *Revista Exame Brasil*. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/brasil/estes-sao-os-estados-onde-a-policia-mais-mata-no-brasil/>. Acesso em 5 ago. 2020

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. p. 48 – 74.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Bahia: SciELO- EDUFBA, 2008.

FERNANDES, Florestan. *O Negro No Mundo Dos Brancos*. São Paulo: Difusão Européia Do Livro. 1972

FRANCO, Marielle. A emergência da vida para superar o anestesiamiento social frente a retida de direitos: o momento pós-golpe pelo olhar de uma feminista, negra, favelada. In: BUENO, Winnie; BURIGO, Joana; MACHADO, Rosa Pinheiro; SOLANO, Esther. *Tem saída? Ensaios críticos sobre o Brasil*. Porto Alegre: Editora Zouk, 2017. p. 89 – 95

FREIRE, Paulo. *Educação e mudança* (1979). São Paulo: Editora Paz e terra, 2014.

GARVEY, Marcus. *A Estrela Preta*. Trad Sista Nanda e Sista Luísa. EU&EU Ed., 2013.

GODARD, Hubert. Olhar Cego: entrevista com Hubert Godard, por Suely ROLNIK. In: ROLNIK, Suely; DISERENS, Corinne; SCOVINO, Felipe ( org.). *Lygia Clark: da obra ao acontecimento*. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2006. p. 73-79.

GONZALES, Lélia. 2020. *Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaios, Intervenções e Diálogos* Rio Janeiro: Zahar. 375 pp.

GROSFOGUEL, Ramón. Caos sistémico, crisis civilizatoria y proyectos descoloniales. *Tabula Rasa*. Bogotá - Colombia, No.25: 153-174, julio-diciembre 2016 ISSN 1794-2489, 2016.

HALLEY, A. Autobiografia de Malcolm X. Trad. A. B. Pinheiro de Lemos. Rio de Janeiro: Record, 1992.

ITAMARATY. Documento final do Encontro de África e a Diáspora. 2013. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/credn/noticias/documento-final-do-encontro-de-africa-e-a-diaspora>. Último acesso 07 de fevereiro de 2019.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. 1ª ed. São Paulo. Companhia das Letras, 2019.

LAPLANCHE, J. PONTALIS, Jean-Baptiste. Vocabulário da psicanálise. São Paulo: Martins Fontes. 2001.

MAFFESOLI, Michel. Michel Maffesoli: o imaginário é uma realidade. *Revista FAMECOS*, [S. l.], v. 8, n. 15, p. 74–82, 2008. DOI: 10.15448/1980-3729.2001.15.3123. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3123>. Acesso em 7 fev. 2019.

MANSUR, André Luis; MORAIS, Ronaldo. Violência no Rio Antigo: cárceres, punições e ocorrências diversas (1503 - 1940). Vo.I. Editora: Edital Ltda. Rio de Janeiro. 2015

MARMELEIRA, José; VEIGA, Guida. Interocetividade e consciência corporal na resposta ao stress. In Candeias, A., Portelada, A., Vaz Velho, C., Galindo, E., Pires, E., Borralho, L., Grácio, L., Costa, N., Reschke, K, & Witruk, E. (Eds). *Multiple approaches to the study and intervention in stress*. Proceedings of the International Seminar. Évora, Portugal. 2018

MARTINS, Pedro. *População negra e Covid-19: desigualdades sociais e raciais ainda mais expostas*. Associação Brasileira de Saúde Coletiva, 2020. Disponível em: <https://www.abrasco.org.br/site/noticias/sistemas-de-saude/populacao-negra-e-covid-19-desigualdades-sociais-e-raciais-ainda-mais-expostas/46338/>. Acesso em 5 ago. 2020

MBEMBE, Achille. A partir do crânio de um morto trajetória de uma vida. In: MBEMBE, Achille. *Sair da grande noite*. Ensaio sobre a África descolonizada. Luanda: Edição pedago e Mulemba, 2014. p. 21 – 42.

MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. Lisboa: Antígona, 2014.

MBEMBE, Achille. Ensaio: Necropolítica. *Arte&Ensaio: revista PPGAV/EBA – UFRJ*, Rio de Janeiro, n. 32, 2016. p 122-151.

MBEMBE, Achille. *Políticas da inimizade*. Lisboa: Antígona, 2017.

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade*, no 34, 2008. p. 290.

MOMBAÇA, Jota. Rumo a uma redistribuição desobediente de gênero e anticolonial da violência. *Issuu*, 2016. Disponível em: [https://issuu.com/amilcarpacker/docs/rumo\\_a\\_uma\\_redistribuicao\\_a\\_o\\_da\\_vi](https://issuu.com/amilcarpacker/docs/rumo_a_uma_redistribuicao_a_o_da_vi). Acesso em: 17 jan. 2019.

MONDZAIN, Marie José. *Homo spectator*. Paris: Bayard, 2007.

NASCIMENTO, Abdias. *O quilombismo*. 2ª ed. Brasília/Rio de Janeiro: Fundação Palmares/ OR Editor Produtor Editor, 2002. p 272

NASCIMENTO, Abdias. Quilombismo: um conceito emergente do processo histórico-cultural da população afrobrasileira. In: NASCIMENTO, Elisa (Org.). *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo: Selo Negro, 2009. p. 197-218.

NASCIMENTO, Beatriz. *Beatriz Nascimento Quilombola e Intelectual: Possibilidades nos dias da destruição*. Coletânea organizada e editada pela UCPA (União dos Coletivos Pan-Africanistas) Editora Filhos da África, 1ª ed. 2018.

NASCIMENTO, Beatriz. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. *Revista Afrodiáspora*, n. 6-7, 1985. p. 41-49

NERI, Regina. *A psicanálise e o feminino: um horizonte da modernidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

NJERI, Aza. AZIZA, Dandara. *Entre a fumaça e as cinzas: o estado de Maafa pela perspectiva do mulherismo africano e psicologia africana*, 2020. Disponível em <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/problemata/article/view/53729/30944> Acesso em 7 de fevereiro de 2021.

NJERI, Aza ; RIBEIRO, Katiúscia. *Mulherismo Africano: práticas na diáspora brasileira*. *CURRÍCULO SEM FRONTEIRAS* , v. 19, p. 595-608, 2019.

NOBLES, Wade. Sakhú Sheti: retomando e reapropriando um foco psicológico afrocentrado. In: NASCIMENTO, Elisa. (Org.) *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo: Selo Negro, 2009. (Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira; 4) p. 277-297

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. Significações do corpo negro. 1998. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. Cor e inconsciente, In: KON, Noemia Moritz; SILVA, Maria Lúcia da; ABUD, Cristiane Curi. O racismo e o negro no Brasil: Questões para a psicanálise. Rio de Janeiro: Perspectiva, 2017. p. 121 – 126.

NOGUERA, Renato . Antes de saber para onde vai, é preciso saber quem você é: tecnologia griot, filosofia e educação. *Problemata - Revista Internacional de Filosofia*, v. 10, p. 258-277, 2019.

NOGUERA, Renato . A ética da serenidade: O caminho da barca e a medida da balança na filosofia de Amen-em-ope. *Ensaaios Filosóficos* , v. 1, p. 139-155, 2013.

NOGUERA, Renato. Denegrindo a filosofia: o pensamento como coreografia de conceitos afroperspectivista. *Griot - Revista de Filosofia*, v. 4., n.2, 2011b.

NOGUERA, Renato. O ensino de filosofia e a lei 10.639/03. Rio de Janeiro: CEAP, 2011a.

NOGUERA, Renato. Ubuntu Como Modo De Existir: Elementos Gerais Para Uma Ética Afroperspectiva. *Revista Da Associação Brasileira De Pesquisadores/as Negros/As (ABPN)*, 3(6), 147–150. 2012.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. O currículo como criação cotidiana. Rio de Janeiro: DP&A, 2012.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. *Concepts, Methodologies and Paradigms*. CODESRIA Gender Series. Volume 1, Dakar, CODESRIA, 2004, p. 1-8

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Laços familiares/ligações conceituais: notas africanas sobre Epistemologias feministas. *Family bonds/Conceptual Binds: African notes on Feminist Epistemologies*. *Signs*, Vol. 25, No. 4, *Feminisms at a Millennium* (Summer, 2000), pp. 1093-109

PORTILHO, Érica. Matriarcado afreekana: narrativas cruzadas do vent re negro ao Brasil / Érica Portilho.—2019. 154f., + anexos: il., color., enc. Dissertação (Mestrado) Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca , 2019.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: Lander, Edgar. (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. Setembro, 2005.

RAMOSE, Mogobe B. A ética do ubuntu. Tradução para uso didático: RAMOSE, Mogobe B. The ethics of ubuntu. In: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P.J. (eds). *The African Philosophy Reader*. New York: Routledge, 2002, p. 324-330, por Éder Carvalho Wen.

RAMOSE, Mogobe B. Globalização e Ubuntu. Trad.: Margarida Gomes. In: SANTOS, Boaventura; MENESES, Maria Paula. *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010. p. 175-220.

RAMOSE, Mogobe B. A importância vital do “Nós”. Entrevista. Trad.: Luís Marcos Sander. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*, 353, ano X, p. 3-9, 2010.

RAMOSE, Mogobe. B. Sobre a legitimidade e o Estudo da Filosofia Africana. *Ensaio Filosófico*. Volume IV - Outubro/2011.

Reaja ou Será Morto, Reaja ou Será Morta. *Reaja nas Ruas*. Disponível em: <http://reajanasruas.blogspot.com.br/>. Acesso em 5 ago. 2020

RIBEIRO, Katiúscia. Mulheres negras e a força matricomunitária. *Revista Cult*, Editora Bregantini, São Paulo, Ano 23, nº 254.

RUFINO, Luiz. SIMAS, Luiz Antônio. *Fogo no Mato: a ciência encantada das macumbas*. 1 ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2018

SAFATLE, Vladimir (2015). *O circuito dos afetos*. *Corpos Políticos, Desamparo e o Fim do Indivíduo*. 2ª ed. rev; 4 reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

SANTOS, Antonio Bispo dos. *Colonização, Quilombos: Modos e Significações*. Brasília, *Associação de Ciências e Saberes para o Etnodesenvolvimento AYÓ*. 2019. 2ª edição.

SANTOS, Antonio Bispo dos. Das confluências, cosmologias e contracolonizações. Uma conversa com Nego Bispo. FELIPE, Henrique Junior; LEAL, Natacha Simeil; MARTINS, Greice; SILVA, Suz Evany Lima. *EntreRios – Revista do PPGANT -UFPI -Teresina* • Vol. 2, n. 1 (2019)

SANTOS, Antonio Bispo dos. *EntreRios – Revista do PPGANT -UFPI -Teresina* • Vol. 2, n. 1. p. 5, 2019.

SANTOS, Antonio Bispo dos. Somos da terra. *PISEAGRAMA*, Belo Horizonte, número 12, página 44 - 51, 2018.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, Milton. *Por uma geografia nova*. São Paulo : Hucitec, 1978.

SARTRE, Jean-Paul. Prefácio. In FANON, Frantz. *Os condenados da Terra* (1961). Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

SHAKUR, A. (1988). *Assata: An Autobiography* (2016 ed.) [Edição do Kindle.]

SOARES, Glaucio Ary Dillon. *As vítimas ocultas da violência no Rio de Janeiro*/ Glaucio Ary Dillon Soares, Dayse Miranda, Doriam Borges – Rio de Janeiro. Civilização brasileira, 2006.

SOUSA, Neusa Santos. *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983

SOUZA E SILVA, Jailson. *As Unidades Policiais Pacificadoras e os novos desafios para as favelas cariocas*, 2010. Disponível em <https://observatoriodefavelas.org.br/wp-content/uploads/2013/06/Aspectos-humanos-das-favelas-cariocas.pdf>

SOUZA, Patrícia Lânes Araújo de. *Entre becos e ONGs: etnografia sobre engajamento militante, favela e juventude*. PPGA/ ICHF/ UFF, Niterói, 2017. 334 p.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 2010.

TADDEO, Carlos Eduardo. *A guerra não declarada na visão de um favelado*. São Paulo, 2012.

TAUSSING, Michael. *Xamanismo, colonialismo e o homem selvagem: um estudo sobre terror e cura*. São Paulo. Paz e Terra, 1993.

VARGAS, João Costa. A diáspora negra como genocídio: Brasil, Estados Unidos ou uma geografia supranacional da morte e suas alternativas. *Revista da ABPN*, v.q, n. 2 – jul[1]out, pp. 31-65, 2010

VICTORIO FILHO, Aldo. *Pesquisar o cotidiano é criar metodologias*. Educ. Soc. [online]. 2007, vol.28, n.98, pp.97-110. p. 102 - ISSN 0101-7330.

WINNICOTT, Donald Woods. *O brincar & a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975

## REFERÊNCIAS FILMOGRÁFICAS

Ôrí, Direção: Raquel Gerber, 1989, vídeo. Relançado em 2009, em formato digital. Mais informações: [www.oriori.com.br](http://www.oriori.com.br)